

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

DANIELLE DOS SANTOS BARBOSA

A MAIS SINGULAR DAS IDEIAS: *O PORNÓGRAFO*, DE RESTIF DE LA BRETONNE (1769)

CAMPINAS,
2020

DANIELLE DOS SANTOS BARBOSA

A MAIS SINGULAR DAS IDEIAS: *O PORNÓGRAFO*, DE RESTIF DE LA BRETONNE (1769)

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Teoria e História Literária na área de Teoria e Crítica Literária.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Danielle dos Santos Barbosa e orientada pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

CAMPINAS,
2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Barbosa, Danielle dos Santos, 1978-
B234p A mais singular das ideias : O Pornógrafo, de Restif de la Bretonne (1769) / Danielle dos Santos Barbosa. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Carlos Eduardo Ornelas Berriel.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Restif de La Bretonne, 1734-1806 - Crítica e interpretação. 2. Prostituição na literatura. 3. Prostituição - Aspectos políticos. 4. Utopias na literatura. 5. Literatura francesa - História e crítica. I. Berriel, Carlos Eduardo Ornelas. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The most singular of ideas : O Pornógrafo, by Restif de la Bretonne (1769)
Palavras-chave em inglês:
Restif de La Bretonne, 1734-1806 - Criticism and interpretation
Prostitution in literature
Prostitution - Political aspects
Utopies in literature
French literature - History and criticism
Área de concentração: Teoria e Crítica Literária
Titulação: Mestra em Teoria e História Literária
Banca examinadora:
Carlos Eduardo Ornelas Berriel [Orientador]
Daniela Spinelli
Jefferson Cano
Milene Cristina da Silva Baldo
Marcos Aparecido Lopes
Data de defesa: 02-03-2020
Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0001-5860-8260
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/8455467267708698

BANCA EXAMINADORA:

Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Jefferson Cano

Daniela Spinelli

IEL/UNICAMP
2020

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Para meu pai.

AGRADECIMENTOS

Esta folha é pequena para demonstrar meu mais sincero obrigado a todas as pessoas que foram essenciais para o desenvolvimento de meu trabalho. Colocar aqui os nomes fará desta folha incompleta e certamente injusta; assim como será incompleto apenas o agradecer. Deixo, em vez disso, um abraço forte aos companheiros de um período muito prazeroso. Agradeço muitas e muitas vezes pela paciência, inspiração e bom senso de meu orientador, Carlos Eduardo Ornelas Berriel. Agradeço por ter compreendido que, apesar de tudo, alguns trabalhos são de solidão. Agradeço pelos temas, pelas sugestões e pelas conversas. Finalmente, agradeço pela humildade e assertividade de suas considerações, e por sua revisão generosa. Deixo o meu grande abraço ao pessoal da Secretaria de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem (Cláudio, Miguel, Raiça, Rose), por toda a ajuda que muitas vezes ultrapassou aquela do contato profissional. A presença de vocês foi muito importante e eu realmente gostaria que vocês soubessem o quão importantes são em todo este processo. Eu não teria feito metade disto aqui — não sem ter perdido a sanidade — não fosse por seu amigo auxílio.

Não há tarefa possível sem o frescor das conversas e do convívio com nossos iguais. Almir Gomes, Tânia Toffoli, Fadul Moura, Thiago Luz, Thiago Antunes, Luiza Herrera, Graciela Scherdien, Renata Altenfelder e Júlia Ciasca, pelas contribuições e pela leveza das relações. Pelos sorrisos, pelas brigas, pelas lágrimas e indignações Tive a sorte, pois, de ter uma grande banca de qualificação, com dois professores a quem muito admiro: Rui Rodrigues e Jefferson Cano. Muitos agradecimentos à minha banca examinadora — Daniela Spinelli, Jefferson Cano — e aos queridos suplentes — Milene Baldo e Marcos Lopes, pela generosidade, paciência e sensibilidade.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento desta pesquisa.

Por fim, deixo meu amor aqui, por aquela que sempre me deixou ir e permaneceu ˜com o coração do outro lado do mundo”: mãe, obrigada por ser, muitas vezes, os meus olhos sobre minha cria. E ao Andreas, meu filhinho genial, por me fazer sorrir quando tudo mais estava escuro. E a cada um que me modificou em uma longa vida.

Resumo

A mais singular das ideias: O Pornógrafo, de Restif de la Bretonne, é o estudo crítico e tradução da obra de 1769, parte da Série *Idées Singulières* (1769-1789). Este estudo é proposto como investigação da vasta quantidade de informação que a obra movimenta, como registro de sua época e como reflexo da autobiografia de seu autor. Restif de la Bretonne utiliza elementos de sua infância na fazenda La Bretonne, sua experiência em Bicêtre, sua própria vida como libertino e suas leituras para compor um projeto de "reforma da prostituição", que apresenta como objetivos o fornecimento de soldados para a França, a proteção da moral camponesa e a proposta de saúde coletiva no controle da sífilis. Como ferramenta para alcançar esses objetivos, Restif de la Bretonne se apropria da teoria fisiocrata e prevê os rendimentos do Partênion (a unidade básica do exercício do comércio sexual, que viria a substituir tanto os bordéis quanto os hospitais) de acordo com a ideia do produtos líquido. Assim, as concepções de população e sua constituição, de práticas de saúde e higiene individual e o controle do acesso ao sexo, ou ainda, o controle do vetor da transmissão de doenças permitem a Restif de la Bretonne a constituição de um indivíduo burguês, antes alijado do espaço libertino. Esse indivíduo, por meio do projeto de reforma, busca ordenar um mundo pré-existente, sem entretanto modificá-lo na essência. A série *Idées Singulières*, formada por tais projetos, não vai além de 1789, quando a eclosão dos processos revolucionários na França invalidam os projetos de reforma, já que os processos promovem rupturas nas estruturas políticas fundamentais. Restif de la Bretonne não foi um revolucionário, mas um promotor da preservação de valores passados para a construção de um futuro livre da corrupção do presente. Ainda que não seja possível colocar O Pornógrafo e os demais projetos como utopias *per se*, é possível estabelecer ali uma base utópica consistente, de acordo com a tipologia clássica das utopias como gênero literário.

Palavras-chave: reforma; revolução, utopia; literatura francesa.

Abstract

The most singular of ideas: *O Pornógrafo*, by Restif de la Bretonne, is the critical study and translation of his 1769 work and part of the *Idées Singulières* Series (1769-1789). This study is proposed as an investigation of the vast amount of information moved by his work, as a record of its time and as a reflection of its author's autobiography. Restif de la Bretonne uses elements from his childhood on La Bretonne farm, his experience in Bicêtre, his own life as a libertine and his readings to compose a project of "prostitution reform", which aims to supply soldiers to France, the protection of peasant morals and the collective health proposal for the control of syphilis. As a tool to achieve these goals, Restif de la Bretonne uses the physiocratic theory and predicts the income of the *Parthenion* (the basic unit for sex trade, which would replace both brothels and hospitals) according to the idea of the net product. Thus, the conceptions of population and their constitution, of individual health and hygiene practices and the control of access to sex, or even then, the control of the vector of disease transmission allow Restif de la Bretonne to constitute a bourgeois individualistic moral, to a class that was banished from the libertine space beforehand. That bourgeois individual, through the reform project, seeks to order a pre-existing world, without however changing it in essence. The *Idées Singulières* Series, formed by such projects, does not continue beyond 1789, when the outbreak of revolutionary processes in France invalidates the reform projects, considering that the processes promote disruptions in fundamental political structures. Restif de la Bretonne was not a revolutionary; instead, he was a promoter of the preservation of past values aiming to build a future that would be free from the corruption of the present. Although it is not possible to place *O Pornógrafo* and the other projects as utopias *per se*, it is possible to establish a consistent utopian basis upon that preliminary work, according to the classic typology of utopias as a literary genre.

Keywords: reform; revolution; utopia; French literature.

Índice de figuras

Figura 1: *L'escarpolette*, pintado por Jean-Honoré Fragonard (1767).....95
Figura 2: *Tableau économique* de François Quesnay, ou *Grand tableau* de la *Philosophie Rurale*, com o valor bruto de 2000.....124
Figura 3: xilogravura de Albrecht Dürer (1496), publicada com o pema médico de Theodericus Ulsenius 139
Figura 4: figuras iniciais de *Tractatus de pestilentiali scorra siue mala de Franzos, originem remediaque continens,* de Joseph Grünpeck (1496). As figuras mostram o argumento central da influência dos astros na transmissão da sífilis.....140
Figura 5: *La toilette de Vénus* (François Boucher, 1751) 141
Figura 6: *Halle aux Blés*, 1767 148
Figura 7: folha de rosto da primeira edição de Le Pornógraphe, 1769. 159
Figura 8: Tabela de preços do Partênion, página 128 do original de 1769.....197
Figura 9: Receita estimada do Partênion, página 273 do original de 1769. 242
Figura 10: Despesa estimada do Partênion, página 273 do original de 1769. 243
Figura 11: Folha de rosto da parte II da primeira edição de 1769. 247

Índice de Tabelas

Tabela 1: Tabela de preços dos corredores do Partênion, em *sous*.....128

Sumário

Parte I 12
Introdução 12
II. O autor e sua obra 15
b. O Pornógrafo 18
c. A tradução 21
III. Fortuna crítica 22
V. Objetivos e perguntas 26
Capítulo I 28
1. Monsieur Nicolas: a gênese do pornógrafo 28
1.1. A infância em Sacy e a experiencia da coletividade 30
1.1.1. Propriedade e produção 32
1.1.2. A família e o entorno 35
1.2. Pós-1745 e a experimentação da individualidade 38
1.2.1. Bicêtre e o jansenismo 40
1.3. O ano de 1747: Paris, Courgis e o amor 43
2.1. Monsieur Fournier e o ofício 49
2.2. O aprendizado Parangon 52
3. Mes Inscripcions ne sont, dans la forme, qu'un journal… 54
3.2. Casamento 56
4. Idées Singulières 58
4.1. Um reformista, antes de tudo 60
Capítulo II 66
Pesquisas, ensaios e análises 66
1. Debates 67
3. Breve conclusão 74
Capítulo III 77
O Pornógrafo 77
2. O Pornógrafo 81
2.1. Maquiavel e um editor fictício 83
2.2. Cartas 1 a 3 — uma introdução 87
2.2.2. A segunda carta 88
2.2.3. A terceira carta 90
2.3. Cartas 4 a 6 — a reforma 93
2.3.1. A quarta carta: Necessidade dos lugares da prostituição 94
2.3.2. A quinta carta: Os inconvenientes da prostituição 101
a. O comércio sexual: Da Baixa Idade Média até a Idade Moderna 102
b. Restif e os Inconvenientes da prostituição 106
2.3.3. A sexta carta: como reduzir as desvantagens da prostituição 110
a. Aspectos militares 111
b. Estruturas e categorias do Partênion 114
2.3.4. As cartas finais: objeções e réplicas ao Projeto 133
a. Localização do primeiro Partênion 135
b. A sífilis e o regulamento: higiene e profilaxia 137
Conclusão 144
Utopia, reforma, revolução 144
Parte I- Tradução 155
Bibliografia 283

Parte I

Introdução

I. Apresentação

No ano de 1769, Paris concentrava a prostituição de rua no 1º *Arrondissement* (Tulleries e Palais-Royal). As mulheres que exerciam o comércio sexual trabalhavam e existiam em condições extremas — a pobreza, a fome, as precárias condições de saúde não eram suas únicas inimigas. Tampouco o ambiente onde os encontros eram feitos, que faziam aumentar os riscos de uma morte prematura por doenças como sífilis ou tuberculose. Na segunda metade do século XVIII, a prostituição em Paris era insalubre. Havia cerca de 30.000 prostitutas em suas ruas em uma profissão não regulamentada (HOBSBAWM, 2007), sujeitas ao contágio por e de seus clientes, expostas ao abandono, à violência e ao abuso físico, a gestações indesejadas e suas consequências, além de outras situações que representavam um desafio para o século das luzes, na sua face racionalista.

Nesse mesmo ano, Nicolas-Edme Rétif, que depois assinaria Restif de la Bretonne, no reconhecimento tanto autobiográfico quanto ficcional de sua ancestralidade (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883), publicava, em panfletos, *Le Pornographe, ou, Idées d'un honnête-homme sur un projet de règlement pour les protistuées, propre à prévenir les malheurs qu'occassionne le publicisme des femmes: avec des notes historiques et justificatives*[1]. Como contribuição para a construção do pensamento que converge, de certa forma, a uma concepção histórica iluminista, o autor deixa uma obra cujo formato e conteúdo a coloca como pertencente ao gênero utópico: a organização de um espaço de comércio sexual que observasse critérios de racionalização, assim como a necessidade do estabeleci- mento de uma moral burguesa aplicada ao libertinismo, livre da influência do clero ou de doutrinas não seculares, conforme pode ser encontrado em Bobbio (1998), Pazzinato e Senise (1992) e Fortes (1985).

Nessa concepção, como intencionalidade da análise, pretende-se aqui apresentar a possibilidade de uma abordagem reformista — porém não revolucionária, de acordo com Gorz (1968) — que não compreendia a Revolução Francesa (1789) da forma como ocorrera: por meio

[1] Como parte deste trabalho consiste em propor uma primeira tradução para a obra, será utilizado aqui o nome em português: **O Pornógrafo: as ideias de um homem honesto para a regulamentação das prostitutas para evitar seus males.**

da proposição de regulamentos apresentada nas *Idées Singulières* (1769-1789), qualquer possibilidade de movimentação ou perturbação de uma ordem preexistente seria indesejada e inútil. Por meio de uma reforma da moral, política e economia passam a ter contornos relacionados à trajetória da construção de uma ideia: um Estado bem preparado militarmente, repopulacionismo e com o exemplo da resolução de seus principais problemas. Outro fator que adviria da reforma seria a retomada de formas conservadoras de produção agrícola, não de forma a ignorar o desenvolvimento técnico da produção manufatureira que se teria iniciado por meados de 1750, aliado a dois processos de acumulação: o primeiro, o processo de acumulação do capital proveniente das colônias ultramarinas do Primeiro Império (1534-1814) de onde viria a opulência da realeza francesa em contraposição ao crescimento dos centros urbanos e diminuição da produção agrícola, o que gerou consequências de grande impacto na organização das cidades, em especial Paris. A acelerada urbanização deste centro encontrava contrariedade em seus ilustres, como Jean-Jacques Rousseau e Voltaire, críticos do processo de expansão do centro da cidade para seu entorno e do aumento da zona de contágio da sífilis por ocasião da carência de serviços públicos e do crescimento para além de qualquer projeto de urbanização racional (ROCHE, 1998, p. 10; SARMANT, 2012, p. 133). Da mesma forma, o acúmulo de propriedade rural era outro dos fatores que serviram de dado para Restif de la Bretonne.

A fazenda La Bretonne se constitui no período do surgimento da propriedade privada na França, como uma propriedade dotada de personalidade jurídica e poderes assegurados ao proprietário, o que também inaugura o individualismo como a prática que se direciona do campo moral para a produção econômica (TOCQUEVILLE, 1955). A crítica de Restif estava no acúmulo da propriedade que, em vez de conceder ao camponês o espaço de produção — com novos modelos de relações sociais associadas à vida no campo, com o paulatino desaparecimento da servidão feudal (que se completará somente após 1790) —, aumenta a disponibilidade de terra agregada aos produtores já existentes, pertencentes à burguesia rural e à aristocracia rural. O que daí resultou foi o êxodo para os grandes centros de uma massa campesina sem meios de produção. Outra solução para isso era o alistamento nas milícias camponesas que lhes reservavam o mesmo fim, já que o pequeno soldo frequentemente era deixado nos espaços de entretenimento sexual dos grandes centros urbanos (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 78).

O trabalho de Restif de la Bretonne entende a pornografia — ou ainda, a *pornognomonie (*neste trabalho, *pornognomonia),* conforme a nomenclatura designada pelo autor — em O Pornógrafo, que trata da conversão de um cidadão burguês libertino ao amor

familiar na porção destinada ao romance epistolar, a pornografia significa a importância da racionalização dos espaços de libertinismo e da adoção de um *éthos* moderno das noções de saúde coletiva e organização social. Assim, às mulheres públicas seria atribuída a função de provedoras e mantenedoras de seu próprio meio. Essa racionalização e consequente reorganização do espaço, assim como sua conexão com a realidade sem, todavia, comprometer-se com ela, são elementos reais desejáveis na constituição da utopia.

Em um primeiro momento, foi levada em consideração a importância do Marquês de Sade como seu interlocutor, ainda que décadas depois, quando este termina *La philosophie dans le boudoir* (1795) como uma inversão da ideia de Réstif sobre a família e sobre a importância do bordel na vida do francês burguês. Para Réstif, a vida libertina seria um meio para a obtenção dessa felicidade familiar, e não um fim em si, como proposto por Sade. Ambos os autores valorizavam a moralidade em seus textos, mas para Restif não era necessário deixar de recorrer à prostituição, uma vez que ela fazia parte da vida urbana como provedora de um ambiente para o exercício da libertinagem e, consequentemente, como fonte de prazer. O que Réstif de la Bretonne desejava com a reforma da prostituição era, em suma, a manutenção da moralidade como pilar essencial reformista, à medida que tal manutenção era promotora do romance no espaço familiar.

As formas de comércio sexual representavam não apenas um elemento da vida noturna e do entretenimento parisiense, mas também, na lógica de Restif, eram um importante mecanismo econômico regulatório que, se racionalizado, seria vital para a manutenção da receita e despesas de setores do reino da França, desde que feita a reforma da pornognomonia. O projeto de regulamentação proposto desenvolve tanto essa reforma quanto a proposta de controle de ativos, no que aqui será analisado como tendo profunda relação com o *tableau économique* de François Quesnay (1759). O Partênion, aqui concebido como unidade utópica, teria primordialmente a função de gerar o capital para sua própria manutenção, bem como de também produzir excedente e formar corpos militares para o rei Luís XV.

É importante compreender que ao estabelecer a sua ideia do espaço de *débauche* utópico, Restif cria o seu próprio *não-lugar* de forma a racionalizar um ambiente já existente — os problemáticos salões e bordéis —, ainda que não houvesse um plano de regulamentação para sua prática naquele período. A originalidade de Restif, no entanto, está em fazer do seu *não-lugar* uma proposta de reforma que não estava para a França do período, apesar de conter os elementos que a identificam com o Iluminismo, principalmente no que tangia ao direito e às novas noções de saúde pública e pessoal. A presença de um conjunto de teorias que aproxima aquela sociedade do racionalismo iluminista é um desafio à utopia como gênero literário: como

falar em utopia do projeto de reforma em uma sociedade que busca reformar-se, como no caso da França de 1770?

Assim, a pergunta acima se soma ao diálogo entre Restif de la Bretonne e o Marquês de Sade e ao libertinismo e sua relevância na formação das instituições desse *não-lugar*. Analogamente, a mesma pergunta envolve as questões de moralidade como consequência da libertinagem racionalizada nesse novo espaço de *débauche*. A absorção do ideário iluminista por Restif e a subsequente construção de uma utopia iluminista no bordel ideal motivam a presente dissertação de mestrado, que propõe, junto com a tradução do texto original de 1769, apresentada na segunda parte deste trabalho, e seu estudo crítico, com o objetivo de verificar sua situação no gênero utópico sob uma perspectiva utilitarista, ou seja, que levaria em consideração seu uso e seus benefícios, ao mesmo tempo em que apresenta aspectos da reforma moral e sua relação com a escolha do comércio sexual como objeto de reforma. Ainda, o trabalho visa contribuir para a análise da possibilidade de se falar em uma utopia fisiocrata no período da produção literária iluminista, de suas características e peculiaridades. Seria O Pornógrafo a representação desses elementos? É o que aqui se busca verificar, jamais definitivamente.

II. O autor e sua obra

a. A importância do autor

Réstif de la Bretonne foi um autor prolífico. Passou a juventude como tipógrafo antes de escrever seu primeiro ensaio, entre 1765 e 1767 (*La famille vertueuse*), e acumulando mais de 200 obras publicadas até sua morte, em 1806. Em todos os seus escritos, é possível encontrar vestígios de autobiografia e de um desejo de uma reforma do seu universo íntimo, bem como a reforma do ambiente onde se localizava. Também se encontra presente o libertinismo como ato de manutenção dos valores burgueses. James Steintrager, no ensaio *"What happened to the porn in pornography?"* (2006), além de creditar a cunhagem do termo "pornógrafo" ao autor, também lhe dá créditos na contribuição à pornografia filosófica, já que O Pornógrafo não apresenta o colorido vernacular relacionado aos textos libertinos do século XVIII, se considerarmos a amplitude transgressora presente nos textos do Marquês de Sade.

Dois conceitos se sobrepõem em Restif de la Bretonne e terminam em uma escolha para O Pornógrafo. Tocqueville (1955) oferece uma definição sobre a Revolução Francesa como uma revolução burguesa e seus aspectos mais impactantes.

> Como seu objetivo não foi somente mudar um governo antigo e sim abolir a forma antiga da sociedade, a Revolução Francesa teve de atacar simultaneamente todos os

> poderes estabelecidos, demolir todas as influências reconhecidas, apagar as tradições, renovar os costumes e os usos e, por assim dizer, esvaziar o espírito humano de todas as ideias nas quais se haviam fundamentado até então o respeito e a obediência. (…) A Revolução Francesa operou com relação a esse mundo, precisamente do mesmo modo que as revoluções religiosas agem com vistas ao outro; considerou o cidadão de um modo abstrato, apartado de todas as sociedades particulares, assim como as religiões consideram o homem em geral, independente do país e da época. Não indagou apenas qual era o direito particular do cidadão francês, mas quais eram os deveres e os direitos gerais dos homens em matéria política. Foi reportando-se sempre assim ao que havia e menos particular e, digamos, de mais *natural* em termos de estado social e de governo que ela pode tornar-se compreensível para todos e imitável em cem lugares ao mesmo tempo. Como parecia tender para a regeneração do gênero humano mais ainda que para a reforma, acendeu uma paixão que até então as revoluções políticas mais violentas nunca conseguiram produzir. Inspirou o proselitismo e fez nascer a propaganda. Desse modo, por fim, pode assumir aquele aspecto de revolução religiosa que tanto apavorou os contemporâneos; ou melhor, ela mesma tornou-se uma espécie de religião nova — religião imperfeita, é verdade. Sem deus, sem culto e sem outra vida, mas que ainda assim, como o islamismo, inundou toda a Terra com seus soldados, apóstolos e mártires (1955, p. 43-45).

A proposição sobre a revolução também permite uma ideia sobre a reforma. Pois é curioso o fato de que Restif de la Bretonne encerra a série Ideias Singulares em 1789. A ideia da Revolução deixava a ideia da Reforma em segundo plano, mas entre Restif e Tocqueville haveria em comum a imagem da ideia germinal de um movimento social transformador — ainda que não se soubesse qual seria a natureza da transformação. Assim como seus contemporâneos iluministas, Restif de la Bretonne propôs que essas mudanças tivessem início com a disseminação das ideias no Terceiro Estado. A história registra, entretanto, que a germinação dessas ideias feitas pelos filósofos da *Encyclopédie*, por Rousseau, Voltaire e Diderot, tendo uma circulação maior e internacional, proporcionou o início de uma Revolução que transcendia o espaço francês, tornando-se uma revolução humana, e não apenas mais uma revolução burguesa. Esse foi o centro do trabalho de Tocqueville, *L'Ancien Régime et la Révolution*, publicado em 1856.

No entanto, a ideia de Restif caminhava em direção à reforma burguesa, apesar de O Pornógrafo ser idealizado para uma reforma moral da Europa (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 100). Não se tratava, pois, de um projeto ambicioso — sequer compreendia um projeto aplicável. A partir da reforma de costumes, seria possível uma guinada econômica burguesa para além do acúmulo de propriedade e de capital, permitindo que o equilíbrio entre classes fosse restabelecido num contexto específico: a ocupação pela burguesia dos espaços aristocráticos. Após a queda da Bastilha, entretanto, fica mais distante a ideia de uma reforma ordenada, equilibrada e segura "para o cidadão e para o bem comum" (p. 3), considerando uma conjuntura de rupturas: o estado anárquico dos anos pós-1789 não permitia, como posteriormente se viu, uma reorganização social para que qualquer reforma fosse possível. E, mesmo que assim o tivesse sido, a reforma seria intrínseca ao *Ancien Régime*, pois apenas no equilíbrio do Estado haveria

as condições para que as mudanças propostas fossem levadas a cabo.

Ainda, é preciso observar a presença dos libertinos no texto de O Pornógrafo. A relação da revolução com a libertinagem tem como *leitmotiv* as transformações sociais e a reconfiguração da economia e instituições políticas francesas, além de uma profunda mudança social. O termo *libertinagem* apareceu pela primeira vez em panfletos de João Calvino, *Contre la secte fantastique et furieuse des libertins qui se nomment spirituels*[2] (1545), onde os termos "libertino" e "libertinismo" surgem igualmente pela primeira vez. Foi a partir desse contexto que, segundo Cavaille (2012), a associação da libertinagem com o hedonismo (ou a localização do prazer no cerne da condição humana, cuja importância está em todos os aspectos da vida) proporciona a utilização do termo *libertino* como sinônimo de "indivíduo de carne livre". Durante o século XVIII, a vida libertina foi adotada por muitos dos pensadores do período, como Voltaire e Rousseau, estando diretamente associada à renda e à aristocracia, à qual pertencia Sade[3].

É mérito de Restif de la Bretonne, graças ao seu estilo frequentemente romantizado e moralizante, a criação de textos que podem ser considerados como pertencentes ao gênero utópico e de influência pré-revolucionária, como O Pornógrafo (1769), *La Mimographe* (1770), *L'Éducographe* (1770), *Les Gynographes* (1777), *L'Andrographe* (1781) e *Le Thesmographe* (1789)[4], obras que propõem nova regulamentação para a prática da prostituição, de regras para entretenimento e teatro, para a posição social da mulher, para a felicidade da homem burguês por meio da reforma geral da moral e como proposta de reforma geral das leis para todas as nações da Europa, respectivamente.

---

[2] BATAILLON, Marcel (Org.) *Aspects du Libertinisme au XVIe siècle*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1974, p. 117.

[3] Restif de la Bretonne, apesar de ter vivido boa parte de sua vida em condições de extrema pobreza, teve, também, uma vida libertina e fetichista — *retifismo* é o nome dado ao fetiche por sapatos, do qual ele era abertamente adepto. Entretanto, o objetivo desta dissertação é digressiva em relação ao caráter fetichista da obra de Restif que é posterior às Ideias Singulares. Há uma grande importância do fetichismo e do libertinis- mo na obra do autor, mas a publicação dos textos se dá aos últimos anos do século XVIII.

[4] Há, ainda, dois outros textos que precisam ser mencionados. *Le Glossographe, ou L'Orthographe et la langue reformée*, cuja composição é de 1777, nunca foi publicado por Restif (COWARD, 1976, p. 318). A reforma das línguas da Europa foram tema recorrente desde *La Famille Vertueuse*. *Les Posthumes, ou lettres recues apres la mort du mari par sa femme qui le croit a Florence. par feu Cazotte,* foi preparado por Restif e composto também entre 1786 e 1789, mas publicado apenas em 1802. As duas obras também fazem parte da composição das Ideias Singulares, sendo que o último é um romance epistolar que propõe não uma reforma, mas a compreensão metafísica da vida.

b. O Pornógrafo

A compilação dos panfletos epistolares de O Pornógrafo foi publicada por Jean Nourse em Londres e por Delalain em Paris, simultaneamente, em 1769, como a correspondência entre as personagens Monsieur D'Alzan e o Senhor Des Tianges. D'Alzan, sendo o último um libertino reformado e o primeiro, outro libertino em reforma pela senhora Des Tianges. Frequentador dos bordéis de Paris, D'Alzan se enamora da irmã de Adelaide, Ursule de Roselle. Adelaide, então, vê a oportunidade de introduzir D'Alzan em uma vida "repleta de bondade", livre da libertinagem parisiense. Nota-se um aspecto pedagógico na relação entre as personagens, cujo objetivo é a reforma da intimidade de um indivíduo, que terminará por germinar uma reforma na sociedade na qual ele se insere. Adelaide Des Tianges tem, como será desenvolvido como argumento nesta dissertação, o papel de preceptora, sendo igualmente reformadora, tanto quanto D'Alzan. Esse panorama é oferecido pelo conteúdo das cartas escritas por D'Alzan e Adelai- de Des Tianges, que representam, ele, o burguês libertino salvo pelo amor; ela, a salvaguarda da família. Nas cartas, o debate envolve a prostituição não como o mal a ser combatido, mas como necessário para a manutenção dos valores familiares e para a propagação da reforma. A regulamentação deveria abranger as áreas urbanas, em Paris e outros grandes centros, mas também sendo possível sua extensão para as áreas provincianas. D'Alzan, sendo o propositor do projeto de regulamentação, descreve o espaço do comércio sexual em seu aspecto moralizante e arquitetônico.

É dessa forma que é introduzido o Partênion (casas de comércio sexual)[5], que seguiria um rigoroso regimento, dividido em 45 artigos, e aos quais todas as prostitutas seriam forçadas a aderir. Cada Partênion teria seu próprio aparato institucional-administrativo, com a gestão do espaço, da vida das *filles publiques* e da organização financeira feita pelas mais experientes, que organizariam a vida profissional e privada daquelas ainda no exercício da profissão. Nesse caso, a gravidez indesejada seria solucionada com o pai da criança sendo notificado e responsabilizado — presencialmente ou financeiramente — da vida do infante. Cada criança do Partênion teria seu futuro garantido com funções adequadas ao seu sexo biológico: as meninas seriam educadas

[5] Liddell e Scott (1940) oferecem subsídios para a origem da palavra *parthénion* como *Παρθενος Parthenos* (virginal, puro) e *οἰκήμα*, edifício. Dessa forma, a função do *parthénion* é a de oferecer um espaço público livre das impurezas da prostituição das ruas de Paris. Réstif de la Bretonne, no entanto, utiliza o termo *Παρθενικός* (*parthénikos*) logo em sua apresentação do projeto de reforma. É igualmente relevante ressaltar que a grafia do termo na tradução proposta é **Partênion**.

para desempenhar funções consideradas socialmente aceitáveis, como costura, dança, *coiffeur* ou tarefas domésticas. Os meninos criados no Partênion seriam destinados ao exército, evitando, assim, que os filhos dos burgueses parisienses enfrentassem tal destino[6]. Como a frequência dos cavalheiros ao bordel aumentaria e, possivelmente, o número de gestações das prostitutas, o problema dos abortos, da mortalidade e das crianças indesejadas seria solucionado de forma racional e benéfica aos exércitos e também aos habitantes das zonas rurais, já que sua juventude não mais teria de deixar os campos para o alistamento compulsório. Como consequência, as famílias não mais precisariam se preocupar com a sucessão da posse da terra.

O papel do pornógrafo nesse novo contexto é o de promotor e colaborador da *pornognomonie*[7] (regras do local de *débauche*), necessárias a esse novo lugar, numa era em que pornografia e filosofia não eram separáveis no sentido literário (Cavaille, 2012). As novas regras não seriam apenas uma expressão do Iluminismo, mas a realização da racionalização e significação de um *éthos* pornognomônico em oposição/substituição ao conservadorismo católico francês. Não se trata de abandonar a moral ou tornar-se amoral, como a resposta dada por Sade em *La philosophie dans le boudoir*[8]. Restif de la Bretonne considera a moral imprescindível para a manutenção das relações sociais na França que viria a surgir com a Revolução de 1789, mas que tal moral viria necessariamente do novo aspecto racionalizado das instituições e daquilo que era comum ao francês.

No caso, o prostíbulo é um espaço de socialização que não poderia — ou deveria — ser abandonado. Ao contrário, deveria ser dada ao cidadão a garantia de que ele poderia frequentá-lo e seguir sua vida familiar sem prejuízos. A saúde no Partênion seria garantida por médicos da casa. As *filles publiques* seriam submetidas a forçadas condições de higiene pessoal. Mulheres públicas doentes não poderiam exercer a função, sendo destinadas aos demais trabalhos do Partênion: limpeza, educação das jovens e serviços gerais. As obrigações de ambas as partes seguem os ideais iluministas, acrescidos do revolucionário conceito de liberdade, garantido, no

---

[6] O projeto de regulamentação também prevê o casamento das jovens, as possíveis heranças recebidas, a instrução das mulheres para tornarem-se administradoras de seus bens e o envio dos jovens mais belos para o teatro, a ser regulado pelo projeto *La mimographe.*

[7] O termo é composto pelo grego *πορνό, porno* (prostituta), *δξππ, gnoó* (conhecido, sabido) e *μόνος, mónos* (único), de acordo com Pianigiani (2006). Implica em uma regra única para o exercício da prostituição na obra de Restif de la Bretonne. Este faz construção análoga a partir de *Πορνογνοσχειον* (*pornognoschéion*), ou o conhecimento das regras da libertinagem.

[8] Um exemplo é o discurso embutido na educação para a libertinagem de Eugénie, declamado pela personagem M. de Dolmancé e intitulada "Franceses, mais um esforço se quereis ser verdadeiramente republicanos", onde os elementos convencionais da criação da condição feminina voltada ao matrimônio e ao ambiente do- méstico passariam a ser considerados criminosos.

Partênion pela *pornognomonia* (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 111-112).

Note-se, também, que há uma diferença no próprio título do ensaio. Réstif de la Bretonne estabelece uma diferença entre os termos *mulher* e *mulher pública*. Conforme o título, O Pornógrafo foi escrito como proposta de regulamentação das mulheres públicas de Paris para a proteção das mulheres (privadas) dos males ocasionados pelo ambiente do bordel comum. A mulher é aquela que zela pela manutenção dos valores da família; a mulher pública (*filles publiques* ou *perdues*) é aquela que, ao trabalhar no Partênion, contribui indiretamente para que a família esteja protegida dos males da prostituição das ruas. Nas suas cartas, D'Alzan faz, em listas, diversas propostas de ações para o Partênion, a fim de proteger as esposas (categoria *mulher*) do risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis. Transforma-se, também, a natureza das transações financeiras no Partênion, com a taxação dos preços em compra de tíquetes próprios (ou *tokens*) para serem utilizados apenas na aquisição de serviços; e a liberdade do frequentador de escolher a prostituta (*fille publique* que não está na categoria *mulher*) segundo as características preferidas (em essencial, relacionados à idade da *fille publique*). Da mesma forma, a mulher pública teria condições de rejeitar um cliente caso este não lhe agradasse, após qualificação de sua higi- ene e conduta. A mesma separação verificar-se-á na autobiografia do autor. Muito da questão feminina pode ser localizado no ambiente familiar da fazenda la Bretonne, na relação de Restif com suas irmãs e as filhas dos camponeses do entorno. Havia, desde muito jovem, a tendência de separar as jovens em categorias de maior ou menor risco. Todo o processo da classificação das mulheres está em *La Philosophie de Monsieur Nicolas*, escrito entre 1776 e 1794. Essa classificação permite a Restif estabelecer os artigos da reforma moral e o papel das mulheres na racionalização e na administração do Partênion na geração de excedente.

O romance epistolar termina com a reflexão de D'Alzan sobre a importância da família e do amor para o homem burguês europeu. A humanização do contato entre prostituta e homem, que seria a consequência da reforma do Partênion, traria o benefício final para todos, já que, além de proteger e ser protegido pela família e valores modernos, o homem, ainda assim, teria a alegria de unir romance e prazer, mesmo no presságio da morte e da total miséria, frequentes na última metade do século XVIII. Mas é por meio do panorama humanístico que tal reflexão é possível, pois o homem racional (o homem republicano de Paris) não deve separar suas necessidades afetivas das físicas. Tal separação, D'Alzan analisa, é a causa de todos os males do mau uso da prostituição e seu consequente alijamento dos interesses da França. Assim, se a prostituição é necessária, que seja racionalizada e suas condições aperfeiçoadas; que a moral seja a moral do burguês pré-republicano, e não mais a do clero ou o costume da nobreza e aristocracia;

que as relações entre o frequentador e o Partênion sejam repletas de romance e de satisfatórias condições de saneamento; e, finalmente, que o homem frequentador possa reproduzir no Partênion as condições de família referentes ao reconhecimento do elemento humano e da vivência da afetividade comuns ao cidadão burguês.

As planilhas finais, bem como a tabela de valores e a projeção dos lucros do *parthénion* oferecem novos indicativos. Aqui, pretende-se desenvolver a aproximação da *tableau économique* de François Quesnay, na hipótese de tal pressuposto econômico ter sido aplicado por Edme Rétif na gestão da produção da fazenda la Bretonne, onde todos os filhos trabalharam. Ao introduzir um sistema escalonar de lucro e projeções de excedente anual, Restif propõe um sistema de produção de natureza análoga à fabril, o que aqui defender-se-á como um retorno das classes aos seus respectivos espaços de atuação. Na reforma, não houve a intenção de terminar ou anular quaisquer classes, mas simplesmente redefini-las e retorná-las ao seu lugar histórico. No caso da burguesia, o espaço da fábrica e a produção de excedente, além do cumprimento do código moral, transferindo-o para os meios de produção. No caso do camponês, a redução no campo, a absorção dos conhecimentos sobre higiene e boa alimentação, que viriam a proporcionar maior longevidade. De uma forma tangencial e bastante sofisticada, Restif de la Bretonne propõe uma moral de múltiplas faces para as diferentes classes.

Há, ainda, outros elementos para a discussão da importância de O Pornógrafo para o gênero literário — a questão da presença de elementos sexuais em uma obra utópica é digna de atenção. Além da descrição do projeto de reforma de forma temática, D'Alzan conta seus episódios de libertinagem e dos prazeres obtidos em suas relações com a prostituição. Da mesma forma, ele projeta a nova libertinagem na vida no Partênion, em circunstâncias saudáveis e seguras. Não há muitas ocorrências de utopias cujos temas envolvam a perpetuação ou mesmo a normatização de práticas sexuais consideradas anticonvencionais ou a criação do *não-lugar* relacionado à expressão da sexualidade de forma a não constituir uma distopia.

c. A tradução

Outra questão que torna pertinente o trabalho com O Pornógrafo é a inexistência de traduções para países lusófonos. Há traduções feitas para o italiano, para o espanhol e para o inglês. Não há, até o presente, uma tradução para o português brasileiro. Some-se o fato de não haver, de forma significativa, trabalhos que analisem O Pornógrafo no gênero utópico, sendo mais frequentes o interesse pela biografia de Restif de la Bretonne e pela importância histórica

de sua obra completa, além dos aspectos sociológicos da prostituição no período pré-revolucionário francês e de seu papel como cronista da noite.

As escolhas para a tradução foram feitas todas mantendo a voz do autor, nas imperfeições do texto. A opção pela invisibilidade se deu pelo fato de que Restif de la Bretonne tem uma forma peculiar de preparar seus textos: os processos de escrita e revisão se davam diretamente durante a composição tipográfica, comprometendo a fluência e a coerência. Como esse elemento pode ser percebido em diferentes momentos do escritor e na quase totalidade dos textos, ficou compreendido que se tratava de uma característica que o constituía. Dessa forma, as imperfeições textuais, as notas incompletas e as questões de grafia ficam resolvidas nas notas de rodapé.

III. Fortuna crítica

O texto de Restif de la Bretonne foi recebido com duras críticas quanto ao estilo e às ideias apresentadas. Em 1769, quando da publicação do primeiro dos *réglements*, o principal questionamento foi feito por Denis Diderot: *"Il est incroyable qu'um homme qui a quelque style, des idées, de l'érudition, la connaissance des langues et des moeurs anciennes, passe son temps à nous débiter des rêveries sur un sujet aussi dégoutant (...) C'est um excellent livre de garde-robe"*[9] (WYNGAARD, 2012). Ainda, segundo Coward (1985), O Pornógrafo havia sido considerado "pobremente executado". Restif responde às críticas em suas notas históricas, que acompanham o manuscrito.

Assim, o próprio Restif reconhecia a forma pouco elogiosa e negativa com a qual sua obra fora recebida pela crítica. O cerne da controvérsia foi a utilização da libertinagem como apoio para seu projeto de reforma da prostituição, para que seu usufruto fosse mantido pelos homens de Paris. Restif considerava que seu trabalho era mal recebido entre os escritores de Paris, mas que a situação se transformava quando observada a receptividade nas províncias, onde *"tout le monde sentit l'utilité de mon projet"* (WYNGAARD, 2012, p. 51). Não obstante, os projetos de regulamentação eram bem recebidos pelas classes populares, especialmente pelas províncias além de Paris. A contradição entre o desejo de refazer as instituições e o de não ser um agente participativo no período pré-revolucionário, ou sequer de ter o papel de historiógrafo da revolução, fez com que Sade, em sua correspondência de 1783, tenha classificado o autor

[9] "É inacreditável que um homem de estilo, ideias, erudição, conhecimento das letras e dos costumes arcaicos perca tempo recontando suas visões sobre tão asquerosos temas (...) Um excelente livro para o armarinho" (tradução minha).

como pertencente à categoria *Bibliothèque Bleue* (literatura popular) (DELCOURT & PARINET, 2000).

Sem dúvida, o Marquês de Sade foi o autor que proporcionou a pior reação a O Pornógrafo. Sua resposta veio com *La philosophie dans le boudoir ou Les instituteurs immoraux,* que só viria a ser publicada integralmente em 1795. Há uma extensa bibliografia sobre a intertextualidade das duas obras, como já exposto em Wyngaard (2012) e Preciado (2014), ainda que essa revisão bibliográfica tenha diferentes abordagens. Amy S. Wyngaard faz uma extensa análise comparativa da intertextualidade entre os dois autores; já Paul Beatriz Preciado tem como objetivo uma análise crítica da apropriação da pornografia por ambos. Fato é que o Marquês de Sade começou a escrever, em panfletos, um texto análogo a O Pornógrafo, com personagens semelhantes (por exemplo, a Senhora. Des Tianges se transforma em Senhora De Saint-Ange, que auxilia a jovem Eugénie na educação libertina), para fazer a crítica ao moralismo presente na libertinagem de Réstif de la Bretonne. Todos os elementos de libertinismo de O Pornógrafo se desfiguram em *La Philosophie dans le boudoir*: elementos como incesto e orgia estão presentes em O Pornógrafo no contexto da importância da existência do bordel racionalizado e humanizado para a constituição da família burguesa. Os mesmos elementos, em Sade, têm como objetivo a destruição das instituições e a criação de um ambiente amoral na história da educação libertina de uma adolescente, Eugénie, que ocorre entre aulas de filosofia e política, por Dolmancé, um libertino que remete o leitor a D'Alzan. Restif de la Bretonne foi, igualmente, crítico da perversão em Sade, escrevendo e publicando *L'Anti-Justine* (1798) como uma defesa da moralidade e dos valores familiares e como resposta ao romance *Justine ou Les malheurs de la vertu* (1791). Restif, na sua proposição para a regulamentação da prostituição, tratava de criar uma utopia iluminista, e não uma revolução amoral, fato que foi reconhecido a partir do final do século XIX.

Seus ensaios foram posteriormente recuperados pelos surrealistas, por Charles Baudelaire e Gérard de Nerval. A fixação de Restif pela vida noturna de Paris e seu papel como informante da vida privada dos salões proporcionou esse redescobrimento, que influenciou a produção desses dois autores durante a década de 1920. Muitas das críticas vêm dessa condição de cronista, já que seus textos tendem a transmitir a imagem de uma cidade corrupta, luxuriosa e decadente, habitação da crescente burguesia, da aristocracia e da massa miserável recém-chegada dos campos, que todavia não produziam. Admirador de Rousseau, Restif foi um cronista de Paris sem ser um crítico — essa característica seria demonstrada e sublimada nos textos que aqui se

pretende associar ao gênero utópico.

IV. Critérios para o estabelecimento de *O Pornógrafo* como utopia

De acordo com Prévost (2015), a utopia como gênero literário possui algumas características que lhe garantem existência e unicidade, separando-a do gênero ficcional sem, entretanto, encerrá-la em um conceito único. Sua multiplicidade, oriunda dessa amplitude conceitual, ainda segundo interpretação de Prévost, garante sua originalidade e autossuficiência. Raymond Trousson (1999) também conceitua essa autossuficiência pelo caráter insular — as utopias existem em espaços geográficos delimitados e específicos, não havendo, pois, correspondência com outros espaços, o que garante à utopia a autonomia jurídico-institucional.

O Pornógrafo foi visto, num primeiro momento, como um romance epistolar. A verificação do elemento utópico está na proposta do Partênion, cuja relação com Paris pertence ao futuro, já que considera o Partênion uma solução, ainda que o apresente em seu projeto já em perfeito funcionamento. No sucesso de tais transformações, a ideia do Partênion seria importante para a França no sentido de estabelecer um espaço independente (ainda que em subordinação ao Estado francês) autossuficiente para a realização de práticas que o autor considera vitais para o homem burguês. A racionalização desse espaço, o estabelecimento de noções de saúde, a organização de aparatos jurídicos e administrativos circunscritos ao espaço, bem como a gestão de sua população e das gerações futuras situam o *parthénion* como um espaço utópico.

Ainda em Trousson, mas anteriormente visto em Baczkó (1978) a definição de utopia como "sociedade que se opõe à existente" insere O Pornógrafo no gênero utópico considerando que Restif de la Bretonne busca claramente suprimir os aspectos negativos daquela sociedade e substituí-los por outros mais positivos, direcionando-se à sociedade ideal e racionalizada. Aplicando no Partênion valores como justiça social, igualdade de direitos e valorização do trabalho como elemento dignificante, assim como a adoção do anticlericismo em oposição à escolástica, Restif logra consumar um ambiente sem mal onde a ruptura com a sociedade existente, ainda que alije seus elementos constituintes indesejáveis, salva aquilo que ali existe como essência: a necessidade e o direito do homem burguês ao hermé- tico exercício do libertinismo e da vida hedonista. Dessa forma, verifica-se em O Pornógrafo outra característica atribuída às utopias — o Partênion reserva sua melhor parte e a utiliza na elaboração de seu novo *topos*.

Tal conceituação se faz necessária por dois aspectos: o primeiro, o fato de não haver um modelo claro para as utopias, que são escritas em seus tempos e, desde o século XVI têm diferentes formas e expressões; e o segundo, o fato de que a ideia que o texto utópico carrega é

a de uma sociedade (ou comunidade) completa — a presença da racionalização de seu espaço e de suas instituições não indica, necessariamente, uma utopia. No entanto, é preciso observar cuidadosamente o espaço do Partênion como um espaço independente, ainda que contenha em si uma relação pedagógica com a cidade de Paris e seja por ela contemplado. Nesse sentido, com relação à criação literária e ao seu aspecto crítico de costumes, Baczkó já havia escrito que as utopias constituem "visão global da vida social que é radicalmente oposta à realidade social existente e, em consequência, radicalmente crítica" (1971). Daí a sugestão feita por Raymond Trousson (2009) de uma filosofia crítica da utopia e que tais textos não seriam entendidos somente pela literatura da "viagem imaginária a lugar nenhum". No entanto, as fronteiras da utopia não devem ampliar-se ao ponto da abrangência total, mas também sem endurecer em um conceito imutável.

Não é mister deste trabalho fazer a análise sociológica dos trabalhos de Restif de la Bretonne, tampouco qualquer abordagem analítica quanto ao aspecto autobiográfico de sua obra[10], mas manter seu escopo de intenções restrito aos elementos que constituem a utopia: a independência institucional, o isolamento geográfico — o Partênion não tem lugar; não há um sítio onde se possa verificar a presença ou a instalação do prostíbulo ideal —, a autonomia populacional (ou a forma autárquica de organização dos elementos daquela sociedade, bem como sua gestão) e o alijamento das formas existentes ou convencionais de organização, a contraposição entre a felicidade do Partênion e a realidade social quase grotesca da prostituição na Paris *fin de siècle* e, principalmente, o desenvolvimento e a construção da utopia em O Pornógrafo como um testemunho do aspecto repressor e retrógrado. É importante frisar que como em Herbert Marcuse (1967), que busca analisar o papel da utopia nas emergentes sociedades industriais e da utopia como resultante da resistência a um conjunto de forças sociais repressivas ou indesejáveis, o projeto de reforma de Restif se revela como solução à dominação do status-quo da época, propondo a ressignificação das forças emergentes como aceitáveis — e desejáveis — para a construção do *topos*.

É possível eliminar de O Pornógrafo o aspecto da revolução quanto ao projeto de reforma. A apresentação de soluções para as mazelas da Paris anterior a esse período (presevado para a posteridade como os anos da Revolução) não é o objetivo de Restif de la Bretonne. Por meio da comunicação entre D'Alzan e de Des Tianges, é possível perceber que as ideias ali

[10] Impossível seria ignorar tais aspectos, já que a autobiografia e a forma como Restif de la Bretonne compreendia seu espaço e sua sociedade serão necessários à compreensão do processo de preparação do projeto. No entanto, apesar de reconhecer a existência dessas influências, o presente trabalho buscará dedicar-se à sua utilização como subsídio de análise, mas não como objeto.

desenvolvidas pertencem a um espaço divorciado da realidade histórico-temporal e não estão associados ou comprometidos com a criação de um espaço possível naquela sociedade. A proposta de reforma, nesse sentido, é cabível tão-somente no espaço fantástico do *parthénion*, já que esse espaço se encontra dissociado de espaços reais e projetos reais.

Assim, O Pornógrafo caracteriza utopia dentro do conjunto descrito por Luigi Firpo (1983): a utopia compreende, ainda que dissociada do espaço geossocial e isolada em outro espaço definido pela sua própria existência, um projeto global, isto é, cuja existência se relaciona com a ideia de uma sociedade e de um sistema político, abandonando circunscri- ções que a tornariam acessória à manutenção de pequenos grupos. Note-se que, conforme já mencionado, a utopia como projeto de reforma — como é o caso em *Le Pronographe* — não pretende mudar o espaço real, que existe apesar do gênero literário, mas pretende se automodificar, propondo o espaço de felicidade e funcionalidade plena para o espaço global presente na obra, ainda que não intente abranger a realidade. Dessa forma, o fato de O Pornógrafo propor, em seu próprio espaço, o abandono das circunstâncias distópicas e a supervalorização dos elementos promotores de bem-estar e de satisfação, torna possível situar esse projeto de reforma como semelhante à viagem utópica do *cinquecento*, ao menos no que diz respeito ao *não-lugar* e à criação de um novo *topos.*

V. Objetivos e perguntas

No que tange ao desenvolvimento do trabalho de pesquisa, duas vertentes essenciais foram estabelecidas. A primeira é a tradução da obra — não há uma tradução para a língua portuguesa e a tradução seria uma forma de contribuir para a constituição de uma biblioteca de utopias para futuros pesquisadores. A partir da tradução feita, este estudo apresenta dois objetivos centrais:

I. É possível verificar, no gênero utópico, a presença de uma "*utopia fisiocrata*", à medida que a compreensão dos aspectos conservadores na economia e na política não o fazem divergente de seu presente, ao mesmo tempo que resgata um passado clássico para propor uma reorganização do futuro? Da mesma forma, é possível aproximar as utopias do *Iluminismo* como momento de produção literária, já que esse período histórico oferece características muito diversas do *cinquecento*, haja vista o uso da razão independente e o desenvolvimento de obras cuja temática histórico-filosófica marca a segunda metade do século XVIII?

II. Seria igualmente possível compreender a "*utopia fisiocrata-iluminista*"; e situar a obra O Pornógrafo, de Restif de la Bretonne, como representativa, no gênero utópico, da literatura

de tal período? E ainda, é possível estabelecer as características fundamentais que fazem a relação entre utopia, fisiocracia e iluminismo em O Pornógrafo?

Em essência, a análise fundamentar-se-á no estabelecimento de afinidades históricas e literárias, considerando o texto, o estilo e o contexto, bem como a intertextualidade com seus contemporâneos. Com tal análise, objetiva-se responder às questões acima e oferecer subsídios para mais estudos sobre o autor e sua obra, que são atualmente parcos. Como resultado, a possibilidade de estabelecimento de uma linha argumentativa que sustente as premissas aqui expostas é parte do objetivo deste trabalho introdutório.

Capítulo I

Je suis um livre vivant, ô mon lecteur ! Lisez-moi: Restif de la Bretonne[11], 1734- 1769

1. Monsieur Nicolas: a gênese do pornógrafo

Os dados biográficos de Restif de la Bretonne podem ser encontrados com facilidade. Foram, inclusive, tema de uma de suas obras mais conhecidas, Monsieur Nicolas (1791-1796), onde Restif descreve sua vida desde sua infância em Sacy, principalmente no que diz respeito à sua relação com suas irmãs[12]. Dessa relação, a publicação do romance *O pé de Fanchette* veio em 1769, mesmo ano de publicação dos panfletos de O Pornógrafo.

Monsieur Nicolas é a obra onde Restif busca explicar sua relação com o mundo onde cresceu. Em 16 volumes, as memórias de infância até o surgimento do Espectador Noturno[13]. Evidentemente, há vantagens e desvantagens na utilização das memórias do autor para a composição de uma complexa biografia, que revela múltiplas personas — o camponês, o impressor, o escritor, o cronista da noite, o libertino — mas sob um ponto de vista pessoal e muito parcial, com seleções específicas das memórias.

---

[11] Neste trabalho, o nome do autor permanecerá oscilando entre as grafias *Restif* e *Rétif*. Os autores e pesquisadores frequentemente optam pela grafia de nascimento, conforme consta o nome de família Rétif. Aqui, opto pela grafia escolhida pelo autor e por ele usada em grande parte da vida, sendo interrompido seu uso somente no período conecido como Terror (1793-94), quando passaou a assinar como Cidadão Rétif. Salvo nesses anos, Restif de la bretonne associava sua identidade com a de sua terra natal. No entanto, foi aqui preservada a opção de uso de cada pesquisador nas citações.

[12] A relação de Restif com as irmãs faz parte de Monsieur Nicolas como a constituição de seu aspecto fetchista. A memória de ter experimentado, ainda em casa, estímulos sexuais com a observação dos pés das ir- mãs: "seus sapatos, cuidados, procurados, tinham, em vez de cordões ou alças, que ainda não eram usados em Sacy, laço azul ou rosa, dependendo da cor da saia. Eu pensei nessas garotas com emoção; Eu queria... Eu não sabia o quê; mas eu queria algo. [...] Mas esse gosto por belos pés, tão poderoso em mim, inevitavelmente despertou desejos, e que ele me teria feito passar sobre a fealdade, sua causa no físico, ou na moral. Ele é excessivo em todos que o possuem; e qual é a sua base? Poderia ser sua relação com a leveza da caminhada, com a graça e a volúpia da dança? O gosto fictício pelo sapato é apenas um reflexo do gosto pelos belos pés, que dão elegância até mesmo aos animais. Estamos acostumados a considerar o invólucro como a coisa em si: pés pequenos, orifícios enormes! A facilidade que dão os últimos à geração." (RESTIF DE LA BRE- TONNE, 1794, p. 46)

[13] *Les Nuits de Paris, ou Le Spéctateur Nocturne*, a mais notória das obras de Restif de la Bretonne, inspirado em As Mil e Uma noites. Restif condensa suas caminhadas, é feita a crônica da vida noturna parisiense. A obra é famosa pelo registro dos momentos da Revolução Francesa, como fonte de informação sobre a política doméstica francesa para a Europa e pelo vívido caráter descritivo da miséria nas ruas de Paris no período da década de 1790. A redação tem início no dia 22 de dezembro de 1786 e segue até 1794, incluindo o episódio das execuções de setembro de 1792. Sobre este último, Phillippe Barr escreve o artigo "*Paris, ville sublime. L'horreur délicieuse du Spectateur nocturne*", onde narra o elemento do *roman noir* como veículo de satisfação do público por cenas macabras que eram frequentemente carregadas de teor erótico. (*Études rétiviennes*, n. 41, 2009, p. 165-172)

> Nasci com vivazes paixões que me fizeram feliz e infeliz. Se você me considera sob o primeiro ponto de vista, nunca fui um monarca, um favorito da sorte, que teve mais. Se, pelo contrário, prestar atenção às minhas privações, às minhas tristezas, dignas de pena: odiado, desprezado, perseguido, traído, condenado pela pobreza ao trabalho mais duro e mais contínuo, irrigado com opróbrio, colocado abaixo daqueles que não valem a pena, abusado pelas mulheres em todos os aspectos, reduzido por muito tempo à privação do necessário. Temi pela minha liberdade, temi pela minha vida, tentado pela terrível ideia do suicídio. Encontrar alegria, ou melhor, consolo, só diante de uma destruição iminente. Esse tem sido meu destino: essa imagem horrível não é exagerada[14].

Ainda assim, o relato de Restif de la Bretonne se faz importante por oferecer elementos de compreensão de seu período e de seu espaço. A vila de Sacy fica no Departamento de Yonne. De acordo com os registros da paróquia de Sacy, ou levantamento estatístico de catolicidade, apontam, para o período que se inicia em 1680, uma população, em 1614, de 280 habitantes, sendo 138 homens e 142 mulheres, de acordo com o Registro de Catolicidade da Paróquia de Sacy[15]. A infância no ambiente camponês e sua importância para a construção da concepção da sociedade francesa que foi-se amadurecendo em Restif de la Bretonne (o pequeno Nicolas-Edme) tem importante relação com a mudança da casa da Rue Grande, número 115, em Sacy, para a fazenda de La Bretonne.

Até a finalização da escritura de O Pornógrafo, a vida de Restif seguiu de Sacy para Joux, para Courgis e para Auxerre, consecutivamente. De Auxerre, a chegada a Paris e o reconhecimento profissional dão impulso à carreira de escritor paralela à de impressor. Como se verá adiante, Restif de la Bretonne aspirava à posição de escritor como meio de sustento, sem fervores artísticos. A descoberta de seu desejo em ser um escritor e sua disciplina para escrever — que proporcionou uma produção de mais de 250 volumes distribuídos entre cerca de 50 títulos em 35 anos de produção literária — são consequências daquilo que o próprio autor aponta, em Monsieur Nicolas, como elementos essenciais para a constituição de seu trabalho, a saber, seu autodidatismo, a relação com a família e a terra e as caminhadas, de onde colhe elementos

---

[14] *Je suis né avec des passions vives : elles m'ont rendu heureux et malheureux. Si Ton me considère sous le premier point de vue, il ne fut jamais de monarque, de fiivori de la Fortune, qui ait eu plus de jouissances que moi. Si, au contraire, on fait attention à mes privations, à mes peines, qui fut jamais plus à plaindre ! Haï, méprisé, persécuté, trahi, condamné par la pauvreté au travail le plus rude et le plus continuel, abreuvé d'opprobres, mis au-dessous de ceux qui ne me valaient pas, malheureux par les femmes sous tous les rapports, réduit longtemps à manquer du nécessaire, tremblant pour ma liberté, craignant pour ma vie, tenté par l'affreuse idée du suicide, ne trouvant de la joie, ou plutôt de la consolation, que dans la vue d'une destruction prochaine, voilà quel a été mon sort : cet horrible tableau n'est pas exagéré.* (RESTIF DE LA BRETONNE 1788, p. 24-25). A tradução no corpo de texto é minha.

[15] QUANTIN, Maximilien. *Statistique de la populationdans le département de l'Yonne avant 1790.* Auxerre: G. Ruille, 1889. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k67239g/texteBrut Acesso em 25/02/2019.

cotidianos para as crônicas que escreve[16], sendo os títulos mais notáveis *Les nuits de Paris* (1788-1794), *Les Contemporaines, ou Les Aventures des plus jolies femmes de l'Âge présente (1785-90)* e *Les Provinciales, ou Histoire des filles et femmes des provinces de France, dont les aventures sont propres à fournir des sujets dramatiques de tous les genres*, sendo este último notavelmente representativo da produção do autor, já que suas 3.825 páginas foram escritas apenas durante o ano de 1795.

A produção de O Pornógrafo fora problemática e a obra, em sua primeira edição, teve uma recepção modesta. A questão era a diferença de impressões entre os leitores da capital e os leitores das províncias. Nas palavras do próprio Restif de la Bretonne,

> Após a recusa do Pornógrafo, de Chenu, iniciei o Marquês de T*** e parti para Sacy, onde me propus a terminá-lo. Foi uma péssima ideia. De volta a Paris, publiquei *Lucile*, *Os Pés de Fanchette*, *A Confiança Necessária* e *Naturalmente Jovem*. Então eu cuidei do Pornógrafo e o refiz completamente; e o censor o aprovou. Imprimi em companhia de Michel, que forneceu o dinheiro: esse Michel era o assistente de Quillau, o impressor, e muito intrigante. Ele era alemão e tinha visto a Inglaterra; ele tinha dinheiro e fez avançar o projeto. Imprimimos, considerando lucrar apenas a metade, os custos já retirados. Eu mesmo fiz a composição com um auxiliar. Logo que foi impresso o livro, Quillau e seu novo capataz Domenc tiveram a baixeza de denunciá-lo, por tratar de matéria controversa. O censor, então, tentou retirar sua aprovação e, felizmente, o Sr. de Sartine pediu para ver o trabalho. Esse magistrado leu e o autorizou. Durante esta crise, encontrei-me na mais cruel posição, pois Michel havia lançado todas as perdas sobre mim. A venda, uma vez aberta, foi muito rápida; Michel embolsou tudo para cobrir as despesas que tivera; e então ele tomou o resto como garantia. Muitas vezes eu era apenas uma testemunha oculta daquilo que diziam os compradores sobre meu trabalho: alguns diziam que eu era um louco; outros, um indecente que merecia punição; alguns deles me fizeram a honra de me considerar um propagador zeloso da libertinagem. Nunca antes fora um projeto tão mal recebido: havia apenas três ou quatro mentes saudáveis na capital, que me fizeram justiça. No entanto, nas províncias a história foi outra: quase todo mundo sentiu a utilidade do meu projeto, e as cópias falsificadas do meu trabalho rendeu muito mais aos bandidos do que para mim na primeira edição. Eu não retirei um centavo de um trabalho que me custou tanto em todos os sentidos, como disse. (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, XVII, p. 15-16)

Será preciso, então, retornar às províncias, à Sacy, e investigar as razões e a importância dos fatores que compõem essa aceitação e analisá-los em uma — ainda que incompleta — etnografia da vida camponesa na primeira metade do século XVIII.

1.1. A infância em Sacy e a experiencia da coletividade

A fazenda situa-se no número 1 da Rue Grande, uma propriedade de construção em parte do início do século XVII e em parte do final do mesmo século, construída com pedra e telhado único, próxima à casa onde Restif nasceu. A casa é um imóvel periférico, com dois

[16] A reflexão sobre sua obra e suas motivações está em Monsieur Nicolas, Tomo XIV, detalhada obra a obra. Suas inspirações, seus objetivos e suas expectativas para cada título estão ali colocadas.

andares, mas sem ser amplo suficiente para a família que era, naquele período, constituída pelo casal Rétif e seus quatorze filhos que ainda viviam ali (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 47). Restif passava muito tempo com suas irmãs, principalmente nas atividades que correspondiam à apreciação e à compreensão do vestuário feminino (p. 92-93).

A vivência desses jogos infantis com as irmãs e a relação de aprendizado erótico, comum na sociedade provinciana francesa[17], trouxe ao universo do jovem Nicolas-Edme o encontro com certos elementos do universo feminino que constituem alguns fundamentos de O Pornógrafo, sejam eles *(i)* a compreensão do universo da mulher e daquilo que dela se espera em questões de economia e manutenção doméstica para além da tarefas da casa, mas como sujeitos da formação da unidade produtiva — a mulher como produtora; *(ii)* a constituição das relações de parentesco por meio da relação entre as mulheres da propriedade, sendo as mulheres uma parte fundamental daquilo que a propriedade representa — a mulher como moeda, como elemento de coesão da unidade de produção e como formadora da cosmologia e da mitologia da unidade de produção, aos moldes do *óikos* ateniense: "A natureza feminina da *gyne* é aproveitada para gerar legitimamente continuadores do *oikos* e para velar e gerir os bens do mesmo *oikos*" (APOLODORO [DEMÓSTENES], 2013, p. 19)[18] . Apenas o estatuto conferido pelo casamento permite o desempenho dessas responsabilidades; e *(iii)* A mulher como organizadora e salvaguarda da moral do lar, ao mesmo tempo em uma posição subordinada à do homem que salvaguarda a moral coletiva: "Ora, a cidadania para uma mulher consistia na possibilidade de ser dada em casamento legal, no direito de dar à luz cidadãos e ainda de participar na vida da comunidade como representante de um *oikos* ateniense." (p. 20).

A organização e a produtividade da fazenda são outros pontos importantes para a exploração dos elementos que virão a formar os argumentos centrais do projeto de reforma, no sentido da construção das percepções de mundo do jovem Nicolas-Edme. Como unidade de

[17] A experimentação do erotismo nesse período é, igualmente, a experimentação do tempo. "Gilles Lapouge aponta corretamente que o erotismo é frequentemente *a pornografia do dia anterior*. Flutuação no tempo, mas também dentro de uma sociedade onde o obsceno se refere à suposta crueza do eros popular." O trecho, do artigo de Rainier Lanselle (2006), *Rétif de la Bretonne, ou loucura na imprensa*, se refere à construção histórica do libertinismo a partir do costume das primeiras experiências eróticas endógenas.

[18] *Contra Neera* tem como principal controvérsia a autoria, sendo frequentemente atribuída a Demóstenes. Estudos da Universidade de Coimbra, realizados pelas pesquisadoras de literatura clássica Glória Onelley e Ana Lúcia Curado, apresentam a hipótese de autoria de Apolodoro, um orador semelhante em estilo, porém menos eloquente que Demóstenes. O principal argumento é a ausência de discrepância na constituição dos detalhes com relação à vida cotidiana ateniense para a construção do argumento jurídico, que assemelha ambos os oradores. No entanto, o *status quaestionis* atribui a Apolodoro o *Contra Neera*, com um possível intervalo de preparação entre 343 e 339 a.C (Curado, 2013, p. 9-11)

produção em pequena escala, parte para subsistência, a casa era constantemente abastecida de alimento fresco. Em contraposição, as propriedades rurais da região de Sacy— ou mesmo do departamento de Yonne — enfrentavam problemas de racionamento de alimento e alta mortalidade infantil. Dos 16 filhos de Edme Rétif, nenhum foi vitimado por desnutrição ou problemas correlatos (PORTER, 1968, p. 110-111).

Assim como a alimentação, a higiene pessoal foi outra diferença entre a fazenda e as demais propriedades. Os hábitos de higiene no departamento de Yonne, composto essencialmente de pequenos vilarejos (com exceção de Auxerre, sua capital), tinham o banho sazonal, com uma periodicidade média de cerca de duas semanas — ou quando fosse ne- cessário. A instituição do banho semanal na fazenda, alternando morno e frio, diferia das práticas locais e o registro feito em *La Vie de Mon Père* (1788) mostra a necessidade do hábito. A importância desse elemento está na compreensão de Edme sobre como a propriedade deveria funcionar, como uma racionalidade que divergia das demais unidades de produção ainda no sistema de servidão.

São detalhes da organização doméstica, evidentemente, mas proporcionaram um grande impacto em Restif de la Bretonne, no sentido de criar-lhe a memória do sucesso de certos procedimentos de um espaço circunscrito em uma unidade produtiva. Quando da mudança nos hábitos familiares, a unidade produtiva também se modificava com vistas a uma racionalização da técnica e de sua funcionalidade, o que era diretamente relacionado com as motivações de Edme Rétif para deixar sua cidade natal, Nitry. Essa mudança foi, de certa forma, responsável por iniciar um novo modo produtivo naquela região, fato que co- laborou para a ascensão econômica da família Rétif.

1.1.1. Propriedade e produção

Nascido em Nitry, pequena comuna no limite leste de Sacy, Edme Rétif, pai de Restif de la Bretonne, já vinha de uma família tradicional na burguesia comercial. Seu pai, Pierre Rétif (1664-1713), era lavrador e comerciava barris e trigo. Junto com essas atividades, ainda desempenhava a função de procurador fiscal em Nitry, que consistia no trabalho de documentação e notaria no pequeno vilarejo, atividades que rendiam a Pierre Rétif alguma distinção entre os habitante do vilarejo[19]. Há ainda a possibilidade de que Pierre tenha governado a comuna entre os anos de 1690 e 1700.

[19] A genealogia está disponível em:: https://gw.geneanet.org/pierfit?lang=en&pz=marie&nz=cocu&ocz=1&p=edme&n=retif&oc=1 Acesso em 13/05/2019.

Um estudo etnográfico realizado por Emmanuel Le Roy Ladurie (1972) conecta a história familiar dos Rétif com um modo de produção na unidade familiar situada em um espaço próprio na metade do século XVIII, durante a infância de Nicolas-Edme, em que a formação de um campesinato comercial e burocrático ficava entre um campesinato propriamente dito, no sistema de servidão, e as sociedades urbanas, onde estavam os centros de poder (LE ROY LADURIE, 1972, p. 218). As formas de organização e as características fundamentais desse campesinato viriam a desenhar aquele sujeito que daria suporte a Napoleão Bonaparte em sua trajetória interna de poder cerca de 50 ou 60 anos depois de a família Rétif iniciar sua produção.

Em suma, essas características, que para Marx consistiam no conservadorismo e na homogeneidade de seus componentes, distantes do contexto nacional, isolados em suas pequenas propriedades e cujo modo de produção familiar encontrava um comércio pequeno e regionalmente fiel, sem projetos de expansão de sua produção ou de suas relações. Para Marx, tais características indicavam a impossibilidade da organização em classe desse campesinato intermediário, uma vez que suas demandas estavam supridas pela autossuficiência e pela relação com lideranças carismáticas locais, que permitiam a solução de disputas e, por conseguinte, promoviam a organização política.

> Dezesseis milhões de camponeses (incluindo mulheres e crianças) se abrigam em cavernas, das quais grande parte possui apenas uma abertura, a outra parte, apenas duas aberturas e a mais favorecida, apenas três aberturas. As janelas são para uma casa o que os cinco sentidos são para a cabeça. A ordem burguesa, que no início do século colocou o Estado como sentinela para guardar a parcela recém-criada e a adubou com lauréis, transformou-se no vampiro que suga o sangue do seu coração e a medula do seu cérebro e os joga no caldeirão alquímico do capital. (MARX, 2011, p. 147)

A família Rétif era um exemplo dessa definição, ainda que anterior à definição de Marx. A produção que abastecia tanto a casa quanto o pequeno comércio proporcionou o ambiente saudável no qual cresceu Nicolas-Edme. As características dessa propriedade e a forma de produção a aproximam da propriedade rural intermediária, onde as relações de servilismo estavam sendo eliminadas. Os servos presentes no trabalho no campo habitavam a casa com a família, mas o sistema de produção estava cada vez mais distante do servilismo feudal (LE ROY LADURIE, 1972, p. 215) A aquisição sistemática das terras do entorno da casa formaram uma propriedade que em 1740 somava cerca de 50 hectares de área de trabalho rural — o padrão de extensão territorial para as vila de Sacy e a média para as propriedades de Basse-Bourgogne, região onde se encontra o departamento de Yonne, era de 6 hectares (MOREAU, 1950, p. 348).

Esse acúmulo de terras se explica pela constituição de classes campesinas no primeiro quartel do século XVIII. O campo se constituía de três classes predominantes, quais

sejam, a classe proprietária, a classe servil e a classe administrativa (IM HOF, 1995, p. 38- 39). Esta última, composta pela nobreza que ocupava os cargos do funcionalismo e da administração de propriedades, era o foco da atenção vaidosa de Edme Rétif nos cargos do funcionalismo local — a notaria, o pequeno tribunal e a administração das propriedades. Para além das necessidades, havia ainda uma segunda necessidade, exposta por Restif de la Bretonne em *La Vie de Mon Père*: a necessidade da existência ascética no campo, cuja miséria trazia a necessidade da austeridade para o proprietário intermediário na mesma medi- da em que atingia o pequeno agricultor (LE ROY LADURIE, 1972, p. 216-217) considerando a pobreza extrema.

A fazenda possuía uma forma de produção diferente tanto das pequenas propriedades do entorno quanto das propriedades extensas que ainda utilizavam o sistema de servidão, cada vez mais difícil de ser mantido. De fato, o sistema servil só foi abolido na França com a Reforma Agrária, no período posterior à Revolução Francesa, mais precisamente em 1794, paralelamente ao fim da escravidão nos territórios colonizados pela França. Além do sistema de trabalho livre das dimensões avantajadas da propriedade, a fazenda ainda se destacava pela forma como se organizava a produção. Restif de la Bretonne escreve, em *La Vie de Mon Père*, que a produção da fazenda era dividida em partes, não apenas pelo tipo de produção, mas também se a produção se destinava ao mercado ou à casa.

Sobre sua compreensão da formação da fazenda e da distribuição da produção, escreve Restif:

> Ali se colhe trigo o suficiente para o pão feito duas vezes por semana (pão branco para os senhores; pão integral para os servos). O vinho também é produzido na propriedade (vinho envelhecido para o senhor; vinho de prensa de casca de uva ralada), tinto para as mulheres e crianças. A carne mais comum era a carne de porco salgada: quatro porcos de 60 kg cada eram abatidos anualmente para consumo, mas adicionamos a esse número 25 kg de carne bovina, trazidos da cidade vizinha (Vermenton, a 5 ou 6 km) quando uma obra grande está sendo feita com trabalho adicional ou no inverno, quando os pastos diminuem e uma dúzia de ovelhas velhas são abatidas. Outros alimentos, como ovos, vêm de um galinheiro grande (150 a 200 galinhas), permitindo vender até doze dezenas de ovos nas semanas de grande produção. Com o resultante dessa venda se comprava sal e especiarias. O leite também era dividido entre a fazenda e o mercado, duas vezes por semana. Finalmente, o jardim fornecia verduras e legumes — espinafre, repolho, alface, acelga —, bem como nozes, frutas secas e óleo. Assim se garantia a comida. O vestuário dependia dos campos de cânhamo e das ove- lhas, de onde se obtém "o *bouge*, um tipo de tecido parte lã, parte algodão"[20] (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 67).

[20] "*Bouge , espèce d'étamine fine , blanche et claire , dont les religieux font usage lorsque leur règle leur interdit l'usage du linge. On trouve encore le nom de Bouge appliqué aux cauris principalement sur les côtes de Guinée.*" PEUCHET, Jacques. *Vocabulaire des Termes de Commerce — Banque, Manufactures, Navigation Marchande*. Paris: Testu, 1801, p. 33. A *etamine* é o tecido que hoje é geralmente utilizado como tela de bordado, mas que em meados do século XVIII era utilizado como roupa. A *etamine* também é o tecido que, reduzida a porcentagem de lã, dá origem à gaze médica.

Apesar das diferenças entre as propriedades de Yonne, o comércio era bem uniforme. A economia fechada circunscrevia as relações apenas entre os produtores locais, no formato que seria anos mais tarde celebrado por François Quesnay na proposição da Tabela Econômica fisiocrata (*Le tableau économique*). A casa da fazenda estava num sistema de autogestão, onde os gastos referentes à manutenção da propriedade saíam de metade dos rendimentos da produção. A outra parte deveria ser utilizada na produção, na reposição de ferramentas, na compra de extras, a plantação ou no manejo dos animais. A família, dessa forma, ao manter as relações econômicas circunscritas, mantinha também um ponto de vista: as relações do campo resistiam e resistiriam à chegada das pequenas manufaturas de tecido francesas e às novas formas de produção.

1.1.2. A família e o entorno

Nicolas-Edme passa uma infância rica em familiares, relações e contato com a fazenda, a partir de 1740, após a família Rétif deixar a casa de Porte-la-Bas. A convivência familiar permitiu a observação da condição humana e daquilo que era notável em um mundo em transformação, mas, muito além de seu núcleo familiar, Restif mantinha sua genealogia como o centro de seu universo, tanto criativo quanto político. Logo na primeira época, Restif faz sua genealogia a partir de Públio Hélvio Pertinax, imperador de Roma em 192 d.C., ano dos Cinco Imperadores[21]. Segundo Restif, o sobrenome em sua forma arcaica (Restif) surge na 37ª geração, com Raemondus Pertinax, templário, chamado Restif (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 54). Apesar de perceber as falhas da relação de parentescos que originaram a família Rétif[22], o desejo de exibir a origem perpassa das gerações 65, 66 e 67.

> Em certo dia de grande festa (era a festa patronal de Nitry), um certo Conde d'Arcy foi insultado. Pierre, que sem dúvida aguardara o momento, justificou: "Eu não critiquei sua genealogia; apenas digo que a minha data de mais longe, mais bem documentada, mais ilustre, mais variada, mais bem fundamentada. Ha! Vejam só!, exclamaram todos os cavalheiros. "É a de sua esposa", disse aquele que estava zangado. "Não, é meu, o de

[21] O curto reinado de Pertinax foi de 86 dias, sendo ele destronado e assassinado pela Guarda Pretoriana após descumprir o acordo que o colocou no poder: prometido um soldo de bonificação de 12.000 sestércios à Guarda Pretoriana, Pertinax recorre ao Senado na mesma noite do assassinato de Cômodo, seu antecessor. Cômodo havia deixado Roma sem fundos pelos excessos que cometia e sua morte fora resultado de uma conspiração, que escolhera Pertinax com sucessor. No entanto, o pagamento do soldo de bonificação não seria possível sem a venda de bens e artigos de decoração do Império, além da adoção de medidas de austeridade nos gastos do Senado. A população romana permanecia satisfeita com as soluções de Pertinax, até que surgiram as diminuições dos espetáculos de gladiadores. Pertinax tem seu reinado interrompido em 28 de março de 193, morto por aqueles que o colocaram no poder: a Guarda Pretoriana (WASSON, Donald L. Pertinax. Ancient Rome Encyclopedia. Disponível em: https://www.ancient.eu/Pertinax/ Acesso em: 04/03/2019).

[22] Na Nota 3 da Introdução de *Monsieur Nicolas*, Restif reconhece a súbita mudança do antepassado Hélvio para Honório, mas tal mudança não é suficiente para o descrédito da genealogia de seus ascendentes (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 2).

> *Restif*, outrora chamados *Pertinax,* antes que a língua francesa fosse usada em documentos públicos. Vejam só!, novamente se espantaram os cavalheiros. Pierre deixou a mesa e, subindo na escada dupla de sua pequena biblioteca, tirou da mais alta prateleira pergaminhos velhos, vermelhos e retorcidos, escritos em estilo gótico até a penúltima geração (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 48).

As linhagens são consideradas de extrema importância, principalmente na contradição da herança da família em relação às demais famílias proprietárias de origem nobre. Para Pierre — e também para Edme — a origem não nobre era compensado com valores que eram extraídos da origem romana. Existe uma contraposição feita por Restif, na narrativa sobre a genealogia, entre as diferentes atribuições de construção do conteúdo simbólico que diferencia duas classes: burguesia e nobreza.

Restif de la Bretonne cresce na percepção da diferença. Em um tempo e espaço onde a mobilidade entre classes não era possível, a busca de Edme por uma posição que o aproximasse daquela que garantiria a manutenção da terra e da produção e a continuação da linhagem, uma ideia que estava presente na nobreza. Mas a constituição de uma nova classe, de uma burguesia campesina, que gravitava em torno de um pequeno comércio local e com vistas à conservação da autonomia da produção, proporcionava mais do que um meio de vida ou a garantia da sucessão dos bens — garantia, também, a aquisição de um *status* aproximado da nobreza de toga, por meio do funcionalismo, do acúmulo de cargos administrativos nos departamentos municipais das pequenas áreas povoadas de Yonne. Essa ascensão posicional — todavia não inteiramente social — vinha por meio da educação e do mérito, do trabalho e do acúmulo (p. 62). Dessa forma, a organização social da produção rural na Borgonha do século XVIII relaciona-se em grande parte com a existência de uma intenção primeira: a da ascensão dessa pequena burguesia campesina, que aqui é chamada intermediária, ao mesmo tempo em que persistem as relações de servidão nas propriedades (MOREAU, 1950, p. 349).

A narrativa que o autor faz da própria infância revela uma criança feliz em um ambiente positivo, no sentido das condições estruturais das quais a família dispunha. A narrativa da infância tem relação direta com um aspecto que acompanha Restif por toda a vida: ser útil (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 98). A partir da utilidade, é construída na narrativa uma infância funcional, que se apoiava no amor à identidade e ao nome, que são componentes da estrutura familiar dos Rétif elaborados a partir da sua relação com a propriedade e com a produção. O amor à identidade se constituía por meio do mito criado pela família, que explicava sua existência enquanto reforçava seus laços e as relações de fidelidade com a terra. Daí surge a

imagem do camponês justo, facilmente enganado pelas promessas de diversão e pelas atrações dos grandes centros como Paris. Da mesma forma, a estrutura familiar proporciona um entendimento sobre a produção e os laços de parentesco.

O que se torna realizável nessa construção é o fato de que, longe de poder fazer arranjos ou consertos na estrutura social daquele espaço, Restif procura ressignificar sua representação simbólica. A possibilidade de fazê-lo dependia, entretanto, de uma *distinção*. Como entendimento, ainda que posterior, Max Weber (2011) diferencia os conceitos de *classe* e de *grupos de status*. O primeiro estaria diretamente relacionado à produção e aquisição de bens culturais a partir do entendimento da influência das relações econômicas nesses elementos simbólicos; e o segundo estaria regido por uma lógica de consumo de bens simbólicos que se cristalizam em tipos específicos de estilo de vida, novamente perpassados pela lógica econômica do espaço e tempo em que o consumo se dá (BOURDIEU, 2013, p. 25). Weber aponta os *grupos de status* como a estrutura onde se forma e se cristaliza o estilo de vida, a forma como se percebe no espaço social.

As diferenças econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas nas maneiras de usufruir estes bens, de compreendê-los e de aplicá-los, na busca de uma reconstrução social na impossibilidade da mobilidade. Para que tal seja possível, os bens econômicos são transformados em signos e as ações que são orientadas para fins econômicos são transformadas em atos de comunicação (BOURDIEU, 2013, p. 18). Essas ações simbólicas representam uma posição social segundo uma lógica da estrutura social, que é a lógica da distinção. A análise feita por Pierre Bourdieu (2013) com base na economia das trocas simbólicas tem local aqui, no sentido de oferecer ferramentas para o entendimento sobre a importância da solidez de seu universo para que a impossibilidade de mobilidade social fosse transcendida; e que a família e a propriedade seguissem uma estrutura onde a autossuficiência criasse a ilusão da importância inerente ao nome. Restif de la Bretonne reconstrói sua infância na consciência da distinção, das diferenças nas relações simbólicas entre as personagens de seu passado e na separação da propriedade de La Bretonne das demais unidades produtivas de Sacy.

Integrado às atividades produtivas de La Bretonne, Nicolas-Edme fora, desde pequeno, introduzido no sistema de organização da fazenda, já que Edme acreditava que era necessário que todos os filhos compreendessem a propriedade e aquilo que fosse necessário para sua manutenção (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 82). Aos oito anos, Nicolas-Edme descobre a lógica da plantação de ervilhas, que se soma à sua noção de utilidade. A essa noção, logo surge o entendimento daquilo que ele chama *dignidade camponesa*.

> É isso que o papá Ferlet planejou! Ele me beijou em seguida, e eu senti as lágrimas do respeitável velho caírem sobre mim. Fui tocado sem me surpreender: eu tinha aquele orgulho, do qual meu avô acabara de falar, e ele me deu a mais alta ideia da dignidade do meu ser. Infelizmente, há muito eu a perdi! Nicolas Ferlet, o último Bertro, saiu; e eu não o vi novamente (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 87)

Os primeiros passos da honra foram dados então, com o auxílio da família, em especial do pai — que nele depositou a ideia da utilidade — e do avô materno — que nele despertou a ideia do valor e da dignidade. O terceiro elemento a ser conquistado pelo pequeno Nicolas-Edme foi o aprendizado escolar. Listado na escola de Maître Jacques Bérault, no vilarejo de Sacy, em 1746, Nicolas-Edme tem suas primeiras experiências para além das relações de fidelidade familiar. A experiência escolar tem início nas dificuldades para aprender o latim e terminam com a punição física aplicada pelo professor. O incidente é importante para a construção do autor Restif de la Bretonne na visão do próprio autor, na formação daquilo que o próprio considera suas características principais: audácia, uma certa indisciplina e o senso de repulsa pelo funcionalismo, na figura do professor da vila (p. 90-91).

1.2. Pós-1745 e a experimentação da individualidade

Dois acontecimentos centrais marcam a passagem do ano de 1745 e influenciam os anos seguintes na trajetória do autor. O primeiro desses eventos é a transferência para Vermenton para frequentar a escola de Joux, em 1745. O segundo evento, que segue diretamente ao primeiro, é a partida de Nicolas-Edme para a Escola do Coro do Hospital de Bicêtre, em 1746.

Vermenton é uma comuna situada ao lado de Sacy e constitui uma importante área de pesquisa arqueológica. Sua constituição seguiu um processo que teve início em meados de 620 d.C., com o Bispo de Auxerre, Desiderius. Pierre Nouvel descreve, em seu estudo *La vallée de la Cure à l'époque gallo-romaine : Découvertes anciennes et apports des prospections aériennes et terrestres 1991-2008* (2008), o percurso de constituição de Vermenton como propriedade do clero, desde que Desiderius concluiu a doação do território galo-romano de Reigniacum para a diocese de Auxerre (p. 26-28). Desde então, a Igreja promoveu a ocupação do território e surge ali um pequeno povoado de Vermenton, que em 1134 recebe a Abadia de Reigny, sob a responsabilidade de Étienne de Toucy[23]. Após a Abadia ser erguida, que será

[23] O monge Étienne de Toucy pertencia à Ordem Cisterciense, muito presente no século XII na região de Yonne, e Champagne. A Ordem tinha orientação Beneditina e tinha como características a clausura e o hábito branco. Foi o primeiro abade enviado por Bernardo de Claraval. O último abade cistercience, Jean-Marie du Chastel, foi designado em 1769, ano da primeira publicação de O Pornógrafo (JANAUSCHEK, 1964, p. 107-

fechada definitivamente após 1789, a região do vale do rio Cure permanecerá sob influência e controle territorial e de produção da Igreja.

Nicolas-Edme chega à Vermenton para viver com sua irmã Anne em julho de 1745. Nicolas-Edme passa a viver com a irmã e seu marido, Miché Linard, e a relação entre eles não era positiva. Ao contrário do que acontecia em La Bretonne, onde encontrava espaço para suas fantasias e suas experimentações, o autor não encontra a mesma receptividade em Vermenton. Sobre o cunhado, Restif escreve:

> Nesta ocasião, fui passar longo tempo pela primeira vez com minha irmã Anne, em Vermenton. Miché Linard, seu marido, era uma pessoa singular e bizarra. O mal que ele fez ao meu caráter, ao falar sem consideração sobre meu pai e minha mãe, foi sem dúvida irreparável! Eu, que os considerava como deuses sem defeitos, o ouvi atribuir a eles fraquezas. Miche, grande orador, gostava de ser eloquente na minha frente e detalhar calúnias, apesar dos sinais de sua esposa. Mas, minha irmã me basta; ainda não me tornei completamente selvagem (RESTIF DE LA BRE- TONNE, 1883, p. 90).

Nicolas-Edme vivia com a irmã e o cunhado, mas regressava a La Bretonne periodicamente. Esses retornos são constantemente revividos pelo autor em Monsieur Nicolas sob a forma dos encontros com as moças da casa — as irmãs e amigas que se envolviam em pequenos jogos eróticos com o menino. Os jogos serviram como momentos de descoberta e consciência de seu corpo e de contato inicial com as formas de interação sexual das regiões provincianas da França do século XVIII. Muito dessas interações estavam no nível da fantasia, e é possível presumir que a manutenção dessas memórias de infância tenha sido feita no sentido de alterá-las para sua adequação a uma moral adulta. Nesse sentido, a memória dos jogos serve à memória do posterior libertino, que estão alteradas — ou mesmo falsificadas — já que dificilmente poderiam ser diferenciadas de fantasias (FREUD, 2012 [1910], p. 51).

Peter Wagstaff (1996) refere-se à narrativa desse momento da infância de Restif de la Bretonne como o "romance familiar", aludindo ao texto homônimo de Sigmund Freud, de 1908-1909. Há a experiência do pequeno Nicolas-Edme, transformada na memória de Restif, a respeito dos papéis desempenhados pelas personagens de sua infância. Seu pai Edme simbolizava aquilo que lá estava como elemento proibitório. O mesmo papel foi desempenhado por Jacques Bérault e viria a se traduzir na escolha do irmão mais novo, Pierre, como inspiração para seu *Le Paysan Perverti*. Os elementos masculinos representavam elementos de repressão moral, enquanto os elementos femininos representavam um universo de descoberta e transformação. O romance familiar, entretanto, tende a se inverter, onde o reconhecimento de si em seu igual —

110).

no pai, no professor, no irmão — reformula a autoimagem, promovendo uma nova colocação das personagens. Então, aqueles que antes eram os repressores se tornam formadores, ou seja, passam a ser os modelos da conduta. Ao mesmo tempo, as mulheres e jovens das pequenas brincadeiras libidinosas passam a ser as antagonistas, o universo a ser tomado. O grande mediador dessas transformações é a realização do sexo entre adultos como uma forma de troca (FREUD, 1908-1909). Assim, a única forma de tomar parte na troca é a utilização do modelo moral, mudando o centro de afeto para as figuras masculinas (que comumente se manifesta na gratidão) como solução para o acesso ao feminino (WAGSTAFF, 1996, p. 128).

As transformações desses anos somam-se ao segundo evento que aqui é posto como importante elemento da infância de Restif de la Bretonne. Em maio de 1746, Nicolas-Edme parte com seu irmão Thomas-Edme para Bicêtre, para a Escola coral do Hospital. A mudança de Vermenton para Courgis trará ao menino o primeiro contato com o jansenismo, que terá grande impacto em sua formação individual.

1.2.1. Bicêtre e o jansenismo

A escola coral de Bicêtre ficava no Hospital de mesmo nome, situado no vale do rio Marne, sudeste de Pàris. Bicêtre é o nome dado à parte da estrutura do Hospital Geral, formado também por La Pitié e Salpêtrière, sendo as crianças que ali frequentavam as porções destinadas à educação eram separadas por gênero: as meninas eram enviadas à Salpêtrière e os meninos se separavam em Bicêtre e La Pitié.

Bicêtre foi originalmente uma fortaleza, construída durante o reinado de Luís VII (1137-1180). A propriedade, antes chamada *Grange aux Queux*[24] foi adquirida pelo inglês Jean de Pontoise, Bispo de Wincester (de onde deriva o nome Bicêtre) e reitor da Universidade de Oxford, ao final do século XII e construiu, em 1204, um castelo-fortaleza que levaria seu nome e que permaneceria como sua propriedade até ser confiscado por Felipe II, o Belo (1180-1223), 90 anos mais tarde, para que fosse habitação para seus sucessores. Durante o século XIII a propriedade muda novamente de proprietário, passando para Luís VIII (1223-1226) e Luís IX (1226-1270) (MARTIN-DOISY, 1853, p. 915).

Nos séculos seguintes, Bicêtre foi usado basicamente como habitação. No século XV, as guerras civis no interior da França destruíram parte da fortaleza, que foi dada ao colégio eclesiástico de Notre Dame pelo Duque de Berry, em 1416, quando a propriedade passa a ser

[24] Algo como "Celeiro dos Cozinheiros" em provençal. Tradução minha.

usada pelo clero. Em 1632, Luís XIII o transforma em hospital de campanha e a função permanece durante o reinado de Luís XV, quando há a formação da Escola do Coro, sob a organização de um certo M. Fuzier (ou Fusier, como no texto de Monsieur Nicolas), jansenista, que permanece em Bicêtre de 1735 até 1747 (ROCHE, 1998).

A modificação de Bicêtre com os jansenistas tem profundo impacto na vida de Restif de la Bretonne e grande influência em sua infância. Nicolas-Edme teve uma experiência positiva com a administração jansenista da Escola do Coral de Bicêtre. A figura de Fuzier teve efeito impressionante no menino; e a organização da escola também foi bem recebida — não havia ali a mesma resistência que o menino havia demonstrado à rigidez das regras da fazenda ou da casa de sua irmã. Ao contrário, o menino demonstrava grande admiração pela conduta dos jansenistas.

> Cada dormitório em Bicêtre tem um governador e um vice-governador. Durante os últimos anos de Ventimiglia e sob o breve episcopado de Gigot de Bellefons, que morreu de varíola, os jansenistas se concentraram em hospitais, para os quais fizeram muito bem. Eles haviam estabelecido uma ordem monástica nos dormi tórios: a limpeza, a melhora da comida, o vinho dado, tudo vinha dos dez mil livres de renda postos ali pelo vice-governador de Saint-Mayeul, cujo nome precioso me escapou. Porém, lembro-me do governador: seu nome era Duprat, e ele tinha uma irmã empregada na casa. Foi ela quem trouxe ordem para nossa pequena comunidade. O vice-governador era um homem de condição, que tinha sido um libertino; desde a sua conversão, operada pelos jansenistas, servia aos pobres. Todos os outros dormitórios estavam então no mesmo patamar; um Sr. Lancelot governou a enfermaria da *Força* etc. Cada dormitório leva o nome de um santo e, consequentemente, tem uma festa patronal que é solenemente celebrada; havia uma grande missa no altar da capela particular, vésperas, sermões, salves. Era também uma pequena festa para os pobres, com algumas doações de linho, tabaco e até dinheiro. Veja como essas jansenistas foram abençoados! (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, T. 2, p. 37-42).

A organização jansenista é, de certa forma, muito parecida com a organização dos Partênions, proposta por Restif em O Pornógrafo. Há outros elementos ali que promovem uma proximidade entre o jansenismo e a moralidade proposta no romance, como a presença da conversão do libertino e a divisão das funções administrativas. Havia, na forma jansenista de racionalização do espaço, uma lógica que ia de encontro à burguesia: o burguês era aquele que se encontrava alijado da hierarquia vertical de poder do *Ancien Régime*, apesar de ser um homem livre naquela sociedade que ainda dependia da servidão no campo. René Taveneaux (1985) promove essa análise em *La vie quotidienne des jansenistes aux XVIIe et XVIIIe siècles*, onde defende a tese de que o jansenismo constitui uma expressão de uma elite burguesa com um projeto de poder alicerçado na ideia de salvação individual. Esse ponto de vista não diverge daquilo que se sabe sobre o jansenismo hoje.

Os jansenistas, na verdade, jamais se denominaram dessa forma, mas simplesmente como católicos. Tratava-se de uma doutrina teológica com base na negação do livre-arbítrio do

qual os indivíduos seriam dotados para alcançar a salvação. No mesmo sentido, o pesquisador de filosofia da religião Vincent Carraud (2007) argumenta que

> No primeiro sentido do termo, o jansenismo pode ser considerado uma heresia, uma vez que a Autoridade Romana fez várias condenações sobre as propostas que ele continha. Mas, num sentido mais amplo, também podemos ver no jansenismo um movimento interno ao catolicismo, movimento esse que rejeitou como desnecessárias as condenações de que era objeto e procurou apresentar o Cristianismo numa imagem mais fiel às suas origens[25].

Esse aspecto herético tem fundamento na relação hostil com a casuística da Companhia de Jesus. Essa doutrina surge em um momento nos fins do século XVI, com a Reforma Protestante e a divisão de poder na Igreja entre os jesuítas e os agostinianos. Um bispo neerlandês, Cornaelius Otto Jansenius (1585-1638), se havia unido aos agostinianos, e nutria em seu pensamento a necessidade de uma manifestação sobre a manutenção da moral na Igreja, de acordo com o pensamento de Agostinho (RACINE, 1966, p. 67). Desde o primeiro contato com essa dogmática, Jansenius passa a escrever textos críticos aos caminhos da Igreja Católica, compilados em um texto — Augustinus — que foi publicado após sua morte. A edição de 1640 foi considerada herética durante o papado de Inocêncio X (em 1653) e um formulário a ser conhecido por todo o corpo eclesiástico da França foi emitido em 1656 no período do então novo Papa, Alexandre VII, contra a publicação das Cinco Teses sobre a graça (p. 70).

As Cinco Teses se tornam célebres na França, especialmente pelo fato de o pensamento de Jansenius já ser conhecido por meio do *Mars Gallicus*[26], de 1635, onde Jansenius estabelece uma crítica à Igreja francesa e principalmente à política externa eclesiástica feita pelo Cardeal Richelieu (JANSENIUS, 1640, p. 141). Restif de la Bretonne começa a ter contato com os ensinamentos jansenistas e se põe impressionado pela figura de Fuzier, apesar de sabê-lo um homem de intrigas (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, T. 2, p. 13), mas seu período de aprendizado passa essencialmente pela pequena biblioteca da escola, que possuía apenas alguns títulos de educação para a religião, tendo um forte conteúdo relacionado às Teses e à relação entre o jansenismo e Santo Agostinho.

> Antes de passar a outro tópico, creio que seria importante dar uma ideia sobre nossa pequena biblioteca, composta por Fusier antes de sua expulsão:
> *La Bible*, tradução de Sacy.
> *Les Figures de la Bible*, por Sacy-Royaumont.
> *Le Nouveau Testament*, edição dita de Mons.
> *Le Nouveau Testament*, de P. Quesnel.

---

[25] CARRAUD, Vincent. Le Jansenisme (verbete). *Societé des Amis de Port-Royal* (2007). Disponível em: http://www.melancholia.fr/biblio/?Le-jansenisme.html Acesso em: 13/03/2019.

[26] Apesar de o *Mars Gallicus* ter sido escrito sob o pseudônimo de Alexandrii Patricii Armacani.

> *L'Imitation*.
> *Les Pères de l'Église*, em especial Santo Agostinho e São Jerônimo.
> *Les Lettres Provinciales*, cuja leitura, embora fora de minha alçada, me dava o maior prazer.
> *Les Essais de Morale*, de P. Nicole.
> *L'Année Chrétienne*, de Tourneux.
> *La Fréquente Communion*, de Arnaud.
> *Les Vies des Pères des Déserts*, de D'Andilly.
> *Les Actes des Martyrs*.
> *L'Abrégé de l'Histoire Ecclésiastique*, de Fleury.
> *Les Mœurs des Israélites et des Chrétiens*.
> *L'Histoire Ancienne*, de Rollin.
> *L'Histoire Romaine*.
> *L'Histoire de Port-Royal et de ses Solitaires*.
> *La Médecine*, de M. Hamon.
> *La Véritérendue sensible à tout le monde*.
> *Les Anecdotes* de *la Constitution* Unigenitus.
> *La Vie et les Miracles,* de R. Diacre Pâris.
> *La Vie de M. Tissard* (a obra-prima dos pequenos jansenistas: Fusier era o autor).
> *La Prémotion physique*.
> *La Conversion du Pécheur*, por Denates.
> *La Géographie de l'Écriture sainte*.
> *Le Tableau de la France et de l'Univers*.
> *Le Dictionnaire* de Richelet. Outros dicionários, Joubert, Boudon, *La* collection *des Nouvelles Ecclésiastiques*.
> *Le Bon Pasteur*, etc. Me esqueci. Lemos 366 volumes. (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, T. 2, p. 57).

As leituras foram dirigidas para a educação jansenista, mas Nicolas-Edme ainda contava com outro auxílio: seu meio-irmão Thomas com frequência o testava quanto à na tureza e solidez das leituras da Bíblia. Outras leituras surgirão após sua saída de Bicêtre, introduzidas por seus companheiros de viagem, levando Restif de la Bretonne às reflexões sobre a moralidade e seu impacto na sexualidade.

Ao ser informado sobre a ordem de expulsão dos jansenistas de Bicêtre, Thomas inicia os preparativos para deixar a escola e ambos tratam de sua estadia em Courgis. Antes, entretanto, as experimentações com a sexualidade com as meninas da escola passaram a ser constantes momentos de descoberta para o menino. As descobertas vieram em forma de jogos, pequenos namoros e encontros, onde as crianças promoviam brincadeiras de exploração do corpo, principalmente dos pés. As práticas são a continuação dos jogos de Nicolas-Edme com suas irmãs, ainda na fazenda; enquanto em Bicêtre, aos 14 anos, ele faz suas primeiras experiências que envolviam a moral e a incipiente sexualidade, já que Bicêtre e o jansenismo representavam a cura para "aquela moralidade, aquele cristianismo indigno, que apenas excita mentes ardentes e irrefletidas." (p. 53). No mais, a experiência em Bicêtre o aproxima das mulheres, o afasta dos homens, como forma de obediência a Deus (p. 54).

1.3. O ano de 1747: Paris, Courgis e o amor

Em 22 de novembro de 1747, Nicolas-Edme e Thomas saem de Bicêtre devido à expulsão dos jansenistas do hospital e o banimento da Ordem por determinação de Luís XIV. A política antijansenista do novo arcebispo de Paris, Christophe de Beaumont, determina a reestatização dos hospitais, em especial Bicêtre e La Pitié-Salpêtrière. Esse ano de 1747 é o início de uma das grandes crises do final do *Ancien Régime*, conhecida como o Caso do Hospital Geral. A bula papal *Unigenitus*, emitida em 1713 pelo Papa Clemente XI, dá início à controvérsia, condenando o jansenismo nos termos de

> Falsidade; capciosidade; maledicência; ofensa aos ouvidos pios; escândalo; perniciosidade; estigma; injúria à Igreja e seus costumes; calúnia contra a Igreja e contra o Estado; afronta à Ordem; blasfêmia; suspeita e desfrute da heresia; favorecimento dos heréticos; heresia; cisma; comportamento errôneo que leve à heresia, comumente condenado por ser herético; e o restabelecimento de diversas heresias, especialmente aquelas contidas nas famosas Teses de Jansenius[27].

O lançamento da bula *Unigenitus* é importante para o episódio cujo início proporcionou a fuga de Restif e do abade Thomas. A nomeação do novo arcebispo de Paris, Christophe de Beaumont, ocorreu em 1746 pelo Papa Clemente XIII, no ápice do combate ao pensamento jansenista. A principal ação do arcebispo foi a pressão para a aplicação da bula na diocese e nos edifícios institucionais por meio da negação dos sacramentos finais (a unção dos enfermos e o enterro em solo sagrado) para aqueles que se tivessem confessado a sacerdotes jansenistas (SAINT-ARMAND, 1900, p. 196). Essa política causou uma forte repercussão no Parlamento[28], que tratou de reter os avanços do arcebispo com a ameaça de extinção da nomeação (p. 197).

Os dois irmãos testemunharam o início desses acontecimentos. Como resultado da

---

[27] *"Nothing is more opposed to the spirit of God and to the doctrine of Jesus Christ than to swear common oaths in Church, because this is to multiply occasions of perjury, to lay snares for the weak and inexperienced, and to cause the name and truth of God to serve sometimes the plan of the wicked. Declared and condemned as false, captious, evil-sounding, offensive to pious ears, scandalous, pernicious, rash, injurious to the Church and her practice, insulting not only to the Church but also the secular powers seditious, impious, blasphemous, suspected of heresy, and smacking of heresy itself, and, besides, favoring heretics and heresies, and also schisms, erroneous, close to heresy, many times condemned, and finally heretical, clearly renewing many heresies respectively and most especially those which are contained in the infamous propositions of Jansen, and indeed accepted in that sense in which these have been condemned"*. Encíclica Papal *Unigenitus*, 1713, Papa Clemente XI. Disponível em: http://www.papalencyclicals.net/clem11/c11unige.htm Acesso em: 22/04/2019.

[28] O apoio do Parlamento aos jansenistas era, na verdade, a associação à ideia de que os jansenistas eram essencialmente antiabsolutistas. Eram, também, contra o ultramontanismo — a primazia da política papal sobre os Estados, ou ainda a subordinação da sociedade civil à autoridade eclesiástica. Esses dois fatores eram considerados adequados pelo Parlamento, principalmente aos componentes burgueses, já que foram tais pensamentos os grandes operadores dos primeiros mecanismos embrionários da Revolução (TAVENEAUX, 1985). O direcionamento do poder a estruturas amplas, deslocando-o das figuras personalistas — o rei, o Papa — para relocalizá-lo em instituições, constituem não apenas um projeto político jansenista, mas um projeto econômico: a ideia de um centro de poder focado na burguesia e na ética, na salvação e no indivíduo como unidade burocrática.

nomeação do novo arcebispo, um novo reitor chega à Bicêtre. O reitor instaura uma nova rotina de vigilância das atividades dos jansenistas, fazendo a conferência e a censura dos livros e da forma como o hospital se organizava. Após a visita do reitor, o Abade Thomas se convence da necessidade de deixar o hospital. Quando saem de Bicêtre, em 1747, os irmãos vão para Vitry (hoje Vitry-sur-Seine, no vale do rio Marne), onde passaram uma semana, hospedados com jansenistas. Terminada a semana, se dirigem à Paris, onde se hospedam por cerca de 15 dias com Marie Beaucousin, sua irmã, que oferece ao menino Nicolas-Edme a oportunidade de ler obras que não estavam na limitada lista de obras jansenistas.

A estadia em Vitry durou poucas semanas e em dezembro daquele ano eles viajam a Auxerre.

> No dia seguinte, caminhamos um pouco e depois pegamos carroças. Dormimos em Bassou e no domingo de manhã chegamos a Auxerre. Padre Thomas foi designado ao *Petit Séminaire*, substituindo os vicentinos, hospedado na *Orangerie* do bispado. Foi lá que os mestres seculares ensinam do básico à teologia. Os jesuítas, no entanto, tinham o Colégio, para jovens que não se propuseram a tomar a Ordem. Era véspera de Natal: o abade Thomas, o antigo comensal da casa, foi recebido como confessor de Jesus Cristo. Ele recebeu um belo quarto; para mim, foi dado um quarto pequeno. Mas fui acometido de um mau humor tão violento que não pude fazer as refeições no refeitório com os seminaristas. Os cozinheiros me davam comida em um lugar reservado. No dia seguinte às festividades, fui a Courgis com Marguerite Paris, a governanta do padre, que veio levar-me (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, T. 2, p. 87).

Chegam a Courgis, ainda em dezembro de 1747. Thomas e NIcolas-Edme são recebidos por outro irmão, pároco de Courgis, também chamado Nicolas-Edme. O pároco propõe a instalação do abade Thomas em Courgis e passa a ser o responsável pela educação do jovem Nicolas-Edme, então com 14 anos, e estabelece que ele deverá ter aulas de latim para uma futura posição no clero (p.80). Mas é em sua Terceira Época que Restif começa a apresentar os traços libertinos que o caracterizariam até o final de sua vida.

Inicialmente, o estudo de latim lhe parecia maçante e desnecessário, além de difícil, enquanto se encantava com o grego. O estudo do idioma não o encantava, mas aplicava-se pela disciplina.

> Não entrarei aqui nos detalhes inúteis e fastidiosos de meus estudos. Basta dizer que é a língua latina promoveu o desenvolvimento e a nitidez das minhas ideias: foi ela quem me criou o sentido próprio das palavras. Eu não tinha como ouvi-la antes por não ter o costume. Sequer falo da língua grega, porque os termos da arte latina são tomados da língua de Atenas. Sentimos a necessidade de ter alguma noção de grego, assim que começamos a estudar a antiga linguagem de Roma (3a. Época, p. 87).

Ao mesmo tempo em que o latim passava a fazer parte da construção da personalidade do autor de O Pornógrafo, as aventuras com as mulheres também têm seu espaço. Nicolas-Edme conhece, em 1748, Jeannette Rousseau, que seria seu grande amor por mais de 50

anos. Ele a viu pela primeira vez ao sair de uma missa em Courgis, em companhia de outras mulheres. O impacto foi marcante para Restif:

> Eu vi, depois que os homens se retiraram, avançar mulheres, depois meninas e entre estes, uma que eu não havia visto ainda e que apagou todas as demais. Ela era modesta, bonita, alta; parecia virginal, a tez ligeiramente colorida, por indubitavelmente dar mais brilho ao vermelho do rouge e ainda marcar sua inocência. Ela foi feita como as ninfas, com mais gosto que suas companheiras, e especialmente ela tinha esse charme todo-poderoso, ao qual eu não pude resistir, e um bom pé[29]. Sua manutenção, sua beleza, seu sabor, seus enfeites, sua pele virginal, tudo me apresentou a realidade da adorável quimera da minha imaginação (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, T. 2, 3a. Época, p. 90).

A importância da presença de Jeannette está no fato de sua utilização como modelo do feminino nas demais obras, inclusive na constituição da personagem Ursule — virginal, simples, honesta. Peter Wagstaff (1994, p. 136-140) faz a análise de uma Jeannette Rousseau como um mediano entre as personagens femininas, partindo do ideal feminino de castidade para o ideal feminino sexual. Assim, o jovem Nicolas-Edme se encontra profundamente impressionado com a profundidade das relações entre os sexos, a forma como se davam as uniões matrimoniais e as maneiras da etiqueta da corte entre homens e mulheres. Por outro lado, também se encontrava mergulhado na admiração pela mulher como um ser sexual independente da relação com o homem. Isso confere à mulher um espectro de influência sobre a dinâmica dessas relações.

Jeannette Rousseau era a filha do notário local. Não houve desenvolvimento para os sentimentos de Nicolas-Edme, mas também não houve esquecimento da existência da jovem, que se materializa em muitos dos livros e na construção de suas personagens femininas (TESTUD, 1977, p. 454). Ao final de sua vida, Restif ainda se refere à Jeannette Rousseau como seu único amor verdadeiro. Ainda que fosse assim, aos 15 anos Nicolas-Edme encontrava um ciclo de mudanças que colocava em conflito seus valores. Ao final de 1748 e 1749, o menino retorna para a fazenda La Bretonne e tem os reencontros com as moças de outrora — que, aos 16 anos, já estavam se casando. A mudança no estado de coisas traz ao menino questionamentos sobre a vida que se lhe apresentava em Courgis, o novo estatuto de suas relações femininas e sua

[29] Restif de la Bretonne tinha uma idiossincrasia notória: a fascinação pelos pés, que aparece em várias de suas obras. Dedica, inclusive uma parte de O Pornógrafo para a descrição dos pés das moças públicas; e mui- tos de seus romances e novelas apresentam alguma relação com esse desejo. Não se pretende aqui direcionar a análise pelo fetiche; tampouco se deseja circunscrever a obra, em especial a série das Ideias Singulares, onde o autor desenvolve seus projetos de regulamentação — daí a presença da informação em nota, já que o fetiche pelos pés é presente em toda a obra, como uma assinatura do autor. O romance anterior ao Pornógrafo foi chamado de *Le pied de Franchette* (1769) e em muitos dos posteriores, em especial As Noites de Paris (1789-94), Restif menciona, em muitas das passagens, sua motivação para as andanças noturnas: buscar mulheres que calçassem *mules,* que davam mais acesso à pele, para que ele pudesse tocá-los (RESTIF DE LA BRETONNE, 1788, p. 201-202).

educação jansenista.

Em Courgis, Nicolas-Edme tem suas primeiras experiências de composição literária. Nos seus cadernos, que ele chama de *Memoranda*, ele reúne seus primeiros escritos poéticos. Alguns ensaios poéticos sobre o amor, inspirados por sua experimentação do sentimento com Jeannette, porém dedicados a Jean-Jacques Rousseau (que constituíam uma breve antologia chamada O Pouso das Graças); e dois atos de uma peça cujo estilo ele retira do teatro de Terêncio (190 a.C. ≅ 156 a.C.), seu admirado (TESTUD, 1977, p. 34-35). Seus Memoranda foram encontrados pelo abade Thomas, que os levou ao outro irmão, padre Nicolas, o que terminou por se tornar um ponto de tensão entre os irmãos, que já se incomodavam com a parca vocação religiosa do menino Nicolas-Edme (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 3ª. Época, p. 169). A isso, somam-se as pequenas aventuras amorosas do jovem, com as moças de Courgis e as experiências genitais relacionadas ao seu fetiche por pés.

Apesar de estar imerso nessas experimentações, o jovem não se afasta de suas origens jansenistas. A aceitação de sua condição rumo ao libertinismo segue o princípio das Cinco Teses Jansenistas, onde fica estabelecido que Deus não concederia a graça a todos, sendo alguns indivíduos destinados ao Céu e outros ao Inferno. Nicolas-Edme sabia que não estava destinado ao Céu, o que lhe permite uma maior amplitude de ações. Permite-lhe, igualmente, permanecer em suas investigações sobre a natureza da noite e a forma como resolveria suas questões familiares e pessoais, já que a solidez moral de suas ações se dirigia para a apreensão do mundo, deixando de lado a aspiração de possibilidades de salvação numa perspectiva jansenista.

O período de Courgis encontra o fim em 1750, quando a tensão chega a um limite. Após o episódio de romance com Marguerite, ambos os irmãos compreendem a ausência de vocação para o sacerdócio no jovem Nicolas-Edme, apesar de sua dedicação à igreja "que tanto ama" (T. 2, 3a. Época, p. 230). As leituras já haviam migrado desde a saída de Bicêtre; o jovem se encontrava mais interessado por Jean-Jacques Rousseau, Marco Valério Marcial (38-104 d.C.) e Nicolas Chorier (1612-1692). Deste último, a leitura dos dois tomos dos Diálogos de Luísa Sigea de Velasco[30], que possui alguns pontos comuns à estrutura de O Pornógrafo. Primeiramente, ambas as obras têm introduções fictícias: *L'Académie de Dames* apresenta um tradutor inexistente (Iannes Meursius), que teria coletado as histórias de alcova e feito um

[30] A tradução do latim lida por Restif foi a de Jean Terrasson, de 1750, de circulação comum nos grandes centros franceses (Os Diálogos são parte de *L'Aadémie des Dames*, que reunia textos eróticos e sáficos. No entanto, a edição usada para esta dissertação foi a impressão de 1917, em língua espanhola, *La academia de las damas, llamada "Sátira sotádica de Luisa Sigea sobre los arcanos del amor y de Venus.* Para consultas de desambiguação, foi utilizada a edição em latim de 1885.

compilado, traduzindo-o para o latim. Já Restif de la Bretonne cria o editor inglês que apresenta o caso do jovem que foi a Paris para experimentar a cidade e lá encontra os males das amantes e da prostituição e termina morto pela sífilis. Em segundo lugar, ambos têm no universo sexual feminino a proposta de registro cujo elemento central é a análise de um ambiente social circunscrito europeu tendo o sexo como ponto central de interlocução, ainda que com diferentes objetivos finais. Em terceiro lugar, há a sugestão de uma resolução das tensões daquelas sociedades pelo entendimento sobre a natureza humana, ali caracterizada no instinto inexorável de busca pela satisfação sexual.

As leituras precoces de Nicolas-Edme, tanto de Marcial como de Chorier, trazem uma forma de ver a construção das Ideias Singulares, onde a ideia de reformas de costume tomariam corpo. Essas mesmas leituras mais tarde virão a incorporar o texto de O Pornógrafo, fazendo com que o período em Cougis seja notável pela descoberta de uma perspectiva dissonante da jansenista, mas sem abandoná-la de fato. As diferenças entre os irmãos fazem com que o jovem peça para retornar à fazenda La Bretonne para ali trabalhar no campo. Não obstante as boas intenções, esse período tem pouca duração: tendo retornado a Sacy em novembro de 1750, ele é enviado pelos pais a Auxerre para trabalhar na cidade, como retaliação à sua insubordinação e ao retorno às práticas fetichistas.

2. *Le Paysan Perverti*: aprendizado e ofício

A Quarta Época de Restif de la Bretonne é marcada por uma de suas personagens, Madame Parangon, inspirada por Colette Fournier, esposa do impressor que aceita Nicolas-Edme como aprendiz em 1751[31]. A figura de Colette, bem como a narrativa da experiência de Auxerre, passa por um interessante processo de deformação consciente. Não é possível discernir, a partir daí, os elementos de fantasia ou realidade na narrativa, assim como os dados históricos parecem corrigir a narrativa, sem que essa correção altere a essência do que está sendo narrado. Nesse sentido, a convivência de Nicolas-Edme com os Fournier se encontra emaranhado em um labirinto de desencontros que, por sua vez, fazem a personagem Madame Parangon como uma das principais criações literárias de sua obra.

A passagem sobre os Fournier suscita, ainda, a pergunta sobre a fidedignidade de Restif na escritura de sua autobiografia. Wagstaff (1996, p. 146) fala sobre as estranhas

[31] A fonte da informação é a *Societé Restif de la Bretonne*, que oferece uma curta biografia baseada em *Monsieur Nicolas*.

discrepâncias na descrição de Colette Fournier.

> *Mme Parangon is seen as entirely chaste (*"la conduite abstème des deux époux l'un avec l'autre *(Monsieur Nicolas, I, 553),* 'Adhuc virgo a nullo tacta viro' *(Monsieur Nicolas, I, 427)) although it is established that she was the mother of seven children Born between 1747 and 1756. Throughout the autobiography, she is seen to be several years younger than she actually was: the five-year-old supposedly admiring the infant Nicolas was in reality already eleven; her appearance,some fleeting and veiled, some exteded and obvious, in a range of novels (most notably in the Paysan Perverti cycle, but also in* Le Quadragénaire, La Malédiction paternelle, *as well as* Les Contemporaines*) also reveal significant variatios on that basic theme.*

A "relação problemática entre passado e ficção" (p. 146) chama a atenção já que perpassa a obra do autor. Está nas obras citadas no texto, mas também pode ser verificada em O Pornógrafo, na movimentação dos dados e no uso das fontes para a construção do projeto de regulamentação. Este, no entanto, é um momento que representa a formação da mentalidade do escritor, em um aspecto crucial para a compreensão da obra: a diferença que Restif de la Bretonne faz entre as mulheres, que também tem impacto direto na construção do projeto e no desenvolvimento da novela-romance.

As mulheres da família tiveram importância na construção do *eros* do pequeno Nicolas-Edme, por meio das relações de afeto e dos jogos. Porém, ao mesmo tempo em que o menino tinha suas descobertas eróticas com as irmãs, também o fazia com as filhas dos servos locais. A diferença entre os jogos é que havia, quando na relação com as irmãs e a mãe, uma profunda percepção da virtude feminina e da inacessibilidade de seus corpos. Em contrapartida, as mulheres camponesas não estavam na mesma esfera. De fato, Jeannette Rousseau estava na esfera da família, do platonismo e daqueles valores que Restif usa para construir sua obra literária. A esfera da moça camponesa era, em princípio, a mesma de Colette Fournier (WAGSTAFF, 1996, p. 137), em uma relação que tenderá à transformação. Da mesma forma, a separação entre os ambientes urbano e rural encontra contradições, tanto na formação da mulher quanto na perceção de Nicolas-Edme sobre o feminino.

De fato, é possível perceber, ao observar a extensão da obra de Restif, que desde a publicação de *La Famille Vertueuse* (1767) tinha evidências de uma divisão entre campo e cidade dentro de uma lógica de acesso aos prazeres e, ao mesmo tempo em que a subordinava ao senso de culpa gerado por acesso. A história da relação entre Nicolas-Edme e Colette passa pelos elementos de constituição das diferenças entre os espaços público e privado e a localização da mulher e de seu espaço social em cada lugar, seja campo, cidade, casa ou o espaço da publicidade.

2.1. Monsieur Fournier e o ofício

François Fournier (1710-1787) era um bibliotecário e impressor situado ao número 7 da Place de L'Hôtel de Ville em Auxerre, no segundo andar. A impressora era tradicionalmente formada pela família Fournier, tendo sido fundada em 1698, em Paris, e depois aberta em Auxerre, com o apoio do Conselho da Cidade, em 1742. A impressora se especializou na edição de obras jansenistas nesse período, sendo uma das razões pelas quais o aprendizado de Nicolas-Edme é compreensível[32]. Enquanto tem seu aprendizado sobre a impressão, o jovem conhece Colette, ou a Madonna Parangon, esposa de Fournier. Cabe aqui, entretanto, uma breve exposição sobre a formação de Restif de la Bretonne em sua relação com a tipografia.

Nesse sentido, é importante notar que esses cinco anos de iniciação à tipografia serão os anos que forjarão os aspectos práticos da composição de sua obra (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 4ª Época, p. 71-73). A partir de sua familiarização com os tipos, a necessidade de ordenar e descrever se manifesta como pedra fundamental dos projetos de regulamentação, tanto quanto forma de organizar seu próprio passado (LANSELLE, 2006, p. 66). À necessidade de trazer ordem e método, une-se a grafomania — ou ainda, o impulso do registro escrito como forma de dar sentido ao real —, encontrado em *Nuits de Paris, ou Le Spectateur Nocturne* (1786-88), além de um profundo senso de planejamento e a manifestação de um senso moral constituído no jansenismo e nas próprias relações familiares.

> Meu querido leitor! Que época da minha vida, esta! Ela divide em duas partes, absolutamente diferentes uma da outra! Aqui estou eu, versado para a moral e a melhor conduta; eu, forçado até esse momento pelos meus irmãos e até pelos meus pais, e que só olhou para as mulheres com um arrepio! Aqui, em uma cidade cujas casas não são isoladas como o presbitério de Courgis, ou como a mulher bretã; as casas se tocam, estão cheias de belas moças (porque quando você chega na cidade, os ornamentos fazem todas elas belas). Eu, cujas paixões eram tão fáceis de mover, aqui estou no meio de todas as coisas que podem movê-las! (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 4ª Época, p. 59).

No que diz respeito à formação como aprendiz, Restif teve a trajetória típica de um aprendiz, em um ambiente de trabalho cujos códigos ele não dominava, mas registrava de acordo com sua percepção a respeito das regras de tratamento impostas por seus companheiros. No primeiro momento, o jovem fazia vezes de mensageiro e de ajudante da limpeza da impressora, o que era um duro golpe nas aspirações de Restif (MINARD, 1989, p. 84).

> O primeiro trabalho que Boudard [de la Grenouillere] me deu, como meu superior, a

[32] A biografia de Michel François Fournier tem sua importância. Foi tornado célebre pela criação de certos caracteres de tipografia, de onde Restif de la Bretonne retira o conhecimento para a criação posterior de seus próprios tipos e caracteres. Pode ser encontrada de forma breve em https://data.bnf.fr/fr/12514589/francois_fournier/ Acesso em: 12/11/2019.

> quem minha primeira instrução foi atribuída, não me pareceu atraente, pois eu imaginara que nobremente exercitaria uma arte distinta: este trabalho foi var- rer o lixo, isto é, limpar os caracteres caídos sob os pés dos trabalhadores que haviam escapado da atenção dos varredores (agora era só eu), para recompô-los depois, sem fazer palavras, depois distribuí-los ou descartá-los. (...) Já disse que os aprendizes estávamos sujeitos aos trabalhadores, que não nos poupavam. Então, eu tive tantos mestres quanto companheiros, e sendo novato, era necessário obedecer a todos. Eu quase não tinha um momento no dia sem receber ordens inúteis, injustas, ridículas, às vezes criminosas. (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 4ª Época, p. 64-65).

A mudança constante de mestres funciona para benefício de Restif que, antes de seus 20 anos de idade, domina variadas técnicas de composição e impressão principalmente a partir do trabalho com Fournier, por quem nutre admiração. A relação de Restif com Fournier assemelha-se a de Restif com as figuras masculinas de sua família, no sentido de circunscrever-se ao trabalho: os homens admiráveis eram os homens que desempenhavam com presteza seus ofícios, enquanto as mulheres tinham reservados outros adjetivos. Outro aspecto reservado aos homens admirados era o da ancestralidade: Fournier pertencia a uma tradicional família de impressores, sendo o representante vivo de um conhecimento cujo recebimento era destinado a poucos. O pensamento de pertencer a poucos envaidecia o jovem, endossado em suas falhas e protegido por Fournier, fatores que o aproximavam da esfera paterna. A admiração era mútua, especialmente após o primeiro trabalho de composição, feito por Restif.

> "Os burgueses sabem muito bem que esta é a primeira vez que Nicolas compõe, e dele não devem esperar a perfeição, muito menos atacá-lo." Boudard não mostraria o teste. Mas o Sr. Parangon[33], que conhecia o orgulho infantil de M. de la Grenouillere, seguiu-o às escondidas: "Não! Não!" Ele disse em uma voz terrível, a julgar pelo tremor do meu camarada, "não é pela estupidez de Nicolas, que eu corrigi essa 'brincadeira', mas por sua estupidez pessoal, Sua falta de aplicação, sua preguiça, sua falta de inteligência, sua nulidade". De pronto, ele chamou todos os demais trabalhadores: "Tentem distinguir", disse ele, mostrando-lhes a prova, "o trabalho do aprendiz de um dia daquele de um aprendiz de quatro anos!" Buscavam ali meus erros de novato, mas só havia surpresa com a minha correção. "Ele sabe o latim", disseram entre si; porque eu havia feito melhor do que qualquer um dos companheiros (...) (4ª Época, p. 72).

O período de aprendizado teve seu fim em 1755. Restif opta por deixar Auxerre e buscar uma posição como impressor. Antes de ter seu contrato terminado, Restif deixa Auxerre e retorna a Sacy, onde permanece por um mês, na organização de seus Cadernos, retomados em 1752. No início do outono, Restif chega a Paris, para se hospedar novamente com Louis Beaucousin, marido de sua irmã Marie. Enquanto busca trabalho nas impressoras, segue com a escritura de seu Quinto Caderno, onde lista e separa as mulheres que passam por sua vida. O

[33] Por todo o texto de *Monsieur Nicolas*, a referência feita a Fournier sempre chega com o nome da personagem a ele atribuída: M. Parangon.

período termina, então, com Restif de la Bretonne sendo empregado pela *Imprimerie Royale*, impressora situada nas galerias do Louvre, com o soldo de 50 centavos por jornada.

2.2. O aprendizado Parangon

Concomitante ao aprendizado da impressão, Restif inicia uma outra forma de aprendizado que viria a reorganizar sua intimidade, a partir de Jeannette Rousseau, que viria igualmente a ressignificar suas experiências com as camponesas. A presença de Jeannette servia para separar as mulheres em categorias com base na origem e na função: as mulheres de La Bretonne eram formadoras, ou fornecedoras dos elementos da construção de uma ideia que se tornaria Nicolas-Edme Rétif, enquanto as camponesas eram objetos de experimentação concreta, não ideal, com a função de por à prova os limites do jovem. O critério da separação, aparentemente, se relacionava com a noção de tradição e origem, atribuições que foram desafiadas pelo aparecimento da Colette Fournier.

Colette fora chamada por Restif de *Parangon*, dando a entender duas possibilidades para a escolha, ambas possíveis a partir de diferentes pontos de vista, sem que estes se afastem do conjunto de características de Colette, cujo conhecimento será possível somente a partir da narrativa de *Monsieur Nicolas* e de *Mes Inscripcions* (1780-87), além da personagem central de *Le Paysan Perverti*. A própria construção desta última foi feita a partir da memória de Restif sobre uma personagem cujo âmago é discutível. Mais uma vez, é necessário pensar no principal aspecto desse momento da vida de Restif: a confusão, proposital ou não, entre fato e fantasia. O autor oferece fontes para certas passagens — a exposição do jansenismo, à guisa de exemplo, apresenta dados que permitem a verificação daquilo que a narrativa contém; as passagens da Madonna Parangon não apresentam evidências ou quaisquer informações que permitam sequer compreender se Colette Parangon foi a amante *de fato* ou uma amante ideal, tão ideal quanto Jeannette Rousseau.

Havelock Ellis, em *Studies in the Psychology of Sex* (1927), oferece uma formação de Parangon que se relaciona diretamente com o aspecto reverencial e devocional de sua posição na vida do jovem Restif. Esse mesmo aspecto teria outra função, já experimentada por Restif, mas que encontra em Colette ares de experiência ordenada. A experiência do fetichismo, recorrente na narrativa de Restif, passa a ter um significado específico e a fazer parte de forma mais consistente da obra escrita. A partir daí, então, é possível levantar hipóteses pelas quais o nome Parangon substitui o sobrenome Fournier como uma fórmula de representação, mais do

que uma explicação de suas características.

O *Centre National de Resources Textuelles et Lexicalles* oferece algumas definições para o termo *Parangon*, existente na língua francesa com diferentes funções morfológicas. São oferecidas como resultado as seguintes definições:

> A.
> 1. *Vx.* Comparaison. *Mettre en parangon. Cela est sans parangon. Faire le parangon d'une chose avec une autre``* (*Ac.* 1798-1878); dict. XIXe et XXe.
> 2. Parfois *iron. Le parangon de(s)/du + subst.* Le modèle, le représentant typique de. *Parangon de vertu. Ces grands patriotes, ces types du père de famille, ces parangons de modestie, après nous avoir signalés aux belles citoyennes, nous vouent à l'exécration de la postérité* (PROUDHON, *Confess. révol.,*1849, p.378). *La perle, le phénix et le parangon des soubrettes en la personne de l'incompara- ble Zerbine* (GAUTIER *Fracasse,*1863, p. 188). *Le modèle et le parangon des saloirs* (A. FRANCE, *Mir. Gd St Nic.,* 1909, p. 70).
> B.
> 1. *BIJOUT. Pierre précieuse, perle,* etc., *remarquable par sa beauté*, sa perfection. *Les plus belles perles sont appelées perles-vierges ou parangons* (VERNE, *Vingt mille lieues,* t. 2, 1870, p. 22). *Citons comme dernier parangon le* Dresden, *40 carats (...); c'est une gemme elle-même du plus beau vert et sans défaut* (METTA, *Pierres préc.,*1960, p. 70).
> 2. *TYPOGR., vx. Petit parangon. Caractère de 20 points. Gros parangon.* Caractère de 22 points. *Caractères qui se vendent à la livre (...). Un gros parangon* (MOMORO, *Impr.,* 1793, p. 20)[34] (Grifos meus).

O romance com Colette Parangon abre uma nova perspectiva para Restif. Para além do jansenismo, para além das aventuras, mas o aproxima de seu ambiente familiar. Colette tem a função de organizar e alimentar uma ideia de homem que encontra espelhamento nas figuras masculinas de sua vida. Dessa forma, Colette une os dois grandes grupos em que se separa a humanidade — masculino e feminino — e lhes confere sentido. Sendo assim, é possível ver o *casal Parangon* nas definições descritas acima: ambos são exemplos a partir dos quais os demais indivíduos são organizados; são paradigmas daquilo que se considera precioso e único; são elementos preciosos para a formação do caráter de escritor de Restif; e são diretamente relacionados com aquilo que o define — seu trabalho, como aprendiz e depois com as jornadas. Em seu tempo de vida, esses elementos permaneceram vivos na obra de Restif e compõem parte substancial de O Pornógrafo, como os valores centrais para homens, mulheres e os demais personagens, na novela e no Projeto de Regulamentação.

É possível conceber a importância das figuras femininas como um complemento à ação político-econômica das figuras masculinas dentro da concepção criativa do autor, sem que as femininas deixem de ter um papel político econômico, porém complementar. Se o feminino tem a dupla função de criar um ideal masculino e promover a experiência para o desenvolvimento desse ideal, tal ideia é possível dentro de uma visão política, onde o masculino se constitui como

[34] https://www.cnrtl.fr/definition/parangon Acesso em: 19/05/2019.

elemento político a partir do suporte do feminino de seu entorno. Colette, Jeannette, as irmãs e a mãe são sempre lembradas pelo seu vestuário, seu comportamento, sua composição em um universo econômico onde as trocas simbólicas se dão pela manutenção de cada elemento de composição. Pierre Bourdieu (1983, p. 89), sobre a proposição dos "espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)" coloca a questão do feminino como categoria de troca, onde as relações político-econômicas tomam forma e se apresentam em uma lógica constitutiva de outras categorias. O mesmo conceito pode encontrar um paralelo na mulher como elemento ativo econômico em Claude Lévi-Strauss, ainda que no ambiente da troca para a manutenção do sistema sagrado, um paralelo poderia ser construído sobre a ideia do *oikos* grego. Nesse sentido, as mulheres de la Bretonne, Jeannette e Colette são exemplos da manutenção do *oikos* no sentido fundamentalmente homérico original do termo.

Fundamentalmente, uma precoce imagem da ordem de seu tempo, que o contém, surge para Restif de la Bretonne a partir das presenças das mulheres de sua vida. No entanto, cada uma dessas presenças se organiza em relação ao contraponto masculino ao qual se associa. O surgimento do homem ideal se dá a partir de um fundamento feminino ideal, sendo impossível dissociar a presença feminina do masculino, mas igualmente difícil entender a atração feminina dissociada da honra ideal masculina (ELLIS, 1927). As intrincadas relações procuram se resolver, no campo da narrativa de Restif, da formação do romancista ao utopista (COWARD, 1973), na busca pelo encaixe perfeito entre os diferentes lugares sociais de masculino e feminino a partir das dinâmicas entre os gêneros e sua participação em sua vida.

3. Mes Inscripcions[35] ne sont, dans la forme, qu'un journal…

3.1. A sífilis

Os anos pós-Auxerre são anos de continuidade no trabalho de impressão. Funcionário da *Imprimerie Royale*, o período é interrompido apenas para o retorno de Restif a Auxerre em 1759, onde permanece até um ano após o casamento com Agnès Lebègue, em 1960, fato que

[35] O termo na grafia estabelecia pela ortografia francesa, *inscriptions*, é rechaçado por Restif de la Bretonne, bem como tantos outros, na proposta de uma nova ortografia, mais adequada ao sentido que as palavras apresentariam. Esse ponto é desenvolvido completamente em uma das Ideias Singulares, *Le Glossographe*, que promoveria uma reforma ortográfica e fonética da língua francesa, retirando dela os estrangeirismos, mantendo-a livre do "inglês, o mais heterogêneo e o mais irrelevante idioma de toda a Europa" (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 9ª Época, p. 141).

trará profundo arrependimento a Restif. Este vivia, de volta a Auxerre, sob profunda experiência libertina, havendo contraído sífilis em Paris, no ano de 1759 (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 5ª época, p. 157). Após o tratamento da sífilis, que convence Restif da ineficácia dos tratamentos com mercúrio e a sugestão para no caso de sífilis, não ir a cirurgiões ou médicos regulares, pois estavam apenas habituados aos tratamentos ultrapassados e ineficazes (p. 156).

A experiência da sífilis traz a Restif a reflexão sobre os tratamentos — outro aspecto importante na leitura de O Pornógrafo, na teoria de que a sífilis tem relação com a noção de higiene e com uma visão específica sobre o corpo, em contrapartida ao tratamento de sua causa e sintomas, mas dentro de uma concepção social como uma doença complexa e cuja transmissão deve ser investigada e erradicada. A leitura de Theodericus Ulsenius sobre a sífilis, principalmente sobre o argumento que traz a prevenção contra o médico — o acadêmico traria consigo forte senso moral que impediria o correto diagnóstico das *maladies vénériennes*; o prático, pelo charlatanismo e baixo conhecimento — é uma possibilidade para o entendimento desse ponto (HUISMAN, 1999, p. 245). A isso, contribui o estudo sobre os hospitais de Paris, em especial aqueles que faziam parte do complexo Hospital Geral (Bicêtre, La Pitié, Salpiètre) e o Hospital da Sorbonne Université, além da área de Les Invalides, que contribuiu para a construção do argumento de saúde pública contido em O Pornógrafo.

Quando acometido de sífilis, Restif faz a narrativa de seu tratamento, bem como a causa da doença e os meios de transmissão, atribuindo-a a vida em Paris (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 190), não somente em sua propagação, mas também na forma arcaica de tratamento. Não foi em Paris, entretanto, que a sífilis teve o maior impacto na memória de Restif. Ao voltar a Auxerre e dar início ao seu período mais libertino (no ano anterior ao seu casamento e nos anos seguintes a ele), Restif de la Bretonne registra uma nova descoberta sobre a sífilis, que também pode ser verificada nos argumentos do Projeto de Regulamentação: mesmo estando curado dos sintomas, que se manifestaram na forte gonorréia, ele ainda podia transmitir a doença — e o fez. Isso, de certa forma, gera a necessidade de promover, em seus escritos, noções substitutas àquelas que davam a primazia do indivíduo por novas ações que visassem a abordagem social da sífilis. Tais aspectos serão desenvolvidos com propriedade na análise do Projeto, onde, além da percepção de Ulsenius sobre a saúde, as origens da sífilis na Europa serão igualmente discutidas[36].

---

[36] Theodericus Ulsenius (1460-1508) trata do problema da *Morbus Gallicus* em *Vaticinium in epidemicam scabiem, quae passim toto orbe grassatu,* numa obra que mistura tratado, poesia e astrologia. Publicado no ano de 1496, a obra também oferece um novo ponto de vista para a causa da sífilis: apesar de aceitar a punição divina

3.2. Casamento

O universo matrimonial de Restif de la Bretonne traria duas novas figuras femininas para seu acervo de memórias: as duas Agnes, mãe e filha, esposa e sogra.

> Mas a caminho de Courgis, como tantas vezes viajei quando amava Jean... Claro, uma multidão de reflexões me dominou! A primeira a vir foi a diferença da mãe de Agnes em relação a Jeannette. A primeira era uma dissimulada, uma mulher sem moral, em que eu não podia confiar. A segunda era uma mulher como minha mãe, econômica, compreensiva e com tanta probidade quanto bondade (6ª. Época, p. 111).

O casamento não traz a Restif a satisfação íntima que tivera com os romances passados. Colette Parangon lhe trouxe a compreensão de sua persona de forma total, levando em consideração a construção íntima do erotismo. Anteriormente, Jeannette Rousseau lhe proporcionou a descoberta do feminino para além da família, ou seja, para além de sua própria vivência afetiva e da constituição das relações de poder e de participação econômica. No caso do casamento, este introduz para Restif — conforme se vê na citação acima — uma visão particular sobre o casamento *como instituição e como práxis*. Para Restif, essa dupla experiência apresenta um desenvolvimento dinâmico independente.

Quando do entendimento do casamento como instituição jansenista[37], Restif manifesta a organização do *óikos* como a forma de ordem político-econômica onde há a figura da mulher como aporte. Dessa forma, o elemento feminino traz consigo um conjunto de características (como a direção do espaço doméstico com vistas à formação das relações entre diferentes unidades produtivas) complementares à atuação do masculino na polis. O casamento como práxis diferiria desse aspecto no sentido de estar relacionado à experiência do feminino como insumo econômico inserido em uma lógica na qual as regras da intimidade — ou ainda, as

---

para a soberba europeia, Ulsenius oferece a ideia da conjunção planetária de 1484 e 1485 como causas possíveis. A explicação astrológica era empregada para associar a influência dos astros em partes do corpo para que pudessem ser facilmente compreendidos na descrição da relação sexual como o meio principal de transmissão da sífilis. A escolha também utiliza o método informativo já utilizado: os panfletos, principalmente na Alemanha, onde Ulsenius escreveu o *Scabiem*, traziam impressas representações astrológicas. O trabalho de composição astrológica encontrou grande aceitação popular com Johannes Stabius (1468-1522), cartógrafo do mesmo período, (BIETENHOLTZ, DEUTSCHER, 2003).

[37] Sobre a santidade do casamento na prática jansenista, a instituição era valorizada e estimulada. *Avec la sanctification du mariage et la possibilité d'y atteindre l'état de perfection, le problème posé par la nature fondamentalement peccamineuse de la pratique sexuelle a perdu de son acuité. Il n'est plus nécessaire de mettre cette question en avant : la légitimité de la sexualité conjugale ne fait plus problème, bien au contraire, puisqu'elle est devenue une pièce essentielle du mariage chrétien. [...] Dans le Catéchisme de la dévotion de l'oratorien Clugny, bien que le mariage soit "non seulement saint, mais sanctifiant", la chasteté lui est supérieure : "Une perpétuelle continence ou une vertueuse viduité sont plus propres à avancer dans la perfection chrétienne que le mariage"*. (DAUMAS, Maurice. La sexualité dans les traités sur le mariage en France, XVIe-XVIIe siècles, *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, vol. n. 51-1, n. 1, 2004, p. 7-35).

regras do espaço libertino (*Parthénion*) — são subordinadas duplamente a uma categoria mercado e a uma categoria moral. A inscrição econômica do corpo, diferente das relações sociais nas quais o corpo se inscreve, introduz o corpo como instrumento provido de valor e, portanto, integrante ativo das relações de troca naquela sociedade, significando o corpo como sujeito e objeto econômico.

O casamento sucede a primeira experiência de Restif com a sífilis (a segunda se dará no período pré-revolucionário). A vida matrimonial se torna cada vez mais complicada graças aos baixos valores recebidos por Restif no trabalho gráfico (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 5ª Época p. 126), em torno de 3 *livres* por semana. Não havia problema quando o espaço doméstico era compartilhado entre os impressores iniciantes, No entanto, após o casamento, Restif passa a pagar os encargos apenas com o salário semanal, criando uma rotina de privação extremamente insatisfatória para Agnes, que se ressentia das marcas que a pobreza trazia — a parca comida, as roupas rotas, a sujeira. A situação fica mais complicada quando Agnes começa a trabalhar com pequenas costuras, em 1761 (ROCHE, 2004, p. 324).

A situação de Agnes salienta em Restif algo que era anterior ao casamento. Mãe e irmãs sempre foram parte do trabalho da fazenda La Bretonne, e Restif, desde a primeira infância, tinha formada uma impressão sobre o papel feminino, estritamente relacionado ao trabalho (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 1ª Época, p. 24). O casamento oferece a Restif a mesma experiência sobre a subordinação da mulher a certo trabalho, que por sua vez estava subordinado ao trabalho dos homens, no que depois será matéria de um novo projeto de regulamentação em *Les Gynographes*:

> Os dois sexos não são iguais; lhe igualar é negar-lhes a natureza. É esse, portanto, o grande axioma de nosso século. Ouçamos as pérolas ditas por nossos solteiros: As mulheres ver-se-iam ter a mesma educação que os homens, elas têm igual capacidade, devem estudar as mesmas ciências, além da delicadeza... E mil outras futilidades. Se é falso que haja igualdade física entre os sexos; e que se deva estabelecer igualdade moral, e as diferenças dos homens, mesmo as mais pronunciadas, não são capazes de comprovar nossa inferioridade, mas o respeito, a moderação do Forte em relação ao Fraco (RESTIF DE LA BRETONNE, 1777, p.41).

A carta entre as Senhoras D'Alzan e Des Tianges ainda trata das questões do trabalho feminino, que está circunscrito principalmente à ideia do feminino, mas não à ideia do trabalho indigno ao homem: para ser mais dedicada aos trabalhos da casa e aos ofícios femininos, o hábito da leitura e escrita não deveria ser estimulado por ser um elemento disruptiva na formação da mulher ideal (p. 44-50). Ainda que em um projeto posterior, as mesmas proposições já se encontram presentes em O Pornógrafo. Ali estão as mesmas personagens da porção epistolar — para que apresentem a funcionalidade de personagens desenvolvidas, e não apenas para servir

como plano de fundo para o projeto de regulamentação em sua exposição — e o desenvolvimento das ideias nos projetos posteriores das Ideias Singulares segue a ideia central da reforma do Reino da França, revolucionária sob certos aspectos, mas sem o compromisso, portanto, de uma revolução como a que germinava nos anos de escritura de O Pornógrafo.

4. Idées Singulières

A formação do utopista reformista passa pela formação de seu leitor. A série *Idées Singulières* teve início em 1769 com O Pornógrafo, como obra inaugural. A última publi- cação de um projeto de regulamentação e reforma ocorre em 1789, com a publicação de *Le Thesmographe*, em 1789. A série apresenta o mesmo conjunto de personagens, a mesma estrutura narrativa no romance epistolar e a mesma dinâmica, onde um problema íntimo levará a uma reforma moral e política de certa face da sociedade parisiense.

A construção da série, com seu aprendizado como revisor e suas experiências como escritor se dá entre os anos de 1761 a 1769, quando Restif de la Bretonne forma sua obra, métodos de composição e impressão e também os modelos de apresentação de suas ideias. Por meio desse processo é possível conceber um Restif com traços singulares, levando em consideração seus contemporâneos, como um homem que cultivava certas condutas vindas de sua história. É importante a compreensão de que a obra de Restif de la Bretonne é pessoal, autobiográfica e ficcional, sendo que todos esses elementos certamente serão encontrados em todos os escritos, ainda que em diferentes formatos (TESTUD, 1977, p. 32-33). Quanto ao leitor, a maior indicação de sua formação intelectual vem do próprio Restif, que descreve as leituras do jovem Nicolas-Edme até os diversos interesses do revisor tipográfico Restif.

A pequena biblioteca jansenista vai paulatinamente sendo substituída pelos escritos eróticos, cujo interesse surge no acesso à pequena biblioteca em Courgis, em 1746. A partir daí, a construção de uma trajetória de leitura e estudos se torna mais fluida, em consonância com o aspecto ficcional das notas autobiográficas. O Pornógrafo traz dados de uma pesquisa *impromptu* feita durante o processo de escrita, assim como nos demais volumes da série das Ideias singulares há a possibilidade de localizar pesquisas específicas nas citações e notas de rodapé de cada texto, como subsídio para o argumento central. No entanto, Restif não se considerava um autor erudito ou alimentava a intenção de sê-lo. As fontes que apresenta para sustentar suas teses são relacionadas com períodos de sua vida, momentos onde as leituras tiveram uma relação íntima com seu estado de espírito ou com os acontecimentos em seu entorno.

Dessa forma, as fontes variam dos clássicos aos manuais técnicos e dissertações sobre o espaço físico europeu, À guisa de exemplo, não foi possível associar a obre *De Agri Cultura* com nenhuma das bibliotecas às quais Restif tivera acesso anterior, excluindo-se, daí, um interesse espontâneo pelo trabalho sem que houvesse a necessidade de consulta para um certo fim. O que é possível compreender daí é que, apesar de a pesquisa ter sido essencial, a leitura era proveniente de uma relação interlocutória com seus primeiros anos. A vida em La Bretonne contribui para a formação de um entorno; e os elementos que formam uma ideia de campo, vida campesina, trabalho rural e desenvolvimento econômico rural têm na pesquisa a oportunidade de resolução. Além disso, esse conjunto que Restif chama de "*les paysans*" constitui uma das personagens de O Pornógrafo.

As leituras relacionadas à fazenda e seu modo de produção foram concentradas na definição da vida econômica e na possível intenção pedagógica na ideia de "o campo para os camponeses" e a defesa de um modo de produção resgatado da produção da vinha em Roma. Uma das fontes é a obra *De Agri Cultura*, de autoria de Marcus Portius Catão (234-149 a.C.), onde a defesa da organização da propriedade e a utilização de um método de gestão e aproveitamento dos recursos da propriedade são apresentados. Ao mesmo tempo, Cato, o Velho faz uma crítica às práticas comerciais de negócio de produtos agrícolas e a cobrança de juros. A prática da usura era proibida pela lei romana, conforme o texto de abertura. Todo o primeiro capítulo funciona como manifesto à exploração do produtor, passado o texto a seguir para a educação do produtor sobre as culturas, as formas de produção e os cuidados com a terra[38]. A leitura da primazia da produção e da constituição de uma moral camponesa passam também pela proposição de uma ética do campo, que Restif tenta constituir em O Pornógrafo, não totalmente dissociado de sua experiência rural.

As mulheres formam um outro grupo constante nas Ideias Singulares. A formação do argumento encontra a relação entre a autobiografia de Restif e a construção de um pensamento moralizante que tem início em O Pornógrafo, mas se realizará de fato em *Les Gynographes* (1777). Fato importante é que, apesar de as mulheres estarem no centro da construção argumentativa da reforma, o projeto é feito para a moralização dos homens como efeito final (RESTIF DE LA BRETONNE, 1770, p. 75-95). O debate sobre os inconvenientes da prostituição tem como objetivo central resolver, da mesma forma que no tópico anterior, parte de sua autobiografia, naquilo que constituiria inconveniente para a mudança na sociedade francesa, sem,

[38] *Mercatorem autem strenuum studiosumque rei quaerendae existimo, verum, ut supra dixi, periculosum et calamitosum.* [O comerciante é considerado um indivíduo energético, cheio de estratégias e fadado a fazer dinheiro; porém, como já dito, é uma carreira perigosa e sujeita ao desastre.] (CATÃO, I, 2). Tradução minha.

entretanto, mover suas estruturas.

4.1. Um reformista, antes de tudo

As reformas propostas apresentam uma constante: todas as propostas passam, necessariamente, do discurso privado à decisão pública. Dessa forma, a reforma tende a propor soluções para questões que pertencem, essencialmente, à esfera íntima. Eis, então, o escopo dinâmico do romance, que parte da *reforma moral*, ou seja, o reconhecimento das questões íntimas, da ação individual que, ao serem associadas a um coletivo, se tornam problemas sociais. Esses mesmos problemas, relacionando-se a um conjunto de características do ambiente onde a sociedade se insere, dão início a um processo de responsabilização da intimidade como um problema social. A necessidade de se estabelecer uma nova ética de relações que contemplem o problema moral que danifica o ambiente coletivo faz a proposta do projeto de reforma.

Enquanto Tocqueville propõe um conceito de revolução que considera o período no qual Restif de la Bretonne compôs a série das Ideias Singulares, um conceito de reforma parece apresentar maior dificuldade para ser delimitado. André Gorz (1967) introduz a reforma como um movimento onde a modificação no costume envolve uma transformação técnica com necessárias consequências no modo de produção. A reforma passaria do estado de transformação ao estado de reforma não-reformista (*de facto*) ao admitir uma construção de classe sem que as mudanças técnicas garantissem reflexo na organização de classes (GORZ, 1981).

A noção de reforma como mudança relacionada aos meios de produção e apropriação do excedente é central nas *Idées Singulières*. Há que considerar, igualmente, a presença da esfera íntima que interfere na modificação do coletivo, gerando um fenômeno de retor- no, mas de um retorno jusnaturalista, ou seja, independente da vontade.

> Sem dúvida, ainda é uma questão, de acordo com os títulos propostos por Rétif de la Bretonne, de ideias singulares, fruto dos pensamentos de um homem honesto ou de duas mulheres honestas (…) não se relacionava à instituição ou se definia como norma. O aparato narrativo que envolve os projetos retivianos da reforma, em múltiplas articulações nos textos românticos, não deve ser uma ilusão. Se ele tende a inscrever a finalidade política dos projetos de reforma dentro dos limites do desejo, da vida privada e do sonho, ele mostra amplamente que a fronteira entre discurso privado e decisão pública permanece amplamente imprecisa e sujeita a deslocamentos e violações (BACZKÓ, 1989, p. 99)[39].

[39] *Sans doute, s'agit-il encore, à en croire les titres proposés par Rétif de la Bretonne d'idées singulières, fruit des pensées d'un honnête homme ou de deux honnêtes femmes (...) Rien qui renvoie alors à l'institution ou qui se definisse comme une norme. L'appareil narratif qui envelope les projets rétiviens de reforme, articulations multiples sur les textes romaneques ne doit pas faire illusion. S'il tend à inscrire la finalité politique des projets de reforme dans les limites du désir, du privé et du rêve, il montre amplement que la fronteire entre discours privé et décision publique demeure largement imprécise et sujette à deplacement et violation.* Tradução minha.

Assim, o Restif de la Bretonne reformista tende a buscar uma ética da *pornognomonie*, assim como busca estabelecer um sistema jurídico-político que assegure um funcionamento administrativo e que permita à ética anterior manter seu funcionamento pleno. No intuito de criar um sistema que viabilize a reforma total dos dois grandes aspectos da vida parisiense — a moral e a economia —, Restif recorre ao uso de aparatos já existentes na organização de Paris. Características como a solução de problemas referentes à organização das sociedades sem, entretanto oferecer mecanismos para a mudança, além da concepção de uma vida privada política que, pela primeira vez, mistura *polis* e *óikos,* viriam, pouco mais de meio século mais tarde, a encontrar apoio na construção do pensamento de François-Marie Charles Fourier, Robert Owen e do Conde de Saint-Simon, na primeira metade do século XIX.

Sobre Owen, Engels (1999, p. 76) escreve:

> Foi assim, por esse caminho puramente prático — resultado, por dizê-lo, dos cálculos de um homem de negócios que surgiu o comunismo oweniano, conservando sempre esse caráter prático Assim, em 1823, Owen propõe um sistema de colônias comunistas para combater a miséria reinante na Irlanda e apresenta, em apoio de sua proposta, um orçamento completo de despesas de instalação, desembolsos anuais e rendas prováveis. E assim também em seus planos definitivos da sociedade do futuro, os detalhes técnicos são calculados com um domínio tal da matéria, Incluindo até projetos, desenhos de frente, de perfil e do alto que, uma vez aceito o método oweniano de reforma da sociedade, pouco se poderia objetar, mesmo um técnico experimentado, contra os pormenores de sua organização. O avanço para o comunismo constitui um momento crucial na vida de Owen. Enquanto se limitara a atuar só como filantropo, não colhera senão riquezas, aplausos, honra e fama. Era o homem mais popular da Europa Não só os homens de sua classe e posição social, mas também os governantes e os príncipes o escutavam e o aprovavam. No momento, porém, em que formulou suas teorias comunistas, virou-se a página. Eram precisamente três grandes obstáculos os que, segundo ele, se erguiam em seu caminho da reforma social: a propriedade privada, a religião e a forma atual do casamento.

A criação de Restif como reformista e utopista serve como fonte para um período em que foi feita uma tentativa de aplicação dos projetos. No caso de O Pornógrafo, a importância da crítica à moralidade vigente, às formas de produção, à religião como mediadora desses elementos e, principalmente, ao proprietário. Ao fazer tais críticas, Restif propõe uma reforma da burguesia, mas não uma revolução.

A publicação de *La famille vertueuse* em 1765 abre um período de 10 anos onde Restif publica 25 volumes, sendo *La famille* sua primeira experiência com o romance epistolar. A composição tipográfica não facilitava a estrutura argumentativa do texto, o que poderia ser resolvido pela troca de cartas.

> A julgar pelos padrões de causalidade e lógica interna pelos quais vimos Diderot advogando, a estrutura da trama de Restif é fraca. Obviamente, ele tentou fazer com que

> os eventos dependessem da personalidade e não de causas externas, mas isso significa, entre outras coisas, que os personagens perversos se envolvem em intrigas e maquinações que tornam a história mais complicada e menos plausível. E nessas intrigas, como em outros lugares, há um uso generoso de escutas por coincidência, disfarces, encontros casuais e afins. (MYLNE, 1965, p. 228)[40].

É dessa forma que Restif constrói, a partir do romance epistolar, o enredo para a apresentação do projeto de regulamentação. Não havia a intenção, entretanto, de que o projeto fosse aplicável ou aplicado em quaisquer circunstâncias ou em qualquer modelo de sociedade. Henry Forrest já o havia dito em "*A dream of Reform*" (1848, p. 410) "*Human nature is imitative, and in no other case is that fact so stricking as between the patrician and royalty*". O trecho acima se refere à inserção cômica das caricaturas de reis e nobres nas sociedades reformadas, mas porque a reforma seria um sistema de constituição de pensamento que não necessariamente implicaria em mudança prática de qualquer estrutura social ou de qualquer relação entre as classes. Da mesma forma, Restif não prepara os textos das Ideias Singulares pensando em sua aplicabilidade, ma propondo um formato para uma classe emergente, para suas práticas e sua organização, o que vinha sendo construído nos textos.

De fato, Restif aprimora, após *La Famille Vertueuse*, o uso do romance epistolar é escolhido no sentido de auxiliar no estabelecimento dessa linha de pensamento, enquanto permite ao leitor o conhecimento acerca do dado pertencente à esfera privada que virá a sustentar a apresentação da reforma. É possível associar sua preferência por esse estilo à leitura da obra de Jean-Jacques Rousseau — *Émile* teve grande impacto sobre a forma como Restif percebia a educação (LANSELLE, 2006). Um importante volume das Ideias Singulares é *L`Éducographe: Le Nouvel Émile, ou L`Éducation-pratique* (1770), que trata do processo de educação desde a infância ao estudo dos elementos dos quais são feitas as coisas. O projeto de reforma da educação diverge do texto de Rousseau quanto à proposta central. Em Émile, Rousseau diz, sobre a construção política da discussão sobre a educação:

> Falarei pouco da importância de uma boa educação; nem me deterei tampouco em provar que a que se pratica é má; mil outros o fizeram antes de mim, e não me agrada encher um livro com coisas que todo mundo sabe. Observarei tão-somente que desde sempre todos se opõem ao estabelecido, sem que ninguém pense em propor coisa melhor. A literatura e o saber de nosso século tendem bem mais a destruir que a edificar. Censura-se em tom de professor. Para propor é preciso outro, em que o nível filosófico se compraz menos. Apesar de tantas obras que só têm como objetivo, dizem, ser úteis ao público, a primeira de todas essas utilidades, que é a arte de formar os homens,

[40] *Judging by the standards of causation and internal logic which we saw Diderot advocating, Restif 'splot structure is weak. He has obviously tried to make events depend upon personality rather than outsider causes, but this means, among other things, that the wicked characters engage in intrigues and machinations which render the storyline more complicated and less plausible. And in thses intrigues, as elsewhere, there is a lavish use of coincidence eavesdropping, disguises, chance metings and the like.* (MYLNE, 1965, p. 228). Tradução minha.

> permanece esquecida. Meu assunto era totalmente novo depois do livro de Locke e receio muito que continue a sê-lo ainda depois do meu (ROUSSEAU, 1979, p. 7).

Já em *L'Éducographe*:

> Cidadãos, como portam o nome de seus pais, as causas da felicidade ou do infor- túnio não estão mais em si mesmas; ambos dependem de seus filhos: é neles que você deve procurá-los. Pastores das Nações, ó Reis, se do mais baixo ao mais alto estado os povos dos quais vocês são os chefes não conhecem e amam os deveres impostos pela natureza, seus tronos estão mal assegurados: um mau filho não pode ser um súdito fiel. A educação faz o homem social e é provavelmente inútil ao homem que vive sozinho, mas onde está esse homem? Em ambos os hemisférios, o homem civilizado, como o homem selvagem, vive em sociedade, possui obrigações, presta e recebe serviços, conhece um centro de reunião: este centro, entre certos povos, é o corpo da Nação. Em outros, é representado por um homem elevado, um homem de confiança. Tal homem não é o mestre do Estado; mas é preciso servi-lo, honrá-lo, falar com ele como se ele fosse; pois todo indivíduo que fala com ele encontra em sua pessoa toda a extensão do poder, toda a majestade da nação reunida. E é neste princípio luminoso que o homem sensato, selvagem ou civilizado, baseia seu respeito e sua obediência no chefe estabelecido: uma base sólida, preferível às ideias teocráticas do índio e de quase todos os habitantes da África e da Ásia: não é a Divindade que o Soberano representa; seria uma blasfêmia, um crime contra a humanidade fazê-lo; porque isso serviria para dar razões ao déspota, e para fazer todo governo de um único sujeito a arbitragem. É o encontro do poder social que o soberano faz; este direito de príncipes sucessivos ou legalmente eleitos é o único sensato, como o único legítimo (RESTIF DE LA BRETONNE, 1770, T. I, p. 1).

A admiração por Rousseau é evidente na temática: a convivência do indivíduo que permita a vida numa sociedade corrupta, sem que o mesmo indivíduo ali se corrompa. A Rousseau interessava a educação como processo, como algo ainda a ser feito dentro de uma definição de cidadania, ainda em formação na França (BOYD, 1911, p. 172). Já o trecho de Restif revela algo para além da admiração, pois não era a proposta da educação na construção do cidadão, mas a imposição de uma proposta de formação de indivíduos mais bem posicionados num estado social já consolidado e em funcionamento. Isso reafirma a ideia de que a Restif, a mudança era a perturbação do andamento natural de um projeto social que se fundamentava nas classes já existentes. Não um revolucionário; um reformista do reino da França, para o estabelecimento de um *locus*, de uma práxis e de um *éthos* da burguesia, sendo estes os elementos centrais da análise da presente dissertação.

Enfim, os anos de 1761 a 1769[41] são anos de família. A constituição da família virtuosa começa com o nascimento de sua primeira filha, Agnès Rétif e o fim de sua segunda estadia com M. Fournier. Chega a Paris em junho, onde muda de emprego diversas vezes até encontrar uma posição como impressor na Imprimerie Royale. Ao final do ano de 1761, sua segunda filha, Marie Rétif, que morrerá antes de completar 2 anos de vida. A perda da filha faz com que Restif dê início à preparação da história de sua vida, plano que é quase prontamente

[41] A Societé Rétif de la Bretonne oferece os dados biográficos utilizados no trecho que segue. Disponível em: http://retifdelabretonne.net/decouvrir-retif-de-la-bretonne/ Acesso em: 12/06/2019.

abandonado ao nascimento, em 1763, de Babiche (Élise), que também morrerá ao chegar aos 7 anos. Nesse mesmo ano morre Edme Rétif e Restif retorna à Sacy em 1764 para a partilha da fazenda, que será administrada por Pierre Rétif.

> Perdi meu pai, que morreu no dia 16 de dezembro de 1763. Eu não pude, por falta de meios, ir até lá e fechar as pálpebras daquele digno homem. Não voltei para minha boa mãe antes da Quaresma de 1764, carregando apenas doze francos para a minha viagem, e deixando apenas seis em casa… Encontrei em Sacy todos os meus irmãos e cunhados. Os trâmites foram feitos em três semanas, mais mal do que bem. Machuquei minha perna enquanto carregava minha filha Agnes e voltei para Paris. Agnès Lebègue havia feito dívidas na minha ausência. Tive que pagar na chegada (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 6ªÉpoca, p. 191).

Ainda em 1764, Restif encontra um novo trabalho na impressora de Jacque Quillau, onde volta a se estabelecer financeiramente e encontra, pela primeira vez, duas vitórias: o nascimento de Marie-Anne Rétif (Marion) e o início da preparação do texto de *La Famille Vertueuse.* A revisão do texto ocorrerá em 1766,

> Meu trabalho consistiu em: Primeiro, ler todas as primeiras provas; Em segundo lugar, vigiar as impressoras, obrigá-las a fazer um bom trabalho e observar e combinar todos os personagens. Terceiro, preservá-los; renová-los; Quarto, para dar gosto aos compositores, pelos títulos e disposição da obra; quinto, para fazer os preços com os operários e com o banco no sábado; sexto, para garantir que os trabalhadores não se tornem onerosos; em uma palavra, para poupar também os interesses do mestre e do companheiro: ver e corrigir eu mesmo os terços; isto é, a última revisão, após a qual o trabalho passa sob a prensa, e depois passa ao público, sem ser revisado pelo autor — certamente a mais importante, e a mais cansativa de todas as funções; oitavo, de tratar de negociar, o que deveria ser obrigação do burguês, mas ele se dispensa voluntariamente, a viver em um descuido geral, apenas dando uma espiadela em seu produto e suas receitas uma vez por semana; nono, para compor todo o grego das diferentes obras. Eu prestei toda a atenção ao papel, a, limpando da prensa, trabalhando todos os domingos, enquanto os aprendizes trabalhavam nos feriados. Somos frequentemente obrigados, na imprensa, a trabalhar aos domingos; me metia no trabalho especialmente quando era latim, como teses de medicina ou da universidade. (p. 196-197).

É o início do escritor. Em 1768, vê-se o mesmo processo de confecção das obras, em dois ou três volumes, às vezes sendo escritas concomitantemente ou uma obra sendo substituída por outra mais urgente. De uma forma não-linear, Restif constrói uma produção textual frenética que segue até o fim do século XVIII, com obras sendo feitas desordenadamente. Após *La Famille Vertueuse*, feito em quatro volumes, Restif de la Bretonne publica *Le pied de Fanchette*, em 1768-69, em dois volumes; *Lucille, ou Les Progrès de la Vertu*, também de 176, em volume único. *La Confidence Necessaire* (em dois volumes), *La Fille Naturelle* (dois volumes) e O Pornógrafo (volume único), são todos de 1769.

O Pornógrafo começa a ser preparado em 1767, a partir da descoberta de Restif sobre as diferenças, vantagens e desvantagens da prostituta em relação às amantes:

> Eu tive então um prazer singular, desconhecido desde então, e não foi inútil para mim: era entrar nos becos das moças públicas mais elegantes, ir até o apartamento delas, geralmente aberto, para me apresentar brevemente e observar como, nessas casas, cada uma, de acordo com seus caprichos bizarros, ultraja a natureza (p. 153).

A importância desse momento é a declaração da existência concomitante do outro Restif de la Bretonne, cronista da noite parisiense, que surgia como surgia o reformista. Obras como *Les Nuits de Paris* serão elaboradas apenas no período da Revolução, quando se cala a urgência das reformas. O Pornógrafo se constitui, portanto, como esta dissertação se propõe a analisar, de elementos autobiográficos, do pressuposto inicial que é retirado da vida privada de Restif de la Bretonne, da necessidade da manutenção do *status quo*, mas da reforma das classes para que tal manutenção seja possível. Para tanto, o trabalho com as fontes trazem o resgate de uma leitura da Antiguidade, o que também alimenta o questionamento sobre a situação de O Pornógrafo no gênero utópico. Assim, passa-se ao início da análise para verificar as etapas da composição do texto e de como as fontes utilizadas respondem à pergunta aqui feita, traçando uma trajetória que vai das origens da pornografia como inscrição e registro de uma prática social até uma proposta de análise do projeto de regulamentação, ou da reforma, como parte constituinte do gênero utópico, ainda que não venha a constituir utopia *per se*.

Capítulo II

Pesquisas, ensaios e análises

O início das pesquisas e da maior atividade de teóricos no que concerne à obra de Restif de la Bretonne acontece durante a década de 1970, principalmente sob a influência dos trabalhos de Pierre Testud (1977), que propõe a leitura e crítica das obras completas de Restif de la Bretonne. Pierre Testud também é membro colaborador do Conselho Administrativo da Société Restif de la Bretonne, fundada em 1985, bem como da *Revue Études Rétiviennes*, cujo primeiro número é lançado entre 1985 e 1986[42].

O trabalho desse autor começa com a publicação de *Restif de la Bretonne et la création literaire* (1977) e segue nas publicações de *Études Rétiviennes*. A leitura crítica de Monsieur Nicolas é o elemento central da análise de Testud e sua relação com as escolhas feitas por Restif de la Bretonne quanto ao tema e composição de seus textos. Ainda que essa análise minimize o impacto das flutuações autobiográficas quanto aos elementos familiares e da apreensão de Restif sobre seu entorno, Testud recupera e considera longamente a participação feminina nas obras em dois importantes aspectos: a inspiração e a audiência. Um ponto importante sobre a relevância do trabalho de Testud sobre a criação de Restif está na análise do gênero literário como uma hibridização de subgêneros, onde o *roman epistolaire* predomina com o elemento pedagógico e o teatral e que, juntos, denotam uma missão moral à criação: apenas a criação literária satisfaria a essência do ser, uma vez que não é mister retratar a realidade, mas corrigi-la (LAFARGE, 1979). Dessa forma, a mulher como inspiração participaria, na criação literária, da correção da realidade, por tratar-se do elemento central da obra e, no exercício de composição imaginativa, se transformava de real a uma proposição de Restif para a mulher da audiência, criando um fluxo de comunicação entre realismo e idealismo.

Na verdade, a escolha pelo *roman epistolaire*, na análise proposta por Testud, engloba a necessidade do didatismo para a realização na obra da importância da família e da vida em comunidade. Pierre Testud aponta a necessidade de Restif em narrar a dor da precariedade individual em um mundo onde a moral é constantemente transformada pela presença da burguesia como classe que participa do conjunto de valores alijado daqueles que pertencem à

[42] *Société Restif de la Bretonne*. Disponível em: http://retifdelabretonne.net/category/sommaires/ Acesso em: 03/09/2019.

ancestralidade nobre ou aristocrática e são por ela dados à vida social. Somando-se a isso está a criação literária como composta por um corpo místico que pretende, por meio da recuperação do passado, a adequação da moral burguesa ao ritualismo nobiliárquico: "*Rétif s'aventure hardiment au coeur de ses fantasmes, recréant sa vie autour de l'épanouissement des régions obscures d`être*" (TESTUD, 1977, p. 352)[43].

Restif de la Bretonne escreve, em síntese, histórias de formação com um forte propósito moralizante direcionado a questões sociais. A preocupação com os temas da saúde, por exemplo, é desenvolvida com especial atenção à esfera individual. O problema burguês é um problema da ordem do indivíduo, sendo obrigatória a reforma moral, mas não a ação social — esta, da ordem do monarca. Restif retira do Estado aquilo que é social e o situa na esfera moral e individual. Pierre Testud associa tal movimento às escolhas literárias de Restif, onde o *roman epistolaire* elimina a necessidade de um narrador-tutor que faria a organização da formação pedagógica do leitor. Ao contrário, diz Testud, a ausência desse narrador leva à compreensão dos textos de Restif como "empreendimento existencial" (2002, p. 14) que se fundamenta em dois fatores centrais: o pedagógico e a autobiografia.

1. Debates

A fragmentação filosófica é um dos pontos constituintes da proposta de análise de Testud como elemento de composição na literatura retiviana. O uso das fontes é condicionado aos efeitos do didatismo que se soma ao erotismo de certa forma "funcional", isto é, às formas de escrita subordinadas a um ponto de vista erótico, mas sem que seja esquecida a função pedagógica primordial. As tensões de gênero de *Idées Singulières* exploram o tema do libertinismo e das causas do libertinismo, considerando-o um mal moral. A solução da moral encontra argumentos filosóficos, indissociáveis do romanesco (TESTUD, 2002, p. 17), o que, talvez, poderia explicar a apropriação das fontes e das citações com grandes equívocos de publicação, transcrição ou tradução de O Pornógrafo. Nesse texto, Marcial é uma das fontes mais utilizadas em O Pornógrafo, mas é frequente a necessidade de correção nas notas de Restif, o que oferece indicativos de que a atenção do autor estava na apropriação romanesca das fontes, muito mais do que estava na correspondência entre ideia e texto. Os autores com os quais dialoga

[43] É necessário corrigir a grafia do trecho. O *Epigrammaton Martialis* apresenta-o como *Cur tantum eunuchos habeat tua Caelia, quaeris, Pannyche? Volt futui Caelia nec parere.* "Não te perguntas, Pannicus, por que sua amada Celia tem consigo apenas eunucos? Ela deseja o prazer, mas não deseja parir". Tradução minha.

Restif de la Bretonne são citados com pouca atenção, pois o conteúdo da citação deve ser necessariamente incorporado ao desenvolvimento do romance.

É também matéria de Pierre Testud, ainda em relação à série *Idées Singulières* mas não exclusivamente sobre ela, a dicotomia entre ruptura e lealdade (2002, p. 22). A integridade do romance estava na relação direta com a criação — que é entendida como uma construção da relação entre autobiografia e o talento imaginativo de Restif. Ao mesmo tempo em que Restif era leal a sua autobiografia, os arroubos imaginativos distanciavam-no dos fatos, ainda que os personagens e locais fossem os mesmos. Da mesma forma, Restif rompe com a realidade das noções de bem-estar social observáveis nas grandes metrópoles europeias enquanto permanecia leal ao poder político e realizava, ao mesmo tempo, a transferência dos deveres sociais para o campo da moral.

O mesmo trajeto teórico foi feito por David Coward, crítico de literaturas francesas do século XVIII, autor de *The Philosophy of Restif de la Bretonne* (1991), onde a proposição argumentativa é feita sobre O Pornógrafo, especificamente, e a participação da prostituição como fenômeno social. Nesse texto, Coward analisa a apropriação literária de Restif não como uma crítica à figura da prostituta como vetor de uma ideia de imoralidade ou de vício, mas como vítima de condições sócio-históricas, conforme ele próprio o demonstra em suas Notas Históricas, onde faz o trajeto de progressão do estatuto da prostituição entre os gregos e os romanos, passando pelas invasões bárbaras até a França do século XVIII e demais nações europeias. Mesmo trajeto é feito com a Alemanha, a Suíça e a Inglaterra.

Paralelo ao trabalho de Coward, o crítico Peter Wagstaff publica, em 1996, em *Memory and Desire: Rétif de la Bretonne, Autobiography and Utopia*, que, de certa forma, desafia a classificação de Restif de la Bretonne como um cronista autobiográfico. O trabalho de situar, em sua trajetória como um escritor autobiográfico, as contradições de seu mundo para a constituição das utopias e dos projetos de reforma seria mais significativo para a análise da obra do autor. Wagstaff apresenta, como conclusão, a proposta de inspiração na autobiografia e as tentativas frustradas de ajustamento entre o real e a memória proporcionam, basicamente, o fracasso dos projetos e das utopias como formas de reordenamento do mundo, não sendo, entretanto, independente da expressão dos desejos que encontram raízes em sua infância, que depois se condensaram em fantasias incestuosas. O tema incesto foi desenvolvido por Restif em *La Ingénue Saxancour, ou La Femme Séparée* (1789).

> Os escritos de Rétif estão saturados não apenas de uma promiscuidade profunda e extensa, expressa nos termos sexuais mais óbvios, mas também pela inquietação

> incessante de Nicolas, enquanto ele se desloca entre Sacy, Auxerre e Paris, da infância à adolescência e à idade adulta, de Jeannette Rousseau a Colette Parangon e todas as outras centenas de mulheres que servem como objeto de desejo e musas para sua criatividade. A escrita, no entanto, narra a promiscuidade e a exemplifica. Se a comunidade ideal de Rétif se baseia em relacionamentos endógamos, com vias ao incesto, o mesmo ocorre com a totalidade de seu trabalho (1996, p. 153)[44].

À influência feminina e ao desenvolvimento dos temas da sexualidade, Wagstaff adiciona os projetos de reforma, como uma etapa anterior ao texto erótico.

> Em certo sentido, a jornada de Rétif é circular. Sua partida de seu início rural — Sacy, a fazenda de La Bretonne — é invertida mais tarde na vida. Seu exílio na cidade, com sua experiência de alienação e desordem, é seguido por um retorno às suas origens (...) Como vimos, também há uma resposta a essas incertezas, ou uma tentativa de resposta, em suas utopias e seus projetos de reforma. A inspiração para esses projetos é clara o suficiente. Deriva das memórias bordadas de Rétif de uma estrutura social na aldeia baseada em uma paternidade industriosa e benevolente (p. 155)[45].

Há um consenso entre os pesquisadores retivianos sobre a relação entre passado e presente. Para Testud, o tempo dos livros de Restif não representa uma linearidade cronológica, mas uma construção que representa um pensamento lógico, onde o tempo não importa. O tempo cronológico permanece estático durante o tempo narrativo, sem que os personagens sofram transformações ou modifiquem sua estrutura psicológica (1977, p. 102). As escolhas narrativas feitas por Restif são exemplos da simplicidade temporal, mantendo seu centro na sequência de ações (2002, p. 16). Relacionam-se a isso os elementos que Pierre Testud enumera como elementos fundamentais da estrutura narrativa das novelas de Restif de la Bretonne:

I. Estruturas simples, onde o desenvolvimento da narrativa depende essencialmente do engajamento do leitor e que foram por Restif considerados distintamente de acordo com os períodos de produção literária. A obra *Le pied de Fanchette* (1769), obra que antecede a série *Idées Singulières*, é preparada utilizando uma estrutura de histórias independentes que, juntas, fazem a descrição dos eventos vividos por Fanchette. Em uma edição posterior, de 1881, a mesma obra apresenta o título de *Contes de Restif: Le pied de Fanchette, ou Le soulier couleur*

---

[44] *Rétif's writing is saturated with a profound and extensive promiscuity, expressed in the most obvious, sexual terms, but also through the incessant restlessness of Nicolas, as he moves between Sacy, Auxerre and Paris, from childhood to adolescence to adulthood, from Jeannette Rousseau to Colette Parangon, and all the other hundred of women who serve as objects of desire and muses for his creativity. The writing, however, does not simply narrate the promiscuity, but also exemplifies it. If Rétif's ideal community is founded on endogamous relationships, lending towards incest,so too is the entirety of his work.* Tradução minha.

[45] *In one sense, Rétif 's journey is a circular one. His departure from his rural beginnings — Sacy, the farm of La Bretonne — is inverted in later life. His exile in the city, with his experience of alienation and disorder, is followed by a return to his origins (...) As we have seen, there is also a response to these uncertainties, or an attempt at a response, in his utopias and his* projets de réforme. *The inspiration for these projects is clear enough. It derives from Rétif's embroidered memories of a social structure in the village based on an industrious and benevolent paternity*. Tradução minha.

de rose. A opção pelo *roman epistolaire*, feita por ocasião das *Idées Singulières*, trabalho posterior a *Le pied,* também oferece um modelo simples, onde os projetos de reforma são o centro da narrativa e seu objetivo. Mais adiante, por ocasião de *Les Contemporaines* (1780-1785), *Les nuits de Paris* (1788-1794) *L'année des dames nationales, ou l`Histoire jour-par-jour d`une femme de la République Française* (1791), apenas como exemplos que não encerram a lista de obras, são escritos com a estrutura de almanaque, ou calendário, onde as histórias são desenvolvidas como fatos diários e consecutivos.

II. A simplicidade das estruturas possibilita que a narrativa seja essencialmente oral. Há, tanto na narração quanto em sua composição linguística, a impressão deixada por Restif de que os textos são histórias orais, conversas, relatos feitos numa interação dialógica presencial. No caso do *roman epistolaire*, essa interação ocorre com as cartas, que facilitam a introdução do projeto de reforma. O diálogo não constitui a parte essencial do romance e, portanto, não é o centro do desenvolvimento da narrativa, mas é utilizado por Restif para apresentar justificativas, fontes, causas e possíveis desdobramentos do projeto, sem perturbar o texto central. Já no caso da estrutura de almanaque, Restif busca o diálogo com o leitor, oferecendo a narrativa como coletânea, calendário (uma história por dia, trívias semanais) ou listas, sem que haja a necessidade do uso de estruturas narrativas que suportem o tema a ser desenvolvido (TESTUD, 2002; COWARD, 1991).

III. Há uma relação entre a palavra escrita e a experiência daquilo que é apresentado no texto. O leitor é informado — na crônica, no *roman epistolaire* ou no almanaque — pelo formato quase jornalístico das novelas da segunda metade de sua produção (após 1790) e pelo didatismo das obras da primeira metade (que se inicia em 1767). A veracidade das informações ou sua fidedignidade não representavam, novamente, o elemento fundamental na narrativa, mas veículos de propagação das intenções do autor. É o caso, por exemplo, da Segunda Carta de D'Alzan, onde, ao argumentar com Des Tianges sobre a persistência de sua esposa quanto à moralização dos costumes, o missivista escreve:

> Agripina, Júlia, deixando de lado a maternidade… Chega! A zombaria vai além do planejado! Tua querida Adelaide certamente não saberia, por esses famosos exemplos, que a humanidade se tem degradado tão indignamente sob os pés enlameados de sua arrogante impudência" (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 24).

Considerando os escritos de Testud, torna-se possível compreender o motivo pelo qual Restif é inexato quanto às suas fontes e suas referências: a exatidão é menos importante que se uso como vetor da mensagem principal, que constitui o ponto de análise deste trabalho. A citação de Agripina e Júlia — principalmente no caso desta última, onde não é possível saber a qual das Júlias do período severiano (193-211 d.C.) ele se referia — está ali possivelmente para

reforçar o argumento pela relação entre a liberdade das mulheres e a promiscuidade incipiente de Roma. Assim, o uso dos elementos periféricos e dialógicos, textuais e extratextuais, têm o objetivo de servir como estruturas facilitadoras, mais do que instrumentos argumentativos.

2. *La romanesque* e sexo

Ainda que a ação rápida seja o centro do gênero textual novela, no sentido de apresentar, de forma curta e objetiva, um drama cuja solução se dará em seu desenvolvimento, não é próprio à novela o elemento jornalístico *stricto sensu*. Com a intencionalidade moralizante de Restif de la Bretonne, a novela assume algumas características que aqui estarão compilados de acordo com a abordagem de seus comentadores, com o objetivo de dar início ao formato de O Pornógrafo de acordo com a forma e seus elementos textuais. O mais flagrante deles, conforme já mencionado, é o caráter jornalístico das novelas, com a presença de elementos orais, no sentido de que o texto poderia representar um diálogo falado e não somente escrito. O ato de contar fazia parte da construção das narrativas — a própria forma de receber os temas para as histórias tinha origem nos atos de fala: o que não fora recebido em La Bretonne como anedotas ou os exemplos recebidos dos adultos acabou sendo recebido mais tarde com a vida cortesã, onde ouvia pequenos mexericos e anedotas, e aquilo que observava nas ruas de Paris no período pré-revolucionário e que depois seria transformado no texto de *Les Nuits de Paris.* Tais historietas eram escritas com pouca fidelidade à realidade, mas uma intensa relação com a forma como Restif observava esse real.

Restif de la Bretonne é um autor complexo na totalidade de sua obra e dificilmente poderia ser definido dentro de um gênero, em especial pela pluralidade de gêneros textuais — crônica, projetos, cartas, novelas, romances eróticos, notícias, poemas, relatórios —, o que faz com que Restif de la Bretonne simbolize um entregênero (LANSELLE, 2006). É certo que Restif publica seu primeiro volume em 1767 (*La Famille Vertueuse*), 15 anos antes da recuperação do termo *romantique* por Jean-Jacques Rousseau no texto *Rêveries du promeneur solitaire* (1782) (LE BOURGNE & TESTUD, 2018) na descrição do lago Bienne: “mais selvagens e românticos que os do lago Genebra, pois nele as rochas e os bosques fazem suas margens”[46] (ROUSSEAU, 1959, p. 1049). Antes e depois dessa ocorrência, o uso de termo e ideia por Restif é muito limitado, segundo Testud. Da mesma forma, ocorre o desprezo pelo *romanesque*.

[46] *“Plus sauvages et romantiques que celles du lac de Genève, parce que les rochers et les bois y bordent l’eau de plus près”.* Tradução minha.

Examinando, o uso feito do termo *romanesque*, ele assume, em Restif de la Bretonne, dois sentidos: um relacionado à ficção, indesejado, como um simulacro da "pintura da realidade"; e outro, desejado e relacionado à intoxicação sexual dos amantes e à forma como Restif se refere à sua juventude. Restif rechaça o posicionamento ficcional de sua obra e condiciona à imaginação a desejo, o que encontra voz na trajetória em direção ao erotismo que é possível ver por todo o período de produção de Restif.

Há momentos muito precisos na produção de Restif de la Bretonne que podem ser identificados nas análises dos autores que o comentam. A partir das primeiras publicações, os três principais teóricos concordam que o início da produção retiviana traz fortes elementos do didatismo, onde o centro narrativo estava situado na mensagem e na forma do texto, em um formato que em muito se parece com os manuais de etiqueta. Começando com *Le Pied de Fanchette*, onde a personagem principal, Fanchette, dá início à novela com diversas aventuras envolvendo a forma como seus pés excitam homens de diferentes idades, que passam a perseguí-la. Fanchette, então, a partir de uma série de perseguições por Apatéon[47], dá início a um processo educativo. Apatéon é descrito por Restif de la Bretonne como "*un Tartuffe*"[48]. O processo educativo se dá a partir da realização, segundo Testud (1977, p. 7-8), da autobiografia escolar *apesar* do fetichismo, e não *por causa dele*.

Dois outros autores se dedicam a uma análise mais direcionada à incipiente sexualidade em Restif de la Bretonne, incluindo nela o fetichismo. Amy S. Wyngaard tem como tema de pesquisa o desenvolvimento da percepção da sexualidade nos textos de literaturas francesas do século XVIII, em especial em Restif de la Bretonne e no Marquês de Sade.

---

[47] *Apateon* é o gênero do anfíbio já extinto *Apateon pedestris von Meyer*, de família *Branchiossauridae*. *Apateon pedestris* von Meyer, 1840. Paleobiology Database (2018). Disponível em: https://doi.org/10.15468/zzoyxi Acesso em: 19/12/2019.

[48] "Tartufo, ou hipócrita, personagem de Molière (1664) que representa o falso devoto. Restif o explica no corpo de texto (p. 113) e na nota 10, onde se lê: *Il est du devoir d'un historien de faire connaître l'origine de ceux dont il doit beaucoup parler, lorsque leur famille est ancienne et fameuse. Celle des Apatéons réunit ces deux qualités. Sans remonter trop haut, et pour ne rien dire d'Ulysse le fripon et de Sinon le fourbe, il suffira d'avancer que Philippe de Macédoine, père d'Alexandre le Grand, en était un rejeton, ainsi que le dissimulé Tibère, le pape Sixte V, et beaucoup d'autres seigneurs, princes, rois, empereurs, czars, pontifes, califes, etc. Celui dont il est ici question descendait en ligne directe d'un fils d'Alexandre VI et de Lucrèce, qui ne fut ja-mais connu, et qu'on se contenta d'envoyer en France avec de grands trésors. Quant au nom, pris grammati-calement, il est grec: Απατεων , trompeur. (Apateôn)* [É dever o do historiador fazer conhecer a origem daqueles de quem deve muito falar quando sua família é antiga e famosa. A dos Apatéons reúne as duas caracte-ísticas. sem remontar a tempos muito remotos e acabar por se referir a Ulisses, o Malandro, e a Sinônimo, o Enganador, basta considerar que Felipe da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande, vinham de uma ramificação, assim como o dissimulado Tibério, o papa Sisto V e muitos outros nobres, príncipes, reis, imperadores, czares, pontífices, califas etc. O ramo que está em questão aqui vem diretamente da linhagem de Alexandre VI e de Lucrécia, completamente desconhecida, enviada à França com grandes tesouros. Quanto ao nome, tomado gramaticalmente, é grego: *Απατεων*, ou enganador.] (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 125).

Fundamentalmente, Wyngaard sustenta sua argumentação com o estudo das obras *Justine* (1791), *La Philosophie danos le Boudoir* (1795), de Sade; e *L'anti-Justine* (1798), *Le Paysan Perverti* (1775), e *Le Pornographe* (1769), de Restif. Partindo do pressuposto da construção da sexualidade em Restif de la Bretonne pelo viés da dissociação entre obscenidade e erotismo e suas respectivas consequências institucionais (WYNGAARD, 2013, p. 14-34):

> As obras de Rétif demonstram que o erótico e o obsceno estavam longe de serem conceitos remanescentes na França do século XVIII; pelo contrário, eram categorias evolutivas e mutáveisconstantemente no processo da definição. A análise de seus romances também mostra que, ao contrário do que é geralmente declarado nas histórias da pornografia, Rétif participou ativamente da definição da categoria que leva sua assinatura (p. 34)[49].

Wyngaard constrói a noção de censura e o papel do Estado a partir da apresentação desses conceitos. A pornografia, dessa forma, diferentemente daquilo que é apresentado em Coward (1991), é a reposta social ao posicionamento do Estado em resposta à exacerbação da obscenidade. Restif de la Bretonne responde à censura com a proposta da moral que re- sulta do processo educativo; Sade responde com a construção da filosofia da transgressão, cuja textualidade celebra o gênero *roman philosophique*. Maurice Blanchot, em *Sade et Restif de la Bretonne* (1986), realiza um exercício comparativo entre os dois autores a partir da apropriação do erotismo, mas sem a presença da obscenidade como um impeditivo institucional. O trabalho de Wyngaard é importante principalmente pela localização da obscenidade em relação a uma noção de que Sade está em um lugar, de um ponto de vista acadêmico, onde a questão da validação para além da obscenidade não é mais um desafio, enquanto Restif ainda conta, principalmente a partir das publicações de Pierre Testud e do lançamento da revista *Études Rétiviennes*, com uma significativa simpatia acadêmica que procura validá-lo (WYNGAARD, 2013, p. 6-8).

A perspectiva de Blanchot (1986) apertasse a presença da tensão criativa de Restif em busca de uma moral constitutiva, em oposição à moral transgressora de Sade. Blanchot se utiliza dos temas de ambos os autores, especialmente na preparação de Justine (Sade) e L'Anti-Justine (Restif), como o incesto, a necrofilia e a pedofilia, na demonstração da intenção na criação literária — quanto à relação entre os temas e os objetos dos romances, Restif de la Bretonne busca sentido na construções da moral social e Sade, na transgressão da moral social, o que

[49] *Rétif`s works demonstrate that the erotic and the obscene were far from rei- ned concepts in eighteenth-century France; rather, they were evolving, changeable categories constantly in the process of definition. The analysis of his novels also shows that, contrary to what is usually stated in histories of pornography, R'etif actively participated in defining the category that bears his signature* (p. 34).

distancia os autores, apesar do fato de qua ambos são percebidos como obscenos (p. 107). Sade e Restif, juntos, forjam as fundações para o erotismo na literatura do século XVIII, mas como opostos — o erotismo em Restif é percebido com estranheza pelo leitor de Sade, enquanto o erotismo em Sade é geralmente percebido como agressão ou violências de gênero.

3. Breve conclusão

Há, indiscutivelmente, alguns fatores que são necessários para que haja ao menos uma análise inicial de Restif de la Bretonne. O primeiro deles é, sem dúvida, a presença intermitente da autobiografia (TESTUD, 1977; COWARD, 1991). É importante perceber que há um consenso entre os autores sobre a forma como Restif apresenta sua autobiografia, não como dado constituinte de suas novelas, mas como um elemento posterior ao romance. A inexatidão das fontes, das referências e dos dados biográficos proporcionam um molde para a moral a ser construída no texto. Para tanto, Restif apresenta uma observação acurada da realidade de seus ambientes e procura associá-las a dois pilares fundamentais de sua formação moral: a primeira, a educação por meio de exemplos recebida na fazenda La Bretonne, pela imagem das figuras masculinas como os modelos dos camponeses diligentes, como os irmãos clérigos (o caso, por exemplo do abade Thomas Rétif) como exemplos do papel do clero na formação de jovens; e das figuras femininas — suas irmãs, sua mãe, as crianças de Sacy e, posteriormente, as figuras de formação como Jeannette Rousseau e Collette Parangon — de acordo com um sistema próprio de percepção da importância dessas figuras em contexto. Isto significaria que a figura do camponês não seria diretamente Edme Rétif, mas a percepção parcial de Restif de la Bretonne sobre seu pai.

Nesse sentido, a novela retiviana assume o caráter romanesco, conforme o apresenta Testud (2002, p. 19): o caráter ficcional é parcialmente anulado pela inserção de fontes, referências, citações e elementos autobiográficos que dão substância à narrativa e indicam ao leitor que há na narrativa algo a ser aprendido. O aprendizado vem do fato de que os personagens são constituídos de forma a oferecer uma experiência didática que, entretanto, não se completa no texto, por se tratar de um didatismo ficcional. Um exemplo disso está em O Pornógrafo, quando D'Alzan enumera, em cara para Des Tianges, as razões que determinavam que uma regulamentação da prostituição era uma necessidade da Europa do terceiro quartil do século XVIII. As razões enumeradas, apesar de estarem em uma forma que pretende trazer fidedignidade científica para si, não são exatamente razões consistentes, pela falibilidade das

fontes e inexatidão das informações. No entanto, essa falha não é relevante para Restif de la Bretonne. Nas notas de *Le Pied de Fanchette*, ele escreve que "*On ne traduira pas le latin lorsque le texte indiquera le sens*" [Não serão traduzidos os trechos em latim, uma vez que o texto indicará seu sentido] (p. 119), à guisa de exemplo. O sentido do texto se sobrepõe à citação.

O segundo fator é a sexualidade, por meio das mesmas condições de memória e exemplificação supracitados. Considerando sua primeira fase como a que vai de *La Famille Vertueuse* ao final de *Idées Singulières* (1789), é possível verificar, nessa fase, a presença dos elementos do didatismo. Conforme os trabalhos de Blanchot (1986) e Wyngaard (2014), a obscenidade passa a ser entendida do conjunto do indesejado — o subtítulo de O Pornógrafo é **Ideias de um homem de bem sobre um projeto de regulamentação para as prostitutas, a fim de prevenir os malefícios causados pela publicidade das mulheres**, o termo *publicidade* pode ser indicativo de tornar a coisa ou pessoa pública, como em *Les Journalistes*, de Balzac[50] — ainda que a referência a seguir seja posterior ao período de produção de Restif — mas também é possível compreender o termo de acordo com a intenção da indesejada exposição do libertinismo feminino. Para ambas as possibilidades, a educação das mulheres já públicas, sua retenção e regulamentação seria importante para a salvação do homem — em especial do homem das províncias e das regiões rurais da França, contra estrangeiros e as condições de saúde e habitação dosa grandes centros urbanos considerados os grandes estressores da moral.

Um terceiro fator, apresentado principalmente pelo trabalho de Wagstaff (1996) em relação ao caráter utópico da obra de Restif de la Bretonne, partindo dos projetos de reforma em direção a *La découverte australe par un homme volant* (1784) e *Les posthumes* (2002), este último mais como a epítome do desenvolvimento romanesco. O cerne da argumentação de Wagstaff se concentra em *Memory and Desire: Restif de la Bretonne, Autobiography and Utopia* (1996), onde, partido de uma definição de utopia que se orienta pela incorporação da história pessoal, o crítico conclui que a obra de Restif, em especial com relação aos projetos de reforma, a teoria de que compunham, em vez de uma utopia, uma *atopia*[51] *(habitâcle en dérive)*

---

[50] "*Le publiciste était un grand miroir concentrique, les publicistes d`aujourd'hui l ont mis en pièce et en ont tous un morceau qu'ils font briller aux yeux de la foule*" [O jornalismo era um grande espelho concêntrico. Os jornalistas de hoje partiram-no em pedaços; e cada um tem dele uma parte, fazendo refletir os olhos da multidão.] (BALZAC, 2002, p. 7).

[51] O conceito é, todavia, mais frequentemente utilizado na situação de Sócrates em relação ao discurso de Alcibíades, Não sendo um deus; tampouco um homem como os demais, Sócrates se tornara "estranho". A estranheza do olhar daquele que busca compreender Sócrates, a estranheza do interlocutor, em suma, a estra-nheza do lugar fazem com que Sócrates seja "inclassificável" [*Ατοπος*, estranho, paradoxal, fora de lugar]. A referência é encontrada em Platão, O Banquete. Para o presente trabalho, foi utilizada a cópia disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000048.pdf Acesso em: 19/12/2019.

(WAGSTAFF, 1996, p. 182). Esse estranhamento que retira a relevância dos projetos e mesmo da ficção romanesca criada por ele mais adiante — e que o acompanharia por toda a vida como escritor. A atopia situa, para Wagstaff, a reforma en- tre a memória e o desejo, abstrato e sexual.

Por fim, é importante afirmar a pertinência dos autores trazidos ao trabalho, já que, sendo muito amplos os temas que tangenciam o desenvolvimento das aproximações com o gênero utópico em O Pornógrafo, por sua pesquisa especificamente sobre o autor. Além disso, o que se pretende aqui é uma análise que se apoia nos eixos de ruptura e lealdade, tanto no corpo da novela quanto nas notas históricas, onde é possível perceber por que po- demos aproximar O Pornógrafo, bem como toda a série *Idées Singulières*, das utopias como gênero literário.

Capítulo III

O Pornógrafo

1. Utopia: alguns comentários conceituais

Não é exatamente possível — ou mesmo desejável — encerrar um gênero literário em um conceito, ou grupos de conceitos. A forma como as obras são agrupadas e classificadas segue critérios históricos, sociais, políticos e culturais, que permitem identificar como o autor fala sobre seu tempo. Essa mesma forma informa sobre os recursos estilísticos e morfossintáticos, de composição, léxicos e semânticos; cada período, desde o surgimento da imprensa, em 1440, elege uma formatação, um padrão para o texto escrito. Apesar disso, ao escrever sua época, cada autor faz escolhas que especificam como a época será apresentada, como o leitor deverá interagir com as informações que ali estão contidas como o autor se relaciona com outros autores. Essa constante relação dialógica se une aos registros dos fatos históricos, às produções em texto — escrito, falado, visual etc. — e cria, basicamente, uma variedade que torna o conceito de gênero fluido e complexo.

No caso do gênero literário, entendendo-o como um tipo ideal weberiano[52] sem, contudo, ser magnânimo em relação à uniformidade. O gênero utópico traz a mesma dificuldade — dificilmente seria possível cstabelecer uma regra que abarque as utopias como um conjunto unitário. A mesma lógica se aplica quando é necessário tratar de utopias e dos projetos. Primeiramente, às utopias. Um primeiro conceito por Bronislaw Baczkó (1978) oferece uma compreensão das utopias, como segue:

> A representação imaginada de uma sociedade que se opõe à existente *a)* pela organização outra da sociedade, tomada como um todo; *b)* pela alteridade das instituições e das relações que compõem a sociedade como um todo; *c)* pelos modos outros segundo os quais o cotidiano é vivido. Essa representação, menos ou mais

[52] O tipo ideal, ou ainda, uma ferramenta de compreensão da realidade, já que ao historiador ou ao sociólogo não lhe é dado conhecer a totalidade do fato social. significa, pois, que o fato social, ou a história, não é formada pela totalidade do tipo ideal, mas que essa categoria proporciona uma forma de acesso que permite conhecer por meio de sistemas e experiências prévias, partes dessa realidade. "Limitamo-nos a constatar aqui que *todas* as "leis" e construções do desenvolvimento histórico especificamente marxistas naturalmente possuem um caráter de tipo ideal na medida em que sejam *teoricamente* corretas. Quem quer que tenha trabalhado com os conceitos marxistas, conhece a eminente e inigualável importância *heurística* destes tipos ideais, quando utilizados para os *comparar* com a realidade, mas conhece igualmente o seu perigo, logo que são apresentados como construções com validade empírica ou até mesmo como tendências ou "*forças* ativas" *reais* (o que, na verdade, significa metafísicas)" (p. 118-119). WEBER, Max in: COHN, Gabriel (Org.) Max Weber. Ensaios de Sociologia. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. São Paulo: Ática, 1982, p. 79–127.

> elaborada nos detalhes, pode ser encarada como uma das possibilidades da sociedade real e leva à valorização positiva ou negativa desta sociedade (BACZKÓ, 1978, p. 405)[53].

A citação de Baczkó, retirada de *Les lumières de l'utopie* (1978) chega ao leitor três anos após a publicação de *Voyages aux pays de nulle part*, de Raymond Trousson (1975; 1999)[54], que traz uma definição mais complexa para o termo e um direcionamento para a compreensão da utopia como gênero literário. Trousson (1999) coloca algumas características das utopias que poderiam ser exploradas na análise de O Pornógrafo. Antes, entretanto, vale observar o conceito de Baczkó. Tal conceito explora quase exclusivamente o termo como tópica e suas origens primeiras na análise do texto homônimo de Thomas Morus. Ao analisar a ilha de Utopia e suas características, Baczkó concentra-se na elaboração da utopia de uma forma literal — o *não-lugar*.

> O que se passa então com esse vocábulo-chave de todo o texto? Designa ele a *U*-topia, terra de nenhures, terra que não existe em parte alguma, ou designa então *Eu*-topia, isto é, o melhor país, superior mesmo àquele que Platão imaginara? Ou ambas as coisas ao mesmo tempo: a melhor comunidade política, sem dúvida imaginável pois que disso o texto é prova, mas que não existe em parte alguma, a não ser no imaginário que se abre perante o saber e que este elabora? Nada tendo que ver com a representação de uma realidade, tratar-se-ia no entanto de uma representação que ganha existência própria devido ao ato da escrita que o instaura e devido ao texto que o suporta (BACZKÓ, 1985, p. 343-344).

Mais adiante, ainda, na mesma página, um seguimento do argumento de Baczkó reforça a ideia de que o conceito de utopia está relacionado à formação etimológica. Porém, a literalidade do conceito permite que seja igualmente pensado de forma histórica, com a utopia sendo também uma forma de observar a sociedade num exercício intelectual.

> O paradigma utópico não se instala, porém, em terreno virgem. À semelhança de Utopos, que se apodera de uma terra povoada por uma 'horda selvagem', as representações que constroem e codificam a felicidade social ganham terreno em um espaço-tempo já anteriormente povoado de lugares paradisíacos. Todavia, contrariamente a esses Édens e Ilhas Afortunadas, a utopia é uma construção multiplicável e modificável. Não só nada impede que se inventem novas comunidades perfeitas, como a própria instalação desse paradigmal imaginário encoraja e estimula a que se "brinque às utopias". Assim, o exercício intelectual do paradigma utópico contribui, a seu modo, para dar resposta à grande questão da modernidade, que consiste em pensar a sociedade como autoinstituída, isto é, uma reunião de indivíduos que não assenta em qualquer ordem exterior do mundo e constitui uma comunidade

[53] *La représentation imaginée d'une société qui s'oppose à celle qui existe* a) *par l'autre organisation de la société prise dans son ensemble;* b) *par l'altérité des institutions et des relations qui composent la société dans son ensemble;* c) *par les autres manières de vivre la vie quotidienne. Cette représentation, plus ou moins élaborée dans les détails, peut être considérée comme l'une des possibilités de la société réelle et conduit à l'appréciation positive ou négative de cette sociét.* Tradução minha.

[54] A importância de datar a primeira edição está na pertinência da comparação entre as diferentes apreensões sobre utopia. No entanto, foram utilizadas na preparação desse trabalho as edições francesa e italiana, ambas de 1999.

detentora de todo o poder sobre si própria (p. 344).

A análise que aqui se pretende difere, de certa forma, da abordagem de Baczkó, ainda que, de acordo com os trechos acima, a utopia seja compreendida na elevação do comunitário sobre o individual. De fato, Baczkó utiliza o termo "imaginário social" (p. 348) como uma das faces da utopia — esta seria construída pelo imaginário social (caráter estático) e também o construiria (caráter dinâmico). Esse duplo paradigma utópico é importante para para o conjunto teórico de Baczkó no entendimento de que em determinadas épocas diferentes sociedades tendiam a criar mais utopias que em outros tempos. Em contrapartida, as sociedades entrariam em um processo de transformação ou de ruptura com relação ao seu passado — como poderia ser o caso da Revolução Francesa (1789). Dessa forma, Baczkó compreende que as utopias não pertencem a um gênero literário, apenas, mas se localizam nas dinâmicas sociais e nos desdobramentos históricos dessas mesmas sociedades, que expressam esses movimentos em suas literaturas.

A essa dinâmica Gregory Claeys (2013) chama alienação do indivíduo moderno, no sentido de que os processos sociais que seriam as geradoras do impulso utópico, ou seja, as perturbações e tensões que fazem parte do processo inexorável de transformação de uma sociedade, a qual, a partir do desencantamento — aqui, no seu sentido mais weberiano, onde os elementos simbólicos do mundo vão sendo substituídos por processos com base em uma ética ou método (ou a técnica, no caso da ciência). O processo de desencantamento, ao mesmo tempo em que promove a observação do mundo pelos olhos da razão, desobriga as sociedades de sua relação com sua cosmologia, desfazendo os laços de sentido entre a ação social e o conjunto das subjetividades que circunscrevem as relações humanas. Ao apresentar a ciência e a técnica e por conseguinte aumentar as possibilidades de longevidade, à guisa de exemplo, a questão sobre por que é desejável viver mais, ou o sentido da existência e as consequências dessa longevidade deixam de ser pertinentes. Contudo, não é mister da ciência promover tais relações de sentido, mas o de promover a diminuição do sofrimento (WEBER apud COHN, 1982, p. 170). Para Weber, a idade moderna, principalmente após o século XVII, passou a proporcionar, juntamente com as transformações socioeconômicas, uma era de infelicidade localizada no deslocamento dos elementos simbólicos.

É possível analisar o argumento de Claeys em relação ao desencantamento como um conceito weberiano como causa da maior ocorrência de utopias em determinadas épocas.

As transformações nas formas de produção, nas formas de acumulação e na relação entre o indivíduo e os recursos ao seu redor fazem com que este tenha um caráter estático e outro dinâmico, ao sofrer os efeitos das transformações socioeconômicas e buscar agir para transformar seu ambiente, respectivamente. Essas características, quando aplicadas ao indivíduo, eram inversamente proporcionais às mesmas características, quando aplicadas à ocorrência de utopias.

> Assim, primordialmente, testemunhamos o surgimento da teoria de que a modernidade impõe maior inquietação, desordem, infelicidade e mal-estar, tanto psicológico como físico. A criação de riqueza instila, insistem repetidamente os textos do período, uma sensação de desejo nunca realizado por completo, em que a satisfação e a transformação do desejo em bem são apenas agravadas pelo acúmulo de riqueza e posses. Também surgiriam nesse estágio inicial da forma utópica a alienação e o isolamento do indivíduo moderno (CLAEYS, 2013, p. 94).

Mas, que são utopias, exatamente? Raymond Trousson (1999) oferece, conforme já exposto, um conjunto mais complexo de categorias que se referem muito mais especificamente à utopia como um texto literário, mais do que uma forma de observação da realidade. Diferentemente de Claeys, que propõe a utopia como mecanismo de criação do futuro" e "espaço entre o possível e o impossível" (2013, p. 15), a identificação de uma tipologia das utopias, para que, ainda que não seja possível falar em uma unidade para o gênero utópico, fosse possível formar, com um conjunto de características, algumas bases para que fosse possível a identificação de similaridades e discrepâncias que promovessem uma análise mais aprofundada sobre o tema. O estabelecimento desse conjunto permite formular primeiras impressões sobre o que faz uma utopia.

Enquanto Baczkó conceitua a utopia como o paradigma imaginário que varia entre o *não-lugar* e o *melhor lugar*, a tipologia de Trousson estabelece uma utopia basicamente, como um espaço imaginário metafórico, onde o elemento essencial é o isolamento do território, para que seu desenvolvimento seja visto por si, apenas, sem ser relacionado com qualquer outro espaço. O isolamento geográfico é o elemento fundamental, representado pelo insularismo e a consequente autossuficiência, para a separação do texto utópico daquilo que depois Trousson chamou utopismo, ou seja, a utopia além do texto, ainda como sinónimo de imaginário, mas referindo-se a outros gêneros — o arquitetônico, o musical, o filosófico. Como uma visão heurística do mundo, o que se chama utopismo constitui uma amplitude de sentidos e possibilidades analíticas, enquanto a utopia *per se* apresenta

> a necessidade de definir e de circunscrever um objeto mais especificamente literário,

> de inventariar uma serie de modelos heurísticos indispensáveis à compreensão de um gênero dotado, afinal de contas, de uma existência histórica objetiva e a propósito do qual subsiste, no entanto, com excessiva frequência, uma lamentável indecisão quanto às questões de definição. Como o utopismo, a utopia se caracteriza, certamente, por um conteúdo e por um projeto, mas, enquanto gênero literário, ela supõe igualmente exigências de formulação de sua mensagem, requer o estado de critérios estruturais, diegéticos e estilísticos (TROUSSON, 2009, p. 128).

Porém, se é a utopia como gênero literário caracterizada por sua autossuficiência, por seu isolamento representado no insularíamo e pela metáfora da sociedade na qual é produzida — dentre outras características que serão adiante apresentadas —, seriam os projetos de reforma parte do gênero, ou seriam textos que se relacionariam mais com a ideia de utopismo? Na tentativa de responder — mas não de esgotar — tal pergunta, será necessário examinar o texto de O Pornógrafo, como amostra de um projeto de reforma.

2. O Pornógrafo

O Pornógrafo, ou Ideias de um homem de bem sobre um projeto de regulamentação para as prostitutas, a fim de prevenir os malefícios causados pela publicidade das mulheres, escrito entre 1768 e 1769 em Sacy e Paris. É a obra que inaugura a série *Idées Singulières* que, além de O Pornógrafo, era também formada pelos projetos de reforma *La Mimographe, ou Idées d'une honnête femme pour la Réformation du Théâtre Nationale* (1770); *L'Educographe, ou Le Nouvel Émile* (1770-76); *Les Gynographes, ou Idées de deux honnêtes femmes sur un projet de règlement proposé à toute l'Europe pour mettre les femmes à leur place et opérer le bonheur des deux sexes ; avec des notes historiques et justificatives, suivies des noms des femmes célèbres* (1777); *L'Andrographe, ou Idées d'un honnête homme sur un projet de règlement, proposé à toutes les nations de l'Europe, pour opérer une réforme générale des mœurs et, par elle, le bonheur du genre humain. Avec des notes historiques et justificatives* (1782); e *Le Thesmographe, ou Idées d'un honnête homme sur un projet de règlement proposé à toutes les nations de l'Europe pour opérer une reforme générale des lois ; avec des notes historiques* (1789). Todos os projetos apresentam a mesma estrutura, isto é, sob o formato do *roman epistolaire* há uma pessoa "de bem" que deseja propor uma reforma. A reforma em questão é apresentada no corpo de uma das cartas, em artigos e tabelas que lhe sustentariam a necessidade, a pertinência e a aplicabilidade dentro do esquema da novela.

Este último aspecto é de suma importância. Não há no corpo desta pesquisa qualquer

evidência de que houvesse intenção de que tais projetos fossem aplicados, embora Restif de la Bretonne os considerasse aplicáveis e, conforme o registro em *Bibliographie et Iconographie de Tous Les Ouvrages de Restif de la Bretonne*, compilação preparada pelo bibliógrafo Paul Lacroix Jacob (1875), a tentativa de aplicação do projeto de reforma por Joseph II primeiramente em Viena foi bem recebida por Restif, mas não houve um esforço inicial para criar algo que se tornasse uma referência normativa.

> Foi-lhe dito em uma carta da Alemanha que os planos de seu Pomógrafo estavam sendo postos em prática em Viena, por ordem do Imperador Joseph, que acreditava nele, e ele estava tão orgulhoso dele, que nunca cessou de repetí-lo com ingênua segurança. Ele volta sempre nos catálogos de suas obras e sempre cita, como autoridade, a *Leiden Gazette*, que anunciava a reforma pornográfica decretada pelo imperador. A mistificação não parou por aí, pois tornara-se conhecido, por novas cartas anônimas, que vários príncipes da Alemanha também haviam decretado o registro dos estatutos da pornografia em seus Estados. Restif lembrou, em todos os aspectos, que seu trabalho, que lhe era tão caro de todas as formas (página 4558 de *Monsieur Nicolas*), tornou-se em toda a Europa o código da prostituição.] (JACOB, 1875, p. 36)[55].

Além de informar sobre os efeitos de O Pornógrafo, Jacob informa seus detalhes de publicação. A primeira tiragem de 1769 foi de 2.000 exemplares, sob o título de *Le Pornographe, ou Idées d'un honnête homme sur un Projet de règlement pour les prostituées, Propre à prévenir les Malheurs qu'occasionne le* Publicisme *des Femmes : avec des Notes Historiques et Justificatives*, O volume se dividia em duas partes: *La Prostitution réformée,* desenvolvida na troca de cartas entre as personagens De Alzan, Monsieur Des Tianges, Madame Des Tianges, Ursule e Monsieur de Longepierre; e *Notes Historiques,* contendo as notas de A a N com as justificativas do texto principal. O processo de composição tipográfica foi completamente feito por Restif de la Bretonne, segundo ele próprio em Monsieur Nicolas (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, Tomo XIV, p. 14-16), como auxílio de outro impressor (Michel) que trabalhava com o livreiro e impressões Gabriel-François Quillau (1698-1752) na confecção do livro. O trabalho de tipografia fora feito por ele próprio, aos fins de semana e feriados, quando podia usar as prensas sem ser interrompido.

Após a finalização, a Livraria Delalain não é listada como casa editora, mas com a declaração de Restif de que o livro ali poderia ser encontrado (RESTIF DE LA BRETONNE,

---

[55] *On lui annonça, dans une lettre venue d'Allemagne, que les plans de son Pomographe étaient mis en pratique à Vienne, par ordre de l'empereur Joseph, en le crut, et il en fût tellement fier, qu'il ne cessait de le répéter avec une naïve assurance. Il y revient sans cesse dans les catalogues de ses ouvrages, et il cite toijgours, comme autorité, la Gazette de Leyde, qui annonçait la réforme pornographique édictée par l'empereur. La mystification ne s'arrêta pas là, car on lui fit savoir, par de nouvelles lettres anonymes, que plusieurs Électeurs d'Allemagne avaient également décrété l'essai des statuts de Pornographie dans leurs États. Restif rappelait, à tout propos, que son ouvrage, qui lui avait tant coûté de toutes manières (page 4558 de* Monsieur Nicolas*), était devenu dans toute l'Europe le code de la Prostitution.* Tradução minha.

1769). A menção assim fora feita por solicitação do livreiro, que não desejava que seu nome e o da livraria estivessem na capa com o título. Assim, a localização da livraria foi posta sob a indicação da casa editora de Londres, Jean Nourse. As vendas foram realizadas diretamente para a conta de Restif de la Bretonne, por valores que variavam de acordo com as edições — a primeira edição era vendida por cerca de 10 francos; a segunda, de 1770, por 7 francos; e a terceira, de 1776, de 21 francos. As vendas foram rápidas, principalmente nas províncias (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 16), sem entretanto, que o ambiente parisiense visse no livro a utilidade que Restif nele vira (p. 16).

2.1. Maquiavel e um editor fictício

"*Toma o mal menor como um bem*"[56] (Maquiavel, O Príncipe, cap. XXI)

> Os venezianos se mancomunaram com a França contra o duque de Milão quando podiam ter evitado tal companhia, e isso lhes custou sua ruína. Entretanto, se tais alianças forem inevitáveis — como ocorreu aos florentinos quando o papa e a Espanha marcharam com seus exércitos sobre a Lombardia —, então o príncipe deverá aliar-se pelas razões expostas acima. Mas que nenhum Estado ache que possa sempre tomar um partido seguro, ao contrário, melhor pensar que todos eles são incertos; porque isso está na ordem das coisas, de modo que nunca se escapa a um inconveniente sem que se incorra em outro: a prudência consiste em saber sopesar as qualidades dos inconvenientes *e* tomar o menos nefasto por bom (MAQUIAVEL, 2010 [1532], grifo meu).

A epígrafe escolhida tem origem no texto de Nicolau Maquiavel, *O príncipe*, no capítulo XXI, *Como um príncipe deve agir para obter honra*. Na tradução do italiano para o português, de Maurício Santana Dias, conforme citado acima, difere, de certa forma, do trecho utilizado por Restif. As possíveis traduções do francês — a primeira, de 1548; a segunda, de 1692, que seguem abaixo — não foram as utilizadas pelo autor, mas sim o texto de Frederico II da Prússia, *L'Anti-Machiavel, ou Essai de Critique sur le Prince de Machiavel, publié par M. de Voltaire*, de 1740. O trecho, de onde a citação foi retirada *ipsis litteris*, segue após os dois trechos do Príncipe.

> *Car ilz sont tous doubteux, variables et pleins de dangier d'ung costé ou daultre, et l'on trouve par la congnoissance des choses mondaines que jamais l'on ne prend ung bien qu'il n'y ait aussy quelque mal, et que l'on évite jamais ung inconvenient que l'on ne retombe en ung aultre. Et la prudence de l'homme ne consiste sinon à congnoistre la qualité des inconveniens, et prendre le mauvais party pour bon.*[57]

[56] *Prendre le moindre mal pour un bien.*

[57] A edição é de Nella Bianchi Bensimon a partir do manuscrito de Jacques Vintimille, de 1548, uma das primeiras traduções de O Príncipe; a primeira tradução para o francês. *Le Prince, de Nicolas Machiavel citoyen et secretaire de Florence traduict en françoys.* Trad. Jacques de Vintimille. P. 145. Disponível em: https://halshs.archives-

> *Mais il n'y aura jamais de sûreté dans ces alliances, quelque précaution qu'on prenne, car elles sont de la nature de toutes les autres choses où, pour sortir d'un inconvénient, on tombe nécessairement dans un autre; et tout ce que la prudence peut faire alors, c'est de les balancer tellement qu'on s'expose au moins dangereux.*[58]
>
> *Ne t'imagines point, qu'il y ait de parti plus fur; au contraire, fois assure, que tu n`en prendras que de hasardeux, car il est fatal de ne fuir jamais un inconvénient, sans tomber dans un autre. Or la prudence consiste à bien connoitre la nature des inconvéniens, et a prendre le moindre mal pour un bien.*[59]

Ao trecho acima, segue a nota de rodapé de Voltaire. A nota se torna relevante na análise de O Pornógrafo. Seu significado sustenta o argumento central de Restif: a citação de Paolo Sarpi, que aplicava ele próprio os princípios de Maquiavel durante o exercício de seu trabalho como procurador junto ao Senado veneziano, aproxima o trecho da ideia do princípio do duplo efeito.

> *Celui, qu'attend toutes les commodités, (dit Machiavel au Liv. 2 de son Histoire) ou n'entreprend jamais rien, ou ce qu'il entreprend tourne le plus souvent a son désavantage. J'ai observé, dans toutes les affaires du Monde, dit un autre Politique Italien, que rien ne précipite plutôt dans le péril, que le trop de prudence degenere ordinairement en imprudence (Fra Paolo[60]).*
>
> [Quem espera todas as conveniências (diz Maquiavel no Liv. 2 de sua História) ou nunca realiza nada, ou o que realiza com maior frequência acaba sendo uma desvantagem. Observei, em todas as questões do mundo, diz outro político italiano, que nada precipita mais o perigo do que excessiva prudência, que geralmente degenera em imprudência (Fra Paolo)].

O duplo efeito foi apresentado por são Tomás de Aquino, na Suma Teológica, parte S*ecunda Secundae,* Qu. 64, Art. 7 (Do Homicídio), onde o filósofo discute se existe a possibilidade de que se mate alguém sem que o ato seja moralmente condenável. A *New Catholic Encyclopedia*[61] (2002, p. 880-881) estabelece algumas condições para que o princípio do duplo efeito seja aplicado, a saber, *(i)* o ato deve ser indiferente (neutra) ou bom; *(ii)* o efeito negativo do ato deve ser involuntário, já que a intenção primeira deveria ser a de evitar quaisquer efeitos negativos; *(iii)* no caso de duplo efeito, o positivo e o negativo devem fruir

---

ouvertes.fr/halshs-00703204 Acesso em: 21/12/2019.

[58] *Le prince de Machiavel. Traduction nouvelle, Augmentée de plusieurs autres Traitez du même Auteur, qui jusques icy n'ont pas été traduits*. Amsterdã: Henry Desbordes, 1696, p. 213.

[59] Frederico II. *Anti-Machiavel, ou Essai de Critique sur le Prince de Machiavel, publié par Mr. de Voltaire.* Copenhague: Jacques Preiss, 1740, p. 167.

[60] Paolo Sarpi (1552-1623).

[61] *New Catholic Encyclopedia*. *Volume 4 (Com-Dyr).* Washington: Catholic University of America, 2002, p. 880-884.

simultaneamente ou ao menos em ordem de causalidade, mas não necessariamente em ordem temporal. Isso significa que o efeito positivo não deve ser proporcionado pelo efeito negativo, mas pelo ato propriamente dito; e *(iv)* o efeito positivo deve ser forte o suficiente para justificar a ocorrência do mau efeito. Dessa forma, é preciso garantir que não haja uma relação de causa e consequência entre os efeitos. Essa condição, chamada de condição de proporcionalidade, deve ser satisfeita pela intensidade do efeito positivo, ou seja, quanto mais grandioso e duradouro for o efeito positivo, maior será a compensação pelo efeito negativo.

É reconhecido que a condição de proporcionalidade deve ser satisfeita quando o efeito duplo é aplicado, mas essa condição normalmente requer apenas que o efeito positivo supere o efeito negativo previsto. Alguns críticos do princípio do efeito duplo sustentam que, quando invocado o efeito duplo, justificativas independentes que são causa do dano em questão são implicitamente invocadas e, de fato, são justificativas para o ato. Essas considerações independentes não derivam da distinção entre consequências pretendidas e meramente previstas e não dependem delas (DAVIS, 1984; McINTYRE, 2001)[62]. Se essa crítica estiver correta, talvez os casos tradicionalmente citados como aplicações do princípio do efeito duplo estejam unidos apenas pelo fato de que cada uma é uma exceção à proibição geral de causar algum dano.

O princípio do duplo efeito pode ser identificado no uso da citação de Maquiavel como a chave de justificativa da criação do projeto de reforma, onde Restif de la Bretonne observa uma primeira objeção hipotética: não seria a regulamentação da prostituição um mal, moralmente condenável? A resposta para isso está no fato de que a tentativa de se retirar do ato da busca pela prostituição um efeito positivo — o reino da França teria um retorno positivo da ação prostituição regulamentada, apesar do efeito negativo homens persistem em buscar a prostituição. Como solução, Restif propõe um sistema que prevê a extinção da prostituição no médio prazo, dado que o sistema previsto dentro dos Partênions envolvia o auxílio educacional, matrimonial e a previsão de como as filhas e filhos das jovens públicas seriam direcionados a certos ofícios, como a musica e os trabalhos manuais (filhas) e a introdução a uma carreira militar, que também passa a ser organizada fora das milícias provincianas (Art. 38, p. 159).

Outro aviso inicial é a presença do prefácio do editor, indicando que a ideia do pro jeto de reforma é uma ideia que veio de um indivíduo estrangeiro. A história de Lewis Moore

[62] DAVIS, Nancy. The Doctrine of Double Effect: Problems of Interpretation. In: *Pacific Philosophical Quarterly*, 65: 107–23; Nova York: Woodward, 1984, p. 119–142. McINTYRE, Alison. Doing Away with Double Effect. In: *Ethics*, 111(2). Chicago: University of Chicago Press, 2001, p. 219–255.

serve a dois propósitos, sendo o primeiro a relação de Restif de la Bretonne com seus censores. Como está em Monsieur Nicolas, Restif teve um censor destacado para ler O Pornógrafo, logo após a publicação de *La Famille Vertueuse, Lucille, Le Pied de Fanchette e La Confidence Nécessaire* e *La Fille Naturelle*. O Comissário Chenu foi estabelecido como o censor, dada a necessidade de verificação da "nova ortografia" proposta por Restif. Após indeferir sua publicação, um novo censor é apontado, que posteriormente procurou retirar sua aprovação à publicação (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, Tomo XIV, p. 14). O prefácio do editor auxiliou no processo de aceitação do material, uma vez que criava a impressão de que o livro teria sido inspirado em problemas estrangeiros.

O prefácio inicia, então, com a constatação da nacionalidade inglesa de Lewis Moore e da introdução de um problema, que o projeto pretende consertar: a ganância das jovens amantes em comparação ao pouco que se pode pagar pela jovem pública. A solução é encontrada por Lewis, que descobre que gastou suas posses na manutenção da amante francesa (1769, p. 8-9). O prefácio tem, ainda, um segundo propósito, além de servir como ferramenta para burlar a censura: o editor fictício apresenta em seu texto os aspectos cobertos pelo projeto, todos causas ou consequências da prostituição, como a vulnerabilidade do homem que chega à Paris, como representação da inocência do homem provinciano, que, ao deixar as milícias e dá consigo em Paris, tem a mesma sorte de Lewis Moore. Representa, igualmente, a ocorrência da sífilis, sua origem e sua profilaxia, o que é classificado em *Le Médecin de Soi-Même*[54], escrito por Le Febvre de Saint-Ildephont, em 1775, como "*poison des Antilles*". Saint-Ildephont cita O Pornógrafo como sendo de um autor desconhecido, autor de uma análise promissora sobre o problema urbano da prostituição (p. 99). O veneno antilhano, então, era grande preocupação do nascente conceito de saúde coletiva, Os problemas de higiene pessoal e coletiva, as noções de profilaxia, do tratamento médico, de educação para o trabalho, o papel do clero, a organização do espaço urbano e os aspectos financeiros da prostituição são igualmente abordados.

Este último aspecto forma, com a sífilis, a díade de Lewis Moore. Doente e arruinado, Moore encaminha a esse editor fictício um testamento e seu projeto, com instruções para que o que restasse de suas finanças para que seu projeto fosse posto em prática. O prefácio termina com uma carta assinada por Moore como um manifesto contra a prostituição, declarando o libertinismo como a causa de sua ruína e a prostituição como o vetor dos seus males — ou ainda, dos efeitos negativos do vício. Por tal razão, Lewis Moore poderia ser considerado o primeiro autor do projeto de reforma, que é apresentado depois por D'Alzan.

Após o prefácio fictício, Restif de la Bretonne oferece, à guisa de introdução ais meandros do projeto de reforma da prostituição, três cartas que situam o leitor no caminho tomado pelas personagens D'Alzan, Monsieur e Madame Des Tianges e Ursule no exame inicial do libertinismo.

2.2. Cartas 1 a 3 — uma introdução

2.2.1. A primeira carta

A primeira carta, breve em seu texto, parte de Madame Des Tianges para o marido. A carta basicamente estabelece o enredo: um jovem libertino, que se apaixona pela jovem irmã e Madame Des Tianges, deseja se aprumar da família para conseguir permissão para o matrimônio. Com esse objetivo em vista, D'Alzan, o libertino, passa a se corresponder com Adelaide Des Tianges para que ela o oriente na corte à irmã Ursule, que se encontra em um convento. A carta também estabelece a necessidade da reforma de D'Alzan, o que coloca Adelaide Des Tianges como pornógrafa, da mesma forma como o futuro cunhado, no sentido literal utilizado por Restif de la Bretonne (1769, p. 32), como o pornógrafo sendo aquele que trata da prostituição. Madame Des Tianges, Monsieur Des Tianges e D'Alzan seguem como pornógrafos até o desfecho da novela, antes da voz do autor se tornar o narrador da Segunda Parte, na apresentação das Notas Históricas.

Curta e objetiva, a primeira carta introduz os pilares da análise intendida pelo projeto da "reforma dos costumes" (p. 18), com Adelaide Des Tianges escrevendo sobre o triunfo do amor e sobre a influência da bondade coletiva sobre o indivíduo. Torna-se possível, aqui, fazer um paralelo com Jean-Jacques Rousseau em "Do Contrato Social" (1999): tendo o conjunto das ações de Des Tianges o objetivo da salvação da instituição familiar com o reforço dos laços que a compõem, como a imagem da salvação das instituições políticas modernas.

> É a família, portanto, o primeiro modelo das sociedades políticas; o chefe é a imagem do pai, o povo a imagem dos filhos, e havendo nascido todos livres e iguais, não alienam a liberdade a não ser em troca da sua utilidade. Toda a diferença consiste em que, na família, o amor do pai pelos filhos o compensa dos cuidados que estes lhe dão, ao passo que, no Estado, o prazer de comandar substitui o amor que o chefe não sente por seus povos (ROUSSEAU, 1999, p. 24).

Considerando, como em Rousseau, o afastamento do indivíduo de sua bondade inerente (estado de natureza), é preciso que ele encontre meios para retornar à natureza e ao seu

estado inicial, originário, onde se encontraria livre de corrupção, uma vez que esta vem da organização dos homens em sociedade. A superação da sociedade pelo indivíduo é uma chave do retorno ao natural — uma constatação da carta de Adelaide Des Tianges. Torna-se necessário que D'Alzan, como indivíduo, encontre sua salvação como indivíduo nas primeiras estruturas sociais, não sem que antes haja a reforma para corrigir os males da civilização. Dessa forma, pela reforma do homem seria possível encontrar o caminho para a reforma do pacto social.

> Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja de toda a força comum a pessoa e os bens de cada associado, e pela qual, cada um, unindo-se a todos, não obedeça portanto senão a si mesmo, e permaneça tão livre como anteriormente". Tal é o problema fundamental cuja solução é dada pelo contrato social. As cláusulas deste contrato são de tal modo determinadas pela natureza do ato, que a menor modificação as tornaria vãs e de nenhum efeito; de sorte que, conquanto jamais tenham sido formalmente enunciadas, são as mesmas em todas as partes, em todas as partes tacitamente admitidas e reconhecidas, até que, violado o pacto social, reentra cada qual em seus primeiros direitos e retoma a liberdade natural, perdendo a liberdade convencional pela qual ele aqui renunciou (p. 21).

Ao final da carta, a associação da mulher ao matrimônio é igualmente importante para a uma definição do homem em sociedade, que compartilha do destino de seus iguais, que se torna "unidade fracionária presa ao denominador e cujo valor está em relação com o todo, que é o corpo social" (ROUSSEAU[55], 1999, p. 13); e que poderá, com a reforma proposta, evitar suas próprias contradições e evitar ser um homem de seus dias, ainda conforme Rousseau.

2.2.2. A segunda carta

De uma forma geral, a segunda carta realiza o resgate da Antiguidade. Também funciona como justificativa para a proposição do projeto. Esse resgate toma forma a partir da participação de certas mulheres e pode bem representar uma razão para que tais refor- mas sejam necessárias, com base na tese da ruína moral progressiva apresentada por Restif de la Bretonne. Ao fazê-lo, Restif propor uma importante adição ao projeto: a presença do elemento feminino na reforma moral é necessária para a reforma do homem e para a geração de fundos para o reino da França.

O início da segunda carta traz uma comparação entre a frequência dos grandes salões franceses com célebres figuras femininas. A menção à Lucrécia aqui se coloca como uma alusão à fundação da República em Roma, com o exílio de Tarquínio e seus filhos, logo após o estupro da jovem por Sexto. A rebelião posterior ao crime é responsável pela passagem do sistema monárquico ao republicano na narrativa de Tito Lívio e o sentido da passagem pode ser

compreendido da seguinte forma: a ruína dos valores de uma época provoca perturbações políticas permanentes e que podem, por sua vez, proporcionar transformações irreversíveis que simbolizam o fim de um determinado período. William Shakespeare, no poema narrativo O estupro de Lucrécia (1594), nos últimos versos apresenta a necessidade da dissolução da ordem vigente para a renovação dos costumes.

> Teu coração não banhes, romano audaz,
> No suave orvalho das lamentações!
> Ajoelha-te cá e tua parte faz
> Aos deuses romanos fazendo invocações,
> Tal que presidam ver tais abominações —
> Já que a própria Roma nelas é desgraçada —
> Por nossas armas destas ruas extirpadas.
> Então, por nosso Capitólio se conjura,
> E por este casto sangue que se manchou,
> Pelo sol no céu que traz terrena fartura,
> Por todos direitos que Roma nos legou,
> Por de casta Lucrécia a alma, que contou
> Seus males, e por esta faca ensanguentada,
> Vingaremos esta boa esposa finada[63]

Ainda sobre a necessidade de mudança dos costumes, Restif de la Bretonne oferece a contrapartida do comportamento das mulheres em Esparta, conforme descrito em Plutarco, com a apresentação da mulher como elemento livre da posse de um homem, mas como posse de todos os homens que a desejem, desde que a mulher obtenha o consentimento de seu marido, uma vez que tal prática proporcionava “bem-estar físico e político”, subsequentemente substituído pela "licenciosidade” atribuída à mulher espartana[64]. Restif de la Bretonne aproveita o argumento como declaração da não ocorrência de adultério ou prostituição entre os espartanos, já que a presença da mulher pública como elemento de coesão política garantia as relações entre os gêneros.

A importância política da posição da mulher como elemento subordinado ao interesse do homem é em seguida desenvolvido por Restif de la Bretonne na continuação do argumento (p. 22-23), no exemplo de Lívia Drusila e Otaviano Augusto. O “jogo de adultério e divórcio” (p. 23) é apresentado por Restif como um importante elemento de formação dos círculos de poder em Roma — no exemplo, Lívia, grávida do filho de Tibério Cláudio, se une

---

[63] SHAKESPEARE, W. *O estupro de Lucrécia (Completo)*. Disponível em: https://shakespearebrasileiro.org/o-estupro-de-lucrecia-completo/Acesso em: 31/12/2019.

[64] PLUTARCO. *Vidas Paralelas* (1470). Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/home.html Acesso em: 31/12/2019.

a Otaviano, sendo o divórcio imposto ao primeiro pelo segundo. Lívia se mantém como conselheira de dois imperadores, garantindo sua participação na política romana[65]. A participação das mulheres gera o paralelo da organização dos Partênions, onde as mulheres públicas teriam sua própria organização e um papel a desempenhar no futuro da França também na geração dos filhos, além de fontes de prazer erótico.

A posição da mulher era também garantida pelo acesso que ela tinha às fontes de prazer. A citação que Restif traz em seguida, retirada de Petrônio, é parte da *Cena Trimalchionis,* onde, ao ser questionada por Encólpio, a escrava responde que certos prazeres eram reservados a mulheres de altas posições hierárquicas; e a elas era dado escolher seus amantes de acordo com suas preferências. Quanto às escravas, elas se mantinham disponíveis aos senhores, não lhes sendo dada a escolha[66]. O desenvolvimento dessas relações de poder por meio do erotismo causa a necessidade de um novo desenvolvimento no argumento de O Pornógrafo, onde Restif demonstra que a França se encontra mais abertamente relacionada a esse ambiente romano que das relações de Esparta, que seriam as desejáveis (1769, p. 24). Nesse momento, é finalizada a segunda carta.

2.2.3. A terceira carta

É nesta que Restif de la Bretonne apresenta o conceito da **pornognomonia** como o conjunto de regras para os lugares restritos da prostituição, assim como a definição de **pornógrafo**[67] e, ao mesmo tempo, a introdução da primeira justificativa para a criação desses espaços sujeitos a um regulamento: a sífilis.

Restif de la Bretonne situa as origens da sífilis, relacionando-as às viagens

---

[65] HURLEY, D. *Online Encyclopedia of Roman Emperors*. Livia (Wife of Augustus). https://www.roman-emperors.org/livia.htm Acesso em: 17/07/2018.

[66] PETRÔNIO. *Satyricon*. Texto em latim. Disponível em: https://www.thelatinlibrary.com/petronius1.html Acesso em: 17/07/2018.

[67] O termo em francês *pornognomonie* é composto pelo πορνεία (porneia – prostituição), *δξπ (gnoó* – conhecido, sabido) e *μόνος (mónos* – único). Implica em uma regra única para o exercício da prostituição na obra de Réstif de la Bretonne. Este faz construção análoga a partir de *Πορνογνοσχειον* (*pornognoschéion*), ou o conhecimento das regras da libertinagem. Já com respeito ao termo *pornógrafo* Πορνογραφία, formada pelos termos πορνεία (porneia – prostituição) e γράφε (grafei – escreve). Assim, o pornógrafo é aquele que escreve ou registra a prostituição. Ambas as notas estão de acordo com a etimologia dos termos usados por Restif de la Bretonne, mas o termo em grego, de onde as definições derivariam, de acordo com o próprio autor, não estão presentes no texto. A etimologia foi pesquisada usando diversos corpora disponíveis em: http://web-corpora.net/GreekCorpus/search/ Acesso em: 29/11/2018.

colombianas às Antilhas. Não há, de acordo com as atuais pesquisas, uma conclusão sobre a factualidade da afirmação, comumente difundida no século XVIII, chamada de "hipótese de Colombo" (QUÉTEL, 1990, p. 13)[68]. Tal hipótese colocaria as viagens ultramarinas como vetor de disseminação da bactéria *Treponema pallidum*, causadora da sífilis. Há, entretanto, uma "hipótese pré-Colombo", que situaria as origens da sífilis de forma difusa, considerando a possibilidade de que a bactéria já estaria na Europa no século XV, mas em estado latente. Dessa forma, seria possível compreender as primeiras epidemias de sífilis em Nápoles, no ano de 1495, no contexto da cepa inativa em vez da chegada da doença de um meio estranho. Essas epidemias ocorreram, de acordo com estudos de paleopatologia, por ocasião da invasão de Nápoles por Carlos VIII da França, cujos exércitos de mercenários, ao retornar da campanha, disseminaram a bactéria por toda a Europa[69].

A dúvida que permanece é sobre se as primeiras epidemias foram de fato causadas pelo retorno das viagens ultramarinas ou, coincidentemente, as viagens à América promoveram apenas a criação do mito da sífilis. O que resulta das recentes pesquisas é a identificação de duas filogêneses distintas — uma, presente nos esqueletos da América pré-colombiana, de cerca de 7.000 anos; outra, encontrada na Europa, com variadas espécies da bactéria do gênero Treponema em estado de latência (HARPER; OCAMPO, STEINER et al., 2008, p. 148)[70].

De acordo com Claude Quétel (1984)[71], após 1690 a epidemia de sífilis passa a ser um problema dos grandes centros franceses e o complexo do Hospital Geral (La Pitié, Salpétrière e Bicêtre) passam a receber os pacientes de sífilis no sistema de sanatório. A forma profilática era, então, o isolamento dos pacientes como forma de contenção da bactéria; e o tratamento, feito à base de dietas, banhos e sangrias, além do uso contínuo de mercúrio (p. 549), já havia sido descrito por Lewis Moore em sua carta (1769, p. 10). Durante a apresentação do projeto de reforma, Restif se posicionará contrário ao tratamento e ao uso dos hospitais públicos (ele cita La Pitié e Bicêtre, especialmente) para o tratamento dos sifilíticos, comentando sobre

---

[68] QUÉTEL, C. *The history of syphilis*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1990.

[69] POWELL M.; COOK, D. *The myth of syphilis: the natural history of treponematosis in North America.* Gainesville: University Press of Florida, 2005.

[70] HARPER, K. N.; OCAMPO, P. S.; STEINER, B. M.; et al. On the origin of the treponematoses: a phylo-genetic approach. *PLoS Neglected Tropical Diseases*, n. 2. Londres: Public Library of Sciences, 2008.

[71] QUÉTEL, Claude. Syphilis et politiques de santé à l'époque moderne. In: *Histoire*, *économie et société*, 3e année, n°4. Paris: Santé, médecine et politiques de santé, 1984, p. 543-556.

as condições de cada um desses estabelecimentos. Igual manifesto foi lançado por Mirabeau, anos após o O Pornógrafo, em 1788, na publicação *Observations d'un voyageur anglais sur la maison de force appelée Bicêtre*.

> Tivemos a coragem de ir a Bicêtre; Eu digo coragem [...] O distrito do hospital que visitamos pela primeira vez continha os indivíduos infectados com a doença venérea. Eles são empilhados como uma carga de negros em um navio africano. Cada quarto contém duas fileiras de camas: mas não é incomum ver o chão do ambiente repleto de pacientes. Isso às vezes vem da ab- soluta falta de espaço, e às vezes também do fato de que um infeliz, fraco e emaciado, meio roído pelo mais terrível dos males, ainda prefere a dureza do chão à infecção e a impureza da cama. O ar que esses desgraçados respiram continuamente é quase pestilento. Finalmente, os banhos são tão mal calculados para o serviço da casa, onde quatro pacientes são forçados a tomar banho ao mesmo tempo no mesmo tanque, tão pequeno que dificilmente os pode conter (...) (MIRABEAU, 1788, p. 102)[72].

Na terceira carta, Restif argumenta que a solução do Hospital Geral de isolamento dos pacientes seria uma das opções. A outra, mais eficaz, seria, por meio de uma reforma moral, a educação do homem parisiense na pornognomonia e a contenção das mulheres públicas em um espaço destinado ao libertinismo, sem que tais mulheres fossem excluídas de sua condição de indivíduos políticos. Então, tem início a segunda justificativa para a proposição da criação desses espaços: a didática do homem. Esse argumento se constrói em torno das diferenças entre masculino e feminino que, para Restif, cria homens ingênuos e mulheres audazes (1769, p. 37-40). As diferenças culturais, tópico-tema da Nota Histórica A, como a criação para o sexo das meninas estrangeiras, são ilustradas no trecho de Petrônio sobre a virgindade de Pannicchia[73]. O crescimento das meninas nas habilidades sedutoras era considerado uma desvantagem aos jovens, cujos ensinamentos primeiros não abordavam tais artes.

O propósito da reforma é o de, por meios jurídico-normativos, prover instrumentos para o didatismo do homem, protegendo-o da sífilis e da ruína financeira. Como o tratamento da sífilis no século XVIII era afetado por um crescente contingente populacional agrícola e não-agrícola (HOBSBAWM, 2007), havia, ainda, um componente moral que impedia a profilaxia

---

[72] *Nous avons eu le courage de nous rendre à Bicêtre ; je dis le courage [...] Le quartier de l'hôpital que nous visitâmes d'abord, renferme les individus in- fectés de la maladie vénérienne. Ils sont entassés comme une cargaison de Nègres dans un navire Africain. Chaque salle contient deux rangées de lits : mais il n'est pas rare de voir le plancher du milieu jonché de malades. Cela provient quelquefois du manque absolu de place, et quelquefois aussi, de ce qu'un malheureux, faible et décharné, à demi rongé par le plus terrible des maux, préfère encore la dureté du plancher à l'infection et à la malpropreté du lit. L'air que respirent continuellement ces misérables est presque pestilentiel. Enfin les bains sont si mal calculés pour le service de la maison, que quatre malades sont obligés de se baigner à la fois dans une même cuve, si petite d'ailleurs qu'elle peut à peine les contenir (...).* Tradução minha.

[73] Vide nota 65.

do *virus vénérien,* que fez com que somente em 1778 fossem publicados manuais de prevenção, principalmente para os contingentes militares (QUÉTEL, 1984, p. 552). O objetivo maior para Restif, porém, era o dano à população agrícola que, com a evasão das milícias provincianas, chegavam a Paris em substância e se tornavam vulneráveis à doença, dados os atrativos das mulheres públicas. A citação de Licurgo e as leis de Licurgo para promover o pudor das mulheres espartanas (1769, p. 47) era, segundo Restif, uma tarefa inglória, já que o problema não estaria na prostituição — ou ainda, nos atrativos do sexo —, mas na ausência de dispositivos que a tornassem segura e — no caso da França — rentável.

Restif recorre ao *Epigrammata Martialis* como ilustração das agruras espartanas para a contenção dos novos costumes. A geração de exércitos e a manutenção do corpo político ficam registradas no trecho *Ledaeas Lacedaemonos palaestras* e, onde se discorre sobre a dificuldade de Licurgo em manter a castidade de homens e mulheres, com os hábitos de nudez sendo substituídos pelas vestes femininas [*in Lycurgo existimat id imstitutum fuisse, ut juvenes puellarum pulchritudine capti facilius earum nuptias appeterent* — No plano de Licurgo, pensava que os jovens seriam cativados pela beleza das moças e sua união se faria mais facilmente][74]. Isso se ajusta à ideia de que o alvo principal de Restif era o camponês, a quem destinava ao casamento, e não às milícias. A "prostituição como um mal necessário" (p. 55), por si só solucionava o problema do acesso à sífilis. Nas cartas posteriores, Restif buscara desenvolver a solução para a manutenção do campo, da econo- mia do reino, da monarquia, da criação dos exércitos e dos estrangeiros, assim como da beleza das mulheres a serviço da educação camponesa.

2.3. Cartas 4 a 6 — a reforma

As cartas seguintes desenvolvem o projeto de reforma e suas possíveis objeções e as réplicas a elas. O primeiro exame da quarta carta se refere a um exame sobre as leis de Licurgo e as mudanças no costume espartano com relação à intimidade — o que aqui será desenvolvido como um exame da exposição do corpo feminino, em especial o corpo da mulher pública. Para a composição dessa exposição, será necessário utilizar algumas das notas da terceira carta, onde Restif descreve o hábito francês de vestir. Essas características serão

[74] Livro IV, epigrama 55.

contempladas no texto da reforma, quanto às vestes e a ornamentação corporal, dentro e fora dos Partênions, como colaboração para a manutenção das casas. Assim, faz-se necessário esse exame no trecho chamado "Necessidades dos lugares da prostituição" e um olhar às fontes de Restif de la Bretonne.

2.3.1. A quarta carta: Necessidade dos lugares da prostituição

Ao discorrer sobre as formas femininas e seu poder sobre o homem, Restif de la Bretonne expõe sua identidade fetichista — os trajes diáfanos, os tons de pele e principalmente os sapatos. Em voga no século XVIII, o sapato *mule* era, inicialmente, um modelo masculino que substituía o uso dos saltos altos *à* Luís XV na transição entre os séculos XVII e XVIII. Esse modelo era composto por uma sola rasteira — posteriormente substituída por um pequeno salto — e calcanhar exposto, feito basicamente de couro, mas que, ao final do século XVIII, foi tendo revestimentos mais sensíveis, como cetim e seda. As mulheres públicas do período usavam esse sapato, muito popular, já que os saltos muito altos eram acessíveis apenas à nobreza — inclusive, tendo sido proibidos ao final do reinado daquele monarca (DUFOUR 1885). Os sapatos *mule* chamavam a atenção de Restif, por tornarem os pés mais facilmente manipuláveis A admiração pelo *mule* é verificável empin- turas a óleo como *L'escarpolette*, pintado por Jean-Honoré Fragonard (1767), que mostra uma jovem num balanço, sendo o ponto focal da imagem o pé da jovem, que lança para longe sua *mule*, deixando o pé nu e a saia aberta para o homem que, deitado entre folha- gens, admira-lhe o corpo sob o vestido. A associação feita pela pintura entre o genital e a exposição dos pés é inequívoca; e o grande motivo da pintura pode ser compreendido no adorno como fetiche *stricto sensu*.



Figura 1: *L'escarpolette*, pintado por Jean-Honoré Fragonard (1767).

Na descrição do corpo e suas coberturas (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 42) a menção ao *déshabillé* serve para promover a vulnerabilidade do indivíduo parisiense com relação ao que ele considera "volúpia definhante" (idem). É um traje de noite composto pelo *négligé* e pela camisola e, durante os séculos XVII e XVIII, seu uso esteve relacionado às mulheres públicas e a necessidade de se ver o corpo antes do sexo. Mais do que um elemento de composição da ornamentação feminina no vestuário, o *déshabillé* promove o primeiro contato entre a mulher e o cliente: a apreciação da forma e a antecipação das possibilidades para o libertino (BOUTIN-ARNAUD; S. TASMADJIAN, 1997). Restif de la Bretonne faz uma aparente referência à obra de François Boucher, *La toilette de Vénus* (1750-1751), possivelmente como ilustração das toaletes femininas. O centro da obra é Jeanne-Antoinette Poisson, Marquesa de Pompadour, em Versailles, em 1751, composição de óleo sobre tela em 1751, como parte de uma coleção que retratava Madame de Pompadour em sua intimidade. A

referência recupera a relação de Boucher com Pompadour, notória cortesã, famosa por sua relação com o rei Luís XV, baseando sua relação no entretenimento deste e sendo, da mesma forma, uma das mais influentes mulheres de Paris naquele período (HYDE, 2006).

Tão importante quanto as descrições de Restif sobre os pés é a analogia com os carácteres físicos sexuais. A referência ao suflê Zéfiro é uma dessas analogias. Trata-se de uma sobremesa de framboesa e creme à base de claras de ovos e açúcar, feita em formato cuneiforme, numa alusão aos seios, mas que igualmente se relaciona ao mito de Jacinto. Este, descendente de Lace- demõnio e Esparta, foi objeto do amor de Apolo, que o ensina a lançar o disco com perfeição. Também enamorado de Jacinto, Zéfiro (vento oeste) muda a direção do disco quando este é lançado. O disco atinge Jacinto, matando-o, e fazendo o sangue escorrer por sobre a relva. A referência parece suscitar a feminilidade do nome de Jacinto (*Ὑάκινθος*) e do sangue, que escorre de sua cabeça (HACQUARD, 1996), o que poderia ser compreendido como uma metáfora da menstruação.

O corpo feminino, fonte de fascínio para Restif de la Bretonne, é um corpo que pode ser compreendido como privado e público. Os aspectos privados do corpo feminino são amplamente desenvolvidos em suas obras autobiográficas. O prazer das observações das mulheres de sua vida — na sequência, suas irmãs, Jeannette Rousseau, Colette Parangon (Fournier), além da completa falta de interesse quanto ao corpo da esposa Agnès (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, 5ª época, p. 159) — constitui a necessidade da aplicação do aprendizado sobre o corpo na compreensão de como ele se constitui. É quando o corpo privado passa a ser um corpo público, político e que compartilha a sorte dos demais. Nesse exame, Restif busca novamente em Esparta as razões pelas quais o libertinismo se tornara um problema social.

Como recurso, a citação de *Dissertation sur les causes et las degrés de la décadence des loix de Lycurgue,* de Mathon de la Cour[75]*,* Restif logra não somente oferecer mais um argumento com relação às necessidades do resgate dos costumes.

> Os laacedemônios não tinham uma reputação irrepreensível e, entre os vícios dos quais essa nação era mais comumente acusada, seu libertinismo não estava longe de Lacedemônio[76], que temia que o Estado não tivesse cidadãos. Eles enviaram os jovens de volta a Esparta; e ordenou que fizessem comércio com todas as jovens mulheres, indiscriminadamente. As crianças que nasceram desse comércio foram chamadas

[75] DE LA COUR, C.-H. M. *Dissertation sur les causes et las degrés de la décadence des loix de Lycurgue.* Lyon: Durand et Vallat-la-Chapelle, 1767.

[76] Miticamente, Lacedemônio era filho da ninfa Taigeta, uma das Plêiades, com Zeus. (Díctis Cretense, *Efeméride da Guerra de Troia*, livro I, 9).

Parthéniens (DE LA COUR, 1767, p. 23-24)[77].

Parthéniens seriam os filhos das relações de comércio, ou seja, entre o estrangeiro e a mulher que recebia uma quantia em troca de sexo. Essa geração era tratada com desprezo pelos espartanos e, quando chegava a idade militar, juntavam-se ao exército (idem). A tese central da dissertação de Mathon de la Cour era a de que esse "comércio de estrangeiros" (p. 25) trouxe, como consequência, não o aumento de contingentes militares fieis à *polis*, como era desejado pela proposição das leis de Licurgo, mas o surgimento de um agrupamento militar dissidente e desafiador, já que não tinham família nem herança. O surgimento desse contingente também causou o aumento da pobreza geral e o surgimento do adultério como efeitos indesejados. Seriam esses, então, os sinais do grau de decadência de Esparta.

Um paralelo semelhante pode ser verificado em A Cidade do Sol (1602), de Tommaso Campanella (1568-1639), onde é defendido o uso das mulheres estéreis pelos homens incapazes de permanecer em castidade e o sistema de comunhão das mulheres, "conforme o modelo da República de Platão" (BERRIEL 2008, p. 113; 117). No entanto, o propósito central, conforme o entende Restif de la Bretonne, era o de impedir o adultério retirando o desejo pela mulher livre ou a mulher de outro espartano, uma vez que as mulheres não estariam ligadas a um homem apenas, mas apresentavam-se como coisa pública. O efeito indesejado é deixado de lado por Restif, que utiliza a dissertação como suporte para a tese de que o corpo feminino, ao tornar-se político, era promotor de igualdade e manutenção da moral (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 62-63).

Enquanto o exame dos lacedemônios traz o efeito desejado pela reforma, especialmente no tocante à igualdade comunitária (como consta na nota feita por Restif na página 62, onde afirma não haver ali a necessidade de luxos ou elementos que distanciem os indivíduos do ideal da *polis*), uma nota subsequente traz mais um elemento constituinte do costume: o direito de *jambage*, ou *cuissage*. Célebre, o *Droit de cuissage (jus primae noctis)* foi registrado como o direito medieval dado ao senhor de exigir sexo das mulheres de seus vassalos ou de seus servos na noite de núpcias. Também pode se referir ao direito do senhor de arranjar o casamento

[77] *Les lacédémoniens nèurent pas une réputation irréprochable, et parmi les vices dont on accusoit le plus communément cette nation, leur libertinage ne fut pas tems éloignés de Lacédémone, craignirent que l'Etat ne vingt à manquer de citoyens. Ils renvoyerent les jeunes gens à Sparte; et leur ordonnerent d'avoir commerce avec toutes les filles indistinctement. Les enfans qui nâquirent de ce commerce furent appelés Parthéniens.* Tradução minha.

de seus vassalos (ERAISSE, 1996)[78]. O direito ao corpo, principalmente do corpo feminino, estava relacionado à terra e à servidão do trabalho campesino, ou seja, da mesma forma que o servo dedicava seu trabalho nas terras do senhor, também era dele esperado que cedesse suas primeiras núpcias. Uma das grandes fontes históricas de divulgação desse direito foi, em grande parte, atribuída a Voltaire pelo artigo *Cuissage ou Cullage,* onde menciona a existência do direito em questão, mas sem declará-lo um direito *de facto* (VOLTAIRE, 2005, p. 744). No entanto, o historiador medievalista francês Alain Boureau afirma, em *Le Droit de cuissage. Histoire de la fabrication d'un mythe (XIIIe-XXe siècle),* a ausência de fundamento histórico para a consideração do *droit de cuissage* como fato histórico, sendo verificável apenas o texto de Voltaire como fonte para a existência de tal dispositivo (1995, p. 225-226). No entanto, a participação do clero no Droit de Cuissage se constitui como fato histórico por muito tempo, mas na instituição do casamento entre seus vassalos e servos.

> Em vários cantões da Picardia, os curas imitavam os bispos e antigamente tomavam o direito de *cuissage*, mas os camponeses dessa região passaram a se recusar a se casar, e os padres abandonaram a prática que usurparam do bispo quando este ficou velho demais para exercê-la como direito. A resolução de não se casar surpreendeu e confundiu o lorde suserano que percebeu que isso causaria o despovoamento de seus feudos (GAGE, 1893)[79].

É possível associar assim a nota de Restif sobre o *jambage* com Valdo. O termo valdenses (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 63) seguidores de Pedro Valdo (1140-1205), cuja vida ascética inspirou a formação do grupo em 1173, que foi considerada herética 10 anos depois pelo papa Lúcio III (1181-1185). A menção aos valdenses se deve ao caráter eclesiástico do *Droit de cuissage* (BOUREAU, 1995, p. 205). É mais provável, entretanto, associar a nota com as leis vigentes entre os valdenses, habitantes do cantão de Vaud, sendo na Suíça, onde, de acordo com Jean-François Boyve[80], que elenca em *Definitions ou explications des termes du droit, consacres a la pratique judiciaire du Pais de Vaud* (1766) uma relação do ordenamento jurídico vigente naquela década naquele cantão, o jambage era parte do costume das relações de suserania.

---

[78] ERAISSE, Geneviève. Droit de cuissage et devoir de l'historien In*: Clio. Femmes, Genre, Histoire,* n. 3, 1er avril. Paris: Éditions Belin, 1996.

[79] *In several cantons of Piccardy, the curés imitated the bishops and anciently took the right of cuissage, but ultimately the peasants of this region refused to marry, and the priests gave up this practice which they had usurped when the bishop had become too old to take his right. The resolution not to marry, surprised and confounded the lord "suzerains," who perceived it would cause the depopulation of their feuds*. Tradução minha. GAGE, Matilda J. *Women, Church, and State.* 1893. Disponível em: https://www.gutenberg.org/files/45580/45580-h/45580-h.htm Acesso em: 20/01/2019.

[80] BOYVE, J.-F. *Definitions ou explications des termes du droit, consacres a la pratique judiciaire du Pais de Vaud.* Lausanne: Jean-Pierre Heubach, 1766.

> Os servos de mão-morta[81] não podem se casar sem o consentimento de seus signatários; eles só concordaram com isso através de meios financeiros e outros tantos, e tinham o direito de dormir com a noiva e o noivo na primeira noite do casamento. Esse direito é chamado de calçado. Alega-se que esse direito tão detestável foi introduzido por Calígula, que era extremamente lascivo e cujo nome deriva de *Caliga*, que significa sapatos ou calcinhas (BOYVE, 1766, p. 258-259)[82].

A contrariedade ao *jambage* é pontuada pela referência a Bartolomeu de las Casas. Aqui, a referência de Restif não é exata. Bartolomeu de las Casas (1474-1566) foi bispo de Chiapas, no México, mas antes rezou a primeira missa da colônia espanhola nas Américas, na Ilha Hispaniola (Haiti/República Dominicana), no ano de 1510. Las Casas publica, em *Brevísima relación de La destrucción de las Indias (1552),* na narrativa que se contrapõe ao costume europeu como vetor da dissolução dos costumes nativos por meio do estupro das mulheres e da escravização.

> *En la isla Española, que fue la primera, como dejimos, donde entraron cristianos y comenzaron los grandes estragos y perdiciones destas gentes y que primero destruyeron y despoblaron, comenzando los cristianos a tomar las mujeres e hijos a los indios para servirse y para usar mal dellos y comerles sus comidas que de sus sudores y trabajos salían, no contentándose con lo que los indios les daban de su grado conforme a la facultad que cada uno tenía*" (p. 18).

A nota recupera, de Do Contrato Social, a ideia do estado de natureza e do contato com a organização social em seu aspecto destrutivo, em especial na ilegitimidade da escravização. No argumento de Restif (p. 64), a ausência de mulheres públicas de origem não-europeia, ou ainda que existam, em número muito inferior, é uma virtude dos costumes de tais povos. A mulher estrangeira, portanto, não deve constituir o corpo político, pois o processo da reforma deve servir ao didatismo e à prevenção de males físicos, elementos que devem constituir as sociedades modernas. Não sendo elementos de constituição de tais sociedades, as

---

[81] Mãos-mortas (*mainmorts*) eram os membros da Igreja Católica protegidos pelo dispositivo de direito de propriedade concedido pelo monarca. Não era possível aos mãos-mortas alienar ou vender suas terras, salvo em caso especiais. Tais disposições são apresentadas no Édito de 2 de janeiro de 1692, Art. 8º a 15. DENISART, Jean-Baptiste. *Collection de décisions nouvelles et de notions relatives à la jurisprudence présente, par M. J.-B. Denisart, procureur au Châtelet de Paris, 1761. Disponivel em:* https://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&collapsing=disabled&rk=21459;2&query=%28gallica%20all%20%22Collection%20de%20d%C3%A9cisions%20nouvelles%20et%20de%20notions%20relatives%20%C3%A0%20la%20jurisprudence%20pr%C3%A9sente%2C%20par%20M.%20J.-B.%20Denisart%2C%20procureur%20au%20Ch%C3%A2telet%20de%20Paris%22%29%20and%20dc.relation%20all%20%22cb303245715%22 Acesso em: 02/02/2019.

[82] *Les sujets de* ***main morte*** *ne peuvent pas se marier sans le consentiment de leurs signeurs; ils ne l'acordoient qu'au moyen d'ùne finance et autre cela, ils avoient le droit de coucher avec les epouses la première nuit de leurs nôces. On appelloit ce droit celui de chausse. On prétend que ce droit si dé- testable avoit été introduit par Caligula qui étoit extrémement lascif, et dont le nom dérive de* Caliga, *qui signifie des chausses ou cullottes.*Tradução minha.

mulheres estrangeiras devem se manter como exemplo em seu estado original. O exemplo dos povos asiáticos é extraído por Restif da obra de George Adson, 1º Barão de Soberton (1697-1762). Durante a Guerra da Orelha de Jenkins[83] (1739-1742), em 1740, Anson decide utilizar uma estratégia diversa para a abordagem à Armada Espanhola em diferentes rotas, como as rotas Manila-Lima e Lima-Santa Fé. Empreende, assim, uma circum-navegação, começando em Portsmouth e aportando em Spitshead, em 1744, pela rota da costa do continente africano, via Cabo da Boa Esperança[84]. Os registros de viagem de Lorde Adson narram o contato com diferentes povos asiáticos e trata-se em essência de um diário de bordo, com os detalhes sobre as diferentes rotas. O texto, de uma forma geral, traz impressões sobre os diferentes modos de organização e produção em diferentes localidades, mas a tripulação mantem pouco contato com os povos para além do comércio. Restif de la Bretonne concentra a nota nas "trapaças" sofridas pela tripulação do *Centurion* em sua relação com os chineses, como segue:

> Uma vez, uma grande quantidade de aves e patos, sendo trazidos para o uso do navio, morreu. Isso alarmou todos a bordo com a apreensão de que haviam sido mortas por algum veneno, mas, ao examinar, parecia que havia sido apenas devido a serem amontoadas com pedras e cascalho para aumentar seu peso. A quantidade assim forçosamente posta na maioria dos patos era de até 300 gramas em cada um deles[85].

A partir desse ponto, Restif demonstra outro de seus argumentos. Ainda com relação a Esparta. A relação entre os gêneros deve ser incentivada, pois nela serão gerados os filhos necessários para a França. A constituição dos exércitos sem a participação de merce- nários estrangeiros — não constituem o corpo político — ou de jovens camponeses — como solução para a incipiente escassez de alimento em espaços agrícolas e não-agrícolas passam pela apropriação do corpo feminino, que deve permanecer disponível para a reprodução. É como se encerra a quarta carta. A apresentação do epigrama 67 do Livro VI do *Epigrammata Martialis*,

---

[83] Trata-se de um episódio da Guerra de Sucessão Austríaca, deflagrada após a morte de Carlos VI e que garantiu o trono a Maria Teresa da Áustria. No episódio, Robert Jenkins era capitão de uma embarcação de pilhagem que é capturado pelos espanhóis, em 1731. Jenkins comparece ante a Câmara dos comuns em 1738, acusando o capitão espanhol Julio León Fandiño de lhe cortar a orelha como sinal ao rei, de que lhe faria o mesmo, caso as águas espanholas fossem novamente invadidas. O conflito durou até 1742, envolvendo a Grã-Bretanha e a Espanha (SCOTT, Hamish. *The Birth of a Great Power System, 1740-1815*. Londres: Routledge. 2015).

[84] WALTER, Richard, (M. A.) *A voyage round the world, in the years MDCCXL, I, II, III, IV*. Londres: John and Paul Knapton, Publishers, 1748.

[85] *One time, a large quantity of fowls and ducks being brought for the ship's use, the greatest part of them presently died. This alarmed the people on board with the apprehension that they had been killed by poison, but on examination it appeared that it was only owing to their being crammed with stones and gravel to increase their weight, the quantity thus forced into most of the ducks being found to amount to ten ounces in each.* Tradução minha. WALTER, R. Anson's Voyage Round the World (Reduced). 2005. Disponível em: https://www.gutenberg.org/files/16611/16611-h/16611-h.htm Acesso em: 25/02/2019.

corrigida, traz o texto: "*Cur tantum eunuchos habeat tua Caelia, quaeris, Pannyche? Volt futui Caelia nec parere"* ["Não te perguntas, Pannicus, por que sua amada Celia tem consigo apenas eunucos? Ela deseja o prazer, mas não deseja parir"]; que, combinado com o trecho de *Dissertation sur les causes et las degrés de la décadence des loix de Lycurgue*[86] com o objetivo de afirmar que a reforma é da ordem da natureza. Os objetos da reforma retornarão ao seu estado natural para, então, iniciar o processo de restauração da sociedade. Dessa forma, Restif de la Bretonne encerra o preâmbulo de justificativas, para introduzir o tema dos papéis naturais por meio da reforma dos lugares da prostituição, retomando o tema do princípio do duplo efeito.

2.3.2. A quinta carta: Os inconvenientes da prostituição

Esta carta tem dupla função: a primeira, de reintroduzir o princípio do duplo efeito, já que Restif deseja "extrair o bem do próprio mal" em vez de "extrair o mal do próprio bem" (1769, p. 78); e a segunda, de organizar as justificativas da instituição dos Partênions. Especialmente com relação à segunda função, Restif lista os inconvenientes da prostituição da forma como ela se apresenta nos "anos de 176...", conforme anunciado no cabeçalho de cada carta. É preciso, em primeiro lugar, compreender o que significava a prostituição no século XVIII e como ocorriam as dinâmicas sociais nos espaços da prostituição, antes da introdução de seus inconvenientes conforme eram percebidos por Restif de la Bretonne. Nesse sentido, é possível compreender o século XVIII como um período de expansão da prostituição, concomitante ao processo de expansão populacional. Isso se deve, especialmente à consolidação da burguesia como classe. O crescimento da burguesia comercial somado ao surgimento das práticas de livre mercado e as mudanças no modo de produção — da exploração mercantilista à produção interna, o que também leva a mudanças nas dinâmicas econômicas nos espaços agrícolas e não-agrícolas[87] — são alguns dos aspectos mais flagrantes do ambiente econômico francês do século XVIII.

Do ponto de vista econômico, o século XVIII foi o período de profundas mudanças na estrutura dos meios de produção e das transformações nas relações sociais a partir de um modelo político-econômico que se desfazia. Alia-se a isso uma mudança sociocultural em uma

---

[86] *Dissertation sur les causes et les degrés de la décadence des loix de Lycurgue*, Mathon de La Cour, 1767, p. 17.

[87] CAMPBELL, Peter; McPHEE, Peter. Rethinking the origins of the French Revolution. In: *A Companion to the French Revolution.* Nova York: Peter McPhee, Ed., 2013, p. 1–23.

população que crescentemente adotava a percepção da igualdade e das necessidades de liberdades individuais apresentadas por Diderot, Voltaire e Rousseau[88]. A importância da introdução dessas ideias em uma sociedade em transformação encontra a ascensão da burguesia comercial e as teorias econômicas populares naquele período — em especial a fisiocracia, uma doutrina econômica essencialmente agrária, especialmente adotada na fazenda La Bretonne, por Edmé Rétif, a partir de 1743 (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, Tomo I, p. 52). A prostituição surge como um fator endêmico nesse século sob a ótica da origem dos problemas das cidades principalmente por ocasião da somatória das novidades econômicas (e suas consequências) com a ascensão dessa burguesia que, além das significativas modificações na estrutura social, na vida cultural e na expressão do pudor.

Tanto a Áustria como a Prússia adotaram medidas de repressão à prostituição (FOUCAULT, 2003, p. 205). Na França, a criação do Hospital Geral, em 1656, sob o *Ancien Régime*, foi uma das medidas de contenção da prostituição. O Hospital Geral de Paris não era uma estrutura de saúde, mas uma casa de confinamento para miseráveis, mendigos e prostitutas, além dos idosos e casos graves de demência, incluindo os sifilíticos (FOUCAULT, 1988). O isolamento desses indivíduos era parte de um sistema de conexão entre a sexualidade e a medicalização, apontando uma legitimação do prazer erótico como fenômeno "natural" e necessário quando promovido por relações que estavam de certa forma subordinadas a uma noção de normalidade que era, por sua vez, relacionada à família. Ocorre, portanto, a normatização da sexualidade a partir das estruturas fundamentais da sociedade: a família e a sexualidade dentro de uma norma reprodutiva. Percebe-se, então, uma mudança na apreensão do corpo humano: durante a primeira metade do século XVII o corpo se constituía em um instrumento moral, carregando as marcas de idade, gênero e classe social na afirmação dos costumes. É a partir do século XVIII que a percepção da liberdade individual cria novas formas de posicionar o corpo social — a sífilis e a ornamentação fazem parte desse novo corpo[89].

a. O comércio sexual: Da Baixa Idade Média até a Idade Moderna

Para uma melhor compreensão dos inconvenientes da prostituição, é preciso

[88] FERRONE, Vincenzo, The Enlightenment. In: *History of an Idea.* Cambridge: Princeton University Press, 2015.

[89] FOUCAULT, Michel. *Madness and Civilization*. Nova York: Vintage Books. 1988, p. 39; 53.

examinar com mais detalhe o que significava a atividade do comércio do sexo. Foi nos séculos XI e XII que o discurso eclesiástico, estabelecido pelo *Decretum* de Bucardo (Bispo de Worms, 950-1025)[90], introduz o duplo efeito, posteriormente desenvolvido na Suma Teológica de Tomás de Aquino. Esse aspecto do duplo efeito, tratando especificamente da atividade de comércio sexual, vê a atividade como um mal, mas admite sua necessidade. Ainda assim, a punição para a mulher que incorresse em *publicidade* era de seis anos de penitências, enquanto o homem que dela se utilizasse deveria jejuar durante 10 dias — sendo daí possível inferir que o mal estava na ação do oferecimento do corpo, e não do usufruto do mesmo. Tomás de Aquino realiza a racionalização da tolerância à prostituição, na Suma Teológica: na Questão 92 Artigo 10, *Da produção da mulher*, Tomás de Aquino defende que "Era necessário que a mulher fosse feita para adjutório do homem. Não, certo, adjutório para qualquer outra obra, (...), mas, para o adjutório da geração" (Suma Teológica, I, Q 92, A1). O argumento defende a criação da mulher como instrumento à habilidade racional do homem, como consta no segundo adendo ao argumento: "a mulher é naturalmente dependente do homem; porque este tem naturalmente maior discrição racional." (I, Q 92, A1, ad. 2.), A "discrição racional" permite ao homem, então, instrumentalizar a mulher que, não sendo criação independente do homem, está a ele presa e inevitavelmente subordinada à atividade sexual obrigatória.

Parte da atividade primordial feminina centrava-se na procriação. O primeiro adendo ao argumento declara que "a fêmea está destinada, por intenção da natureza, a obra da geração" (Ia, Q 92, A 1, ad. 1.). À ideia de geração soma-se a sanção para além da procriação: "Toda conjunção carnal fora dos limites do matrimônio é pecado" (Suppl. IIIae, Q 46, A 2.). Onde estaria, então, localizada a atividade de prazer possibilitada pelo comércio de sexo? A mulher fora dos sacramentos matrimoniais não completaria sua função primordial — a atividade do prazer específica à mulher pública é associada à ideia do Mal, conforme as Escrituras, talvez pelo primeiro pecado de exercer a atividade de prazer para além da procriação e fora do casamento. A fornicação, atividade associada à mulher pública e ao adultério, associa-se ao pecado anterior, mais relacionado à mulher que se encontra longe da racionalidade do homem.

> 1. Pois as partes de uma mesma enumeração devem ser da mesma natureza. Ora, a fornicação é enumerada com outros atos que não são pecados mortais; assim, diz a Escritura: que se abstenham das contaminações dos ídolos, e do sangue e da fornicação e das carnes sufocadas. Ora, a prática de tais atos não é pecado mortal, segundo o Apóstolo: Não é para desprezar nada do que se participa com ação de graças. Logo, a fornicação não é pecado mortal.

[90] SANGER, William. *The History of Prostitution.* Nova York: Harper & Brothers, 1972.

> 2. Demais. — Nenhum pecado mortal pode ser objeto de preceito divino. Ora, o Senhor ordena a Oseas: Vai, toma por tua mulher a uma pública meretriz e tem dela filhos que te nasçam duma mulher que foi meretriz. Logo, a fornicação não é pecado mortal. (IIa-IIae, Q 154, A 2 – grifo meu).

Ao iniciar, portanto, com a hipótese de que a tolerância com a prostituição é necessária, é possível compreender ulteriormente que o processo de privatização da mulher pelo casamento (que anula o publicismo) faz com que ela se associe ao homem, ou ainda, à "discrição racional" a ele atribuída na criação. Assim, de acordo com o argumento anterior, na *Secunda Secundae*, Questão 10, Artigo 11, a leniência com relação a essas atividades é considerada um mal menor cuja existência poderia se tornar fértil para a realização do bem, uma vez que a mulher é resgatada. Permitir a existência do acewsso do homem ao publicismo da mulher está como um mal que pode ser a fonte de bem.

> O governo humano deriva do divino e deve imitá-lo. Ora, Deus, embora omnipotente e o sumo bem, permite, contudo, existam [sic] no universo certos males, que poderia impedir, a fim de que a eliminação deles não acarretasse também a de maiores bens, ou resultassem males piores. Assim também, os chefes do governo humano toleram com razão certos males, para não ficarem impedidos certos bens, ou ainda, para não caírem em males piores, como diz Agostinho: Suprime as meretrizes, da sociedade humana, e perturbarás tudo com a libidinosidade (ST IIa- IIae, Q 10, A 11).

A trajetória da prostituição nos séculos XV e XVI oscila entre a tolerância e as ações de repressão com indultos, banimentos e descerramentos dos indivíduos acusados de comércio sexual. Foi caso, por exemplo, do Édito de Blois, de 1560, que ameaçava com o descerramento e a prisão homens e mulheres que recorressem à prostituição. A resposta mais simples para a existência de tais dispositivos normativos era a sífilis[91]. O "mal francês", ou ainda "mal napolitano" (dependendo da perspectiva do depoente), já se havia espalhado pela Europa. Em 1494, um exército francês de mercenários entrou em colapso no campo de batalha, seguido, em 1497, por outro contingente escocês. O registro anedótico conta que tais contingentes haviam contraído sífilis após festejos em Nápoles, com prostitutas locais (TOULALAN; FISHER, 2013, p. 395).

Durante o século XVII, teve início o sistema do Hospital Geral, que só concluiu suas atividades em 1747-48, com o início dos conflitos em Paris, na revolta da cidade contra o abrigo de criminosos, no mesmo estabelecimento onde funcionavam as escolas para meninos e meninas, em Salpêtrière, La Pitié e Bicêtre, onde estudou Restif de la Bretonne no período

[91] TOULALAN, Sarah; FISHER, Kate. The Routledge History of Sex and the Body: 1500 to the Present. Nova York: Routledge, 2013.

citado. O Hospital abrigava, além dos casos já mencionados, mulheres acusadas de fornicação, adultério ou publicidade, por ordem de Luís XIV, em 1658. As mulheres acusadas eram apenas libertadas após o confessor local tê-las declarado arrependidas e reformadas (p. 403). Nesse mesmo período, a função de Tenente-General da *Gendarmerie* foi criada por Luís XIV com o objetivo único de conter o crescente número de prostitutas. Estas chegavam a Paris vindas do interior do país, das regiões agrícolas e de países estrangeiros, e se concentravam na região do Palais Royale e Versalhes (idem). No ano de 1687, o rei dá ordens para que as as prostitutas não se aproximem de Versalhes ou sejam vistas em companhia de soldados, sob pena de terem seus narizes e orelhas cortados[92]. A repressão à prostituição chega ao auge em 26 de julho de 1713, com a inclusão de qualquer atividade libertina e com a formalização das regras de repressão, que só terminou com a morte do rei, em 1715. No reinado de Luís XV (1710-1774), as permissões para o exercício da prostituição foram restabelecidas e a atividade dos Gendarmes de supervisão das casas de prostituição regrediu a visitas periódicas. Os atos de repressão retornam somente no reinado de Luís XVI (1754-1793) (GOSZTOLA, 2014).

No século XVIII, a contagem do número de mulheres públicas chegava a 30.000 em Paris, número daquelas que trabalhavam nas ruas e nas casas de prostituição. O aumento da pobreza com a população evadida dos campos devido à taxação da produção agrícola e o aumento da dívida francesa, já que o Primeiro Estado (Clero) e o Segundo Estado (Nobreza) não pagavam impostos, promoveram o desestímulo à produção. O produto agrícola mais produzido eram os grãos — trigo e centeio — graças aos baixos custos de plantio e colheita. Raízes como o nabo e a batata passaram a ser estimulados, mas os impostos eram esmagadores. Os camponeses eram obrigados a pagar um décimo de sua renda (dízimo) ou a produzir para a igreja. Os camponeses pagaram um imposto sobre a terra ao Estado (*taille*) e um imposto sobre a propriedade de 5% (*vingtième*). Além disso, eram obrigados a pagar um imposto sobre o número de pessoas na família (imposto per capita), dependendo do *status* do contribuinte. Outras obrigações reais e senhoriais podem ser pagas de várias maneiras: no trabalho (*corvée*), em espécie ou, raramente, em moeda. Os camponeses também eram obrigados a seus proprietários por meio de aluguel em dinheiro (o censo), um pagamento relacionado à quantidade de produção anual (*champart*) e impostos sobre o uso das fábricas dos nobres, prensas de vinho e padarias (*banalités*). A evasão do campo — ainda que não fosse diretamente para as cidades — ocorria com o movimento dos homens para as milícias provinciais e as

[92] GOSZTOLA, Anne. "Mémoire : *La prostitution et la police des moeurs au Mans au XVIIIème siècle. Histoire mode"* (2014). Disponível em: https://www.iquesta.com/Recherche-sur-La-Prostitution-Et-La-Police-Des-Moeurs-Au-Mans-Au-Xviiieme-Siecle-126.html Acesso em: 17/02/2019.

mulheres, para os centros não-agrícolas (HOBSBAWM, 2007, p. 114-139).

A década de 1760 apresenta o ambiente de prostituição cortesã, nas ruas e casas, além das mulheres que eram mantidas em pequenos hotéis ou pensões e trabalhavam em bares, salões, na saída das casas de ópera, tavernas. O bordel tradicional era cada vez mais raro, enquanto a variedade do entretenimento de Paris tornava a atividade mais rentável. O número de mulheres públicas crescia vertiginosamente, chegando a cerca de 100.000 no início dos anos 1760, apenas em Paris. O número elevado não era de nenhuma ajuda às mulheres, que se tornavam predatórias no trabalho nas ruas, recebendo alcunhas como *rapace* (voraz) e *fauve* (besta) (TOULALAN; FISHER, 2013, p. 404-405).

b. Restif e os Inconvenientes da prostituição

É possível ver uma linha sequencial entre os inconvenientes listados por Restif de la Bretonne na quinta carta. O percurso dos inconvenientes vai da possibilidade do contágio pela sífilis até a possibilidade de se tornar um vetor de contágio em áreas onde a sífilis ainda não se tornara um problema. Nessa sequência, há a questão da decadência física da mulher pública, que passa a apresentar os sintomas de doenças infecciosamente transmissíveis e as marcas de uma vida de privação e dificuldades, má alimentação, más condições de higiene, saúde e habitação; a existência de lugares de prostituição que se haviam tornado atrativos para mulheres que não se prostituíam antes; a desorganização dos bordéis, que já não eram visitados frequentemente pela *Gendarmerie*; a manifestação das formas de libertinismo que eram baseadas na violência física e eram comumente realizados com mulheres públicas, com os homens desejando fazer as mesmas mesmas práticas com suas esposas, ferindo-as; o fato de que mulheres de diferentes classes sociais buscavam a publicidade como fonte de renda, não sendo exclusivamente um fenômeno relacionado às mulheres pobres; a ornamentação gerava dúvidas, já que certas mulheres se vestiam de forma diferente das mulheres públicas que se apresentavam de *desabillé*; a expansão das áreas de prostituição de alguns *arrondissements* para a cidade toda, em diversos pontos de lazer e convívio diurno; e, por fim, a possível ida de mulheres públicas para fora de Paris, de regresso às províncias, para que ali se tornassem foco de doenças.

A sífilis é o primeiro — e mais indesejado — dos inconvenientes da prostituição (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 80). O aumento do número de mulheres públicas em

Paris e o sistema de confinamento dos Hospitais Gerais da França fizeram a doença ser a grande epidemia do século XVIII. De acordo com Susan P. Conner (1996)[93], não se faziam nos manuais de medicina ou nos relatórios a diferenciação entre sífilis e gonorreia, o que dificulta de certa forma o registro das estatísticas de ambas as doenças. No entanto, é possível contar com certos registros de algumas instituições. Por exemplo, em Salpêtrière havia cerca de 500 mulheres públicas internadas no mesmo local. Havia uma separação dos espaços de confinamento entre as mulheres doentes e aquelas que não apresentavam sintomas, mas as mulheres doentes dificilmente recebiam tratamento. Estima-se que cerca de 15% das mulheres de Salpêtrière que estavam contaminados acabaram falecendo contra 13% dos homens (CONNER, 1996, p. 15-16).

Em Bicêtre, o sistema de internação era compulsório para os casos judiciais, mas também havia ali o sistema de internação voluntária, que era tratado de forma diferente dos demais casos. Enquanto os casos judiciais permaneciam no interior do hospital, os sifilíticos que se internavam voluntariamente permaneciam na *Salle de Remèdese* na ala *Miséricorde*. Os indivíduos que ali permaneciam eram recomendados pela influência de suas relações ou ainda de acordo com sua renda (p. 20). Ainda assim, o tratamento não era oferecido a todas as mulheres. Independente da hospedagem ou da forma de recepção no hospital, a estratégia em Bicêtre se aproximava mais de uma purificação moral que de um tratamento propriamente dito, já que, apesar das publicações sobre *maladies vénériennes* — ainda que poucas —, havia diferentes perspectivas sobre o contágio e algumas formas peculiares de tratamento. Acreditava-se que o contágio se dava pelo contato sexual com uma mulher que tivera outros intercursos e em seu corpo ainda mantinha o sêmen do parceiro anterior. O contato com esse sêmen, contaminado pelos líquidos vaginais, formariam uma secreção sulfurosa. A penetração do próximo parceiro geraria uma fermentação ácida que causaria a corrosão dos órgãos genitais e a degradação do corpo, coisa que só seria possível por meio do corpo feminino. Tal teoria estava presente no *James`s Medical Dictionary*, traduzido para o francês por Denis Diderot em 1747, que apresentava o "vírus como um veneno ativo e penetrante, um fluido sulfuroso extremamente sútil, ou ainda, um princípio flogístico etéreo e fermentativo, que infecta outros fluidos corporais quando em comunicação" (QUÉTEL, 1990, p. 78). Além dessa versão do contágio,

[93] CONNER, Susan P. The Pox in Eighteenth-Century France. In: MERIANS, Linda Evi (Org.). *The Secret Malady: Venereal Disease in Eighteenth-Century Britain and France.* Lexington: University Press of Kentucky, 1996.

havia a inda a popular versão do fluido elétrico (*fluide électrique*), que dizia que era a lubricidade do coito, com a rapidez das fricções de beijos e da penetração, a responsável pela transformação de fluidos corporais em líquidos elétricos que causariam corrosão e erupções (CONNER, 1996, p. 19).

O tratamento era igualmente exótico. As mulheres que recebiam o tratamento em Bivcêtre eram geralmente aquelas que ali estavam por internação voluntária. O primeiro tratamento utilizado era a ingestão de cloreto de mercúrio com leite ou sopa (*mercure sublimé corrosif*). A partir do segundo dia de tratamento, ambos as coxas recebem a aplicação de unguento de banha de porco. A agressividade do tratamento com mercúrio aproximava os doentes de tratamentos alternativos oferecidos em folhetos distribuídos em Paris, que prometiam "cura vegetal", como a solução *Nègre de Mondragon*, os afrodisíacos antivenéreos e os unguentos profiláticos. O charlatanismo não era apenas permitido por Luís XV, mas também era incentivado (p. 23). Com tais práticas, o número de doentes aumentava, chegando a 200.000 contaminados em Paris na década de 1760 (BERTOLLIER, 1974, p. 9).

A sífilis deixava marcas específicas, como as erupções cutâneas (psoríase e outros tipos de descamações cutâneas) e pústulas genitais e anais, descamação e vermelhidão da pele. À exceção das ínguas e pústulas nas mucosas, era possível ocultar dos olhos dos demais os sintomas cutâneos com a ornamentação do corpo. Essa ornamentação teria a função de atrair, mas também de ocultar. Mas este não seria o maior dos problemas para Restif de la Bretonne (1769, p.82): as mulheres não desejavam procriar. Não procriando, estariam deixando de cumprir o propósito do corpo político que era atribuído ao feminino. O "desperdício de beleza e saúde" vinha da constatação de que as mulheres não pagavam o devido tributo ao Estado" (idem), tributo esse que era a geração de filhos saudáveis e que pudessem ser futuros soldados, como a função da mulher de Esparta.

As casas já existentes — os bordéis — são considerados por Restif um atrativo para as mulheres que desejam prostituir-se (1769, p. 84). As casas de Paris eram famosas pela diversidade de práticas libertinas e eram encontradas em diversas partes da cidade. No espaço dos bordéis dava-se a diferenciação entre as classes, sendo que o libertinismo era um elemento que diferenciava a nobreza das demais classes. Robert Darnton (1996), sobre a frequência os bordéis e seu caráter de classificação dos frequentadores, associa as qualidades de libertino à nobreza e à aristocracia, o que produzia, com o auxílio da imprensa parisiense, a ideia de que

tais práticas eram o sintoma da decadência de costumes. Os espaços do bordel era, assim, o espaço do nobre.

> Aqui, a única coisa a temer é o tédio, de modo que todo cuidado foi tomado para a perversão carnal, até colchões especiais cujas "molas elásticas" são tão adaptadas ao prazer que, quando recebem as marcas de seus movimentos, redobram o seu deleite. Os prazeres aqui apresentados são tão desenfreados que quase parecem confirmar a outra acusação, superficialmente constante, de impotência. O objetivo político é colocar em questão o lugar do aristocrata na sociedade ao insistir em suas escapadas sexuais. Faz-se que pareça um pervertido, e não um soldado (...) Cornear o inimigo é aqui uma vingança mais doce para o nobre do que vencê-lo em combate; sua vocação de soldado é banalizada. A decadência sexual é mostrada como a corrupção do que costumava ser a maior qualidade do nobre: sua força e valor na batalha. (DARNTON,1996, p. 233)

Ainda sobre a decadência mortal, as qualidades políticas desejadas passam a ser associadas à eficiência e a praticidade, relacionadas à burguesia comercial, que não constituía o público-alvo das mulheres públicas da segunda metade do século XVIII.

> A técnica da denúncia é idêntica: a degeneração do corpo vem junto com a torpeza moral e a duplicidade política. Os panfletos caracterizavam assim as práticas sexuais da aristocracia como pervertidas ou efeminadas (...) sempre insistindo na doença, na falta de vigor e na inépcia — qualidades sem dúvida nebulosas, mas certamente o oposto da ambicionada "energia patriótica" (p. 231).

Não apenas se equivoca Restif de la Bretonne ao afirmar que não havia regras nos bordéis (1769, p. 84), mas há registros de que as atividades eram ordenadas e, principalmente nos espaços não-agrícolas, as mudanças dos hábitos de higiene já se apresentavam na década de 1760. Daniel Roche (2004, p. 63), em "O Povo de Paris: Ensaio Sobre a Cultura Popular no Século XVIII", argumenta que as mulheres que eram responsáveis pelos bordéis estavam sempre "frescas e pálidas", além de a apresentação ornamental constituir uma outra forma de diferenciação entre a mulher de Paris e a que vinha de outras partes, sendo a mulher pública parisiense sempre apresentável, enquanto as que chegavam de ou- tras partes estavam magras e sujas.

Outro inconveniente da prostituição estaria no hábito criado no homem de incorrer a maus tratos físicos com relação às mulheres privadas. Hábito aprendido nos bordéis, conforme os relatos que Restif oferece nas Notas Históricas, ao descrever uma cena libertina em um dos bordéis, onde a mulher pública era seviciada e quase morta, mais uma vez é associado à nobreza e à fragilidade moral, que teria efeito didático sobre o homem camponês recém-chegado em Paris (1769, p. 136). Da mesma forma, era impossível localizar a prostituição como um fenômeno que envolvia somente as mulheres em situação de pobreza ou estrangeiras; a

existência das cortesãs como a Marquesa de Pompadour dava suporte à afirmação de que não era possível distinguir a publicidade das mulheres de acordo com sua classe de origem. Tal seria possível ao frequentador homem, mas não àquelas que ali trabalhavam (p. 87). A questão maior, para Restif de la Bretonne, estava no problema da evasão dos bordéis: como espaços de lazer da nobreza e da aristocracia, as práticas libertinas encontravam-se circunscritas e inacessíveis. A acessibilidade ao homem camponês e ao burguês passava a existir a partir do acesso das mulheres públicas ao espaço do lazer diurno, onde, reconhecíveis pela extravagância do luxo de seus ornamentos — o *desabillé*, o *mule*, a maquiagem pálida — se tornam objeto do desejo do homem comum.

O último dos inconvenientes retoma a temática da saúde, com o risco do contágio da sífilis nos espaços campesinos (p. 90). O risco maior está para o homem jovem, inexperiente e saído das milícias provinciais, que acaba por se deixar atrair pelas mulheres e se sujeitar ao perigo da ruína financeira e física; porém, as jovens mulheres também se colocam em risco, seduzidas pela atração da vida dos salões e bordéis. No entanto, ao racionalizar a prostituição, Restif propõe o efeito positivo, sem excluir que muitas objeções devam ser feitas à existência das mulheres públicas dentro dos espaços dos Partênions. O duplo efeito é necessário para que a ruína dos costumes não atinja as jovens privadas — que estas não desejem a publicidade e permaneçam dentro das regras da moral burguesa instituída: as inversões propagadas e difundidas pelo nascente domínio político, econômico e social burguês fomentam mudanças não apenas nas ações dessa classe na gestão econômica e nas formas de organização do espaço produtivo, mas também envolvem a participação de outros fatores na reordenação dos costumes. Para Karl Marx, tão impressionante fora a transformação realizada pela burguesia que a mesma "não pode existir sem revolucionar, constantemente, os instrumentos de produção e, desse modo, as relações de produção e, com elas, todas as relações da sociedade"[94] (MARX, 1998, p. 14). Para Restif, os novos costumes chegam não para extinguir antigas classes, mas antigas práticas com a reforma da prostituição.

2.3.3. A sexta carta: como reduzir as desvantagens da prostituição

Assim como não pretende persuadir o leitor a incorrer no erro de supor que o fim dos bordéis seria a solução para a reforma dos costumes, Restif de la Bretonne apresenta o

[94] MARX, Karl. *O manifesto comunista.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

Projeto de Regulamento das Jovens Públicas, Como Consequência do Estabelecimento dos Partênions, sob a Proteção do Governo (1769, p. 111). O projeto se divide em 45 artigos, que têm por objetivo estabelecer o espaço libertino; os termos de rendimento e a racionalização dos lucros; o destino dos filhos e filhas das mulheres públicas, suas profissões e possível importância para o reino da França; a situação da vida pregressa das mulheres públicas, como tratar as relações familiares e o direito de herança; a autogestão dos Partênions, cargos e responsabilidades, bem como a rotina das mulheres ali instaladas; as sanções às evadidas e a situação das egressas; a alimentação, a higiene e o acesso às artes e entretenimento, sem dano para a população de Paris; as tabelas de preços para que o Partênion seja lucrativo e os custos de manutenção, assim como uma proposta de financiamento para os primeiros estabelecimentos; e as possibilidades de localização e uso, bem como para quem seria vetado o direito de visita. Essas categorias contemplam o já desenvolvido na presente dissertação e o foco principal será dado aos propósitos econômicos, à viabilidade e à função social do Partênion como um elemento recuperador das classes nobre e aristocrática.

O projeto de reforma não implica na modificação ou reforma dos modelos de governo francês. Não implica, também, em proposta de mudança em estruturas fundamentais da sociedade francesa existentes em 1760. Implica, sim, no acesso da burguesia a um elemento que era exclusivo da nobreza: o prazer libertino. Porém, tais prazeres deveriam ser oferecidos — e desfrutados — de acordo com um novo entendimento do mundo, que trazia noções de corpo e comportamento que divergiam das vigentes no primeiro e Segundo Estado. A proposta visava dar ao Terceiro Estado o acesso a um mundo ordenado e prazeroso e, em troca, os frequentadores contribuiriam para a formação da França com filhos saudáveis, higiene e saúde, pagamentos de acordo com a mulher pretendida e a manutenção da monarquia e da instituição familiar.

a. Aspectos militares

O primeiro ponto que aqui se deseja dar importância é o militar. As Milícias (Provinciais e Real) eram formadas pelas camadas campesinas mais pobres, pastores e trabalhadores urbanos por jornada. Em 1765, dois terços dos milicianos vinham do campo, o que trazia consequências para a produção de alimentos e vestuário, sendo que o serviço militar

era compulsório para as categorias mencionadas (ROUX[95], 1996, p. 473). Ainda de acordo com Pierre Roux, o recrutamento dos milicianos se dava de acordo com as paróqui- as provinciais. O trabalho do autor informa sobre o recrutamento desses contingentes. A milícia provincial consistia em um conjunto de corpos de infantaria formados por indivíduos do sexo masculino recrutados nos pequenos centros não atingidos por guerras. Os recrutas deveriam medir acima de 1,62 metros e o limite de idade mínimo era de 16 anos, até a mudança para 18 anos em 1766 (p. 466). A altura, muito mais do que a idade, constituía um problema grave, já que 46,5% da população masculina não atingia essa estatura. O termo milícia, derivado do latim militia e militis (soldado) apresenta duas definições distintas — uma, ampla, sobre o serviço militar e tudo que dali deriva; e outra, mais específica, que explica a organização armada de jovens camponeses, tanto na formação, como já dito, de um corpo de infantaria ativo quanto como formação de reserva e para a manutenção da ordem nos espaços da cidade ou servir a interesses políticos aristocráticos (GAY[96], 1992, p. 75).

No entanto, a partir de 1750, essencialmente sob a influência dos fisiocratas, a agricultura se tornou uma das considerações mais importantes da administração real. Memoriais e instruções eram continuamente enviados aos governadores das províncias, recomen- dando métodos aprimorados na agricultura e diferentes estratégias de manutenção de uma estabilidade na produção. O primeiro comitê agrícola foi criado em 1761 — a *Société d'Agraiculture de Paris* — por Henri Leonard Bertin, Controlador-Geral do reino da França, que, de 1761 a 1783 passa a apresentar as funções de ministro da Economia, combinando, em suas funções de magistrado, uma ambição de escalada hierárquica com uma tradição iluminista aplicável à agricultura (POIRIER[97], 1998, p. 198-199).

A partir de 1761, Bertin procurou estabelecer em cada generalidade uma sociedade agrícola. Mas seus esforços, que se estenderam por apenas alguns anos, não parecem ter tido um grande efeito sobre o progresso da agricultura. A grande maioria dos agricultores permaneceu fiel às práticas tradicionais, principalmente por falta de capital. Essa falta de capital

---

[95] ROUX, Pascal. Le recrutement de la milice royale au XVIIIe siècle : l'exemple du bataillon d'Albi (1740-1771). In: *Annales du Midi : revue archéologique, historique et philologique de la France méridiona-le,* Tome 108, N°216, 1996. pp. 461-478. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/anami_0003-4398_1996_num_108_216_2540 Acesso em: 26/12/2018.

[96] GAY, José Contreras. Las milicias en el Antíguo Regimen. Modelos características generals y significado histórico. *Chronica Nova*, n. 20. Granada: Universidad de Granada, 1992, p. 75-103.

[97] POIRIER, Jean-Pierre. Lavoisier: chemist, biologist, economist. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1988.

devia-se, especialmente, à taxação do imposto *taille,* desigual para os camponeses e com o Clero e a Nobreza isentos do seu pagamento. A razão dessa isenção estaria no fato de que nobres e aristocratas lutavam nas guerras, assim como o Clero seguia em batalha com os agrupamentos. O *taille* equivalia ao serviço militar; aqueles que seguiam no campo de batalha não eram taxados com o *taille*. Portanto, os camponeses que não eram alistados pagavam os impostos *taille* e *per capita*, enquanto o alistamento tinha a dupla função de aliviar o custo *per capita* e isentar o núcleo familiar do pagamento do *taille* (ROUX, 1996).

Havia, na década de 1760, em todo o território francês, algumas exceções ao *taille*, que tornavam possível a dispensa do serviço militar compulsório — vias físicas, como o favoritismo dos proprietários, que considerariam o camponês indispensável, pela natureza da função desempenhada; vias sociais, como a necessidade familiar ou o caso dos filhos únicos; e vias legais, como o caso das leis de proteção da agricultura. Estas últimas constituíam a maior frequência de dispensas das milícias provinciais (p. 464-465). A proteção da agricultura era legalmente nova em 1766. Tornou-se o principal canal de dispensação da milícia, do ponto de vista social, uma vez que representava 58,3% das isenções deste tipo (idem). Os principais beneficiários foram os trabalhadores e suas famílias — de fato, a camada superior do campesinato. É possível, para além de qualquer dúvida, compreender esses dados como sendo uma consequência da crescente influência dos fisiocratas, tratando-se de um modelo econômico fundamentado na agricultura.

A composição das forças armadas da França no período anterior à constituição da Legião Estrangeira por Luís Felipe (1831), além das milícias internas, havia a participação dos contingentes estrangeiros. Eram em torno de 32 diferentes regimentos estrangeiros, oriundos da Alemanha, da Suíça, da Irlanda, da Itália e da Escócia, presentes no território francês como mercenários desde o final do século XVI (MESSAGER[98], 2007, p. 10). Da mesma forma, tanto os estrangeiros quanto os camponeses eram aceitos na composição dos *Maréchaussées*[99]. Restif de la Bretonne propõe mudanças precisamente sobre esses dois elementos de formação das forças militares, considerando que o estrangeiro é indesejado e sua substituição é necessária

[98] MESSAGER, Jean-Luc. *La Légion étrangère 175 ans d'histoire.* Paris: Hachette Livre, 2007.

[99] Os *Marechausées* eram responsáveis pelo policiamento e pela execução das leis em pequenos centros urbanos. A informação consta em BESSON, Jean; ROSIÈRE, Pierre, *Encyclopédie de la Gendarmerie Natio-nale*, vol. I. Paris: Éditions SPE Barthelemy, 2004.

(1769, Art. 38,p. 157). Antes, entretanto, de tratar da formação do corpo militar da França, é importante compreender o Partênion como reprodução da estrutura das casas de comércio sexual de Esparta, criadas para que o Estado tivesse cidadãos[100].

b. Estruturas e categorias do Partênion

O segundo elemento que merece especial atenção é a forma como o Partênion se organiza — sua estrutura admite a existência de poucas categorias. A mais inferior seria a categoria formada pelas *Aposentadas*, cuja função estaria ainda relacionada à prostituição, mas sem que houvesse a intenção reprodutiva. Para elas, estaria reservada a salvaguarda da higiene dentro dos Partênions (Art. 33, p. 148-149), a permanência de até 30 minutos com o homem pagante e a garantia de que estariam desarmados, sóbrios e livres de pústulas (idem). Essas mulheres, cuja idade está acima dos 36 anos, caso não tenham condições de exercer a prostituição, estarão livres para sair em alguns horários e terão certo prestígio dentro do Partênion, sendo optativo o trabalho manual e as ocupações comuns às mulheres (Art. 41, p. 166).

As *mulheres públicas* formavam outra categoria do Partênion. Estavam divididas em duas categorias: a mulher pública e as amantes exclusivas, sendo o projeto feito para que haja distinção entre elas. As jovens públicas eram as mulheres que chegavam ali por meios próprios ou deixadas por suas famílias, mulheres de Paris ou das províncias, de idade entre 14 e 35 anos, sendo comprovado que elas haviam exercido a prostituição. As jovens amantes exclusivas chegariam da mesma forma ou então seriam ali trazidas pelo amante, que estaria sujeito às taxas do Partênion para que pudesse visitar a jovem. A diferença entre as duas classes de mulheres estava, em essência em sua contribuição para a lucratividade da casa e também sua diferença com relação às despesas (Art. 18, p. 210).

As mulheres públicas não tinham as mesmas vantagens das amantes exclusivas. Uma razão para que existam as duas categorias pode estar no fato de Restif de la Bretonne compreender as duas como diferentes males sociais:

> Este pode parecer contrário ao objetivo do estabelecimento e eu concordaria que haveria certa razão para se pensar assim, não fosse mais que provável que a casa tenha sempre indivíduos em número suficiente. Seria possível mesmo observar que o que proponho neste Artigo é um meio de impedir a ruína de certas famílias. Quantos homens são fisgados por sereias que sentem alegria e honra ao enganá-los, ao despojá-los! (idem).

[100] Vide notas 29 e 30.

A proteção contra os casamentos indesejados e contra os excessos nos gastos com a jovem eram os motivos por trás da criação das diferentes categorias para as mulheres. Já a categoria das jovens públicas era mais abrangente em seus efeitos: a higiene, a saúde coletiva, a manutenção dos espaços burgueses de lazer diurno — já que não seriam permitidos às mulheres do Partênion os passeios em parques e jardins, mas apenas as saídas controladas para o teatro nos dias de festividades em Paris (Art. 44, p. 168). Além disso, a cobrança de tarifas pelo trabalho das mulheres se dava por vias diferentes; e era permitido aos que pagavam pelas amantes exclusivas lhes oferecer presentes, para estimular o desejo da amante exclusiva em receber o homem em questão e evitar que o mesmo tome uma amante fora do Partênion (Art. 24, p. 215).

O *Conselho Administrativo* do Partênion seria formado por 12 "homens honestos" escolhidos pelos vereadores locais (Art. 4º, p. 113). Cada um dos homens eleitos é um Administrador e seu mandato, individualmente, teria duração de seis anos. Os dois Administradores mais antigos seriam descartados ao fim do mandato e dois novos ocupariam os cargos vacantes. O Conselho seria responsável pelos aspectos normativos do Partênion, mas não da administração direta das finanças. Sua entrada no Partênion seria sempre negada, independente da razão da visita (Art. 5º, p. 115-116). A responsabilidade sobre as finanças é compartilhada na estrutura pelos Administradores e Governadoras, para controle da corrupção (idem). Os Administradores também evitariam os casamentos entre frequen- tadores e mulheres públicas, sendo os mesmos considerados ilegais, mesmo com a permissão dos familiares do rapaz e observada a maioridade de 30 anos para o homem. Tendo, então, um papel jurídico-administrativo (Art. 19, p. 132-133), o Conselho zelaria igualmente pelo trabalho e pelo lazer coletivo, examinando os casos de insubordinação contra as atividades artísticas (Art. 23, p. 138-139); também, pela seleção da Governadora Superiora (Art. 35, p. 151); pela preparação de um outro projeto de reforma — *La Mimographe*— que trataria da reforma moral das artes dramáticas (Art. 38, p. 162); responsável pela seleção das crianças (idem); e zelar pelo bem-estar de toda a população parteniense e pelos bens das jovens com dote ou herança, até que as mesmas tenham condições de fazê-lo sozinhas (Art. 39, p. 163) As herdeiras permaneceriam, até o fim da vida, sob a administração do Conselho (art. 42, p. 167). Em contrapartida, era direito dos Administradores adotar a criança parteniense que lhes aprouvesse, arranjar uniões entre jovens nascidos no Partê- nion e deixar-lhes seus bens (Art. 40, p. 165), bem como o de

promover a saída do Partêni- on às jovens que quisessem ser adotadas ou reconciliadas com suas famílias originais (Art. 43, p. 167). Uma última prerrogativa do Conselho Administrativo era o de estabelecer tro- cas de mulheres com os demais Partênions sempre que fosse necessário renovas a popula- ção de mulheres públicas, a partir do Conselho do Partênion de Paris, considerado uma matriz com primazia na escolha de mulheres (Art. 45, p. 169).

As *Governadoras* formavam um corpo de vigilância e cuidado sob a orientação de uma figura central — a Governadora Superiora — que teria atribuições mais diretamente relacionadas às mulheres e aos rendimentos do Partênion. Ao Conselho era dado governar, macroadministrar e estabelecer os dispositivos jurídico-normativos para a solução de disputas e manutenção do equilíbrio parteniense. Às Governadoras era dado gerenciar os aspectos domésticos e zelar pela higiene, saúde, renda, bem-estar e produtividade (Art. 4º e 5º, p. 113-114). O noviciato das Governadoras teria início com a função de Visitadoras, que compreenderia a verificação das condições de higiene e saúde das mulheres em geral, desde quando se levantavam até o expediente (Art. 34, p. 151).Para que pudesse se tornar uma Governadora, a mulher em questão deveria, em especial ter uma conduta sem nenhuma falta ou punição; deveriam ser preferencialmente amantes exclusivas com excelente comportamento, pois entre as atribuições da Governadora estaria o contato com o exterior, atividade proibida para as mulheres públicas comuns (Art. 40, p. 164-165).

Uma das funções da Governadora se relaciona à atribuição dos pagantes, caso o mesmo fosse uma figura conhecida ou aparentada da mulher pública escolhida. A escolha feita pelas mulheres era livre, bem como a do pagante (Art. 12 e 13, p. 122-123), sendo o papel da Governadora o de intermediar a escolha, já que não havia contato prévio entre as mulheres e os homens. As Governadoras não deveriam ser públicas: não exerceriam a prostituição; nem informariam sobre as que estariam no Partênion (Art. 6º, p. 116). Tam- bém terão a guarda das finanças, junto ao Oficial de Registro da Corte — as Governadoras farão um relatório sobre a féria depositada no cofre. Os relatórios de todas as Governadoras serão compilados pela Superiora, que os entregará ao Oficial (Art. 5º, p. 115).

A constituição de uma estrutura burocrática de controle e registro, de identificação de origem e destino dos rendimentos, o estabelecimento de uma lógica de serviço e precificação relacionam diretamente o Partênion com o ambiente de produção do pensamento fisiocrata. Durante a década de 1760, sob a vigência do "despotismo esclarecido", a realização da informação sobre agricultura e comércio sofrem significativas transformações. O aumento

do controle da Coroa sobre a produtividade e o registro de dados com o intuito de estabelecer análises e estatísticas sobre o crescimento econômico, com o objetivo de estabelecer taxas de crescimento de longo prazo. A coleta estatística teria menos o objetivo de criar conhecimento e estabelecer uma forma de compreensão das formas de produção; do que o intuito de compilar informações que pudessem gerar a confirmação de algo já sabido ou suposto (BEHRISCH[101], 2016, p. 238-240). Essas informações, oriundas de dados relativos ao comércio, censos populacionais paroquiais, informações sobre colheitas e obituários tornavam-se importantes ferramentas para o planejamento sistemático proposto pelos *économistes*, posteriormente chamados fisiocratas.

A mesma necessidade de uma forte organização pode ser vista na forma da racionalização do Partênion. A separação das categorias representa, para além da hierarquização dos diferentes papéis, a separação entre o externo e o interno por meio da separação do mundo entre gêneros. Paul B. Preciado, na conferência "*Restif de la Bretonne's State Brothel*"[102] (2016), argumenta que essas separações levadas a cabo pelas estruturas que elx chama de "bordel estatal" como o ambiente ideal para que haja a intervenção do Estado no corpo, seja ele físico ou político; e como o espaço ideal para a fabricação do indivíduo moderno por meio da composição dos desejos sexuais hierarquizados e segmentados de acordo com uma sociedade igualmente hierarquizada e segmentada. Essa fabricação se daria por meio da "gestão política de órgãos e fluidos".

O controle da reprodução como parte do controle do sexo no Partênion é, por sua vez, parte do controle da liberdade. O Partênion, como proposta, intenta funcionar em substituição ao Hospital Geral — como solução para a sífilis e para a prostituição de uma forma geral — ou como as prisões. Às mulheres não era permitido sair e aos homens, a entrada era condicional para realizar o mesmo alívio dos fluidos que afirmavam sua condição de sujeito político, com a mulher pública, geradora dos filhos da França, permanece como subordinada à participação nesse corpo político. Outras questões surgem ao explorar a relação entre a submissão e a liberdade, poder e prazer, soberania e dívida no projetos de reforma que cria os Partênions.

---

[101] BEHRISCH, Lars. Statistics and Politics in the 18th Century. In: *Historical Social Research/Historische Sozialforschung*. 2016. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/46869 Acesso em: 25/12/2019.

[102] PRECIADO, Paul Beatriz. Restif de la Bretonne's State Brothel: Sperm, Sovereignty, and Debt in the Eighteenth-Century Utopian Construction of Europe. Disponível em: https://www.documenta14.de/en/south/45_restif_de_la_bretonne_s_state_brothel_sperm_sovereignty_and_debt_in_the_eighteenth_century_utopian_construction_of_europe Acesso em: 17/02/2019.

A geração de filhos é outro elemento importante na compreensão da estrutura do Partênion. A primeira medida que garante a inexorabilidade dos filhos e filhas partenienses é a proibição do aborto, com pena de um ano de prisão, recebendo somente pão e água para aquelas que infringirem tal proibição (Art. 9º, p. 119). O Artigo 29 (p. 142) trata da gravidez das amantes exclusivas; e para essas, a penas é mais severa: serão condenadas à morte se os homens que as mantêm forem enganados e induzidos a engravida-las para que elas em seguida pratiquem o aborto. As Governadoras envolvidas em tais práticas recebem a mesma pena. A razão pela qual o aborto constitui crime grave nessa sociedade está na necessidade de produzir citadinos partenienses aos moldes de Esparta, para que possam substituir os contingentes estrangeiros e devolver para o reino da França aquilo que o Partênion receberia como investimento primário.

Outro elemento importante era a proibição de quaisquer medidas contraceptivas para que o objetivo do Partênion de criação de um contingente humano subordinado ao Estado, sob a ideia de que o Rei seria o pai físico e moral, fosse atingida. O Artigo 38, no tema MENINOS, explica que, além das precauções contra a contracepção, havia o intuito direto de formar indivíduos fiéis ao Estado. O uso de contraceptivos ou medidas de prevenção à gravidez causaria prejuízo para a função do Partênion: "Favorecer a população da casa de todas as formas, sobretudo na manutenção da retidão e, ouso dizer, do pudor, ao tratar da incontinência e da falta de castidade" (Art. 38, p. 154).

O Artigo 10 (p. 119) garantia que os filhos da casa, ou seja, as crianças nascidas no Partênion, de uma mulher pública e de um indivíduo pagante legal (homens que não fariam parte do corpo médico, da Guarda ou da Administração), seriam isolados do ambiente libertino. Com a composição da casa em um pátio e dois jardins, existe uma separação entre o espaço de *débauche* e o espaço de formação. O homem pagante não teria acesso a nenhum outro cômodo da casa, a não ser o corredor cujo bilhete ele portaria. O bilhete seria recolhido pela Governadora, depositado na caixa coletora para isso construída e seria a de responsabilidade da Governadora. Em suma, o caminho do homem pagante seria a entrada pelo pátio até o primeiro jardim, por onde o pagante teria acesso aos corredores que o levaria aos cômodos de trabalho, que, por sua vez, seriam semelhantes aos espaços do bordel (Art. 10, p. 120). Ao final, o pagante teria acesso a um cômodo, onde poderia ver as mulheres públicas sentadas na sala comunal do Partênion. Ao escolher a mulher pretendida, o homem paga o bilhete relacionado ao valor atribuído ao tempo com a mulher e a Governadora o acompanha até o cômodo de trabalho da mulher (Art. 12, p. 122-123). Ao mesmo tempo, a mulher também examina o pagante sem ser

vista, através do visor à porta de todos os cômodos, e tem o direito de recusá-lo por qualquer razão (Art. 13, p. 123). Os ho- mens recusados terão o direito de participar de um sorteio numérico com as demais mulheres para que ele receba o seu tempo com uma mulher pública e para que haja o cumprimento do trabalho ao qual o Partênion se propõe.

A segurança do Partênion é garantida pela Guarda, que promove a ordem dentro e nos arredores da propriedade. A Guarda permanece restrita a uma guarita. No caso de perturbações nos cômodos de trabalho, a Governadora soará uma sineta e a Guarda poderá entrar no Partênion (Art. 14, p. 125). A Guarda pode punir os causadores da perturbação com castigos físicos — todo indivíduo que entra no Partênion como pagante é desarmado pelas Governadoras antes de chegar aos cômodos de trabalho. Também é veta\do o uso de máscara para ocultar a identidade (Art. 15, p. 125).

A estrutura física do Partênion é feita para separar os espaços de formação e o espaço libertino, conforme dito anteriormente. Haveria dois corredores a partir do pátio: um levaria ao jardim dos partenienses, e a entrada ali seria proibida a qualquer estranho. O espaço dos partenienses seria o espaço das crianças e jovens filhos e filhas das mulheres públicas, que receberiam educação especial para determinados ofícios estabelecidos no Artigo 38 (p. 162). Os ofícios seriam separados para meninos e meninas, a não ser àqueles que fossem selecionados para as artes, o que também será desenvolvido adiante. Um outro cor- redor levaria à entrada da sala comunal a seis corredores distintos, onde as mulheres estari- am separadas por sua idade. Do primeiro ao sexto corredor estariam separadas as jovens em ordem decrescente de idade, sendo a idade máxima de 35 anos e a idade mínima, 14 anos[103] (Art. 16, p. 127). Os preços seriam observados de acordo com a idade, sendo as mais velhas as de menor tarifa e as mais jovens, de maior tarifa (Art. 17, p. 127). Para cada faixa etária, cada corredor teria cômodos de trabalho individuais do lado direito e do lado esquerdo. As mulheres mais atraentes ocupariam o lado direito enquanto as demais permaneceriam do lado esquerdo (Art 17, p. 127).

Quanto as relações comerciais resultam em gravidez, as jovens que apresentam os sinais são imediatamente separadas e afastadas do trabalho. O procedimento é semelhante para todas as mulheres — a diferença está nas ações após o nascimento da criança, que é separada das mulheres públicas imediatamente, enquanto as amantes exclusivas podem manter a criança

[103] Havia a possibilidade de receber jovena abaixo dessa idade, desde que ainda não houvessem tido a primeira experiência sexual e fossem ali deixadas pelos pais ou vindo por vontade propria (Art. 16, p. 127).

(Art. 20, p. 134). Restif de la Bretonne estipula a divisão da responsabilidade do cuidado com a criança entre o homem que paga sistematicamente pela amante exclusiva e a jovem. Aqueles são os únicos que podem retirar uma criança do Partênion, assim como os Administradores. O pagante, entretanto precisa registrar a criança e marcá-la com um símbolo que o identifica como um parteniense. Após a marcação, a criança pode receber o nome do pai e se tornar seu herdeiro, caso não haja outros filhos (Art. 21, p. 135- 136).

Sem um destino que as relacione a um pai, as demais crianças permanecem no edifício do segundo jardim do Partênion. Os partenienses se distinguiam dos membros do Partênion: os partenienses, homens ou mulheres, tinham uma função a desempenhar fora da estrutura — se constituíam como elementos externos ao Partênion. As mulheres, — amantes, públicas, Aposentadas, Governadoras e a Superiora — tinham posições inalienáveis e, portanto, sua existência deveria constituir a constituição de uma nova moral para a libertinagem, o que se daria por meio do estabelecimentos do registro, da fragmentação dos papeis coletivos, do gerenciamento interno independente e da exclusão do poder externo, que não teria influência sobre o gerenciamento.

A divisão, então, estaria em dois diferentes estamentos: as crianças das exclusivas, cujos pais são conhecidos e, pelo privilégio do sexo com uma mulher que estaria disponível apenas para seu prazer, deveriam zelar por seus destinos. Assim, essas crianças poderiam se tornar herdeiras e sair do Partênion. Para as crianças das mulheres públicas, entretanto, o único pai desejado era o Estado. Filhos e filhas do Estado, com uma função de manutenção da nova moral do Partênion e também deveriam deixar o Partênion (com exceção das meninas que quisessem permanecer ali como exclusivas ou públicas, apesar de não haver estímulo para tal decisão) (Art. 38, p. 161), para que pudessem servir o país.

Os meninos, então, seriam separados entre saudáveis e não-saudáveis. Os saudáveis poderiam seguir a carreira militar: servir como recrutas por seis anos, a partir dos 16. Em seguida, a seleção para os Granadeiros Reais (que futuramente seria composto exclusivamente por partenienses) e dali, os que se destacassem formariam a Companhia do Mérito, onde se daria o desenvolvimento dos valores desejados, para que depois fossem enviados para lecionar e transmitir os mesmos valores para outros Regimentos (Art. 38, p. 157). Assim, estaria consolidado o propósito militar do projeto de reforma, com a preparação dos meninos para a carreira, para a qual seriam aptos, já que "É natural que o homem, como bastardo, não tendo forma melhor de servir ao Estado, se dedique ao seu Mestre" (p. 156). Os meninos que apresentassem fraquezas ou alguma malformação ou baixa estatura seriam treinados para

ofícios manuais, como a alfaiataria, tecelagem e trabalhos comm seda e linho, para o comércio do partênion. Assim, tais meninos contribuem com a venda dos excedentes. Dentre os malformados, os mais fortes seriam treinados para trabalhos manuais de força (como a marcenaria ou a jardinagem, caso se julgasse que não eram mentalmente capazes) ou trabalhos intelectuais (caso apresentassem aptidão para esse serviço) (p.159).

Quanto às MENINAS, seriam selecionadas a partir dos 10 anos. As Governadoras também separariam as saudáveis das não-saudáveis. Entre as saudáveis, a seleção se dá por beleza, sendo que as menos atraentes trabalhariam no interior do Partênion — o mesmo acontecendo com as meninas que apresentassem malformações), enquanto as mais belas serão instruídas em artes (entre elas, a ornamentação física). As que desejarem o casamento receberão um dote de mil escudos, ou 6.000 *livres* (ou libras, na tradução). O *écu* (escudo, na tradução) valia em torno de seis *livres*, valor estabilizado após 1726 (DE WAILLY[104], 1857, p. 221-230). Estava, então, garantido o propósito da presença feminina, mais complexa do que o papel dos meninos: as primeiras mulheres dariam início ao Partênion, para que, com cerca de três gerações, a prostituição estivesse controlada ou mesmo próxima da extinção em Paris (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 271-279).

Uma vez que as crianças ainda vivessem na casa, estariam sob a administração do Conselho, mas sob os cuidados das Governadoras. O Conselho os autoriza a ir e seria ainda o foro para a resolução de disputas caso houvesse problemas com os casamentos ou os ofícios (Art. 39, p. 163). Nos seus aspectos internos e externos, o Partênion teria uma autogestão como uma alegoria do livre-comércio, isto é, a única participação do Estado, além do incentivo inicial, seria receber os benefícios do projeto — os soldados, as mulheres e o estímulo que o Partênion representaria para o pequeno comércio não-agrícola. Assim, toda a estrutura criada pelo projeto, seus atores e seus produtos formam uma ideia de uma França desejada, livre dos contingentes estrangeiros, da sífilis, das prostitutas e, principalmente, protetora de sua principal forma de produção: a agricultura.

c. *Tableau économique* e a lucratividade das mulheres públicas

Ao ceder a organização interna às Governadoras, o Conselho Administrativo deixa de interferir na forma como os rendimentos seriam gerados, ou ainda, deixaria de ser um

[104] DE WAILLY, M. *Natalis. Mémoire sur les variations de La livre tournois depois Le règne de Saint Louis jusqu'a l'établissement de La monnaie décimale*. Paris: Imprimerie Impériale, 1857, p. 221-230.

participante influente — e o maior privilegiado — nesse sistema. A metáfora de Pierre Le Pesant, um administrador local de Luís XIV na região de Paris relaciona três grandes vertentes dos interesses econômicos do período: taxas, grãos e renda. Afirmava, ainda, que os mercados eram conectados por fluxos de dinheiro (uma despesa para o comprador é uma receita para o produtor). Dessa forma, havia a percepção de que a redução de preços em tempos de escassez, economicamente simples e comum durante essa segunda metade do século XVIII, era de certa forma perigosa, pois desincentivava a produção de excedente. Paralelo a esse raciocínio, Le Pesant era um defensor da não-interferência da Coroa e dos administradores nos fluxos do mercado de grãos (como já citado, o grande mercado agrícola do século XVIII) para que se evitas quaisquer influências, ainda que involuntárias, na criação de tendências de fluxo de compra e venda. Um exemplo do raciocínio acima: supondo que determinado produto da produção de grãos fosse importada — algumas sacas de trigo — seria possível especular a partir do gesto que era certo que a produção interna apresentava problemas e que era esperada uma escassez desse produto. Isso resultaria na maior demanda pelo produto em questão, cujo preço subiria e, corretamente, geraria a escassez prevista pelo hiperconsumo. A defesa do livre-comércio, então, passa pelo entendimento de que a influência do aparato burocrático criaria tendências nocivas ao andamento das relações, cuja natureza apresenta a naturalidade causal de qualquer outro fenômeno natural (STEINER[105], 2003, p. 147).

Para chegar à ideia de um livre comércio, que significa, então, o ambiente no qual os aspectos econômicos que estão em O Pornógrafo ocorrem? A economia da França no século XVIII se encontrava imersa em um protecionismo contra a influência estrangeira ao comércio de grãos. Havia a atenção ao crescente comércio e às manufaturas em um ambiente de ressentimento pela carência de estímulo à produção agrícola durante a primeira metade do século. A taxação iniciada no reinado de Luís XIV aumentava com Luís XV e a isenção da nobreza, aristocracia e clero no pagamento dos impostos sobre o campo aumentava a insatisfação e onerava cada vez mais os produtores não-proprietários (ELIAS, 1990, p. 56). Os proprietários, por sua vez, constituíam de 5 a 6% da população que concentrava cerca de 50% da composição do território francês, o que era responsável por cerca de 80% da riqueza nacional (CHARBIT; VIRMANI[106], 2002, p. 857-858). As crescentes tensões econômicas entre cidade

[105] STEINER, Phillippe Physiocracy and French Pre-Classical Political Economy, Chapter 5. In: BIDDLE, J. E.; DAVIS, J. B.; & SAMUELS, W. J.: *A Companion to the History of Economic Thought*. Londres: Wiley Blackwell Publishing, 2003.

[106] CHARBIT, Yves; VIRMANI, Arundhati (2002) *The Political Failure of an Economic Theory: Physio-cracy.*

e campo promovem o fortalecimento da *Économie* — posteriormente batizada de Fisiocracia — como pensamento sobre a riqueza e como a produção deveria aumentar dentro de certos parâmetros.

A descrição feita pro François Quesnay (1758) da metodológica chamada de t*ableau économique* levava em consideração um paralelo fisiológico: a economia deveria funcionar como um organismo vivo, cujas regras próprias eram autônomas em relação a ordens externas. O corpo vivo funciona de acordo com leis naturais que determinam seu tempo, suas necessidades e suas dinâmicas de sobrevivência, sendo desnecessárias as leis externas que regulariam suas funções. Da mesma forma, a economia de um território deveria estar submetida somente às próprias regras — as regras do mercado na qual funciona — sem que haja a interferência de Estados ou quaisquer participantes em seu desenvolvimento.

> A fórmula "deixe acontecer, deixe passar" é atribuída a Gouruay. Oncken afirma que a expressão "laissez faire" é muito mais antiga; "Façamo-no", teria dito um comerciante chamado Legendre, em Colbert, por volta de 1680. Por volta do ano de 1736, Voyer d'Argensou disse em suas memórias: "Deixa pra lá, esse deve ser o lema de todo poder público, já que o mundo é civilizado". A adição "laissez passer" teria sido feita no 1758 em uma reu- nião da escola fisiocrática, a qual Gournay frequentou. Quesnay falou sobre isso pela primeira vez em 1767, em sua carta sobre a linguagem da ciência econômica: "Você, senhor, com os outros a quem chama de mestre, afirma que liberdade e facilidade de comércio de todos os tipos deve sempre ser perfeito, inteiro, absoluto, para que ocorra a maior concorrência possível; você conhece apenas uma regra de comércio — para usar minhas próprias palavras — a de deixar passar e deixar operar todos os compradores e ven- dedores (GUYOT, 1896, p. XXX-XXXI)[107].

O aspecto central do "*laissez faire*" era o fim do controle do rei sobre a produção de grãos, principalmente na interferência sobre a relação produtor-comerciante. O livre jogo de forças seria, então, uma ordem mais benéfica para aqueles que vendiam e os que compravam, É importante o fato de que a proposta não excluía a existência da burocracia governamental, mas assumia a participação de uma burocracia esclarecida, ou seja, o modelo não rejeitava os direitos da Coroa em fiscalizar ou requerer, mas que a relação sociedade e economia assumisse leis próprias, naturais ao processo; e a burocracia esclarecida permitiria que tais leis fossem

---

Population, Vol. 57, n. 6. Paris: INED, 2002, p. 855–883.

[107] *La formule « Laissez faire, laissez passer » est attribuée à Gouruay. M. Oncken prétend que cette expression : « laissez faire » est beaucoup plus ancienne ; « laissez-nous faire », aurait dit un commerçant nommé Legendre, à Colbert, vers 1680. Vers l'année 1736, Voyer d'Argensou dit dans scs Mémoires : « Laisser faire, telle devrait être la devise île toute puissance publique depuis que le inonde est civilisé. » L'addition « laissez passer » aurait été faite eu 1758 dans une réunion de l'école physiocratique, à laquelle assistait Gournay. Quesnay en parle pour la première fois en 1767, dans sa lettre sur le Langage de la science économique : « Vous, Monsieur, avec les autres que vous appelez vos maîtres, vous prétendez que la liberté et la facilité du commerce de toute espèce doivent toujours être parfaites, entières, absolues, afin qu'il en résulte la plus grande concurrence possible; vous ne connaissez qu'une seule règle du commerce, c'est — pour me servir de vos propres termes — de laisser passer et de laisser faire tous les acheteurs et tous les vendeurs quelconques* Tradução minha.

autorreguladoras. A burocracia passaria a ser *intelligentsia*, ou seja, responsabilizar-se-ia pela observação fina e observadoras da estabilidade das relações de comércio.

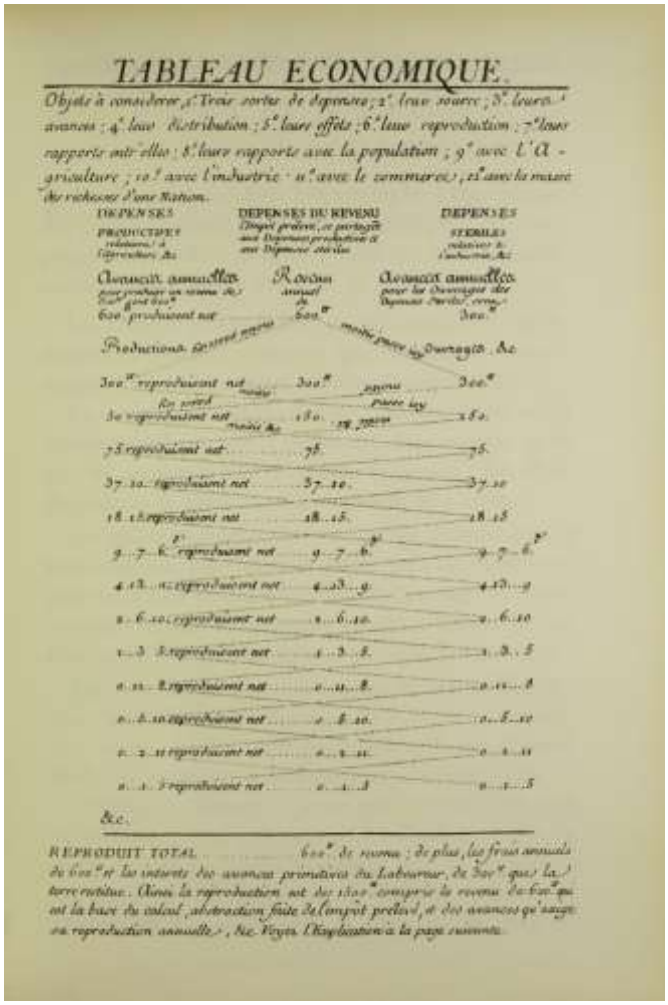

TABLEAU ECONOMIQUE.

Figura 2: *Tableau économique* de François Quesnay, ou *Grand tableau* de la *Philosophie Rurale*, com o valor bruto de 2.000 unidades monetárias.

O *tableau économique* segue uma lógica simples e que considera o produtor agrícola o centro do processo econômico. Restif de la Bretonne parece ir em concordância: as citações de Lúcio Júnio Moderato Columela[108] e a menção a Catão, o Jovem[109], retomam dois valores:

[108] "É danosa ao trabalhador a oportunidade de passar tempo na devassidão". A citação foi retirada de *De Agricultura*, de Lúcio Júnio Moderato Columela (4 -70 (?) d. C.) (*De Agricultura*, Livro II, cap. I. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=pMvsv31rgy4C&printsec=frontcover&dq=columela&hl=pt%20BR&ei=PyBpTvvAK6LH0AHFoaXOBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false Acesso em: 22/12/2019.

[109] A menção ocorre no trecho em que a peça *Caton*, de 1715, é descrita como ätividade mais adequada que a frequência das tavernas" (1769, p. 238), a tragédia trata da vida de Catão, o jovem, célebre pela retidão moral. A peça apresenta, da mesma forma, o embate da dualidade do homem político, em essencial em sua dimensão política, com o conflito entre o republicanismo e o monarquismo. ADDISON, Joseph. *Cato: A Tragedy, and Selected Essays*. Indianápolis: Liberty Fund, 2004.

a retidão do agricultor e a incorruptibilidade. A importância da proteção ao agricultor é extrema, já que o compreendia como a força-motriz da economia europeia (1769, p. 50). No caso específico da França, a exportação de grãos, como já mencionado, exercia um papel significativo e a preservação do camponês como indivíduo essencialmente produtivo, cuja moral deveria ser conservada a mais intocada possível pelas diferentes formas de corrupção da cidade; o *tableau économique* teria importância fundamental para ambos os casos.

A compreensão da teoria de Quesnay se torna simples com a separação dos atores. O caso do agricultor é examinado em primeiro lugar. Considerando que uma determinada unidade de produção agrícola produzisse 1.500 unidades de alimento, o agricultor manteria 600 unidades para si, sendo 300 unidades para sua subsistência e 300, para a manutenção da unidade produtiva e daqueles que lá estivessem laborando. Restariam ao produtor 900 unidades para venda. Se vendesse cada unidade por uma unidade monetária, obteria a soma de 900 dinheiros, dos quais reteria 300 — 150, para si como soldo e 150, para a manutenção de possíveis ajudantes. Os 600 dinheiros que resultam seriam seu produto líquido, ou seja, a lucratividade de sua produção (CHARBIT; VIRMANI, 2002, p. 859).

Pôde-se comparar com os demais casos — o artesão, o proprietário e o comerciante. O artesão produz menos — seu ofício independe da terra e sua unidade de produção é menor e com menos recursos. Ao produzir 750 unidades, ele o faz contando com certas necessidades: precisaria de 150 unidades de matéria-prima agrícola, de 150 unidades de artesanato (ferramentas, por exemplo), de 300 unidades de alimento para sua subsistência e de 150 unidades de produtos estrangeiros que todavia utilize. Isso somaria 450 unidades de produtos agrícolas e 150 unidades de produtos estrangeiros (as 150 unidades de artesanato ele retirará daquilo que viesse a produzir). Assim, se sua produção média fosse de 750 unidades, daí excluiria 600 unidades de insumos. As 150 unidades que restam são aquelas unidades de artesanato que retiraria de sua própria produção. Dessa forma, Quesnay entende que o artesão não obtém produto líquido (idem). O proprietário de terras não produz; é essencialmente consumidor e movimentados da atividade econômica — daí sua existência ser assegurada pelos fisiocratas. Considerando que toda a renda obtidas arrendamento de terras seja gasto, tendo ele recebido 600 unidades monetárias, utilizaria 300 para o consumo de produtos agrícolas e os outros 300 para a compra de produtos manufaturados. O comerciante também não produz; apenas participa do ciclo de compra de produtos estrangeiros e venda de locais. Ao receber 150 unidades do artesão, utiliza essas unidades para a compra de alimentos e para consumo próprio.

Assim, o agricultor é a única categoria pr dutivas capaz de gerar excedente e produto líquido com a venda desse excedente.

Algumas considerações podem ser feitas a partir dessa descrição. Ela assume que todos os atores estão em plena capacidade produtiva — o agricultor terá à sua disposição todos os elementos necessários para que sua unidade produza plenamente. Isso requereria os filhos presentes como mão-de-obra e não nas milícias. Aqui, um dos propósitos do Partênion já se revela pontualmente necessário para o bom funcionamento da produção agrícola. Quesnay (1760, p. 115-117) separa a porção referente ao agricultor como *Philosophie Rurale* como o centro da teoria e o papel do estrangeiro no ciclo econômico:

> Uma nação agrícola deve promover o comércio exterior ativo de produtos alimentícios *in natura*, por meio do comércio exterior passivo de bens de trabalho, que poderia comprar pelo melhor preço do estrangeiro. Esse é todo o mistério do comércio. A esse preço, não tenha medo de depender de outras nações (QUESNAY, 1760, p. 115.[110]

O Pornógrafo traz três tabelas: a tabela de preços do Partênion, que oferece uma descrição dos preços cobrados por corredor em valores progressivos por demanda; a tabela de receita anual do Partênion e a tabela de despesas do Partênion a primeira tabela a ser observada aqui é a tabela de preços, disponível na página 128 mostra a progressão dos valores por idade e por beleza. As mulheres públicas ou amantes exclusivas seriam separadas por idade em corredores etários. Em cada corredor, as mulheres de cada grupo eram separadas pela aparência física. Para melhor compreensão, a tabela está transcrita abaixo em *sous* e não *livres*.

Outra consideração a ser feita é sobre o funcionamento do Partênion. As estruturas do Partênion seria completamente autônoma. Não aferia nenhuma influência das leis externas ou de regulamentos aplicáveis, sendo o texto do projeto a única forma de normatização aceita. Os elementos externos — e burocráticos — seriam o Oficial do Registro da Corte e o Conselho Administrativo. Ainda assim, ambos estariam na função da burocracia esclarecida, pois as funções de coletor das taxas e relatórios e mantenedor da ordem e mediador de disputas, respectivamente, não teriam nenhuma influência sobre os preços ou o comércio feito dentro do Partênion (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 113-116). Não teriam influência sobre a forma como as compras de manutenção de tecidos e alimentos seriam feitas em Paris e também não interfeririam nas rotinas internas cotidianas.

---

[110] *Une Nation Agricole doit favoriter le Commerce extérieur actif des denrées du crû, par le Commerce extérieur passif des merchandisses de main d'oeuvre qu'elle peut acheter à profit de l'etranger. Voilà tout le mystere du Commerce. a ce prix ne craignons pas d'être tributaires des autres Nations.* Tradução minha.

Corredor		Preço (*sous*)
Aposentadas (40-45 anos)	Lado esquerdo	6
	Lado direito	6
Aposentadas (35-40 anos)	Lado esquerdo	12
	Lado direito	12
Primeiro (30-35 anos)	Lado esquerdo	18
	Lado direito	24
Segundo (25-30 anos)	Lado esquerdo	36
	Lado direito	48
Terceiro (20-25 anos)	Lado esquerdo	60
	Lado direito	72
Quarto (18-20 anos)	Lado esquerdo	96
	Lado direito	120
Quinto (16-18 anos)	Lado esquerdo	240
	Lado direito	480
Sexto (14-16 anos)	--	1920
	--	

Tabela 1: Tabela de preços dos corredores do Partênion, em *sous*.

Considera-se, também, a natureza do trabalho da mulher pública. No estabelecimento do Partênion como simulacro fisiocrata, a mulher pública se torna uma matriz produtora com dupla função: produzir receita e produzir filhos. Logrando executar as duas funções, a mulher pública contribui com a economia do reino e com a criação de forças militares que estarão a serviço do Rei. Assim, a mulher pública como produtora é a representante do montante a ela atribuído na tabela de preços.

A tabela do Estatuto de receita e despesas demonstra, na página 271-273, a estimativa de produto líquido do Partênion de Paris. Considerando-se uma população de 17.000 indivíduos no Partênion e uma amostragem de 15.770 mulheres públicas trabalhando, Restif de la Bretonne coloca uma rotina de trabalho rotativa, com 60,8% das mulheres (9.585) no trabalho com os pagantes, enquanto 39,2% (6.185) permaneciam no trabalho interno — manutenção, manufatura de roupas, separação demites e preparação dos alimentos e limpeza. Os 60,8% em trabalho teriam uma renda diária de 47.640 *livres*, levando a uma renda anual de 17.388.600 *livres*, ou ainda, uma renda *per capita* de cerca de 1.000 *livres* e 2 *sous* para as

jovens que trabalhavam com os pagantes e as que trabalhavam dentro do Partênion.

As despesas do Partênion seriam divididas entre vestimentas, cuidados com as Aposentadas, manutenção da população residente do Partênion e manutenção da estrutura do Partênion, resultando em uma despesa anual de 14.545.500 *livres,* o que significava uma despesa anual de cerca de 856 *livres per capita*. A diferença entre receita e despesa resultaria em um produto líquido de 2.843.100 *livres* anuais, que seriam a reserva para a recolocação das jovens, das Aposentadas e para o tratamento de doenças (p. 276-277). Com os cuidados contra o contágio, a boa alimentação, segundo o padrão alimentar que havia na fazenda La Bretonne[111], o contato com as artes e a criação de uma ordem interna que promovia a produtividade que guarda semelhanças com uma estrutura manufatureira.

d. Manufatura e *corps de métiers*

No início do reinado de Luís XV as manufaturas se centravam em crescimento sob o Conselho do Comércio, eleito pelos comerciantes das câmaras de comércio. Estas, por sua vez, eram mais influentes na regulamentação das relações entre comerciantes e destes com a Administração no decorrer do século, com o centro do interesse no desenvolvimento dessas relações, mas não necessariamente no desenvolvimento da indústria. Estes eram quase inteiramente dependentes da Administração do Rei na primeira metade do século XVIII; e a Administração era responsável pela criação e proprietária de algumas, como a Tapeçaria Real, a Manufatura Sèvres e a Manufatura de Vincennes (ambas de porcelanato e artesanato fino) (SÉE[112], 2004, p. 87-101). Além destas manufaturas estatais, uma outra estrutura organizacional ainda se encontrava em atividade. Os *corps de métiers*, organizações que mantinham a estrutura do ofício medieval, na qual o modo como um artefato era produzido fazia parte da identidade de grupo de uma determinada cidade, também eram chamados de *Communautés d'art et du métier;* e eram organizações com constituição normativa própria, com certa independência em relação ao Estado.

Historicamente, as Communautés da França apresentam um registro de cerca de

[111] Conforme já mencionado, a fazenda era formadora de um procedimento alimentar baseado no potencial nutricional da produção, com carnes, grãos e vegetais na dieta para todos na casa (RESTIF DE LA BRETONNE, 1883, p. 87)

[112] SÉE, Henri. *Economic and Social Conditions in France During the Eighteenth Century (1929).* Kitchenette, Ontário: Batoche Books, 2004.

1200 núcleos durante o século XIII; já no século XIV, o número teria aumentado para 350. Foi durante a segunda metade do século XVII que a Coroa passa a demonstrar preocupação com a unidade e o controle sobre a produção interna e sobre a riqueza (DULAURE, 1824, p. 26). A organização das *Communautés* promoviam as regras internas de técnica, aprendizado e cobrança sobre os produtos. Um decreto de 1673 aumentou em Paris o número de *Communautés* de 60 para 83 no ano de 1675. Um édito de 1691 elevou esse número para 129 em 1691, apenas na cidade de Paris. Este último documento, precisamente de 14 de março de 1691), logo após o reinício da Guerra dos Nove Anos contra a coalizão formada pelo Sacro Império Romano germânico, a Holanda, a Espanha, a Inglaterra e os ducados de Sabóia[113]. Tinha o objetivo de instituir aumento de tributação sobre os estabelecimentos. O Rei Luís XIV, por meio do edito, substitui os jurados eletivos — escolhidos, conforme já mencionado, pelos sujeitos que compunham a *Communauté*, A razão da destituição dos conselhos internos era em essência a acusação de violação dos estatutos de constituição e adesão. Por trás do pretexto da ordem pública, o Rei assume o controle jurídico e financeiro das *Communautés*, pois esperava "planejar a partir das necessidades presentes o auxílio necessário para o suporte às despesas de guerra"[114]. As ações podem ser compreendidas como a submissão das *Communautés* às finanças Reais, representando a mudança do pólo de poder: da autonomia jurídica, os estabelecimentos passam a fazer parte da Administração, direta ou indiretamente[115]. Além disso, as *Communautés* tinham outro problema: a constante entrada de estrangeiros nas corporações (HUSSON[116], 1903, p. 52-53). Com o aumento das taxas pela Coroa, os estrangeiros passaram a operar em *Communautés* próprias, que compravam osdireitos de domínio sobre ofícios que eram considerados ofícios livres. Assim, em Paris, os seis corpos de comerciantes em Paris pagavam 634.000 *livres*; os comerciantes de vinho, 120.000 *livres*, os ourives, 6.000 *livres* (p. 77). Os estrangeiros compravam a Communauté e passavam a concentrar o ofício.

Como relacionar essas informações ao trabalho de Restif de la Bretonne,

---

[113] O episódio mencionado é o do trono de Mons, travado entre março e setembro de 1691, com a atuação de Lui's XIVn (CHILDS, John. *The Nine Years' War and the British Army, 1688-1697.* Manchester: Manchester University Prés, 1991, p. 160-162).

[114] *Dictionnaire Historique des Arts, Métiers et Professions* (1906). Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5725179h.texteImage Acesso em: 02/01/2020.

[115] MARTIN, François Olivier, *L'organisation corporative de la France d'Ancien Régime,* Paris, Sirey, 1938.

[116] HUSSON, François. *Artisans français : étude historique - Les charpentiers,* Paris, Marchal & Billard, 1903,

especialmente na criação dos Partênions? Os fisiocratas — Quesnay e Turgot, especialmente este último[117] — e depois os liberais adotaram as teorias econômicas inglesas contra as organizações de negócios industriais e comerciais, como proteções alfandegárias e a proibição de empréstimos com juros. Os argumentos utilizados são que a organização dos negócios constitui um freio à inovação e ao investimento, ao mesmo tempo em que acordos de livre-comércio são assinados com a Inglaterra, onde é publicada toda a literatura econômica anticorporativa. e antiprotecionista. A queda nos rendimentos, a desorganização da produção, a escassez e o aumento dos preços causados pelas especulações sobre os grãos obrigaram a adiar as novas medidas e a restaurar a organização dos negócios de acordo com um modelo que se tornou nacional: o direito ao acesso à profissão é então percebido diretamente pelo Estado (CHARBIT; VIRMANI, 2002, p. 864). Considerado o raciocínio, não seria possível estabelecer nenhuma semelhança ou analogia entre as ideias quando colocadas no plano do pensamento fisiocrata, mas ambas se ajustam quando vistas sob o ponto de vista da monarquia. As *Communautés* constituíam, mesmo considerando o pensamento fisiocrata, uma movimento de afastamento feito pela manufatura das práticas mercantilistas de subserviência estatal (QUESNAY, 1760, p. 35) promovendo um enfraquecimento do sistema de regulamentos, principalmente após 1750.

Seria possível pensar no Partênion como o resgate dos Regulamentos autônomos das *Communautés*, principalmente no que se refere ao estabelecimento do livre-comércio. Um dos principais aspectos das *Communautés* era a presença de um forte regulamento interno que previa, para além das regras e leis do reino, aquilo que deveria ser feito em termos de relações comerciais. A criação dessas regras e os instrumentos de coesão interna, como a escolha dos Conselhos e a forma de participação de seus membros eram criadas e mantidas por esses regulamentos; e elementos exteriores à Communauté não tinham influência sobre seu funcionamento ou existência. A ideia de Restif de la Bretonne poderia ser associada a um período no qual o fim da organização interna das corporações representava um acréscimo no poder da Coroa sobre o comércio. Para tanto, seria necessário estabelecer claramente qual a principal produção do Partênion.

Restif de la Bretonne responde a essa questão na página 277 de O Pornógrafo,

---

[117] *OEuvres de Turgot (Réimpr. de l'éd. 1844) nouvelle édition classée par ordre de matières, avec les notes de Dupont de Nemours ; augmentée de lettres inédites, des questions sur le commerce, et d'observations et de notes nouvelles par MM. Eugène Daire et Hippolyte Dussard ; et précédée d'une notice sur la vie et les ou-vrages de Turgot par M. Eugène Daire. Publication* : O. Zeller (Osnabrück), p. 302-316. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57291/ Acesso em: 02/01/2020.

quando afirma que as 9.585 mulheres que trabalhariam gerariam cerca de 4.000 bebês. A partir desse número, Restif utiliza a dissertação de Louis Messance, de 1766 *Recherches sur la population des généralités d'Auvergne, de Lyon, de Rouen et de quelques provinces et villes du Royaume, avec des réfléxions sur la valeur du Bled tant en France qu'en Angleterre.* A edição é de Paris, 1766 que, além de apresentar algumas informações sobre a demografia do interior da França durante o século XVIII, ainda apresenta uma análise sobre a importância da alimentação e dos processos de saúde individual na formação de gerações de franceses. O repopulacionismo seja presença aqui como um outro problema da segunda metade do século XVIII, o que, no texto de Louis Messance, se manifesta na análise demográfica a partir de 1740 nas províncias da França a partir da amostragem de Auvergne, Lyon e Rouen (MESSANCE, 1766, p. 5-15).

As teorias que sustentam o repopulacionismo orbitavam em torno da ideia de que o crescimento populacional era passível de dinamismo de acordo com as ações do Estado. A crença no movimento de decrescimento populacional na França vinha de Montesquieu e Montesquieu e Mirabeau, em especial após a publicação de *L'Ami des Hommes* (1750) (SPENGLER[118], 2006, p. 128-129). Tais teorias procuravam sustentar que a maior participação do Estado no crescimento populacional era um importante fator para o aumento da riqueza interna. No entanto, segundo o economista Joseph Spengler, havia um problema com a associação entre a ideia do decréscimo populacional e a agricultura. Segundo o autor (2006, p. 189). Quesnay concentrou sua atenção no montante de produção por setor e na geração do produto líquido, mas não se demorou nos mecanismos de retorno desse produto líquido, ou nos determinantes do produto líquido. A assunção de que o decréscimo populacional representava um decréscimo da produção estava no argumento presente em *Philosophie Rurale*: de 24 milhões em 1650, 19,5 milhões em 1701 para 16 milhões em 1758 (ELTIS[119], 1975, p. 327), e a associação entre economia e população passava pelo papel do Estado em ambos, apesar da rejeição, principalmente de François Quesnay, da suposição de que mais população geraria mais riqueza (SPENGLER, 2006, p. 183). As causas que proporcionariam o declínio populacional; seriam o verdadeiro alvo da teoria econômica.

---

[118] SPENGLER, Joseph J. French Predecessors of Malthus: a study in Eighteenth-Century wage and population theory. Londres: Routledge, 2006.

[119] ELTIS, Walter. A. François Quesnay: a reinterpretation 2. The theory of economic growth. In: *Oxford Economic Papers*, vol. 27, n. 3. Oxford: Oxford University Press, 1975, p. 326-371.

O *Tableau économique*, na versão de *Philosophie Rurale*[120], apresenta dois trajetos fundamentais que permitem uma aproximação analítica em relação a O Pornógrafo. O primeiro aponta para a tendência a explicar a rota de declínio econômico e populacional nos períodos problemáticos (em termos de riqueza interna) dos reinados de Luís XIV e Luís XV — o *tableau* encontra razões dentro do sistema de regulação natural proposto pelos fisiocratas para que tais declínios sejam oportunos ou necessários. O segundo mostra o crescimento da riqueza nos mesmos reinados quando há a apresentação de propostas para a mudança de possíveis problemas econômicos internos - o *tableau* apresenta a manutenção das práticas econômicas.

Mudança e manutenção são os dois termos que direcionam a análise para o Pornógrafo. Da mesma forma como a *Philosophie Rurale*, o regulamento apresenta aspectos de ausência estatal e presença estatal. Este último pode ser verificado, à guisa de exemplo, à organização econômica do Partênion, cujos objetivos podem ser compreendidos como a necessidade de uma ordem racionalizada, centralizada no interior e na geração de produto líquido final na diferença entre receitas e despesas. Nesse sentido, a ausência estatal é desejada: a economia do Partênion deve ser independente da economia da França; e a relação entre ambas as economias está na sugestão da função da receita anual do Partênion: deve contribuir para a estabilização das práticas de saúde coletiva e profilaxia — boa alimentação, banhos, roupas limpas, limpeza interna do Partênion, a presença de um corpo médico que tratará das enfermidades das mulheres públicas e a existência de uma enfermaria própria, que seguirá diretrizes de tratamento distintas dos tratamentos de Paris (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 152-154). As mulheres públicas enfermas não gerariam os 4.000 filhos possíveis. Na concepção de Restif de la Bretonne, a partir das leituras de Messance e dos repopulacionistas — que mais tarde teriam influência sobre o trabalho de Malthus — o papel do Partênion, além da progressiva extinção da prostituição de rua e dos bordéis — apesar de não prever a completa extinção da atividade de comércio de sexo no curto prazo — era o de promover um retorno em produto líquido para o reino da França. Esse retorno seria o contingente humano para a formação dos exércitos nacionais, nos quais a participação das unidades militares estrangeiras ou mercenárias não seriam mais necessárias.

No esquema populacional de direcionamento de crianças para a formação dos

[120] QUESNAY, François; MIRABEAU, Victor R. M. De. *Philosophie Rurale, ou Économie générale et politique de l'agriculture, réduite a l'ordre immuable des Loix physiques et morales, qui assurent la prospérité des Empires.* Amsterdam, Les Libraires Associés, 1763.

exércitos, duas frentes seriam importantes: a primeira, das crianças vindas do Partênion e que estivessem em condições apropriadas de formação física e boa saúde; e a segunda, dos hospitais e orfanatos do complexo do Hospital Geral. Esta última ocorreria a partir da chamada, aos oito anos, para todas as crianças "abandonadas, recorrentes em todos os hospitais do Reino" (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 155). Sua semelhança com a primeira frente está na questão do estabelecimento d paternidade: não sendo possível determinar quem seria o pai de cada criança abandonada no Hospital Geral ou dos filhos das mulheres públicas do Partênion, as crianças passam a ser filhos do Estado — não do Rei propriamente dito, e a ele devendo contribuição como população e como receita.

2.3.4. As cartas finais: objeções e réplicas ao Projeto

Após a apresentação do projeto, duas outras cartas — uma escrita pelo Senhor Des Tianges e outra, escrita por D'Alzan, objetam os Artigos do projeto e respondem a essas objeções, respectivamente. Começando com a sétima carta, escrita por Des Tianges, a intenção é claramente a de apresentar os maiores empecilhos à sua execução. Des Tianges se encontrava em "viagem de negócios" (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 28) e a correspondência com D'Alzan ocorria em paralelo à correspondência de Adelaide Des Tianges com este, sobre a reforma íntima do libertino para a realização de um casamento bem-sucedido. Após a introdução sobre a reforma íntima, Des Tianges passa às objeções. (p. 172).

Dentre as objeções, os Artigos 1º (Das casas e Das jovens públicas atuais), 2º (Das jovens exclusivas), 6º (Das jovens recebidas), 7º (Do Partênion), 12 (Das escolhas do homem), 13 (Das escolhas da jovem), 17 (Da publicidade das tarifas), 19 (Dos casamentos proibidos) e 38 (Das crianças nascidas na casa) tratam da aplicabilidade do regulamento, principalmente. Os Artigos 3º (Das novas casas), 4º (Da Administração), 5º (Do exercício da Administração), 8º (Das faltas), 9º (Dos crimes), 10 (Do estabelecimento dos Partênions, Dos cômodos de trabalho e Do acesso às jovens), 11 (Da presença no cômodo de trabalho) e 16 (Do bilhete de entrada) são os itens nos quais Des Tianges manifesta choque e assombro com o regulamento apresentado. Os Artigos 20 a 24 (Da gravidez das jovens públicas, Das jovens exclusivas grávidas, Das salas comunais, Dos exercícios e refeições, Dos privilégios dos amantes exclusivos, respectivamente), 26 a 37 (Da frequência de encontros da jovem, Da frequência das Aposentadas, Da infidelidade das amantes exclusivas, Do comportamento à mesa e vestuário,

Da despesa com vestimentas, do hábito de banhar-se, Da maquiagem, Das Aposentadas, Das doenças venéreas e das visitadoras, Da Grande Governadora ou Governadora Superiora, Das multas, Do tratamento médico das jovens, respectivamente), 39 a 45 (Da autoridade do Conselho sobre as crianças da casa, Da escolha das Governadoras, Do destino das Aposentadas, Da clausura e das herdeiras, Das jovens que desejam mudar de vida, Do fechamento do Partenion, Da comunidade entre os Partenions, respectivamente) são os comentários feitos sobre o texto do regulamento. Des Tianges não comenta os Artigos 14 e 15 (Da Guarda, do desarmamento, respectivamente). Finalmente, questiona os artigos 18 e 25 (Dos amantes exclusivos, dos alojamentos das jovens exclusivas, dos acessos e das escolhas, Do aproveitamento do tempo na sala communal, respectivamente).

Ao final da carta, Des Tianges faz duas citações. A primeira, de Fábulas, de Fedro, *Hoc sustinete, majus ne veniat malum*[121] [Tolere este mal para que um mal pior não sobrevenha] (FEDRO, 1755, Fab. 2, p. 2). É possível compreender o uso da citação sob a ótica do duplo efeito: a fábula que aqui é resgatada é "*Ranae regem postulantes*" [As rãs pedem um rei], que tem início com uma explicação sobre o seu propósito — após a liberdade, sob "justas leis", vivendo aparentemente sob condições desejadas, a população de Atenas, de acordo com o texto, passa a cometer abusos e a cidade cai sob uma indisciplina generalizada. É quando o aristocrata Pisístrato (600 a.C. – 527 a.C.) ocupa Atenas e dá início a uma organização tirana como solução para a anarquia [*Athenae gum fiorerent aequis legibus, procax libertas civitatem miscuit, frenumque sorvit pristinum licentia, hinc conspiratis factionum partibus, arcem tyrannus occupat Pisistratus*] (idem). Para ilustrar a passagem, Esopo propõe uma fábula de rãs que pediram a Júpiter um rei que lhes trouxesse ordem. O primeiro rei enviado por Júpiter foi um tronco, mas as rãs reclamaram da ausência de autoridade do mesmo. Júpiter, então, envia às rãs uma cobra d'água, que passa a predar as rãs. A moral, que é a citação feita por Des Tianges, estipula que " os que não suportaram o bom rei deveriam dali em diante tolerar o mau" [*Quia noluistis vestrum ferre, inquit, bonum; Malum perferte*]. A prostituição, como efeito negativo do regulamento, deverá ser subordi- nada ao propósito: a intenção primordial do regulamento é a de proporcionar uma reforma moral, decorrendo daí um efeito negativo — a necessidade da tolerância à prostituição. Como efeito positivo, não decorre a reforma diretamente da prostituição, estando de acor- do com o princípio filosófico do duplo efeito.

Dessa forma, é possível descrever o Projeto revisando as condições para o duplo

[121] FEDRO, *Fabularum. Juxta exemplar a Petro Burmanno editam 1727*. Edimburgo: Crawford, Gordon, Brown, and Wright, 1755.

efeito. A primeira, o ato deve apresentar uma intencionalidade moralmente positiva, ou pelo menos neutra. Não pode haver muitas dúvidas com relação à intenção do Projeto para a promoção da reforma moral, a partir da intenção explícita no Projeto para a ação educativa de frequentadores pagantes e mulheres públicas — ação essa que viria posteriormente a extinguir o exercício da atividade de comércio sexual; a segunda condição, o efeito positivo deve fruir diretamente da ação e deve ser sentido ao mesmo tempo que o efeito negativo e, caso seja possível, o efeito positivo poderia ser sentido sem a interferência do negativo; a terceira condição diz que o agente da ação pode não desejar o efeito negativo, mas pode permiti-lo, uma vez que seja involuntário; e o quarto efeito aponta a causalidade parcial, ou seja, apesar de o efeito negativo ser derivado da ação, assim como o é o efeito positivo, este último deve sempre ser superior para que compense a existência do último[122].

Falta, ainda, examinar a segunda citação, de Ovídio, retirada dos Amores. "Sempre nos lançamos ao vedado e desejamos aquilo que é negado; Assim se aproxima o enfermo das águas proibidas." [*Nitimur in vetitum, semper cupimusque negata; Sic interdictis imminet aeger aquis*][123]. Em 3:4, o que Ovídio descreve é o amoroso solicitando ao homem que divida sua mulher. Na mesma passagem, o trecho "Nem, entretanto, está certo proteger uma romana livre — tais medos podem rondar os corpos de escravos estrangeiros, eu lhe peço! [*nec tamen ingenuam ius est servare puellam — hic metus externae corpora gentis agat!*] (idem). A ideia de dar à mulher a decisão sobre seu corpo em seu uso sexual não o torna um uso político: o fato de homens fazerem comércio com o corpo da mulher não a torna capaz de fazer com que ela seja sujeito do comércio. Nesse sentido, a passagem garante a clareza sobre como o corpo da mulher pública será usado para que seja objeto politico — e não restrito ao comportamento de alcova, íntimo e portanto individual —, não chegando, entretanto, a ser sujeito.

a. Localização do primeiro Partênion

Imediatamente, as respostas de D'Alzan complementam as objeções na oitava carta. Na carta, D'Alzan busca responder às objeções e adicionar explicações aos Artigos. Uma das explicações dadas para os questionamentos de Des Tianges diz respeito à localização dos

[122] Vide nota 15.

[123] INGLEHEART, Jennifer; RADICE, Katherine (Org.). *Ovid: Amores III, a Selection: 2, 4, 5, 14.* Londres: Bloomsbury Academic, 2011, p. 47.

Partênions. Durante o século XVIII, a partir do início de seu reinado, Luís XV começa a construção da "nova Roma" — o estilo arquitetônico barroco pode ter nascido em Roma, mas atingiu a maioridade em Paris. A modificação da configuração do espaço não-agrícola teve seu início logo nos primeiros anos reinado de Luís XIII em 1610 e uma forma distinta e relativamente silenciosa emergiu rapidamente. Entre 1643 e 1715, os arquitetos de Luís XV alcançaram seu auge, esculpindo a nova Roma na capital francesa até 1774, no final do governo de Luís XV, quando o neoclassicismo já havia assumido o controle (SARMANT[124], 2012, p. 101). De uma forma geral, foi no decorrer do século XVIII que Paris retorna sua arquitetura para o plano catesiano (p. 103). No ano de 1702, contando com 20 distritos, 14 subúrbios e 2 aldeias, tem início a construção das avenidas da margem direita ds muralhas de Paris, dando um eixo central aos subúrbios e à cidade medieval (PINON[125], 1999, p. 135). O anel viário que igaria as avenidas do norte e as novas do sul formam uma obra arquitetônica que é completada em 1760. Porém, com exceção dessas avenidas, há relativamente poucos ornamentos arquitetônicos completos do século XVIII em Paris, sendo as obras do período na sua maioria intervenções *ad hoc* em torno de um monumento (ROULEAU[126], 1997, p. 90-91).

D'Alzan localiza a primeira casa nas Câmaras de Comércio de Grãos e Farinha. *Halle aux Blés et aux Farines* (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 196). Essa estrutura comercial foi inaugurada em 1767, a partir da compra do Hotel de Soisson pela cidade de Paris, em 1755. A Halle ficava no centro de Paris, ao lado da coluna Médici. Foi demolida em 1887[127]. Sua existência, para Restif de la Bretonne, seria ideal, já que o formato circular e as diversas entradas estariam de acordo com a configuração imaginada. É importante o fato de que o Partênion ali teria um propósito: utilizar um edifício de comércio para outro comércio. A descrição do Halle é feita por Jacques-Antoine Dulaure[128] (1846):

> CÂMARA DE TRIGO E FARINHA, localizado na rue de Viarmes, rua que circunda esta edifício e onde terminam, como em um ponto central, seis outras ruas. Esta foi construído no local do Hôtel de Soissons, que foi demolido entre 1748 a 1749, após a morte de Victor-Amédée de Savoie, príncipe de Carignan, proprietário deste hotel. Os

[124] SARMANT, Thierry. *Histoire de Paris: Politique, urbanisme, civilisation*. Paris: Editions Jean-Paul Gisserot, 2012.

[125] PINON, Pierre. *Paris biographie d'une capitale*. Paris: Éditions Hazan, 1999.
[126] ROULEAU, Bernard. *Paris: Histoire d'un espace*, Paris: Éditions du Seuil, 1997.

[127] DULAURE, J.A. *Histoire physique, civile et morale de Paris, depuis les premiers temps historiques jusqu'a nos jours*. Paris: Libraire Guillaume, 1824, p. 12-14.

[128] DULAURE, J.A. *Histoire de Paris et de ses monuments.* Paris: Ferne, Jouvet et Lte., 1846.

> magistrados da cidade, sob cartas patente a partir do ano de 1755, adquiriram, pela soma de 28.367 libras e 10 *sous*, o hotel e seu terreno, e determinaram, em 1762, a construção de um edifício lá destinados à venda e armazém de trigo e farinha. Este edifício circular, iniciado em 1763, foi finalizado em 1772, nos desenhos e sob a direção do Sr. Le Camus de Mézières (p. 522)[129].

A outra localização possível é dada pelo fim do complexo do Hospital Geral — La Pitié, Salpêtrière e Bicêtre. O caráter correcional e o fato de o sistema ser em essência um sistema de detenção de indivíduos promovia a necessidade de sua extinção. Nas réplicas, Restif de la Bretonne aponta a higiene e a profilaxia como as soluções para a sífilis, sendo desnecessários os sistemas de hospital-prisão-escola.

b. A sífilis e o regulamento: higiene e profilaxia

O controle da sífilis condicionado à instituições era, de fato, algo recente. A xilogravura atribuída a Albrecht Dürer (1496), intencionalmante uma gravura médica, que representa um indivíduo com os sintomas de erupção cutânea associadas à sífilis, se torna o tema do poema do médico Theodericus Ulsenius[130] (ou Ulsênio) sobre a epidemia de sífilis na Alemanha, em 1496. O poema, *Walicinium in Epidemicam Scabiem, quae passim toto orbe grassatur*[131], evolve em torno da imagem, que traz a causa da sífilis. Em suma, Ulsenius se desculpa pelo expediente da poesia para descrever os sintomas do *morbus gallicus* e, nas partes marginais da imagem, descreve seus sintomas. Ulsenius afirma que na enfermidade não pode ser curada e pretende estabelecer uma conexão entre a epidemia e a grande conjunção astrológica de 1484 (Saturno e Júpiter) e o eclipse solar de 1485[132]. Joseph Grünpeck (1496) publica os panfletos contra a sífilis (*morbus gallicus*) em *Tractatus de pestilentiali scorra siue mala de Franzos, originem remediaque continens*[133], que também denunciam as causas astrológicas da sífilis. De

---

[129] *HALLE AUX BLÉS ET AUX FARINES, située rue de Viarmes, rue qui entoure cet édifice, et où viennent aboutircomme à un point central, six autres rues. Cette halle fut bâtie sur l'emplacementde l'hôtel de Soissons, qui fut démoli de 1748 à 1749, après la mort de Victor-Amédée de Savoie, prince de Carignan, dernier propriétaire de cet hôtel. Les magistrats de la ville, en vertu de lettres-patentes de l'an 1755, acquirent, moyennant la somme de 28,367 livres 10 sous, l'emplacement de cet hôtel, et se déterminèrent, en 1762, à y faire construire un édifice destiné à la vente et à l'entrepôt des blés et farines. Cet édifice de forme circulaire, commencé en 1763, fut terminé en 1772, sur les dessins et sous la direction de M. Le Camus de Mézières.* Tradução minha.

[130] Vide nota 34.

[131] ULSENIUS, Thodericus. *Walicinium in Epidemicam Scabiem, quae passim toto orbe grassatur (1496).* Göttingen: Verlag der Dieterich schen Buchhandlung. 1850.

[132] Os dados sobre o eclipse podem ser encontrados em HAYTON, Darin, "Joseph Grünpeck's Astrological Explanation of the French Disease," in *Responding to Sexual Disease in Early Modern Europe*. Toronto: Kevin Siena, 2005, p. 241-274.

[133] GRÜNPECK, Joseph. *Tractatus de pestilentiali scorra siue mala de Franzos, originem remediaque con-tinens.* Colônia: Kaspar Hochfeder, 1496.

acordo com o *Tractatus*, uma importante conjunção entre Saturno e Júpiter às 18h04 de 25 de novembro de 1484 foi o início da de- terminação das consequências ao costume em decadência nnas regiões que constituem a Alemanha. Tais conjunções importantes entre os dois planetas exteriores frequentemente sinalizavam (ou constituíam a causa — o texto não deixa claro) as tragédias terrenas. Esses dois planetas se uniram a 23°43' de Escorpião, um signo governado por Marte. Aliado a esse evento astrológico, um eclipse solar em 25 de março de 1485 piorou os efeitos da conjunção. Finalmente, Saturno e Marte se uniram a 9° de Escorpião em 30 de novembro de 1485 (HAYTON, 2005, p. 266). Havia boas evidências dos efeitos cumulativos dessas conjunções: no final do século XV, os territórios alemães sofriam com secas e longos períodos de fome que se iniciaram por volta de meados da década de 1480. No mesmo período, a invasão de Carlos VIII da França ocorria em Nápoles e o "mal napolitano/francês" se tornou endêmica em muitas cidades do sul desses territórios, com o constante fluxo de retorno de mercenários (p. 255), surgindo a cada verão; e vários terremotos ocorreram no início dos anos 1490 (idem). No texto de Grünpeck, consta que chega a doença, inédita e invisível, a Doença Francesa, que também a mencionada conjunção trouxe da França para a Itália e depois para a Alemanha. "*Ut videant gentes nos populum esse dei. Vosque, Itali, inprimis regem obferuato benignum, Ne vos deterior subruat, interimat. (...) Atque ìndignatur, nos voluisse minus. Nolite, o virtus Germana, et viuida corda*" (GRÜNPECK, 1496, p. 14).



Figura 3: xilogravura de Albrecht Dürer (1496), publicada com o poema médico de Theodericus Ulsenius.

Apesar do alijamento das visões da sífilis como castigo ou resultado de eventos celestes, o século XVIII apresenta seu próprio conjunto mitológico para a sífilis. O que Restif de la Bretonne propõe nas réplicas ao regulamento significa uma reogranização da sífilis em torno de valores da fazenda La Bretonne: higiene e boa alimentação como medidas profiláticas essenciais (Art. 31, p. 146) — o banho se torna obrigatório para todos no Partênion e se torna uma forma de desambiguação: as doenças de pele causadas pela má higi- ene não seriam disfarce para os sintomas das doenças infecciosamente transmissíveis.

> O banho nessas casas evitaria as doenças de pele mais comuns, evitando que elas — caso não matem as crianças — as atormentem, retardem ou impeçam seu crescimento ou empobreçam seu temperamento etc. Quanto ao *Partenion*, os banhos mornos são absolutamente necessários para as jovens que não fazem muito exercício, substituindo-o e favorecendo uma transpiração adequada. Manterá a todos muito limpos e seu uso frequente diminuirá o odor desagradável sentido nos lugares de grande concentração de pessoas (p. 146-147).



Figura 4: figuras iniciais de *Tractatus de pestilentiali scorra siue mala de Franzos, originem remediaque continens,* de Joseph Grünpeck (1496). As figuras mostram o argumento central da influência dos astros na transmissão da sífilis.

Os banhos seriam obrigatórios para os homens que entrarem (Art. 33, p. 149), e como regra para a ornamentação corporal (Art. 32, p. 221). A maquiagem passa a ser um desserviço para as mulheres públicas, uma vez que representam uma forma de ocultar os primeiros sintomas tanto da sífilis quanto da gonorreia (vermelhidão da pele). A maquiagem no século XVIII constituía uma ferramenta de distinção da aristocracia; e a composição da *toilette* era um cerimonial diário para homens e mulheres, que reforçava suas posições dentro e fora do ambiente doméstico — o ritual reforçava os papéis de servidão dentro das casa, sendo os servos mais próximos dos aristocratas aqueles responsáveis por sua *toilette*. O hábito reforçava laços e criava um vínculo de intimidade entre servo e senhor. No entanto, o hábito da maquiagem não diferenciava gêneros: homens e mulheres se maquiavam igualmente e a *toilette* era parte do cotidiano de ambos no ambiente aristocrático — hábito que posteriormente foi adotado pela burguesia (GUNN[134], 1973, p. 108). A mulher ideal do século XVIII tinha cabelos pretos, castanhos ou loiros (particularmente na moda durante o reinado de Maria Antonieta); cabelos ruivos fortes ou acobreados eram considerados antiquados e geralmente seriam tingidos de uma cor diferente, embora os loiros escuro e morango fossem populares. Os cabelos eram ondulados

[134] GUNN, Fenja. *The artificial face.* London: Trinity Press, 1973.

ou cacheados, com a testa alta, as bochechas roliças e rosadas e a pele branca. As cores dos olhos *en vogue* incluíam o preto, o castanho ou o azul; as sobrancelhas eram bem separadas, levemente cheias, semicirculares e afiladas nas extremidades em forma de meia-lua. Os lábios eram geralmente pequenos, com um lábio inferior um pouco maior, criando um efeito de botão de rosa, com contorno e preenchimento vermelho. As pinturas de François Boucher são particularmente úteis como referência visual (HYDE, 2006).



Figura 5: *La toilette de Vénus* (François Boucher, 1751)

Era a função do criado de quarto auxiliar com a *toilette*. Sua primeira etapa era feita com a aplicação de pedaços de tafetá e seda na face para, com o auxílio de um adesivo, esconder as marcas das feridas dos sintomas mais severos da sífilis. A aplicação do adesivo era considerada parte da moda, assim como as máscaras parciais que ocultavam marcas e parte da fisionomia (p. 113). O uso de tais coisas não era agradável a todos; e alguns preferiam a aplicação do cosmético: a base cosmética empalidecedora, acrescida de um preparado de pó facial com chumbo. A cobertura era mais eficiente, com a palidez necessária, mas os efeitos do chumbo, de alta absorção cutânea, causavam dores de cabeça excriciantes, náusea e tonturas, cegueira e até a morte, no caso de ingestão de grandes quantidades (p.110). A seguir, havia a a

aplicação do *rouge*, cuja preparação também incuía metais pesados: o carmim, piigmento que compunha o *rouge*, também continha pó de chumbo. O *rouge* também era adicionado a pedaços de massa de modelar, para fazer o batom, usado por homens e mulheres (p. 115). A finalização da *toilette* acontecia com a aplicação do talco em todas as partes expostas de pele, nos cabelos naturais ou nas perucas, no caso dos homens. A função do uso do talco era a de perfumar — ou pelo menos neutralizar os odores — e também a de situar o aristocrata: as perucas brancas eram raras e, portanto, caras. Como o tingimento com metais pesados era destrutivo para o couro cabeludo e arruinava as perucas, a aplicação do talco passou a ser uma excelente opção (MARTIN[135], 2009, p. 58).

O hábito da *toilette* era comum entre as classes que compunham a nobreza e a aristocracia, mas estavam também se tornando um costume também para a incipiente burguesia comercial. A aplicação de penteados e cosméticos teve uma função particularmente importante na França. O ritual de vestir, que incluía os penteados e cosméticos aplicados diante de um público selecionado — daí entende-se os criados mais próximos e os que pertenciam ao círculo íntimo — que era também uma forma de estabelecer a força das relações políticas. Todas as relações de alcova eram relações de poder (ELIAS[136], 1990, p. 93), a começar pela instituicionalização da *toilette* por Luís XIV. Nunca foi completamente abandonado, tendo-se transformado para as formas atuais.

A ocultação dos sinais e sintomas da sífilis, então, faz parte do problema que o regulamento procura resolver. As formas de disfarce ou dissimulação ficam proibidas no espaço do Partênion para que ficassem expostos os possíveis sinais e sintomas da sífilis. As questões de ornamentação corporal passam da formação de alianças políticas, na esfera da nobreza, para a saúde pública As transformações das relações entre as classes, mediadas pelo comportamento na alcova, revelam relações dinâmicas que parecem, de certa forma, contraditórias. A partir da nobreza, a institucionalização da *toilette* como costume promove a consolidação de alianças e conexões, enquanto a promoção da extinção da *toilette* pela substituição dos banhos e da higiene pessoal como medida profilática e de promoção da saúde pública — não proliferação de doenças, facilitação de identificação de sintomas, o corpo passa à esfera da medicalização —

[135] MARTIN, Morag. *Selling Beauty: Cosmetics, Commerce, and French Society, 1750-1830*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009.

[136] ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* São Paulo: Zahar, 1990.

sobrepuja o indivíduo, mas o afasta de sua autonomia enquanto o coloca como dependente das práticas daquela sociedade.

> A imagem do homem como "personalidade fechada" é substituída aqui pela 'personalidade aberta', que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face à de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependência entre os seres humanos é o que os liga (ELIAS, 1990, p. 249).

A proposta de um Partênion cujas práticas de saúde se distinguem dos hospitais iniciam os indivíduos em um novo pacto para o costume na alcova: não é pçossível haver intimidade nos círculos de poder, onde os momentos mais prosaicamente privados constituem ações públicas Nobres possuem individualidade, mas suas ações não constituem ações individuais. A ascensão da burguesia comercial na França é concomitante ao surgimento da intimidade. Passam ao indivíduo a responsabilidade sobre a saúde de todos, em oposição à causalidade cosmológica. No entanto, na apresentação do Projeto, as questões estão apresentadas na esfera coletiva: o indivíduo é admissível apenas como parte executora do regulamento, sem que sua individualidade seja compreendida, reconhecida ou solicitada (CHOUDHURY[137], 2006, p. 190; KAISER, 2006, p. 201). A essa noção de indivíduo junta-se, também, a noção de mulher.

[137] CHOUDHURY, Mita. Women, gender, and the image of the Eighteenth-Century aristocracy; KAISER, Thomas E. Nobles into aristocrats, or How an Order became a conspiracy. In: SMITH, Jay M. *The French nobility in the Eighteenth century: reassessments and new approaches.* Filadélfia: Penn State University Press, 2006.

Conclusão
Utopia, reforma, revolução

Entre os aspectos constituintes deste trabalho, falta ainda responder à pergunta: O Pornógrafo, ou ainda, a série *Idées Singulières* em todos os seus elementos, é um representativo de utopias do século XVIII? Antes de iniciar qualquer tentativa de responder a essas perguntas, é importante pensar nos acontecimentos desse século que poderiam ser significativos para a presença de textos utópicos nesse período.

Um primeiro fator é o desenvolvimento de um sistema de colônias ultramarinas e o surgimento de novas formas de comércio e a gradativa passagem do modo mercantil para a produção agrícola e o nascimento da manufatura, passando do ofício (no caso, das *Communautés*) para os primeiros movimentos em direção ao modo de produção industrial em suas etapas iniciais (HOBSBAWM, 2007, p. 29). Antes, as viagens imaginárias haviam encontrado seu paralelo real nas incursões marítimas às novas colônias e, durante o século XVIII, a noção de que as Américas seriam utopias por excelência, o pensamento científico, as novas relações entre economia e sociedade e a elevação dos conceitos de razão e progresso como valores permitiam ver as Américas não mais como utopias potenciais, mas como prováveis (POHL[138], 2000, p. 2).

Outro fator importante, além dessa expansão do mundo conhecido, era a relação estreita entre utopia e a percepção da própria história (RIBEIRO[139], 2005). O século XVIII apresenta utopias onde aspectos como a organização, a reformulação de uma burocracia estatal e a regulação do sistema vigente, ou seja, a manutenção daquilo que está dentro de uma concepção de mundo e de moral e a reforma daquilo que deve ser eliminado dessa concepção (idem, p. 219). É possível entender, portanto, que as utopias têm objetivos a alcançar no âmbito do texto e, igualmente, objetivos a alcançar na sociedade por ela criticada. Tanto nos projetos de reforma quanto nos textos utópicos que podem ser analisados segundo a tipologia de utopias como gênero literário seguem esse mesmo trajeto racional, quando situadas como textos do

[138] POHL, Nicole. Enlightenment Utopias. In: *Utopian Studies*. Vol 11, n. 2. Filadélfia: Penn State University Press, 2000.

[139] RIBEIRO, Ana Cláudia R. O sentido do gênero literário utópico no século de L'Isle des Hermaphrodites. In: *Revista Morus. Dossiê: Utopia como gênero literário.* Vol. 2, 2005, p. 209-225.

século XVIII (STROUP[140], 1998, p. 4). Nesse sentido, o Partênion não é uma alegoria de algo, uma representação — mas a realização futura da relação passado-presente que logrará a eliminação dos elementos indesejáveis na construção de novos tempos.

Assim, é possível visualizar o século XVIII como um período onde há pelo menos dois aspectos temáticos centrais para a compreensão do gênero na França: a viagem e a reforma. Os textos da temática viagem são muitos e circulavam desde o século XVI: a partir da primeira tradução de *Utopia*, de Thomas Morus (1516), *Gargantua e Pantagruel*, de François Rabelais (1532), *A Cidade do Sol*, de Tommaso Campanella (1604), *A Nova Atlântida*, de Francis Bacon (1622). A partir do século XVII, as utopias — ou ainda, obras que apresentavam traços de semelhança com a obra de Morus — começam a ficar mais populares: *La terre australe connue*, de Gabriel de Foigny (1676), *Suite du quatrième livre de l' Odyssée d'Homère ou Les Aventures de Télémaque fils d`Ulysses,* de François de Salignac de la Mothe-Fénelon (1699). No século XVIII, segundo Raymond Trousson (1999) são 37 as utopias francesas, conforme consta em *Voyage au pays de nulle part,* e O Pornógrafo ali se encontra, assim como os demais títulos da série *Idées Singulières* e *La Découverte australe par un homme volant* (1781).

Outro título que pode ser levado em consideração não apenas como exemplo de texto do século XVIII mas também como um interessante antecedente para a relação viagem-reforma é *Naufrage des Isles Flottantes, ou La Basiliade du célèbre Pilpai*, de Etien-ne-Gabriel Morelly (1753) e o texto que segue, *Code de la Nature* (1755)[141]. O primeiro é o poema heroico que narra a viagem a Pilpai, lugar onde a propriedade privada não existe e nenhum habitante daquele lugar é possuidor de coisas, não importando sua posição hierárquica. O segundo é o projeto que trata da reforma das regras sociais vigentes na França na década de 1750. O texto, que fora anteriormente creditado a Denis Diderot (PIOZZI[142], 2008, p. 79), organiza o exemplo de Pilpai, onde os afetos constituem o ordenamento daquele grupo, bem como as atividades econômicas que não permitem a acumulação — com um projeto que analisa as formas de organização social ditas primitivas como unidades de organização que antecedem o indivíduo (como unidade), contrariando o Contrato Social, onde o indivíduo constitui a unidade

[140] STROUP, Alice. French utopian thought: the culture of criticism. In: RUBIN, David L.; STROUP, Alice (Org.) *Studies in early modern France*. Vol. 5, Utopia 2. Charlottesville: Rookwood, 1998, p. 1-84.

[141] MORELLY, Etienne-Gabriel. *Naufrage des Isles Flottantes, ouLa Basiliade du célèbre Pilpai/ code de la Nature.* Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Code_de_la_Nature Acesso em: 21/01/2020.

[142] PIOZZI, Patricia. *Arquitetos da ordem anárquica.* São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

organizacional (ROUSSEAU, 1968).

Obedecendo a um sistema lógico associativo, os dois textos de Morelly formam um continuam de uma protoetnografia e logo a seguir, da análise dela, onde uma ideia de um ordenamento jurídico próprio para a França comece a fazer sentido. O Pornógrafo, composto igualmente das duas partes, *roman epistolaire* e notas, não segue o exemplo, mas o projeto, contido em uma das cartas, representa a reorganização *(i)* do espaço libertino, transferindo-o do público ao privado: o Partênion passa a ser um espaço íntimo e a individualidade passa a ocupar o espaço coletivo de *débauche; (ii)* do espaço econômico, totalizando o Partênion a um espaço racional cuja lucratividade depende da organização das mulheres públicas como itens de produção; *(iii)* do espaço militar e populacional, com a proposta de extinção das milícias estrangeiras e das milícias provinciais e formação de contingentes armados nacionais a serviço do Rei a partir da progressiva geração de filhos no Partênion; e *(iv)* do espaço da produção, com a realização da importância da produção agrícola como o centro de saúde e de seus produtores, como promotores que devem ser preservados em sua função. No entanto, a parte da protoetnografia está embutida na comunicação entre D'Alzan e Des Tianges, onde a vida do libertino parisiense é descrita — porém é do antíteses-ló que sai a necessidade do projeto.

Além da análise de O Pornógrafo por suas fontes, é preciso observá-lo brevemente segundo sua forma, para que talvez se possa chegar a uma resposta sobre o Pornógrafo como um texto utópico. A começar pela tipologia proposta por Trousson (1996), o primeiro item a ser observado — e também o mais importante — é o insularíamo. A sociedade de O Pornógrafo pode ser definida como a sociedade da burguesia comercial da cidade de Paris, na década de 1760; mas a sociedade do Partênion está separada de Paris. Não são os mesmos parisienses e partenienses e parisienses não coexistem. As oportunidades em que os partenienses poderiam sair do Partênion são cuidadosamente planejadas para que não haja contato entre as duas sociedades. (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 168). São poucos os indivíduos que podem entrar e sair do Partênion, a saber, os médicos e cirurgiões, os Administradores e as Governadoras. No universo dos parisienses, os indivíduos pagantes são os elementos transitórios do Partênion — poderia ser esse o papel de D'Alzan, como o libertino narrador. Como o narrador da utopia é o viajante que regressa para relatar sua experiência a um ouvinte (no caso de Utopia, Rafael Hitlodeu relata sua viagem à ilha de Utopia ao autor Morus[143]), assim

[143] MORUS, Thomas. Utopia (2004 {1516]). Disponível em: http://funag.gov.br/biblioteca/download/260-

ocorre em O Pornógrafo: o narrador do projeto, D'Alzan, ao propor o Projeto — recebido, por sua vez, de Lewis Moore, o inglês que contraíra sífilis em Paris — narra o Partênion como um local já existente, em vez de narrá-lo como um local ainda imaginado. Isso dá ao partênion uma característica especial: passa a constituir um local atemporal, pois o Partênion não está situado de acordo como o presente, mas com o futuro, sem, entretanto, que esses tempos estejam definidos. Além disso, a característica do insularismo não é exatamente literal — o isolamento geográfico se estabelece como uma representação do isolamento no sentido da preservação da comunidade de dentro do espaço utópico (BERRIEL[144], 2008, p. 111).

A forma de organização econômica autárquica é outra característica a ser verificada (TROUSSON, 1996, p. 20). Não é possível assumir que o Partênion tenha plena autonomia produtiva e comercial e independente de seu entorno. Ao contrário, o comércio com Paris é necessário, ainda que de menor importância (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 275). Não é possível, da mesma forma, desassociar o comércio do Partênion enquanto prática de subsistência, mas é possível retirá-lo na observação do Partênion como salvador do produtor agrícola. As unidades comprariam, no sistema de preservação do camponês, no sistema fisiocrata, diretamente do produtor (p. 78). O lugar público garantiria acesso ao local de prazer deforma segura e garantindo a manutenção da moral — o camponês fará comércio com a mulher pública e, em seguida, retornará às suas funções, evitando que o mesmo permaneça em paris e se perca com as mulheres públicas ou amantes que possa encontrar.

Como resolver, então, o problema da economia? O Partênion não produz seu alimento, mas garante que seu produtor se mantenha a salvo. Assim, uma possível resposta para o dilema do aspecto econômico poderia ser: ainda que não constitua uma autarquia, o Partênion tem em sua razão de ser a proteção do camponês — o que situa a agricultura como um dos mais importantes fatores, já que aquele que por ela é responsável é o mais vulnerável aos encantos da cidade de Paris (p. 50).

Sobre a estrutura geométrica (TROUSSON, 1996, p. 20), ou ainda, a arquitetura funcional que proporciona o equilíbrio interno e a ordem estabelecida pela própria existên- cia do sistema do espaço utópico, o Partênion é revelado com um espaço existente: o *Halle aux*

Utopia.pdf Acesso em: 23/01/2020.

[144] BERRIEL, Carlos Eduardo O. Campanella: a consciência possível da contrarreforma. Considerações sobre o "*Appendice della politica detta La Città del Sole di fra' Tommaso Campanella* — Dialogo poetico" (1602). in: *Revista Morus. Utopia, Reforma e Contrarreforma.* Vol. 5, 2008.

Blés (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 196), escolhido pela função (câmara de comércio de grãos) e forma, conforme a figura abaixo.



Figura 6: *Halle aux Blés*, 1767.

A posição é vantajosa: a descrição feita na página 196 faz alusão às múltiplas portas e às diversas ruas que ali terminam, facilitando a dinâmica interna. Esse espaço deveria ser utilizado da forma como se encontrava. No texto, não era esperado — seque constituía um problema — a passagem do tempo ou modificações históricas nesse edifício. Dentro do edifício, as partes são separadas e iguais para todos os cômodos de trabalho. Os jardins frontais separam o espaço de comércio do espaço doméstico, onde estariam as crianças partenienses (p. 120). Os indivíduos de Paris seriam admitidos apenas no jardim de entrada para a janela de observação (p. 121-122) e nos cômodos de trabalho das mulheres selecionadas (p. 123). Um outro fator a ser considerado aqui é o fato de que no instante da entrada do primeiro homem pagante, o Partênion já se encontra formado, com as mulheres e sua estrutura em funcionamento ótimo. Não há tempo no Partênion. Há horários de atividades para as mulheres que ali estão, para atividades físicas e para refeições e higiene (p. 137), mas não há o tempo histórico. Assim, é

possível compreender que o Partênion se encontra fora da história, enquanto a novela assume o aspecto histórico para estabelecer uma narrativa do antiexemplo.

Antes de prosseguir para o próximo aspecto proposto por Raymond Trousson, é interessante introduzir os conceitos de reforma e revolução. Os conceitos, segundo André Gorz (1968[145], p. 119) diferem na perturbação: numa dada sociedade, a introdução de uma *reforma reformista* (1969[146], p. 13) garante o melhor gerenciamento dos processos internos do capitalismo, para reproduzir o sistema vigente e proporcionar o melhor funcionamento de suas estruturas. A reforma reformista, então, é acomodada e absorvida pela sociedade em questão. Há também a possibilidade de essa reforma introduzir contradições nessa sociedade, causando um movimento disruptiva, repleto de tensões cuja contenção se tornaria impossível, já que implicaria na imposição de limites para o modo capitalista e sua racionalidade. Nesse último caso, observa-se a *reforma revolucionária* (p. 17). Para Gorz, toda força revolucionária, se ausentes os mecanismos de pressão interna, as contradições pro- porcionadas pelos movimentos iniciais dia reforma, podem tão-somente permanecer no âmbito reformista.

As reformas de Restif de la Bretonne pertencem a esse último grupo. Sua proposição é a de modificar no sentido de aperfeiçoar, para que as reformas, conforme eram absorvidas, pudessem provocar mudanças sensíveis em efeitos de processos sociais, mas não as causas das grandes questões sociais do século XVIII. Tomando como base o Partênion, é possível verificar que todas as modificações propostas tem uma evidente intenção moralizante (aqui, novamente retorna o duplo efeito), situando o conjunto de questões sociais, econômicas e institucionais francesas, que nos anos de 1760 já se manifestavam de forma veemente, em uma única frente: a prostituição como fonte de um sem número de efeitos. A manutenção da condição social e se aprimoramento por meio da extinção das perturbações morais são o tema central das reformas de Idées Singulières — mesmo as reformas não continham uma intenção de aplicabilidade. "Ele sabe que à época da Revolução não havia a maturidade necessária para alcançar o "objetivo" final da utopia apresentado em *L 'Andrographe* ou *L'homme volant.* É por isso que Restif propõe aproximar a "reforma geral" da vida real e torná-la alcançável, gradualmente[147]" (BACZKÓ

[145] GORZ, André. Reform and Revolution. IN: *The Socialist Register.* Vol. 5, 1968, p. 111-145.

[146] GORZ, André. *Réforme et Révolution.* Paris: Éditions du Seuil, 1969.

[147] *Il est conscient que même l'époque de la révolution n'a pas atteint la maturité nécessaire à la réalisation du « but » final de l'utopie présentée dans L'Andrographe ou dans L'homme volant. C'est pourquoi il propose de rapprocher « la réformation générale » à la vie réelle et de la rendre réalisable par degrés.* Tradução minha.

apud WAGSTAFF, 1996, p. 57)

A reforma não fora concebida para um fim total, mas é notável a importância das leis para o projeto. A apresentação normativa denota a importância do próximo ponto de Trousson (1999, p. 23): as utopias apresentam uma firme legislação e instituições consistentes. Paralelamente, a uniformidade social se faz presente, pois o centro do projeto de reforma está no oferecimento do novo ordenamento que deverá ser absorvido. A estrutura normativa, a organização racionalizada e a presença de um *modus operandi* atemporal — no sentido de não ser dado ao leitor conhecer o criador da estrutura, ou seus primeiros dias, ou qualquer característica que o situe na história) colocam o Partênion como a coletividade em benefício da consolidação da individualidade. Todos os membros do Partênion são iguais e suas funções não constituem hierarquia; mesmo sendo as mulheres públicas sepa- radas das amantes exclusivas, não há entre elas relações diferenciais. O mesmo se dá com os preços dos corredores. As mulheres, ao entrar no Partênion, abdicam de suas identida- des, recebendo nomes de flores (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 136) — lírio do vale, rosa, narciso —, o que simboliza, de certa forma, a extinção de sua individualidade. A mulher pública do Partênion, assim como as Governadoras, as Aposentadas e as Visitadoras, formam um coletivo igualitário e anônimo, cuja existência serve à existência do indivíduo parisiense, esse burguês, antes afastado do espaço dos bordéis, historicamente constituídos como espaços do prazer aristocrático (WYNGAARD, 2012, p. 116). Não há indivíduos ou individualidades no Partênion, assim como não há subjetividades: o projeto garante que cada membro da coletividade tenha seu papel a desempenhar; e esse papel é dado previamente, sem ser criado. Não prevê, da mesma forma a criação de outros dispositivos.

O fato de o projeto prever a saúde básica, a higiene, a ornamentação corporal, os horários de alimentação, descanso e lazer para as mulheres públicas auxilia na corroboração do pressuposto de que a partir do estabelecimento de uma práxis moral para a unidade do Partênion é possível chegar à proteção da superestrutura com o conjunto de instituições que a suportam (TROUSSON, 1999, p. 22). Existe uma clara separação entre o Partênion (coletivo) e Paris (espaço da individualidade burguesa) auxiliada pela organização do primeiro, que se protege contra a contaminação dos valores morais vigentes, protegendo igualmente sua própria construção moral. De certa forma, o Partênion se converte em uma prisão, onde as práticas promovem a proteção de ambos os ambientes e a contenção das unidades do coletivo em

espaços restritos depende da adesão dos mesmos ao ordenamento vigente.

Não há segredos no Partênion; assim como não há intimidade. A eliminação do indivíduo no Partênion para que o ordenamento seja elemento de coesão da coletividade depende, como no conceito de André Gorz (1968; 1969) da absorção desse ordenamento. Quando esse processo se completa, há a criação, no texto do projeto, de uma pedagogia para fora, isto é, para a cidade de Paris. Essa coletividade, já constituída e ordenada, passa a funcionar como o exemplo que parte do antiexemplo para que a cidade possa, enfim, lidar com seus próprios problemas. O elemento anárquico (TROUSSON, 1996, p. 23) é anulado, ou seja, não há qualquer elemento contestatório do regulamento ou de sua pertinência, assim como não existe a possibilidade de revolta ou ruptura após a absorção da reforma. Isso se dá principalmente, e especialmente no caso de O Pornógrafo, esse elemento pedagógico vem afiliado ao Estado, de forma que, por meio do exemplo do Partênion, que envolve a noção de que o corpo coletivo é composto pela concepção de saúde coletiva, higiene coletiva e práticas de trabalho ordenado e alternado em jornadas com vistas à produção líquida, o que permitiria o surgimento de sujeitos que terão a relação de fidelidade ao Estado — seu único pai conhecido.

Essa, então, é a razão da reforma proposta com o Partênion — a criação de uma superestrutura estática, atemporal, que permita que haja a criação de elementos produtivos (soldados e mulheres aptas ao casamento), que parta de uma organização interna; em direção ao externo, anárquico e desordenado, que se beneficiaria dessa superestrutura para a criação de uma moral individual a partir do contato com aquele coletivo. Dessa forma, Restif de la Bretonne logra propor em seu projeto que, ainda que não seja uma utopia completa, como já colocado por Bronislaw Baczkó, tem uma forte base utópica, já que o Partênion é apresentado diferentemente do *Code de la Nature* (1755), dissertação sobre a utopia proposta em *Basiliade* (1753). Há na proposta do Partênion uma apresentação funcional, ou seja, a previsão de artigos e ações condizentes com a proposição de um regimento escrito, previsto na experiência humana e que prevê o costume, ou a base na experiência coletiva.

Pôde-se falar, então, de um direcionamento da reforma do jusnaturalismo em direção a um direito com certa base consuetudinária; e, mais certamente, do jusnaturalismo ao *jus cogens,* ou seja, de um direito natural ao direito peremptório das gentes, imutável após sua vinculação (MAZZUOLI[148], 2010, p. 43-59), especialmente se for possível considerar o

[148] MAZZUOLI, Valério de Oliveira. *Curso de Direito Internacional Público.* São Paulo: RT, 2010.

Partênion como o espaço estrangeiro à cidade, no sentido de ser juridicamente e economicamente independente do reino da França, mas incluído no território deste último e devedor de obrigações que extrapolam o Direito — a obrigação da constituição da moral individual para o camponês que, chegado à Paris, não seja afetado por doenças infecciosas, pela ameaça de ruína financeira sob a influência das mulheres públicas e possa manter sua integridade física e contribuir com o Estado. E esse processo será possível mediante a pedagogia vinda do Partênion.

A demonstração no presente trabalho da relação entre didatismo e autobiografia é uma importante parte do esquema criativo de Restif de la Bretonne. Esses dois elementos são complementares, em certa medida: o indivíduo aprende com a experiência do coletivo e o coletivo forma o indivíduo, ainda que ambos os elementos estejam em esferas diferentes. Do coletivo, chegam o conhecimento empírico e formalizado das práticas de saúde que apresentam as formas de educação e apresentação do corpo — bem como sua representação, para que o sintoma seja curado, e não disfarçado; a percepção da privacidade como elemento constituinte do indivíduo, em contraste com sua publicidade como constituição política estatal e a criação de um espaço de distinção entre o público (mulheres) e o privado (homens), idealizado para uma classe insurgente no século XVIII — classe à qual pertencia Restif de la Bretonne (1883, T. 1, p. 30).

A possibilidade de um texto de base utópica, fundamentando na teoria fisiocrata aliado ao referencial iluminista, ainda que de uma forma não-ortodoxa e seletiva nos textos e referências, se torna possível à medida que a construção do texto utópico representa, inevitavelmente, uma conversa com múltiplos interlocutores que ocorre no espaço reservado para a projeção utópica. No entanto, a porção existente — a França do século XVIII — permite a absorção do projeto utópico não como elemento prático, mas como elemento filosófico: as possibilidades reais se relacionam principalmente com aquilo que o espaço, ao absorver a reforma, aprende e adiciona àquilo que já compreende sobre sua condição.

O Partênion é possível na reforma para que a França pudesse acomodar em seus espaços de poder uma nova demanda: a demanda pela inclusão do burguês nos espaços ocupados pelo Primeiro e Segundo Estados, da frequência dos salões e bordéis em *soirées* libertinas e públicas, já que a construção da intimidade não constituía uma atribuição do poder

público vigente. Era dado à nobreza e à aristocracia o direito à visitação dos espaços de comércio sexual; a burguesia não participava ou frequentava tais espaços, mas desenvolvia as práticas de intimidade e privacidade. As notas C, D, E, G, H, I e N demonstram os efeitos da privacidade nas relações com as mulheres públicas e servem como promoção para o projeto como ação abrasiva contra a frequência dos espaços marginais onde estão os diversos tipos de mulheres.

A separação das mulheres públicas em tipos específicos, quase como a elaboração de uma taxonomia da prostituição, fornece novos elementos causais. Fora do controle, as mulheres públicas representariam um perigo para o Estado. A proposta do Partênion restringe o espaço geográfico da mulher pública, sua relação com o corpo, a utilização de seu tempo e monetiza sua existência e iferentemente das mulheres do Marquês de Sade, que, no sistema de transgressão do *roman philosophique*, eram subjugadas no espaço público dos jogos eróticos. Isso oferece um indicativo inicial de que as mulheres de Sade eram indivíduos e apresentavam identidade — e sua identidade era parte constitutiva de sua participação nas cenas libertinas.

O Partênion recria o ambiente libertino, mas o transforma em um instrumento criativo para o Estado — aspecto ausente em Sade (BLANCHOT, 1986, p. 201). Nesse sentido, trata-se de um espaço de produção e acumulação, que funcionaria de acordo com a compreensão da necessidade de repopulação da França e as ferramentas teóricas oferecidas pelos fisiocratas eram consideráveis e interessantes. O pensamento pré-malthusiano de inter-relação entre geração de riqueza e população se soma à ideia de espaço estatal, dando ao Partênion o caráter de fornecedor de matéria-prima e comerciante. E, dentro do pensamento fisiocrata, a lucratividade do comerciante depende diretamente do produtor agrícola — aquele que deve ser realmente preservado (RESTIF DE LA BRETONNE, 1769, p. 78). Todos os mecanismos de proteção do produtor estão previstos no projeto de reforma, com três importantes frentes: a criação de uma solução para as milícias; o estabelecimento de rotinas de saúde coletiva e hábitos corporais; a criação de espaços de comércio de sexo onde o indivíduo parisiense não será privado da prática sexual, mas com ela terá contato de forma racionalizada.

É dessa forma que se apresenta o duplo efeito da prostituição: sua existência não é desejada, mas ela existe; reformando-a, sua existência não deixa de ser um fato, mas o acesso a ela se torna aceitável pela sociedade na qual ela se insere. Ao reformá-la, o ciclo de resultados de resolução das questões de repopulação, saúde e acesso ao sexo diminuiriam os efeitos negativos de sua existência. Sua extinção estaria restrita ao futuro previsto pelo projeto, onde a quantidade de mulheres públicas diminuiria com as gerações. Enquanto não fosse possível

eliminá-la, o resgate das mulheres de Esparta e a crítica ao presente *Ancien Régime* fazem do Partênion uma experiência utópica — ainda que não seja possível situar a novela completamente no gênero. Isso não impede, entretanto, o reconhecimento dos projetos das *Idées Singulières* para o entendimento da amplitude e multiplicidade do gênero utópico; e o desafio que ele representa aos seus pesquisadores.

Parte II

Prefácio à tradução

No ano de 1713, Charles-Irenée Castel, abade de Saint-Pierre-Eglise, publica uma proposta de reforma que influenciará a filosofia política por quase um século. O texto *Projet pour rendre la paix perpétuelle en Europe* é composto por sete discursos, cada qual contendo uma proposição de reforma. O texto, que teve grandes leitores entusiastas como Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant, propunha uma análise do equilíbrio de poder como um elemento cujos efeitos eram contrários ao interesse dos monarcas e que somente colocavam as nações em um sistema armamentista, deixando implícito que a paz derivaria do conhecimento dos status militar de cada um dos Estados e da análise do custo-benefício da guerra. O projeto do abade de Saint-Pierre foi recebido com interesse pelas monarquias europeias do início do século XVIII, jamais posta em prática.

Em 1769, Nicolas-Edme Rétif, ou Restif de la Bretonne (1734-1806), um leitor de Rousseau, começa o processo de publicar a série *Idées Singulières* com *Le Pornographe, ou idées d'un honnête-homme sur un projet de réglement pour les prostituées*. Em uma Paris já em chamas, no tempo das Luzes e das tensões sociais, a desigualdade entre as classes, a crise de abastecimento dos centros urbanos e a crise do sistema político francês constituíam elementos sem os quais a compreensão dos textos produzidos a partir da metade do século XVIII se torna difícil. A produção de importantíssimos textos como a coleção da *Encyclopédie*, os discursos de Rousseau ou as novelas eróticas populares, bem como a pintura de François Boucher, vinha impregnada pelo momento político vivido pelo reino da França. Eventos do início do período da crise da monarquia, são representativos do momento em que o jovem Nicolas-Edme vivencia a experiência daquele que chega em Paris. A apreensão da cidade pelo autor, da mesma forma que descreve o camponês que chega aos grandes centros, é a apreensão pelo libertino que começa a dar seus primeiros passos em direção à crônica da noite, com as delícias e os perigos que já se manifestavam em meados de 1770. É impossível compreender Restif de la Bretonne sem compreender sua relação com sua própria história e com seu tempo, pois ao fazer sua autobiografia sempre presente em seus escritos, Restif fez de si um personagem de suas histórias, bem como da história que se escrevia em seu entorno. Como narrador-personagem de sua época, seu ponto de vista é, ao mesmo tempo, daquele que cria o enredo e daquele que busca nele o sentido de suas ações.

Foi no espírito de manter esses elementos – tempo e história pessoal – que a tradução tomou corpo. Sua preparação teve como objetivo manter a voz do autor nas suas características: na escrita imprecisa e imperfeita, mantendo-se as incongruências e falhas na composição do texto, para dar voz ao escritor e ao tipógrafo experiente, pois a composição tipográfica era, muitas vezes, concomitante à escrita e à revisão; ao grafomaníaco, capaz de

preparar oito ou dez volumes de diferentes obras em um mesmo ano; o reformador, que propunha mecanismos de observação da moral, tal como o fizera o abade de Saint-Pierre em 1712, ao propor uma reforma pela paz. Restif de la Bretonne era criador e compositor de seu mundo, de sua história e de seu futuro.

O reformador tem uma sobrevida de uma década, exatamente: o tempo em que germinava a Revolução, onde a garantia da moral era substituída pela garantia dos direitos. Opera-se, ali, a transformação – o reformador se torna um observador dos direitos, dos costumes e de uma vida inacessível às luzes (e às Luzes), que se estendia dos becos aos salões de Paris. Após 1789, Restif de la Bretonne se tornaria célebre como *Le Spectateur Nocturne*. Não deixaria, entretanto, de sentir a condição do camponês (e do campo como importante meio de produção), mas era capaz de se transformar em um produto de sua França.

O Restif das Ideias Singulares também o era. As Ideias eram desenvolvidas segundo a mesma roupagem do progresso da coroa, abordando profundas questões sociais como a recente noção de saúde pública; a condição dos hospitais; a forma como a França criava suas forças armadas; os cofres e finanças dos Reis da França; a organização dos lares e da vida doméstica; a relação do indivíduo com sua cultura, de uma forma ampla; os meios de absorção da arte; a relação dos gêneros com seus corpos; e, finalmente, mas jamais menos importante: a relação entre os sujeitos na criação, na composição e na ocupação dos espaços urbanos, a partir da dicotomia entre cidade e campo, como uma questão fundamentada na moral burguesa. O esforço criativo do Projeto de Regulamentação dos Partênions se realiza na integração desses elementos no ambiente que une a moral religiosa à função econômica para que a manutenção da Coroa fosse possível e houvesse estabilidade em um espaço em acelerado processo de mudança.

A união desses temas em sua obra acompanha a relação entre os personagens por meio de cartas. Em um primeiro momento, fica quase indispensável a adoção do registro já celebrado por teóricos da literatura francesa do século XVIII, como Pierre Testud, cujos estudos centram-se quase totalmente em Restif de la Bretonne. O *roman épistolaire*, muito popular naquele século, era um eficiente mecanismo de introdução do leitor na intimidade dos personagens de forma paulatina, sem que estes tivessem a função de participar das descobertas do leitor. Este seria, então, conduzido em um tempo real, à medida que as cartas determinariam um período onde o drama teria lugar. Assim, é possível manter um efeito de realidade no texto, para que o leitor participe das ações da narrativa embutida.

É importante fator, entretanto, que o mecanismo de realidade tem, da mesma forma, a função de criação das dimensões dos personagens enquanto aos poucos os releva. As cartas

criam um tempo de desenvolvimento do enredo enquanto desenvolvem os personagens. Assim, quanto mais cartas chegam ao leitor, maiores as nuances dos personagens e as informações que chegam com elas. Como no romance, os personagens possuem profundidade multidimensional – é possível conhecer seu universo sabendo que o universo pode sofrer transformações. As emoções são complexas e os personagens têm uma igualmente complexa dimensão psicológica, que tem seu lugar de desenvolvimento no enredo, por meio das cartas. É possível ter acesso à vida privada burguesa por meio do romance: é nessa vida que encontramos a caracterização dos tipos comuns ao imaginário francês, construído a partir do século XVII: o aventureiro, a ingênua, a mulher sofredora, o jovem honesto, o burguês em seu sentido clássico. O que o gênero romance faz através dos séculos é proporcionar uma diferente abordagem dos personagens, que vão se tornando mais complexos conforme o gênero se modifica.

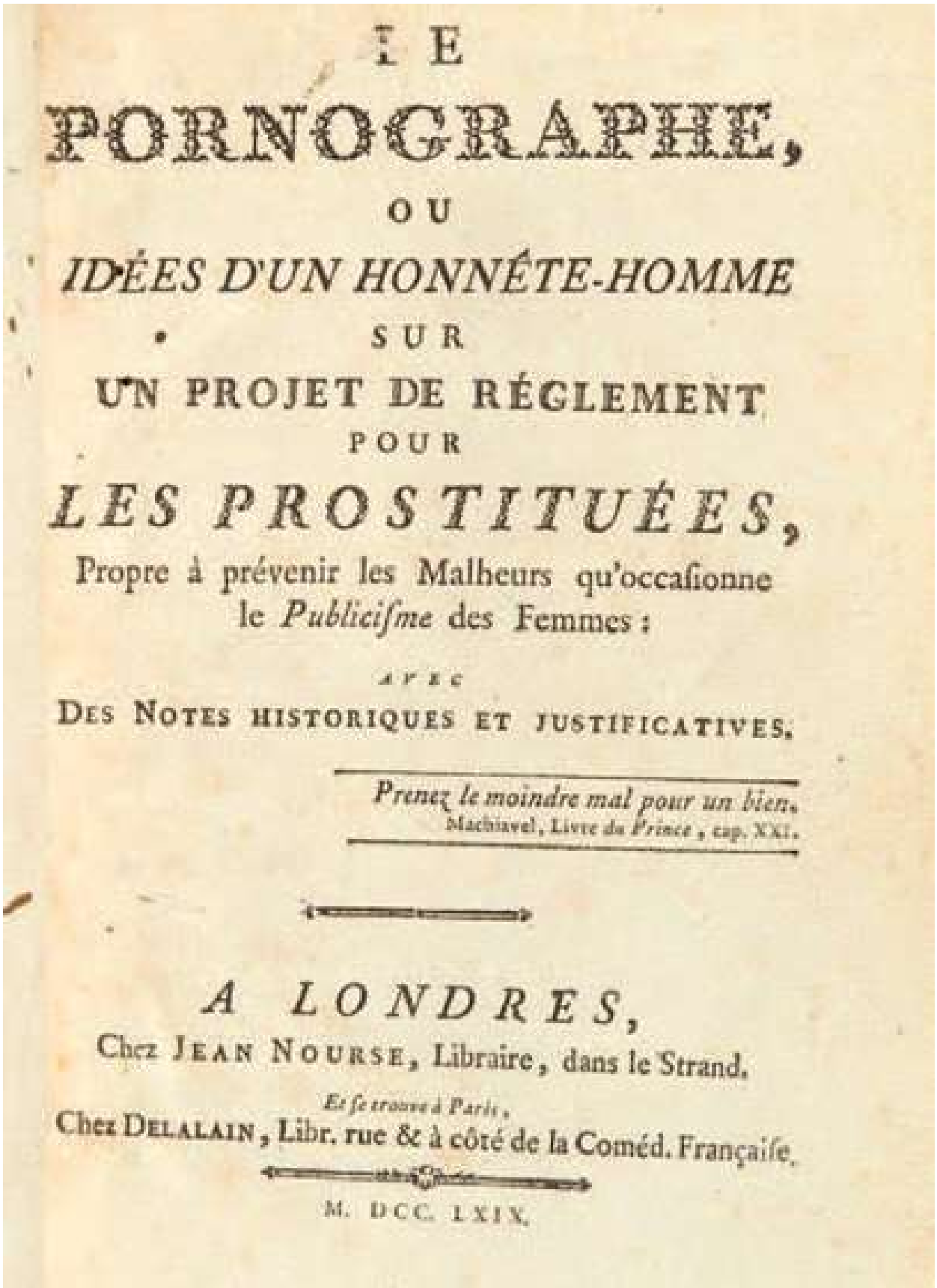
A troca de cartas em O Pornógrafo não segue nenhum tipo de construção de personagens. Elas tê seu início e seu fim da mesma forma, e sobre ela o leitor sabe o mesmo que saberia ao começar a ler o texto. Restif não tem a intenção de desenvolver os personagens e nem que eles sejam o centro de seu romance. Monsieur D`Alzan, Madame Des Tianges, Ursule e os demais estão ali para que haja um ambiente para o Projeto de Regulamentação — daí a relutância em se colocar O Pornógrafo nessa categoria, já que não há desenvolvimento nas cartas, ou qualquer indício de psicologia desses personagens em qualquer parte do texto. O Projeto constitui o centro do romance e sua razão de ser, sendo, inclusive, o ponto de salvação dos personagens. Ao trazer a salvação individual, Restif proporciona a salvação do reino da França. No entanto, isso não é o que os personagens nos mostram.

O que nos é mostrado é o processo de composição do texto, proposto por um personagem, escrito por outro, revisado por outro. A composição é *métier* de Restif de la Bretonne, assim como o é a sua identificação com D`Alzan, o jovem burguês que propõe a reforma dos bordeis. Tudo o mais é subentendido ou suposto, a não ser o profundo interesse dos personagens no processo de moralização de si mesmos, como o exemplo para a moralização coletiva. O que é evidente é a ausência de intenção de aplicabilidade do projeto, apesar de Joseph I Habsburgo, imperador austro-húngaro, ter feito sua implementação em Viena, sem sucesso.

Ao descrever o presente, que faz sentido apenas a partir da análise das raízes clássicas, Restif de la Bretonne propõe um futuro, mas esse futuro está além do *roman épistolaire*. Daí o fato de aqui se falar, em vez de uma utopia, em um texto de base utópica onde o projeto de reforma é apresentado na atemporalidade, como se já estivesse em pleno funcionamento. Assim, a pertinência do texto e sua importância para as literaturas francesas é

notável: o produto do exercício reflexivo de um grafomaníaco no registro de seu tempo e de sua biografia na proposta de uma resolução dos efeitos dos problemas da França, mas jamais de suas causas.

Por fim, é importante colocar que a tradução utiliza o princípio de visibilidade do tradutor. A presença de notas de rodapé e de interferências de divergências de termos é relevante para que o leitor tenha a percepção do texto estrangeiro. A edição de 1769 foi escolhida por apresentar os problemas de edição e de composição de Restif de la Bretonne como parte de seu processo criativo. A tradução está dividida em duas partes: a novela está no Volume II, enquanto o Volume III traz as justificativas para a proposição do projeto com pequenas adições de Restif ao texto da reforma. Os dois volumes compõem uma visão do século XVIII e da ideia de transformação que — como se viu séculos depois — teria seu futuro sistematicamente anulado pela ruptura.



LE

PORNOGRAPHE,

OU

IDÉES D'UN HONNÊTE-HOMME

SUR

UN PROJET DE RÉGLEMENT

POUR

LES PROSTITUÉES,

Propre à prévenir les Malheurs qu'occasionne le *Publicisme* des Femmes :

AVEC

DES NOTES HISTORIQUES ET JUSTIFICATIVES.

Prenez le moindre mal pour un bien.
Machiavel, Livre du *Prince*, cap. XXI.

A LONDRES,

Chez JEAN NOURSE, Libraire, dans le Strand.

Et se trouve à Paris,
Chez DELALAIN, Libr. rue & à côté de la Coméd. Française.

M. DCC. LXIX.

Figura 7: folha de rosto da primeira edição de Le Pornógraphe, 1769.

Ideias singulares

Primeira parte

O Pornógrafo, ou Ideias de um homem de bem sobre um projeto de regulamentação para as prostitutas, a fim de prevenir os malefícios causados pela prostituição.

Com notas históricas e justificativas.

"*Toma o menor mal como um bem*" (Maquiavel, O Príncipe, cap. XXI)

Edição de Londres – Jean Nourse, Strand.
E é encontrado em Paris na Casa Delalain, ao lado da Comédie Française.
1769.

Prefácio do editor

A ideia desta obra não nasce de uma mente francesa. Há como presumir que um manuscrito inglês, desses comuns, deve ter servido como modelo a este. Seu primeiro autor se chamava Lewis Moore; e esta é a sua história.

Um inglês jovem, rico e belo queria ver o mundo e se formar na escola de todas as Nações da Europa. Veio a Paris; e essa cidade se revelou superior à sua fama. Tudo mostrava que o paraíso prometido por Maomé aos seus eleitos nada era em comparação à capital da França aos olhos de um homem abastado. E assim, por cinco anos, Moore não pôde deixar essa terra encantadora. No entanto, sua receita, embora polpuda, estava bem abaixo dos seus gastos: as fantasias de uma amante constante haviam absorvido três quartos de suas posses. Enfim, ele se viu na necessidade de reformar-se – e começou pela caprichosa dama: um sacrifício que deixou um vazio em seu coração, para ser preenchido por prazeres fáceis, variados e baratos.

Essa foi sua perdição. Doenças vergonhosas dominavam-no; e, aos trinta anos, ele regressa à sua terra natal para lamber suas feridas, planejando reformas das quais não retiraria lucro. Moore introduz seu Projeto com o testemunho que lemos a seguir:

> "Fui um libertino; não o sou mais. Mal chego ao meio de minha vida e já me aproximo do fim. Os prazeres foram curtos; as doenças, longas e cruéis. Recorri aos antídotos, a esse poderoso mineral que leva o nome do planeta mais próximo do Sol, aos charlatões, enfim, inúteis! Como não vejo nada a ser feito, decido ser útil aos outros, fazendo públicas as minhas ideias sobre os meios de se diminuir os inconvenientes de certo revoltante estado. Reconheço ser impossível aniquilá-lo, mas podemos ir à origem desse mal, do veneno que me está levando ao túmulo!, e dele proteger nossos

> jovens cidadãos. Declaro, assim, que deixo metade de meus bens para contribuir com tais ideias, para que possamos colocá-las em prática."
>
> LEWIS MOORE.

Seu projeto, quase todo semelhante ao do autor francês, assim terminava[149]:

> "Se é permitido ao cidadão propor ideias para o bem comum, sem dúvida ele o fará com todo o respeito ao Governo sob o qual vive; e quando ele teme os abusos daqueles a quem deseja reformar, é privado da mais doce esperança: ter crianças saudáveis, robustas e virtuosas."

Sendo esse igualmente meu objetivo, ofereço esta edição de um Projeto semelhante, que para sempre sepultará seu autor na obscuridade. Os justos, no reconhecimento de minha trajetória como resultado do meu cuidado e de meu amor pela humanidade, não me farão mais que justiça.

A obra, composta de onze cartas, é dividida em cinco partes. Na primeira parte, se admite a necessidade de tolerar as prostitutas na capital e nos demais grandes centros do reino. A segunda traz a descrição das indissociáveis inconveniências da prostituição seguindo a estratégia proposta. Falaremos, então, sobre a prostituição nos dias de hoje e o leitor concordará que a situação é apavorante.

A solução é proposta na sexta carta, na terceira parte, que contêm a regulamentação. Veremos que, quando uma casa pública bem administrada reúne todas essas infelizes, escândalos da sociedade, pode se sustentar de forma a reduzir o abuso que a sabedoria das leis tolera. Não haveria nela qualquer inconveniência que uma reforma normalmente traria; e ainda contribuiria para a restauração da decência e da honestidade públicas, valores que parecem ter sido insensivelmente esquecidos.

A quarta parte responde a objeções, esclarece e estende alguns artigos. A quinta parte recapitula receitas e despesas.

É por meio dessas cinco partes que comprovamos a proposta, que a instituição, além de preservar aos homens sua saúde, sua propriedade e mesmo sua moral, pode ainda ser útil de outras formas.

No curso da obra, algumas notas pouco consideráveis são postas – há outras, porém, de maior importância, que foram destacadas e deixadas para o fim, onde formam uma

[149] Lewis Moore pode ser compreendido como o alterego britânico de Restif de la Bretonne. O artifício é semelhante ao utilizado por Louis Joseph Plumart, Marquês D'Angeul: ao publicar *Remarques sur les avantages et les désavantages de la France et de la Grande Bretagne par rapport au commerce*, em 1754, o Marquês adota o pseudônimo de Si John (Jack) Nickolls, autor da segunda edição. O motivo seria a menor fiscalização da censura francesa às segundas edições e aos autores ingleses, que acabou por tornar a estratégia muito popular entre os autores do século XVIII (HIGGS, 1935, p. 74; STEINTRAGER, 2016, p. 330).

espécie de anexo. Os leitores poderão verificar características históricas nos costumes antigos: a origem e o estatuto da prostituição, os primeiros agrupamentos humanos, seu estado atual, exemplos de abusos revoltantes entre nós e como as prostitutas foram tratadas desde a Idade Média. Ficarão convencidos de que essas vis e infelizes criaturas nem sempre estiveram abandonadas à própria sorte como hoje. Contudo, seria o cuidado do magistrado digno e vigilante que governa a capital da França tão profundo nos detalhes mais minuciosos e repugnantes, como o exige o grande número de promíscuass?

_____

Falta corrigir[150]:

p. 154, linha 17, em vez de "cuidado", lê-se "seio"[151].

p. 186, linha 9, o mundo, leia-se "seu mundo".

p. 196, antepenúltima linha, um corpo de guarda, leia-se "um segundo corpo de guarda".

p. 376, linha 16, 2.743.1000, retire-se o último zero.

O Pornógrafo, ou A Reforma da Prostituição

[150] A demonstração da revisão no texto é importante para a compreensão de que, além de autor, Restif de la Bretonne era um impressor. O trabalho de composição era tão importante quanto o da escritura do texto; e Restif cuidava pessoalmente da forma de seus textos.

[151] O cuidado tipográfico de Restif o traiu aqui, na troca entre *soin* e *sein*.

FRAGMENTO DE UMA CARTA DA SENHORA DES TIANGES AO MARIDO.

Paris, 6 de abril de 176…

Sim, estou muito feliz; meu pupilo está aprendendo maravilhosamente. A honra vence, em sua alma, o hábito do vício. Ontem me confessou achar-me encantadora, mas que sua amizade contigo não lhe permitia ver na esposa de um amigo tão respeitável nada além de uma querida irmã. Esperemos tudo, meu querido, de um coração que sem dúvida foi feito para jamais se perder. As consequências de seus distúrbios anteriores o deixaram repugnado; é certo, pelo menos, que se assustara. Fala muito frequentemente sobre a reforma, a qual ele gostaria de fazer no decorrer deste artigo. Veja, quando ele encontra uma dessas criaturas vis, ele estremece todo e o rubor lhe cobre a fronte. Nada como um amor honesto e legítimo para completamente afirmar o bem. Creio poder fazê-lo sem imprudência. Vou levá-lo ao convento de Ursule. Minha irmã lhe é tão querida quanto eu o sou. Sua felicidade aumentará a nossa; e tenho certeza de que D'Alzan o será, se ele assim o quiser.

Serei, meu querido, por toda a minha vida, gloriosa por ser sua esposa e feliz por ser sua amante.

ADELAIDE.

SEGUNDA CARTA: DE D'ALZAN AO SENHOR DES TIANGES

Paris, 10 de abril de 176...

Sabia, querido Des Tianges, que tua ausência é longa demais?

O quê! Recém-casado com a mais amável, a mais feminina das mulheres! Não te acovardes diante de três ótimos meses! Na verdade, meu querido amigo, não creio que devas confiar demasiado na virtude de tua adorável esposa. Ou pelo menos não a tenha muito meritória. Temos sido, através dos séculos, não mais do que fungos – sim! Nestes tempos presentes, Penélope não teria durado oito dias; e Lucrécia teria sido apenas nada mais que uma mocinha coquete: os amantes sempre à mesa, bêbados, sedutores! O grosseiro Sexto[152], a

[152] Sexto Tarquínio, terceiro filho de Lúcio Tarquínio, o Soberbo, rei de Roma (535-509 a.C.).O estupro de Lucrécia, esposa de TarquínioColatínio, e seu posterior suicídio, fez com que Lúcio Júnio Brutus, primo de Colatino, liderasse com ele uma rebelião que terminou por desterrar o rei e instaurar a República, tendo sido ambos os primeiros cônsules de Roma. Tal relato não é mais aceito como fato histórico, mas está em Dionísio de Halicarnasso, Tito Lívio e Plutarco, em episódio que muito lembram a queda dos Pisistrátidas, em Atenas (BRANDÃO, 2015). Ainda sobre o mesmo tema, Tito Lívio o finaliza no primeiro volume de História de Roma Antiga: *"Sexto Tarquinio marchó a Gabii, que consideraba su reino, pero fue asesinado en venganza por las viejas rencillas que habían provocado su rapiña y asesinatos. Lucio Tarquinio el Soberbio reinó veinte y cinco años. La duración total de la monarquía desde la fundación de la Ciudad hasta su liberación fue de 244 años. Fueron elegidos dos cónsules por la asamblea de las centurias, convocada por el prefecto de la Ciudad, de acuerdo com las normas de Servio Tulio. Eran Lucio Junio Bruto y Lucio Tarquinio Colatino."* (p. 50)

ameaça à boca, punhal nas mãos… ah!, esse feroz ataque encontraria, hoje, uma Lucrécia em qualquer mocinha da Ópera! Nossos polidos costumes são muito mais fatais com relação à honra dos maridos: sacudimos para longe o jugo dos preconceitos e a fidelidade conjugal não é mais uma virtude como o fora para nossas avós. Nos casamos facilmente, banalmente, porque é costume; mas, no fundo, dificilmente nos importamos mais uns com os outros como antes. Nada mais conveniente. Devemos admitir que a sociedade se estabelece no que há de melhor: em meio século, as coisas singulares que se há para ver!

Tu não te casastes com a forte, a bela Adelaide, apenas: te casastes com a melhor. Você e Adelaide são bem casados, delicio-me. Uma mulher jovem, mais tocante que as Graças, animada, alegre, feita para o mundo e para o amor, vive na solidão porque seu marido está ausente e deseja tolamente sua volta, contando as semanas, os dias, as horas que ainda deve passar sem vê-lo, enquanto poderia... Sim, poderia fazer como outras, não te ofendas. Não tentarei persuadi-la; eu a acho incorrigível. Mas, se o quisesse, teria boas coisas a dizer-lhe! Primeiro, lhe citaria os gregos e lhe diria com ênfase: para os lacedemônios, aquele povo orgulhoso e corajoso, honra e exemplo para a humanidade – pensemos no tempo presente em Esparta – as mulheres eram, eu diria, comuns a todos. E isso lhe provaria com Plutarco[153]. Dali, viria para a elegância de Augusto em seu século. Eu a faria ver Lívia caminhando, ainda que grávida, de braços com seu marido e na cama do feliz tirano de Roma[154]. Mostraria-lhe também os romanos, aqueles conquistadores do mundo, aproveitando-se de jogos de adultério e divórcio: suas mulheres correndo com destemor pelas quatorze fileiras da Orquestra (*), trazendo uma desgraça para o povo.

---

[153] Em Vidas Paralelas, Restif de la Bretonne localiza A Vida de Licurgo, onde é possível ler, sobre o comportamento das mulheres de Esparta: "*And again, a worthy man who admired some woman for the fine children that she bore her husband and the modesty of her behaviour as a wife, might enjoy her favours, if her husband would consent, thus planting, as it were, in a soil of bountiful fruitage, and begetting for himself noble sons, who would have the blood of noble men in their veins.[...] The freedom which thus prevailed at that time in marriage relations was aimed at physical and political well-being, and was far removed from the licentiousness which was afterwards attributed to their women, so much so that adultery was wholly unknown among them.*" (p. 234).

[154] Lívia Drusila (58 a.C. – 29 d.C.), casada com Tibério Cláudio Nero (85 a.C. – 33 a.C.), com quem teve dois filhos – Tibério Nero, futuro imperador de Roma, e Décimo Cláudio Druso Nero, general. Ao conhecê-la, o imperador Otaviano Augusto (63a.C. – 14 d.C.). O que se registrou como tradição da historiografia romana foi a súbita paixão de Otaviano por Lívia, mesmo estando Lívia grávida de seis meses. O divórcio foi forçado a Tibério Cláudio Nero e o casamento se deu após o nascimento de Druso Nero. Lívia Drusila foi conselheira de Augusto e articuladora política ate o final de seu império (Hurley, D. *Online Encyclopedia of Roman Emperors*. Livia (Wife of Augustus).http://www.roman-emperors.org/livia.htme Acesso em: 17/07/2018).

(*) *Domina... usque ab orchestra quatordecim*[155] *transilit, e in extrema plebe quaerit quod diligat... Ego adhuc servonunquam succubui... Viderint matronae quae flagellorum vestigia osculantur. Petrônio*[156].

[Senhora… despreza os cavaleiros, sentados em seus lugares de honra diante da orquestra; e busca, na pior camada da plebe, aquilo de que mais goste… Eu até hoje nunca fui para a cama com um escravo… Isso é uma coisa para as damas da sociedade, que beijam suas marcas de chicotes. Petrônio]

Agripina, Júlia, deixando de lado a maternidade… Chega! A zombaria vai além do planejado! Tua querida Adelaide certamente não saberia, por esses famosos exemplos, que a humanidade se tem degradado tão indignamente sob os pés enlameados de sua arrogante impudência.

Pois é assim que, quando puderam, os homens substituíram uma liberdade generosa por uma licenciosidade injusta e irrestrita. Tudo depende de como os vícios são através dos séculos: em alguns casos, eles são mais turvos, e enrubescemos; em outros, retiramos escandalosamente a máscara. De onde se entende que hoje nossos costumes se aproximam mais abertamente desse excesso indecente já visto na queda da República romana?

Sem repetir o que já foi dito milhares de vezes, quanto mais os homens são reunidos em grandes grupos, mais seus destinos se tornam desiguais e, como consequência necessária, mais a moral se apresentava atenuada, afeminada e desordenada em uns; ou baixa, servil e fácil de corromper em outros. Eu vejo nisso uma causa imediata: a prostituição, tão tolerada entre

---

[155] Os catorze primeiros assentos de quaisquer locais públicos romanos, como o teatro ou afiteatros, eram reservados aos membros da Legião Equestre. *Outre les ornemens dont nous venons de parler, les Chevaliers avoient encore un Privilège que leur donnait la Loi de L. Roscius Othon Tribun du peuple, qui. portoit qu'aucun ne s'assit dans les quatorze premiers rangs des Théatres ou de l'Amphithéatre à moins qu'il n'eût le bien d'un Chevalier. De là vient qu'avoir place dans les quatorze premiers rangs est la même choſe qu'être Chevalier Romain.* A referência pode ser encontrada em *Introduction à la connaissance des Antiquités Romaines*, de autoria de Louis Vaslet (1723, p. 127-128), bem como em *De la Vie des Douze Caesars*, de C. Suetone Tranquille (1640, p. 35).
[Os Cavaleiros também tinham um privilégio que a *Lex Roscia*, do Tribuno da Plebe, lhes concedia, o que. sustentou que ninguém estava sentado nas primeiras catorze fileiras dos Teatros ou do Anfiteatro, a menos que ele tivesse a propriedade de um Cavaleiro. Portanto, ter um lugar nas primeiras catorze filas é a mesma coisa que ser um cavaleiro romano].

[156] A referência é sobre Satyricon, de Petrònio. No capítulo CXXVI (Chrysis ancilla Circes ad Polyaenum), dutante a Cena Trimalchionis. Acitação está incompleta; no original, lê-se *"Ex hac nota domina est mea; usque ab orchestra quattuordecim transilit, et in extrema plebe quaerit quod diligat.Itaque oratione blandissima plenus: "Rogo, inquam, numquid illa, quae me amat, tu es?" Multum risit ancilla post tam frigidum schema et: "Nolo, inquit, tibi tam valde placeas. Ego adhuc servo nunquam succubui, nec hoc dii sinant ut amplexus meos in crucem mittam. Viderint matronae, quae flagellorum vestigia osculantur"*
[Minha senhora é do seguinte tipo: ela despreza os senadores, sentados emseus lugares de honra diante da orquestra; e busca, na pior camada da plebe, aquilo de que mais goste.Assim, satisfeito com sua eloqüência, eu disse: 'Responda-me, por acaso não és quem se enamora de mim?' A escrava riu muito desta minha colocação desastrada e disse: 'Não és tão desejável. Eu até hoje nunca fui para a cama com um escravo, e que os deuses não permitam que eu me lance a essa punição. Isso é uma coisa para as damas da sociedade, que beijam suas marcas de chicotes (…)]

nós.

Eu desenvolveria aqui meu pensamento, mas quando estiveres de volta, conversaremos. Cuidarei de falar aqui sobre tua querida e respeitável esposa. Estamos sempre juntos, conforme tua recomendação; e o que resultou de nossas conversas foi que finalmente me convenci de que há mulheres dignas de adoração, o que não acreditava até então. Injusta prevenção da qual me envergonho; e que desejo expiar ao escolher[157] como fizeste. Madame Des Tianges não me converteu por meio de silogismos, mas por sua conduta: ela me abriu seu coração, ó céus!, que tesouro de inocência, de ternura, de generosidade! Tua felicidade me excitou os desejos, mas não te invejei, meu amigo, és por demais digno. Então, para dizer a verdade sem delongas, acabo de saber que sua esposa tem uma irmã, tão adorável quanto ela. Isso me deu a compreensão de certas palavras de Madame Des Tianges, das quais nada havia compreendido. Amanhã iremos ao convento da bela reclusa e eu a verei – a impaciência me surpreende. Creio ser um bom presságio: é ela sem dúvida quem me deve fazer provar dessa felicidade, da qual não tinha ideia antes de ser recebido por tua virtuosa esposa. Volta depressa, meu bom amigo, precisarei de alguém que deponha em meu favor. Que um dia eu tome, junto ao amigo que me honra, o título de irmão!

Seu,

D'ALZAN

TERCEIRA CARTA: OS MESMOS

20 de abril

Está tudo bem, por que ainda não vens? Ah, amigo, é possível viver longe de quem se ama? Amor e amizade reivindicam igualmente seus direitos. *Negócios*! São *os negócios*, é o que dizes? De qualquer forma, deixemos isso de lado e voltemos para sua esposa e este amigo que precisa de ti. Pela dignidade com a qual fala dos *negócios*que te retêm, e em qual país agora? Então! Não lhe parece que estão conturbados seu destino e sua vida?

Conheci a fascinante Ursule. Ah! Des Tianges, teria acusado a ti de haver escondido tão raro tesouro, não tivesse minha consciência me acusado de ser indigno dela. Meu bom amigo, como me diverti nessa entrevista! Assim que chegamos, o passeio teve início e Ursule veio ter conosco. As duas encantadoras irmãs saíram, uma de braços com a outra e se acariciaram por muito tempo como duas pombinhas. Em seguida, tua amável companheira me apresentou à sua irmã como teu amigo e dela. Eu não estava em meu melhor: tão perturbado estava que percebi

[157] Restif de la Bretonne usa a forma popular *en fesant*, que constitui, no entendimento da norma culta francesa, um erro de gramática.

que havia encontrado meu conquistador – o belo sexo seria finalmente vingado. Eu queria lhe fazer um elogio, mas não tinha senso para tal. Madame Des Tianges riu com todo seu coração, e bem sabes como é bela quando ri. Ursule corou e este seu desconcertado amigo se pôs em silêncio. Recuperei-me depois de um momento e, assim que pensei que poderia deixar meu coração falar sem pudor, procurei falar de forma a honrá-las ambas – ao menos, foi o que gentilmente me disse tua incomparável esposa. É como digo: incomparável! Não há palavras; eu teria dito ontem novamente, inescrupulosamente, mas… Meu amigo, Ursule é incomparável. Ela fala de ti, a charmosa Ursule, com louvor! Estou certo de que ela acatará todas as tuas opiniões. Volta, então, meu caro, volta e delibere em meu favor. Lamento, pois tua pequena me informa de que tuas tarefas em Poitiers são dignas de seu coração e, portanto, tenho escrúpulos em privarde teu apoio as pobres órfãs, cujos assuntos tu regulas e cujos direitos defendes. Veja, eu começo a seguir seus passos. Eis o primeiro efeito dos sentimentos inspirados pelos encantos da adorável Ursule.

Tu te entedias Envolvido em tua virtude, pois gostarias que todos estivéssemos contigo. Também gostaríamos. Porém, uma vez que os deveres de tua esposa para com teus pais tornem teu desejo impossível, tentarei superar minha preguiça e aceitar o convite para retornar ao tópico da moral que iniciei em minha última carta.

Se bem me lembro, já havia dito que nossa moral poderia se tornar indecente e corrupta. Sugiro que a forma como as mulheres públicas e de entretenimento vivem na capital e nas grandes cidades, entre nós, seria provavelmente uma causa. Não farei aqui uma dissertação, mas tentarei organizar em minha PORNOGNOMONIA (1)[158], da maneira como ela precisa ser conhecida.

Eu o vejo sorrir enquanto o nome meio bárbaro de PORNÓGRAFO (2)[159] passeia em teus lábios. Não há problema, meu caro: ela não me assusta. Por que seria vergonhoso falar dos abusos que intentamos reformar?

(1) A palavra grega significa a regra do lugar da libertinagem

(2) Ou seja, o escritor que trata da prostituição[160].

[158] O termo é composto pelo πορνεία (porneia –prostituição), *δξππ (gnoó* – conhecido, sabido) e *μόνος (mónos* – único), de acordo com Pianigiani (2006). Implica numa regra única para o exercício da prostituição na obra de Réstif de la Bretonne. Este faz construção análoga a partir de *Πορνογνοσχειον* (*pornognoschéion*), ou o conhecimento das regras da libertinagem.

[159] Πορνογραφία, formada pelos termos πορνεία (porneia – prostituição) e γράφε (grafei – escreve). Assim, o pornógrafo é aquele que escreve ou registra a prostituição.

[160] Ambas as notas estão de acordo com a etimologia dos termos usados por Restif de la Bretonne, mas o termo

A PORNOGNOMONIA

Tu sabes, meu amigo, que é uma doença cruel, trazida para a Europa da ilha do Haiti (*) por Cristóvão Colombo; e que se perpetua com os infortúnios que a chegada contínua dos estrangeiros, necessários nas grandes cidades. É dessa forma que a natureza, mãe comum de todos os homens, parece disposta, desde os primeiros instantes de uma injusta usurpação, a vingar os direitos dos irmãos despojados por bárbaros de uma herança sagrada. Uma punição tão justa quanto terrível, que faz entender como pragas humanas a esses falsos heróis, aos quais nosso hemisfério não era suficiente. Os antigos não eram menos ambiciosos que nós, mas eram mais sábios – tinham sido lançados há muito tempo na costa americana, sem saber que uso fazer de tal descoberta. Ah! Quem sabe a origem da máxima assustadora que eles estabeleceram, de que não se pode atravessar a zona tórrida sem morrer?

(*) Haiti, hoje Santo Domingo e uma das ilhas das Antilhas, onde a irmã maior da varíola[161] é endêmica e de proliferação natural. Deve-se ao calor, à qualidade dos alimentos ou à incontinência dos habitantes locais. Assim foi que a varíola – a outra praga – própria da Arábia, saiu por meio das conquistas de Maomé: ao voltar da Terra Santa, os cruzados a traziam. E tais são os frutos que a raça humana retirou das Cruzadas e da descoberta do Novo Mundo.

Sua experiência, menos fatal do que a nossa,sem dúvida os educou: os infectados com o *vírus venéreo*, nas ilhas ou no Novo Mundo, pereceram sem transmiti-lo, pois tiveram a consciência de fazer conhecer seus estragos a tempo. Ainda que esse terror dos antigos fosse preconceito, seria bem-vindo: graças aos céus, o primeiro tolo que ousasse atravessar os mares seria contido!

Uma vez que o dano está feito, é apenas uma questão de encontrar a cura. De duas maneiras que apresento, como a de *alijar da sociedade*, como outrora o foram os *leprosos* (*), todos aqueles a quem o contágio atacava, não era possível após da vinda do vírus do Haiti à Europa. A *segunda maneira*, que consistiria em *colocar em um só lugar todas as* MULHERES PÚBLICAS, é de execução menos difícil e o mais eficaz, o mais importante, já que chegaria à fonte do mal. Um regulamento para as prostitutas, que promoveria seu sequestro, sem lhes abolir ou alijá-las de seu Estado, ao mesmo tempo em que seu comércio se fizesse talvez mais agradável, mais seguro e menos escandaloso em sua natureza. Tal regulamento, eu diria, teria um imensurável efeito na extirpação do vírus e talvez tivesse mais vantagens que o esperado.

em grego, de onde as definições derivariam, de acordo com o próprio autor, não estão presentes no texto.

[161] A referência, aqui, diz respeito à sífilis – em francês, *la grande-vérole*.

O nascimento desse último grau de corrupção moral seria a obra-prima da sabedoria humana, uma imitação do Divino.

(*) Ver a nota A ao fim. (Nota de revisão).

O homem correto, cidadão das grandes cidades, vê com pesar o abuso dos mais sagrados prazeres, destinados a reparar os prejuízos de cada dia do gênero humano. Tais abusos, sempre tolerados – ainda que seus terríveis estragos envolvam tantos assuntos de Estado – são obstáculos, onde se arruína a sabedoria de nossas leis. Mesmo todo o cuidado e a prudência de um pai sábio não afastam o filho do perigo que seus semelhantes representam e seu infortúnio não é senão parte do aprendizado, se este não é compartilhado. Uma juventude transbordante, tu o sabes, meu caro, persegue o prazer e encontra apenas dores e, muitas vezes, a morte. Vindos das províncias, os jovens rapazes vêm à capital, atraídos pela ambição ou obrigados a vir; e essas almas, ainda noviças,se encontram, nesse grande mundo, no melhor da cortesia, mais vulneráveis do que entre bárbaros e feras.

Com efeito, como eles poderiam resistir? Uma bela moça os excita, um encantador sorriso se forma em seu rosto travesso, a leve sugestão de seu colo, uma tentação para a boca e para a mão. Ela é esguia e leve e, com arte, deixa entrever uma perna elegante e seu pequeno pé que calça uma pequena sapatilha[162]. Esses encantos, entretanto, quase nada são perto daqueles da cafetina mais velha. Elas chegam furtivamente, lhes falam, lhes prendem. Há mel em seus lábios e veneno emseu discurso; o contágio exala de sua alma impura. Se consentirem a lhes ouvir, estarão perdidos. Ela tem meninas em sua casa cujas faces encantadoras trazem aos corações o tumulto e os desejos ardentes. Só se é possível envergonhar-se da escolha, pois ali já estão presentes as nuances da juventude, essas meninas, que desde a idade da inocência já apresentam todos os talentos das desafortunadas a quem foram entregues. São semelhantes às jovens escravas que os *georgianos* ou os habitantes da *Tartária Circassiana* educam nos haréns da Pérsia ou da Turquia e instruem, desde a infância, a seduzir seus futuros mestres, em seus lábios palavras e atitudes lascivas que não compreendem. A essas, a quem anatureza dotou das mais doces características o seu sexo, nem bem formadas estão e já têm um prazer brutal

[162] O sapato *mule* era, inicialmente, um modelo masculino que substituía o uso dos saltos altos à la Luís XV na transição entre os séculos XVII e XVIII. Esse modelo tinha uma sola rasteira – posteriormente substituída por um pequeno salto – e calcanhar exposto, feito basicamente de couro, mas que, ao final do século XVIII, foi tendo revestimentos mais sensíveis, como cetim e seda. As prostitutas do período usavam esse sapato, muito popular, já que os saltos muito altos eram acessíveis apenas à nobreza (DUFOUR, 1885). Os sapatos *mule* chamavam a atenção de Restif, por tornarem os pés mais facilmente manipuláveis, como é possível ver em pinturas a óleo como *L'escarpolette*, pintado por Jean-Honoré Fragonard (1767), que mostra uma jovem num balanço, sendo o ponto focal da imagem o pé da jovem, que lança para longe sua *mule*, deixando o pé nu e a saia aberta para o homem que, deitado entre folhagens, admira-lhe o corpo sob o vestido.

em se aproveitar (*).

(*) Parece que os distúrbios mais revoltantes são a mancha dos séculos mais esclarecidos. Eis o quadro que Petrônio faz do comportamento adotado, na capital do mundo, pela impudica *Quartilla*.

Encólpio e *Ascilto* estão na casa de *Quartilla* com *Gitão*. Depois de cansados das carícias lascivas e revoltantes dos velhos lúbricos, *Psiquê*, seguindo Quartilla, se aproxima e lhe diz algo à orelha. *Ela lhe responde: "sim, sim, me parece bem aconselhado, por que não? É uma excelente oportunidade de fazer perder a virgindade a Pannichia". A menina, belíssima, que não pode ter mais de sete anos de idade, acaba de entrar. Fora a mesma menina que chegou ao nosso quarto com Quartilla*[163]*. Todos os presentes aplaudiram a proposta; e para satisfazer a ânsia geral em assistir, foram dadas as ordens para a união. E fiquei imobilizado pelo espanto* [é Encólpio quem fala] *e assegurei-lhes que Gitão era demasiado decente para apoiar tais acordos, já que a menina não tinha idade suficiente para suportar o sofrimento pelo qual passam as mulheres naquele momento.– Quê! – respondeu Quartilla, era eu mais velha quando fiz meu primeiro sacrifício à Vênus? Que eu seja punida por Juno, lembro-me de jamais ter sido virgem, pois não era mais que uma criança, me enganando com os da minha idade e, à medida que cresci, me entretive com os mais velhos, até chegar à idade que tenho. Creio que seja como diz o provérbio:* Quaetulerit vitulum, illa potest et tollere taurum.[164]

As inocentes e infelizes meninas são destinadas a reanimar, nos velhos libertinos, menos feios que usados e corruptos, a volúpia definhante, as sensações extintas. Mesmo o jovem, atiçado e seduzido, viola, em suas primeiras experiências, todas as leis da natureza. No entanto, se a razão e a humanidade ainda governam seu coração, elas o impedem de arruinar os botões de rosa antes que o sopro de Zéfiro[165] lhes fizesse florescer. Em breve, tudo aquilo que a natureza lhes concedeu de mais perfeito lhes será evidente, pois são jovens cuja beleza lhes faz a infelicidade. Quinze anos se completam, a voz lhes aparece, ainda fresca, tinta de rosas e lírios. Despreocupadamente estendida em uma poltrona, a deusa escolhe uma postura para melhor mostrar seus atributos: a neve não é tão branca quanto o *déshabillé*[166] que lhe cobre.

[163] A passagem de Quartilla e a perda da virgindade da jovem antecede o banquete de Trimálquio, em *Satyricon*. A passagem no texto é a tradução rápida de Restif de la Bretonne, do latim para o francês.

[164] *Quem carrega bezerro, também carrega touro.* Todo o trecho em itálico é parte do capítulo 26, anterior à *Cena Trimalchionis.*

[165] Zéfiro, ou o vento oeste, o vento da fertilização, da vida. Os romanos o chamavam de Favorinus (aquele que favorece. No mito de Eros e Psiquê, Zéfiro carrega Psiquê até a morad de Eros, também pode ser analisada no contexto do mito de Jacinto. Jacinto, descendente de Lacedemônio e Esparta, foi objeto do amor de Apolo, que o ensina a lançar o disco com perfeição. Também enamorado de Jacinto, Zéfiro (vento oeste) muda a direção do disco quando este é lançado. O disco atinge jacinto, matando-o, e fazendo o sangue escorrer por sobre a relva. A referência parece suscitar a feminilidade do nome de Jacinto (*Ὑάκινθος*) e do sangue, que escorre de sua cabeça (HACQUARD, 1996), poderiam ser uma metáfora da menstruação.

[166] O *déshabillé* é um traje de noite composto pelo *négligé* e pela camisola. Durante os séculos XVII e XVIII, seu uso esteve relacionado às *femmes publiques* e a necessidade de se ver o corpo antes do sexo. Mais do que um

Uma saia inconvenientemente muito curta deixa à mostra uma perna bem-feita suavemente apoiada em uma almofada. Um belo pé desperta o desejo de beijá-lo, enquanto o outro repousa negligentemente ao chão. A sedutora sereia dá a seu seio, -- pressionado em um espartilho colado à sua cintura – um movimento que se repete, uma beleza inocente que prenuncia a derrota: irão as Graças[167] lhe abrir a pequena boca? Sob dois recifes de coral, se entreveem pérolas e marfim, ouve-se uma voz mais provocante que a lira, uma mão branca como o leite que faz sinal para que a vítima se aproxime e, ao seu movimento, a lâmina é baixada. Nada mais se sabe, o jovem imprudente avança, a volúpia o torna bravo, o tumulto dos desejos lhe borbulha o sangue, a beleza o toca, beleza pérfida de face terna – mas que digo? Ela jogará modestamente e entregar-se-á logo e apaixonadamente, assim que a cegueira calar o temor... Jovem infeliz, pare! Pare!, pois há uma serpente escondida entre as flores (*). Nem a visão do precipício poderia freá-lo, seduzido pela paixão, pelo coração e por sua natureza – ele corre em direção à sua ruína. Ah!, se ele pudesse reconhecer o perigo! Mas sua satisfação paga o preço de seu bem mais precioso, depois de sua virtude: sua saúde.

(*) Mas elas não são sempre tão perigosas assim. Ver nota A.

As leis da sociedade, a decência, o pudor e, sobretudo, o luxo que aguça os desejos, tornaram-se o princípio secreto da prostituição moderna. Esta será mais devassa e sedutora à medida que beberagens refinadas e delicadas lhes acariciem o paladar. Portanto, é mister não destruir esse estado básico, mas diminuir sua inconveniência e seus perigos – físicos, primeiramente e, por conseguinte, morais. A prostituição não produziu o contágio vergonhoso que aflige o universo, mas o propaga e é seu reservatório, sua fonte impura, sempre renovada (*).

(*) Embora essa terrível doença seja acompanhada por sintomas menos graves que antes, nãose deve supor que ela desapareça por si só.

Quando os culpados são punidos isoladamente pelas consequências francas de sua brutal voluptuosidade, nem sempre tais sentenças são consideradas um grande mal para a raça

elemento de composição da estética feminina no vestuário, o *déshabillé* promove o primeiro contato entre a prostituta e o cliente: a apreciação da forma e a antecipação das possibilidades para o libertino (*Le vêtement*, M.N. Boutin-Arnaud, S. Tasmadjian, Éditions Nathan, 1997).

[167] Numa referência às Cárites, em seu aspecto etimológico, do grego Χάριτες (alegrar).

humana. Mas, ó sábias mães, vós que por anos cultivastes com cuidado essas tenras flores, ornamentos da pátria e obras-primas da natureza, inspirais em vossas jovens, com vossos exemplos e vossas lições, o amor pela virtude e uma casta decência; e que lágrimas amargas vos prepareis para entregá-las a este jovem querido cônjuge!

Cego por virtudes artificiais, seduzido por exteriores atraentes, se está longe de imaginar que ali se encontra a corrupção e a morte. Possivelmente não sabe que em breve uma jovem e tímida esposa, atormentada por esse veneno de natureza e fonte desconhecidas, morrerá dolorosamente ao dar à luz outro inocente e infeliz como ela, que descerá ao túmulo!

Sim, a prostituição é um mal necessário para que haja pudor. Veja só, Esparta (*),

(*) As leis de Licurgo nos fazem crer que o pudor não fora considerado o mantenedor da castidade. As *jovens de Esparta* se vestiam indecentemente; em algumas ocasiões, apareciam em completa nudez para que disputasse, entre elas, o vencedor de alguma corrida. "Mas, ao prescrever o pudor, não fica provado que Licurgo tenha conseguido manter a castidade. As notas indicadas com maiúsculas formam a segunda parte. Essa virtude é a guardiã inseparável do outro. Os lacedemonianos não tinham reputação irrepreensível; e por razão dos vícios dos quais aquela nação fora mais comumente acusada, sua devassidão não foi esquecida".
Cantos Libidinosos, Marcus Valerius Martialis, Epigrammata, Livro IV canto 55[168]

Resta saber se Licurgo não considerou a castidade pública mais prejudicial do que o necessário para o Estado que desejava constituir. Faço distinção entre a castidade pública e a privada: os distúrbios momentâneos individuais podem afetar o coletivo, mas jamais afetam as leis, pois estas só dizem respeito à publica.

onde essa virtude foi proibida, é o único dos lugares do mundo que eu conheça onde não se deve ter visto esses desafortunados, que tinham todos os vícios reunidos em si, precipitarem rumo ao último grau de degradação, depreciação e torpeza (nota A).

Um homem com interesse em política e filosofia, em todos as partes desta Capital (com a precaução, talvez, tal como os triunfantes conquistadores romanos, de ter alguém ao seu lado para lembrá-lo a todo momento de sua mortalidade), estaria furioso ao ver belas moças – a quem, apesar de todas as vantagens de seu sexo, lhes faltariam boas maneiras – perdidas para a sociedade, à qual poderiam dar filhos robustos, bem constituídos e de aparência agradável. A

[168] O trecho faz referência ao canto 55, cujo trecho de interesse de Restif de la Bretonne lê: *Luci, gloria temporum tuorum, qui Graium veterem Tagumque nostrum, Arpis cedere non sinis disertis: Argivas generatus inter urbes Thebas carmine cantet aut Mycenas, aut claram Rhodon aut libidinosae Ledaeas Lacedaemonos palaestras.* Ó Lúcio, glória de seu tempo, que não permite que o velho Gaio e nosso Tejo cedam espaço para a eloquente Arpi: permita, então, que aquele que é nascido nas cidades gregas cante Tebas e Mecenas em sua forma, ou Rodes, ou os ledos campos dos lúbricos espartanos (tradução minha). A nota 7 diz respeito ao trecho *Ledaeas Lacedaemonos palaestras*e discorre sobre a dificuldade de Licurgo em manter a castidade [*in Lycurgo existimat id im stitutum fuisse, ut juvenes puellarum pulchritudine capti facilius earum nuptias appeterent* – No plano de Licurgo, pensava que os jovens seriam cativados pela beleza das moças e sua união se faria mais facilmente (tradução minha)]

libertinagem, assim, engole o que há de mais bonito e de mais agradável, assim como a guerra destrói os homens mais bem feitos e mais ricos. Necessariamente, como consequência, o número de belos deve diminuir sensivelmente e que todo aquele que tiver alguma figura deve se tornar mais vaidoso, mais tolo e mais exposto à sedução. Talvez tu vejas, meu amigo, o que eu digo como perigoso e destituído de provas. Mas, observa na multidão de figuras medonhas que inundam nossas cidades com fealdade e pequenez, e formas defeituosas se propagando de pai para filho, de mãe para filha – nada disso é natural. Vê os países onde o belo sexo não é proscrito como o conhecemos: a filha de um camponês, por mais bela que seja, o é para o filho de um camponês; e seus filhos os sucederão, como o sabes, nas características daqueles que o geraram.

E digo mais: as maneiras contribuem com a beleza. Pais de vida débil geram filhos débeis, de quem a tez delicada e a pele tenra não são à prova de ar e de envelhecimento. Assim é e Paris, onde tudo é prematuro, onde sempre queremos frutos precoces, talentos precoces, belezas precoces e onde a melindrosa natureza serve aos homens de acordo com sua vontade: jovens belos de ambos os sexos existem, mas se tornam feios conforme se desenvolvem. A cor fina e brilhante dessas charmosas bonecas combina com o gosto superficial popular, como uma flor que desabrocha na madrugada e desvanece antes de seu meio-dia. No entanto, tenho visto em algumas províncias algumas figuras meio delineadas, mentes penetrantes que chegam na adolescência marcadas pela regularidade de suas feições e pela solidez de seu gênio. Sim, meu amigo, a raça humana perdeu seu atrativo graças à mistura de povos, pelos motivos que aqui expus. A mistura persa-tártara corrige, por assim dizer, sua feiúra, misturando seu sangue com o das belas escravas de Tíflis[169]. Mas suas crianças não são mais belas do que se houvessem vindo de pais e mães alimentados nos campos férteis do Kur[170], sob a influência de um bom clima. O próprio georgiano, privando-se sempre do que é mais perfeito, não diminui a beleza do seu sangue?

Sem dúvida. Não há no mundo nada a não ser meias belezas, ou, se perfeitas, se encontram nos cantões mais distantes onde reinam com honesta facilidade: pois a miséria deforma o corpo; e seus efeitos funestos afetam a alma e le retiram metade de sua virtude. Ao viajar pelas províncias, é fácil se convencer dessa verdade. Os desafortunados são sempre feios. Ao longo prazo, abundância e igualdade trarão de volta Vênus e as Graças junto com o Riso[171].

---

[169] Cidade do Gurgistão, ou Geórgia. Hoje é a capital da Geórgia, Tbilisi.

[170] Ou Cura, rio navegável que passar pela Turquia, Azerbaijão e Geórgia, com saída para o Mar Cáspio.

[171] Restif de la Bretonne faz uma aparente referência à obra de François Boucher, *La toilette de Vénus* (1750-1751), sendo exposta a peça, estrelada por Madame de Pompadour, em Versailles, em 1750. Em seguida, a

Até lá, perdoemos a afetação das pessoas belas, já que são tão raras. Mas quem não sabe que o veneno das Antilhas ataca as formas humanas irreparavelmente? Que motivos podemos imaginar tão poderosos para nos fazer desejar trazer ordem ao Estado que pouco faz para regular-se, mas que o fora e não encontra impedimentos para sê-lo novamente (*). A vida, a saúde dos cidadãos, o interesse de nossas filhas, a quem cuja sabedoria não protege da doença – doença essa que não podemos confessar sem ruborizar –, a beleza que é o segundo maior atributo da espécie humana, que é geralmente visto como o primeiro!

(*) As *prostitutas* foram abandonadas à sua própria sorte quando era mais necessárioadministrá-las sabiamente. Com a chegada do *vírus da sífilis* na Europa, o mal se espalha, o quenão é surpreendente. O que me surpreende, de fato, é que o contágio não é geral.

Mas isso não é tudo o que se pode retirar dos bordéis, se os submetermos à boa ordem. É o que pretendo desenvolver nas próximas cartas, pois esta já está longa demais. Não gostas das epístolas tediosas repletas de frases estéreis – creio que vou satisfazer suas preferências trazendo à baila ideias que possam ser de alguma utilidade para a humanidade.

Ainda que sua esposa também lhe escreva, ela me pede que lhe envie seu carinho, de sua parte e da bela Ursule. Eu o saúdo, querido amigo, com um prazer inexprimível.

Teu querido D'ALZAN

QUARTA CARTA: OS MESMOS

3 de maio.

Me encontrei duas vezes com a encantadora Ursule desde a última vez, meu amigo. Na primeira, dois dias atrás, a Sra. Des Tianges estava conosco; na segunda, hoje, estivemos sozinhos. Sim, sozinhos. Isso lhe surpreende? Pois para lhe aumentar ainda mais a surpresa, lhe digo que conversamos por mais de hora e que lhe contei as coisas mais surpreendentes, pois, em vez de lhe dizer aquilo que mais quero dizer, não tive coragem de tocar em uma só palavra. De fato, a adorável menina me intimida, fazendo-me modesto e contido – eu, o *petulante* e *atrevido* D'Alzan. Estivemos em uma sala de estar – a Sra. Des Tianges me havia pedido para dizer a Ursule que ela iria levá-la à noite para ver uma parente que ela não conhecia. Minha

representação da marquesa foi feita em óleo sobre tela em 1751, como parte de uma coleção que retratava Madame de Pompadour em sua intimidade. A referência recupera a relação de Boucher com Pompadour, famosa por sua relação com o rei Luís XV, baseando sua relação no etretenimento deste (Hyde, Melissa. *Making up the Rococo*: François Boucher and his critics. Los Angeles: Getty Publications, 2006).

amada Mestra (que não suspeita que do nome que lhe dei de forma tão doce) me perguntou sobre essa parente, seu caráter, sua beleza. A conversa teria acabado rapidamente, pois eu não tinha nada a dizer sobre o tema, mas fiz como *Píndaro* que, ao ser pago para celebrar a vitória de um indivíduo comum nos Jogos Olímpicos, sem ter nada brilhante para dizer, elogiou Castor-Pollux[172]! Assim, voltei a conversa para Adelaide Des Tianges, que falou por um bom tempo de seu coração, do fogo de sua ternura por ti, com suas maneiras puras. E lhe elogiei a beleza. Mas meus olhos estavam fixos na bela reclusa quando fiz aquele elogio e juro-te: era o retrato de Ursule na moldura de Adelaide. E ela o percebeu, sem dúvida, pois enrubescera tremendamente. Passarei pelo menos três horas mais com Ursule; e é na expectativa desse momento que te escrevo.

Volto ao meu projeto.

Primeira sequência

NECESSIDADE DOS LUGARES DA PROSTITUIÇÃO

Já viste que meu propósito não é tornar a prostituição intolerável em um Estado bem regulamentado. Longe disso, acredito que seja uma necessidade infeliz, porém absoluta, nas grandes cidades e especialmente nesses microuniversos chamados Paris, Londres, Roma etc.

Lembro-me de ter sugerido que, dentre os Antigos, apenas Esparta tinha passado sem prostitutas. As leis de Licurgo promoviam, por assim dizer, o pudor e a castidade e, a partir daí, os desejos deveriam tornar-se menos violentos (*). Mas isso não bastou.

[172] Referência à Terceira Ode Olímpica, de Píndaro (518-418 a.C.). Os epicínios em questão estão na Olímpica, na celebração da Teoxênia, como o descrito na tradução da Olímpica chamada *Odes of Pindar*, de G. West, R. B. Greene e H. J. Pye (1810). A passagem faz alusão ao sacrifício das vítimas da Teoxênia de Delfos (hospedar o deus): "*But there is another, and a more poetical propriety in Pindar's invoking these divinities, that is suggested in the Ode itself: for, afler mentioning the occasion of his composing it, namely, the Olympic victory of Theron, and saying that a triumphal song was a tribute due to that person, upon whom the Hellanodic, or judge of the games, bestowed the sacred olive*" (p. 33)

(*) "O amor poderia ter produzido grandes danos, especialmente entre um povo tão exaltado: com leis severas, os obstáculos seriam ainda mais perigosos. Assim, Licurgo tomou um caminho diferente: em vez de deixá-las completamente nuas, deixava-as semiexpostas em seus trajes comuns. Licurgo defendia o não-matrimônio e o empréstimo de mulheres por seus maridos, além de autorizar os homens a tomarem emprestadas as mulheres mais belas, desde que solicitado aos maridos. Todas essas leis, que atacam a fidelidade e o pudor, destroem o que há ali de delicado e sedutor, mas também enfraquecem a paixão e impedem a fúria do ciúme" *Dissertação de Mathon de la Cour*[173]*, sobre as causas e os graus de decadência das leis de Licurgo, chancelado pela Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1767.*

Tal legislador, considerado pelos gregos o mais sábio de todos os homens, era conhecedor da natureza humana o suficiente para saber que enquanto uma mulher fosse proibida a qualquer outro a não ser seu marido, sendo impossível a outro possuí-la, ali nasceria o desejo. Ele queria que seus cidadãos, aos quais tudo já era comum, também compartilhassem as esposas. Ele, inclusive, impôs a regra de que aquele que não pudesse fazer um filho a cedesse a outro[174]. Numa república onde todos eram iguais e onde, portanto, o luxo da mesa, dos trajes e dos edifícios era impossível, inútil ou ridículo, e onde o mesmo homem podia exigir beleza e as mulheres podiam seguir gostos, apoiadas pelas leis (*). A prostituição, esse estado degradante que coloca uma encantadora menina à mercê de feras, não podia e nem pode existir.

(*) É por isso que um lacedemônio respondeu à pergunta sobre *qual seria o castigo do adultério em Esparta:queo culpado fosse obrigado a dar um boi tão grande que beba, do alto do monte Taigeto*[175]*, o Eurotas. – Mas,dizaquele que questiona, é impossível encontrar tal boi. – Da mesma forma, responde o lacedemônio, é impossívelachar um adúltero em Esparta*. Com efeito, o que constitui crime é a oposição às leis. Todos os crimes, seseveramente e justamente punidos, não seriam mais que ações indiferentes se a sociedade fosse dissolvida.Também se sabe que os padres da Igreja, enganados pela resposta do lacedemônio, frequentemente falam aoscristãos do exemplo das mulheres de Esparta. É preciso dizer que eles não podiam fazer pior. Ver nota anterior.

Em Atenas, em Roma e no restante do universo, onde a moral era menos exata que hoje nos assuntos matrimoniais, havia o espaço da libertinagem. No entanto, estou convencido de que o número de prostitutas em Paris ou em Londres, em cada uma delas, supera o que poderia ser encontrado na Grécia ou em toda a Itália durante os anos de maior corrupção entre

[173]*Dissertation sur les causes et las degrés de la décadence des loix de Lycurgue.*

[174] Imposição análoga pode ser verificada em A Cidade do Sol (1602), de Tommaso Campanella (1568-1639), onde é defendido o uso das mulheres estéreis pelos homens incapazes de permanecer em castidade e o sistema de comunhão das mulheres, "conforme o modelo da Rapública, de Platão" (BERRIEL 2008, p. 113; 117).

[175] O monte recebe esse nome pela ninfa Taigeta, uma das Plêiades, mãe de Lacedemônio, seu filho com Zeus. (Dictis de Creta, *Ephemeridos belli Troiani*, livro I, 9).

gregos e romanos, pois, além do divórcio, que lhes era permitido, um mestre também tinha o direito de obrigar seus escravos a servir seus prazeres (*).

(*) O direito de *jambage*[176], que alguns cavalheiros valdenses[177] ainda possuíam há 150 anos, era um remanescente desse costume bárbaro. O refúgio desses nobres, resultante de seus direitos garantidos, consistia em deflorar a noiva em suas núpcias e ter a primeira noite. Foram necessárias todas as luzes da Europa para espalhar a renovação filosófica, enfurecendo esses pequenos tiranos privados de um pretenso direito aplicável a tudo, sob o próprio poder do Cristianismo.

Ainda é a razão pela qual hoje quase não há prostitutas muçulmanas, pouquíssimas índias e vindas do Novo Mundo (*). Os dois gêneros odiosos de imoralidade dos quais os espanhóis acusaram estas últimas, para dar um tom de justiça aos seus massacres e à tirania mais cruel que a morte, são tão caluniosos como o justificouo bispo de Las Casas (**), que percorreu toda a América Meridional.

(*) Ver nota (A)

(**) Las Casas era bispo de La Chiapa na Nova Espanha[178].

Longe de mim, o pensamento de proibir a modéstia, de desculpar o divórcio e de procurar diminuir o horror justo inspirado pelo costume bárbaro de comprar uma linda menina. É como se aquele tesouro, maior que todas as riquezas dos Monarcas, de forma que o império

[176] *Droit de cuissage (jus primae noctis)*, ou seja, direito dado ao senhor de exigir favores sexuais das mulheres de seus vassalos ou de servos na noite de núpcias. Também pode se referir ao direito do senhor de arranjar o casamento de seus vassalos (Geneviève Fraisse.*Droit de cuissage et devoir de l'historien: Clio. Femmes, Genre, Histoire,* Éditions Belin, n· 3, 1er avril 1996). O direito ao corpo, principalmente do corpo feminino, estava relacionado à terra e à servidão do trabalho campesino. Uma das grandes fontes históricas de divulgação desse direito foi, em grande parte, atribuída a Voltaire pelo artigo Cuissage ou Cullage, onde menciona a existência do direito em questão, mas sem declará-lo um direito *de facto* (VOLTAIRE, 2005, p. 744). No entanto, o historiador medievalista francês Alain Boureau afirma, em *Le Droit de cuissage. Histoire de la fabrication d'un mythe (XIIIe-XXe siècle),*a ausência de fundamento histórico para a consideração do *droit de cuissage* como fato (1995, p. 225-226).

[177] A nota não permite a desambiguação entre **valdenses**, **seguidores de Pedro Valdo** (1140-1205), cuja vida ascética inspirou a formação do grupo em 1173, que foi considerada herética 10 anos depois pelo papa Lúcio III (1181-1185); e **valdenses, habitantes do cantão de Vaud**, hoje na Suíça. A menção aos valdenses se deve ao caráter eclesiástico – e também regional – do **Droit de Cuissage** (BOUREAU, 1995, p. 205).

[178] A referência de Restif não é exata. Bartolomeu de las Casas (1474-1566) foi bispo de Chiapas, no México, mas antes rezou a primeira missa da colônia espanhola nas Américas, na Ilha Hispaniola (Haiti/República Dominicana), no ano de 1510. Sobre as atrocidades espanholas cometidas contra os indígenas , Las Casas publica, em Brevísima relación de La destrucción de lãs Indias: "*En la isla Española, que fue la primera, como dejimos, donde entraron cristianos y comenzaron los grandes estragos y perdiciones destas gentes y que primero destruyeron y despoblaron, comenzando los cristianos a tomar las mujeres e hijos a los indios para servirse y para usar mal dellos y comerles sus comidas que de sus sudores y trabajos salían, no contentándose con lo que los indios les daban de su grado conforme a la facultad que cada uno tenía*" (p. 18). A obra, publicada em 1552, pode ter sido a responsável pela curta estadia de Las Casas em Chiapas (apenas três anos).

despótico sobre ela posto não seria, de nenhuma forma, contrário à natureza ou à razão. Nossas morais, ainda que fora de ordem, são preferíveis às dos Antigos e às dos Muçulmanos (*). Ouso dizer mais: seria melhor aumentar o número de prostitutas e que nossas mulheres deixem de ser cercadas diariamente por um enxame de sedutores desprezíveis. Nessas condições tão difíceis,

(*) Preconizo que se desejem as virtudes dos *Turcos* e quase todos os *Asiáticos* em geral. Eu vejo os homens dessas terras apenas como escravos covardes, que vingam sua degradação no sexo frágil. Não são maridos; são mestres desdenhosos, ou tiranos ciumentos. Que país, ó, deus!, onde o homem compra em uma feira o objeto de seu amor! Não, quem pensa que pode comprar e vender assim, a quem parece possível destruir um homem sem matá-lo, este não pode conhecer a verdadeira virtude. Os próprios chineses, nas piores condições, são famosos por se ajudarem civilmente e disputarem a honra de ceder, de forma que os charreteiros de Paris e Londres se pegariam pelos cabelos.Eles se orgulham deafogar suas filhas quando pensam tê-las em número suficiente – isso, sem mencionar as outras trapaças que Lorde Anson revelou em *Voyage round the world*[179]. Feliz Europa, guardai vossas virtudes, e até mesmo vossos vícios, sem invejar a esses lugares!

que sejam todas como Adelaide Des Tianges, e jamais introduzam em nossas famílias crianças que usurpem nossos direitos e roubem nosso nome. A experiência nos ensina que a esposa que se esquece de si até falhar no seu dever mais essencial não erra somente aí. O amor maternal é apagado por uma alma adúltera, os bens desaparecem para serem postos à disposição de um vil *procateur (*), e algumas vezes, um marido de bom coração não deixa sua segurança a não ser arruinado e traído.

(*) A língua francesa carece de um termo apropriado para transmitir essa ideia. Assim, tomo aliberdade de emprestar um do latim, nossa língua-mãe. *Procus*, do verbo em latim *Procare* (afrontar) e figurativamente "procurar a esposa de outrem", é o sentido ideal que dou para*procateur*. Usamos o termo adultério e adútero[180] no mesmo campo; mas, o amante de umamulher adúltera nem sempre é como ela adúltero.

Mas, para seduzir uma mulher honrada, uma dama, é preciso dor, cuidado e algumas vezes, enorme despesas. Pois o belo sexo cava sob nossos pés um abismo, igualmente compartilhado pelo homem a quem ela engana e o seu amante, fazendo desaparecer seus bens.

[179] George Anson, 1º Barão de Soberton (1697-1762). Durante a Guerra da Orelha de Jenkins (1739-1742), em 1740, Anson decide utilizar uma estratégia diversa para a abordagem à Armada Espanhola em diferentes rotas, como a Manila-Lima e a Lima-Santa Fé. Empreende, assim, uma circum-navegação, começando em Portsmouth e aportando em Spitshead, em 1744, pela rota da costa do continente africano, via Cabo da Boa Esperança [Walter, Richard, (M. A.) *A voyage round the world, in the years MDCCXL, I, II, III, IV. Londres: John and Paul Knapton, Publishers, 1748*).

[180] *Adultère* refere-se tanto a adultério quanto a adúltero.

Já vi, querido Des Tianges, alguns desses homens desprezíveis se assustando com as consequências de uma intriga e abandonando-a. Eles preferem outras mulheres, de quem conseguem mais do que um flerte, pois, sendo inconsequentes, as deixamos ou retomamos quando queremos.Se não as achassem...Azar: já teriam sacrificado tudo apenas para satisfazer a primeira das paixões. Assim, concluo que a prostituição é um mal que na verdade evita um ainda maior.

Efetivamente, no presente estado de nossos costumes, num século onde o número de solteiros é muito maior e onde há, além disso, aqueles que estão casados, mas vivem apenas para si, temendo dar os próximos passos (1), onde os eclesiásticos pouco entendem de seu tempo,[porque, de fato, poucos homens entendem (2).

(1) Tal crime não é privilégio do nosso século. Um homem chamado *Pannicus* foi culpado de evitar a gravidez: *Cur tantum euneuchos nabeat tua Gallia qaeris, Pannice? vult f... Gallia , nec parere*[181].Mart. Epig, 67, L. VI.
(2) O autor da *Dissertação sobre as Leis de Esparta*[182] fez os seguintes apontamentos:

Como se sustenta a virtude contra um enxame de inimigos que deseja destruí-la? As leis, ainda que rigorosas, teriam força para proteger da violência um sexo que encontra sua glória no perigo, mas que teme compartilhá-la?

"As leis que se ajustam perfeitamente à humanidade tomariam força progressivamente, e em vez de serem prejudicadas e enfraquecidas pelo tempo gradualmente e, mais cedo ou mais tarde, eventualmente, abolidas". De fato, ordenar aos homens que façam aquilo que só pode ser feito com extremo esforço em combates constantes é prescrever-lhes a conduta que eles não terão; ou, pelo menos, não imediatamente. Todo Estado que intenta elevar o homem acima da natureza é a armadilha da honestidade: só pode ser sustentado enquanto novidade, pois só produz impostores e desonestos – os mais perigosos dos tipos.

Uma multidão de estrangeiros invadem as cidades, sem abandonar suas relações e suas amantes, mas seus desejos variam no que segue: eles se inflamam à vista do primeiro objeto de prazer muito facilmente, já que as moças da capital são sedutoras e coquetes. Além disso, as circunstâncias de privação da diversão costumeira da qual padecem os estrangeiros deixam um vazio em seus corações, que os deixam livres ao amor. Tu hás de me implorar para

[181] É necessário corrigir a grafia do trecho. O *Epigrammaton Martialis* apresenta-o como *Cur tantum eunuchos habeat tua Caelia, quaeris, Pannyche? Volt futui Caelia nec parere.*"Não te perguntas, Pannicus, por que sua amada Celia tem consigo apenas eunucos? Ela deseja o prazer, mas não deseja parir".
[182] *Dissertation sur les causes et les degrés de la décadence des loix de Lycurgue*, Mathon de La Cour, 1767, p. 17.

que eu me cale, meu amigo, ah!, quantas seduções, raptos e estupros que a prostituição tem evitado! Escolhe-se um caminho difícil, para não dizer impraticável, e modifica-se o costume ao ponto que as trocas entre os dois sexos cessam quase totalmente. O que daí resulta? Novamente, o mal maior: os infames *gitons*[183] lançarão sobre nós as leis naturais, nossos filhos serão expostos a todas as indignidades que resultam de uma paixão brutal (nota B).

Madame Des Tianges me avisa de que temos que encontrar Ursule. Comporte-se, meu amigo.

Seu devotado,

D'AlLZAN

QUINTA CARTA: OS MESMOS

15 de maio

Ah, meu caro! O instante aguardado com tanta impaciência já passou... E gostaria que não houvesse passado. Ursule ainda não recebeu a confissão que lhe fiz de meus sentimentos, conforme o esperado. Nunca desejei tua presença com tanto ardor. Teria eu um rival? Há outro que desejaria ganhar seu coração, cuja posse excita meus desejos? Ah! Sou um infeliz!

Perto dessa beleza orgulhosa, sentimos a liberdade para a conversa. Não me faltou um momento ideal para abrir meu coração. Ursule me ouviu com uma frieza capaz de desconcertar um homem mais romântico que eu. Se seu coração fosse livre, ela jamais poderia deixar de se mover pelo que eu lhe dissera. A Sra. Des Tianges compartilha minha dor; ela tem pena de mim. Mas, ai de mim!, se mesmo sua adorável alma é insensível! Essa ideia me segue e me subjuga em todos os lugares. Não há remédio para isso, caro Des Tianges. Se tu visses a este inconstante, ligeiro e insensato D'Alzan, enfrentando um sexo o qual não é digno de adorar e que o desprezou, escarneceu e humilhou, julgando-o como às meretrizes com sua própria corrupção, assombrando-o… Se tu o visses humilhado e choroso… Conheço teu coração; ele seria tocado, penetrado. Não poderias, meu amigo, acelerar a solução dos problemas que te retêm? Vem depressa! Mas poderá Ursule me amar mais? Como és feliz, Des Tianges! Se meu destino puder ser um dia como o teu! Ah! Não conheci felicidade ou prazer; precisaria, para tê-lo, ser amado por uma mulher honesta e encantadora – que fiz eu para merecê-lo?

Sigo hoje falando sobre meu projeto, tanto para me distrair (tu deves admiti-lo),

[183] Prostitutos homossexuais. O termo é pejorativo: γείτων (geitôn) é uma referência à Gitão, personagem de Satyricon. Durante o século XVIII, a Academia Francesa incorpora o termo associado ao homem que é amante exclusivo de outro homem e é por ele mantido (*les gitons entretenus*). Dicionário Larousse – Giton. Disponível em: https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/giton/37012 Acesso em: 12/03/2020.

quanto para cumprir minha promessa: devemos dar aos amigos o equivalente ao seu valor. Se escrevo a um homem preconceituoso, ou para algum desses puristas, tão duros quanto ao menor dos pecadilhos humanos, eu não me teria explicado com tamanha franqueza sobre a necessidade dos locais de prostituição. Eu temeria, com boas razões, falar àquele homem, um daqueles peculiares epicuristas sem moral que de bom grado se entregariam às suas criminosas inclinações. Não temo essa injustiça de tua parte, caro amigo, e as disposições que hoje mostro são uma prova de que eu estou mudado.

Segunda sequência

INCONVENIÊNCIAS DA PROSTITUIÇÃO

Não, meu amigo, não me ceguei para a *publicidade* de certo número de mulheres, mesmo com a reforma que desejo ver. Ele ainda é muito alto. Por exemplo, não posso deixar de admitir a mim mesmo que *(1)* se se regulam os lugares infames, os demais teriam a impressão de que o governo os estaria dando uma atenção da qual não são dignos (*).

(*) Essa objeção, a mais forte e sensata de todas, não será um constrangimento se houver atenção às precauções que o Regulamento postula para que se torne a prostituição diferente do que conhecemos. De qualquer forma, o mal é tão grande que, se dele for feito veneno, se poderá resultar efeitos salutares. Digo novamente: o mal é tão grande que não se deve ser delicado na forma de reduzi-lo.

(2) Os prazeres seguros, fáceis, razoavelmente baratos, que proporcionam a satisfação de paixões ilegítimas, diminuiriam, talvez, o número de uniões honestas (*).

(*) A primeira desvantagem é real. A segunda me parece pouco fundamentada. Não creio que os abastados honestos se casem menos apenas porque há um *lugar público*. Os campesinos, que tanto importam ao Estado, dificilmente pensarão assim. Só nos resta olhar para nossos libertinos e solteiros voluntários, mas estes já se encontram perdidos para o país. O lugar pode facilmente reduzir o espaço de perturbação da sua moral.

(3) Que um cristão não deva deixar de considerar o crime que meu Projeto não pode deixar de favorecer (*).

(*) Um cristão faz Deus extrair o bem do próprio mal. Ai de mim!, nós, nós extraímos o mal do próprio bem!

(4) Finalmente, alguns acreditarão que a aprovação dada às moças em perdição influenciaria o costume, e os faria olhar para essas que são o último estágio da perversão humana com menos desprezo (*).

(*) Não se terá mais tal ideia tão logo se penetre bem a razão que determinaria o estabelecimento dos *Partênions*.

É a esta, também, que são reduzidas, em grande medida, as observações que tu me colocastes em sua carta sobre o sistema proposto. Não falo do que me acrescentastes – *que é desarmar a justiça divina, que por sua vez pune a impureza dessa vida por meio de punições que surgem da desordem à qual se entregam os devassos.* Tu não estás lembrado de que eu havia previsto tais objeções.

Examinemos, agora, o sem-número de perigos que evitaremos em nós mesmos, expondo quatro inconveniências que existem hoje, independentemente de meu projeto.

i. *A horrível doença que a prostituição espalha e faz propagar sem interrupção, sem descontinuidade.* Sua devastação se estendeu por várias gerações, sem que se visse se tratar de um novo vírus: o mineral que usamos, a dieta que seguimos enfraquece o temperamento; um fermento, que a arte curativa não destrói completamente, ataca as principais vísceras, especialmente o estômago e os pulmões. Não se recupera totalmente: *a economia animal*, fortemente abalada, nunca retoma seu total equilíbrio. Se apenas os culpados fossem afligidos por esse mal cruel, a doença poderia ser considerada punição para seu comportamento. Porém, seus filhos não o são. Como já disse, vemos vítimas infelizes e infelizes se tornarem presas de um mal ainda mais perigoso e que sequer suspeitam de seu sofrimento, que se faz irreparável quando são reconhecidos os seus sintomas mais peculiares. Então, os recém-nascidos e suas amas padecem miseravelmente. O sentimento de humanidade e a razão indicam que nada deve ser negligenciado no salvamento dessas criaturas inocentes (*).

(*) Muitos estão ocupados em procurar métodos seguros e fáceis de cura para *doenças venéreas*, sem o emprego do inconveniente e perigoso mercúrio. Recentes descobertas podem, na melhor das hipóteses, enriquecer alguns charlatões, aos quais é famoso o segredo das curas paliativas. O Governo pode secar a fonte, mas ainda assim ele segura em suas mãos o poderoso antídoto. *Veja a nota* (A).

ii. *Uma multidão de jovens, quase todas belas, as mais bem-feitas da nação, estão perdidas para seu país.* Percebe-se que nesse estado, tão perigoso quanto humilhante e doloroso, raramente chegam elas à metade de sua carreira: infâmias de todos os tipos encurtam o curso de suas vidas. Elas não pagam ao Estado o devido tributo do trabalho. Passam seus miseráveis dias a dormir, a maioria somente sai à noite para lançar as redes que fisgam o homem sábio tanto quanto o libertino (*). A pátria se alija das polêmicas causadas por essas jovens, que consideram a gravidez como o maior dos infortúnios – não porque coloquem no mundo, ordinariamente, crianças sem saúde, que vivam enfermas ou pereçam brevemente, mas porque lhes tira os atrativos. Assim, elas se utilizam de todos os artifícios conhecidos para evitá-la, ou ainda fazem um aborto o mais rapidamente logo que sabem de sua gravidez.

(*) Matamos o cão raivoso e a serpente assim que os descobrimos. Seriam eles tão perigosos quanto uma *mulher pública*?

iii. *Os lugares de devassidão, existentes entre nós, fazem nascer para algumas mulheres* (C) *a propensão e a oportunidade para chegarem e se lançarem à libertinagem, o que não seria possível sem essa facilidade. Jovens meninas, dominadas pelo gosto pelo adorno, seduzidas pelas vantagens ou algumas vezes motivadas por seu temperamento* (D), *perderão sua inocência e sua saúde. Seus honestos porém desatentos pais reduzem-se a ingênuos que confiam em suas crianças.*

iv. *Os lugares da prostituição são lugares onde reina a desordem*. Esse mal seria menor se todos seguissem o curso da natureza; e quase sábios são os que se atêm a isso. De qualquer forma, esse caminho não é dos mais seguros e o homem é forçado a se entregar a gostos depravados. Eles não encontram resistência, as meninas não se recusam a nada, e são expostas aos mesmos perigos que os homens; e de forma peculiar temem tão fortemente a gravidez. Assim, não há degradação que essas infelizes não sofram. Se entregam ao que há de mais repugnante, completamente; e tanto medo têm de serem maltratadas que terminam por concordar com o que há de mais infame (nota E). O amor, esse sentimento divino que o ser Supremo faz nascer em nossos corações para que docemente nos embriague, fazendo-nos suportar as misérias da vida enquanto nos conforta na triste expectativa da morte (nota F), quando não está unido à estima, transforma o homem em um animal feroz. É o amor

que o deixa mais furioso, mais cruel que quando em fúria (nota G)! O homem se satisfaz rangendo os dentes e machuca aquilo que acaba de acariciar!

v. *Acostumados a estar com as mulheres sem pudor, o desprezo que esses homens têm por elas recai sobre todo um sexo encantador* – o que finalmente reconheço, meu caro, que não se pode homenagear sem que tal glória se reflita em nós mesmos. Devo dizê-lo? Tais graças, de certa forma ocultas, não despertam mais em seus corações essas deliciosas emoções – o primeiro e talvez o mais doce dos prazeres. Quando uma esposa casta, por acaso, escapa de sua ira, esses homens não conseguem distinguir o valor de um modelo de recato. Em vez disso, ensinam à sua companheira virtuosa carícias descaradas cuja devassidão é extrema, exigindo-as (nota H). Loucos! Eles ignoram que amor e beleza criam flores ternas, que se desvanecem assim que são tocadas, secando logo que uma gananciosa mão as queira apertar!

vi. *Um grande inconveniente resultante do fato de que as jovens públicas, mesmo as de alta estirpe, se misturam aos cidadãos honestos; e aquilo que acontece em seus quartos é público.* Se um jovem descobre o caminho de uma dessas casas, o que torna possível seu aprendizado sobre o que se faz em tais casas, que mudança desastrosa tal visão presumivelmente não causará em sua moral! À sua filha, tal visão lhe deixará a imaginação impura e uma mancha impressa em sua jovem alma. E seu filho? Ele quererá saber por si mesmo aquilo que apenas imagina. Frequentemente, o último andar dessas casas, cujo primeiro andar é ocupado pelas moças, é ocupado por pessoas comuns, honestas, suas esposas e filhas voltando para casa, expostas a conversas, a toques… Dali terão que sair e a virtude, humilhada, dará espaço ao vício.

vii. *As jovens perdidas caminham por aí; e algumas se distinguem pela elegância do vestuário e, mais frequentemente, pela indecência com a qual elas exibem seus dotes sedutores. Como jovens imprudentes, tomam entre elas, mesmo em público, liberdades criminosas.* E nossos filhos, muitas vezes testemunhas desses horrores, bebem o veneno: ele fermenta, se desenvolve com a idade e com tal visão perigosa os leva à perdição, apesar dos cuidados de pais e mães vigilantes. A filha de um artesão, até mesmo de um burguês, nesta época em que sua ingenuidade nativa a mantém ignorante do mal, vê uma moça bem-vestida, a quem jovenzinhos seguem pelas ruas, delas se aproximando, acariciando-as… essa menina inocente sente em

seu coração o desejo de ser como a outra; débil, é verdade, mas que com o tempo fortalecer-se-á e talvez torne o desejo o caminho para a confusão.

viii. *Em um jardim público, onde os sentidos são agitados pelo que a Capital possui de mais atraente, se encontram objetos semelhantes a esses desejados.* Para evitar o perigo, é preciso ter infalível virtude ou destemperar-se. Que indecência! Sob o véu da meia-luz, alguém se atreve… As crianças no jardim têm diante de seus olhos… E nos surpreendemos com a corrupção de modos na idade mais tenra! A ciência do prazer lhe precede o gosto e o uso.

ix. *Muitas vezes uma jovem pública se cansa da capital ou teme a vingança daqueles a quem ela transmitiu o veneno que corre em suas veias. Ou ainda, por outros meios criminosos que a façam temer o magistrado ou as leis, tenha levado o contágio alhures.* É então que, mostrando libertinagem e indecência vil, se vê o escândalo dos carros de transporte público onde ela se encontra (*). Os sem moral de todas as idades se reúnem ao seu redor para ouvir as músicas sujas e repugnantes, as revoltantes insinuações, de uma brutalidade grosseira. Pobres dos jovens inexperientes que testemunham milhares de cenas infames causadas por essas infelizes. Estas, às vezes, são suficientes para fazê-los perder a inocência. É a infelicidade, especialmente no caso das meninas, sempre curiosas, cuja atenção será fixada em imagens até então desconhecidas: o vício é tão contagioso que, apesar de nos assustar, diminui o horror que dele temos.

(*) Isso ocorre particularmente nas embarcações fluviais.

Em outras situações (e aí o perigo é praticamente inevitável), há jovens públicas que se disfarçam sob um ar modesto e reservado. A mais escrupulosa decência acompanha sua fala e seus modos. Um *negligé*, modesto e sedutor, um homem honesto vê seus atrativos, ainda que incorrigíveis – seu coração o leva a elas, ele se torna servil, complacente e cheio de consideração, se torna tocado pela gratidão, suavizado; e um sorriso sedutor, então, completa o encantamento: seus princípios o abandonam (quem pode resistir aos atrativos de uma mulher a quem se acredita honesta!). A noite aponta, pessoas se aproximam, os sentidos, a ocasião, às vezes o coração… O homem é logo tomado!... E aproveita a situação para tomar de uma boca impura um beijo perigoso… Se encoraja… A resistência é imperceptível… Ele sucumbe… E esse homem honesto paga com sua saúde, às vezes com sua vida, o momentâneo esquecimento de seus deveres (nota I).

Se a prostituta pode, continuamente, causar todos esses estragos, que desordens seguirão à sua chegada em uma cidade provinciana, entre homens cuja inexperiência os tornam presas fáceis, cuja sede pelos prazeres ilegais tanto devoram, sede essa que ilumina ainda mais as atrações picantes dos grandes centros.

Me contento em apontar as principais origens dos crimes que a prostituição ocasiona dia após dia, assim como deles se torna vítima. O *Príncipe* é a imagem da *Divindade* e, como ela, extrai o bem ainda que do mal. Ele, sozinho, poderia criar uma instituição para a qual tenho um plano que não seria de difícil execução. Tal vantagem preciosa, da contribuição das impropriedades ao bem geral, é o mais glorioso privilégio dos Reis.

Adeus, meu querido Des Tianges; e que teu retorno imediato faça desta carta a última a ser escrita. Teu bom amigo,

D'ALZAN

P.S.: Acabamos de receber suas cartas. *Tão logo que Monsieur D'Alzan ataca, melhor que te rendas!* Ris de teu amigo, Des Tianges, mas deverias dele ter pena. A amável Adelaide conhece melhor os direitos da amizade.

SEXTA CARTA: OS MESMOS

24 de maio.

Saiba, caro Des Tianges: descobri um segredo que a ti confio: a *divina* Ursule... Qual o melhor termo? Não o usarei se for demasiado forte. Bem, essa encantadora menina veio visitar sua esposa esta manhã. Cheguei minutos depois. A velha Jeanneton, sua cozinheira, que me procura fazer todos os gostos e a quem tenho a felicidade de não desagradar, me disse ao ouvido antes de me anunciar. Eu soube controlar a ansiedade e fui ao seu escritório, não para dedicar algumas horas ao nosso negócio, tal como o tenho feito desde a sua partida, mas para refletir um pouco sobre o que dizer à orgulhosa beleza que me cativa. Não encontrando nada do meu agrado, abandonei-me às mais tristes ideias. "Eis aqui" disse a mim mesmo, "D'Alzan, a quem ninguém poderia resistir, a quem o mérito exagerado de seus atrativos torna vaidoso, que pensa que todas as mulheres o desejam. Ei-lo; um fracasso!. Tais reflexões, *muito espirituosas*, me levavam para mais longe ainda, quando Madame Des Tianges e sua amável irmã entraram naqueles aposentos. Não me queria mostrar de súbito; então, me escondi, pois era eu o tema da conversa. Oh, meu amigo, essa Adelaide, a quem pensava tão cúmplice, tão ingênua, tão boa, como é refinada! Reclamou comigo outro dia, com um olhar tão real, tão tocante... Eis o que dizia à irmã: "Os homens não estimam a conquista de nossos corações,

exceto se proporcionas às dores que a eles custam, querida Ursule. Sejam quais forem teus sentimentos por D'Alzan, que não sejam falsos, mas que sejam sabiamente dissimulados. Ele os merece, sem dúvida, e eu o prefiro a todos os demais para ti, minha querida. Por tal, desejo estar certa de que a felicidade será mútua. Quero antes ter provas sólidas de que seu amor não é um sentimento cego, um capricho efêmero que não resistiria às provações do matrimônio – tenho boas razões para assim pensar.

"Deixa-me conduzi-la, minha cara – tua felicidade me é tão cara quanto a minha própria. Não me espanta que queiras a Monsieur D'Alzan. Teria desgosto de ti se fosses insensível ao mérito das mil graças e talentos do homem que a ti destinamos, que te ama. Mas, te digo: ele é desses que foram estragados por certas mulheres. É preciso desconfiar dos amados. O seu é um homem honrado, mas... É um risco. Não conte com ele e não ceda seu coração à doçura do amor – apenas quado eu disser *'É hora!'...*" – Eu estava prestes a sair do escritório e me lançar aos joelhos de Ursule, convencê-la apaixonadamente e pelos mais sagrados juramentos da verdade e da longevidade de meu amor. Ah, Des Tianges! Juro pelo seio da amizade, eu amo, amo para sempre! Mas temi desagradá-las revelando minha presença. E tua amada prosseguiu: "Nem todos os homens são como Monsieur Des Tianges; nem todos têm o verdadeiro caráter desvelado à primeira vista e nem todos têm a dignidade tão pura quanto a dele... Compreende, ah! Minha querida, é a felicidade, semelhante àquela que o mais estimável dos homens me faz provar, que desejo obter para ti na união com o amigo de meu esposo. Porém, não negligenciaremos aquilo que seja prescrito pela prudência. Eu desejo, tanto quanto tu desejas, talvez ainda mais intensamente, que teu amado seja digno de um coração como o teu, tão terno, tão puro, que ao meu responde. A bem da verdade, acho que D'Alzan acolherá o conselho de seu amigo e seguirá seus exemplos; vejo em seu espírito evidências que me fazem conceber essa lisonjeira esperança. Contudo, ele ainda é jovem – os homens só ganham razão aos trinta anos. Tu, tu a ganhaste na infância. Sê paciente, minha querida, espere um pouco, não apresses nada: seria o meu arrependimento fazer da desgraça de D'Alzan também a tua". "Mnha irmã carinhosa", respondeu Ursule, "eu sinto toda a sabedoria de teus conselhos e tu jamais me verás desviar-me deles. Fiz ler o fundo de meu coração: digna-te a servir como minha mãe, conquanto o céu há muito nos privou daquela que nos amava. Apenas tu sentiste a perda; tu sempre pões a mim antes em teus cuidados... Ó minha irmã, minha querida irmâ! Ursule jamais deixará de ter por ti a ternura de uma menina submissa". Elas se beijaram, meu caro Des Tianges, eu o vi. À custa me contive; por alguns momentos, foram cúmplices... Ó, meu amigo, a arte nada é: como poderia reproduzir tal momento divino! Eu já saía, creio, para me revelar, mas elas já haviam partido. Fico feliz por elas não saberem que as ouvi – desejo dar-lhes o

prazer de seguir o plano traçado, prometo-lhes sucesso completo! Mulheres adoráveis, Des Tianges! Adelaide, Adelaide divina, como és digna de ser a irmã de Ursule e esposa de meu amigo!

Estou satisfeito, meu caro, tu deves saber o quanto... Após um tempo, fui ter com Madame Des Tianges, logo após ter pedido segredo à boa Jeanneton. Adelaide me recebeu francamente – em sua face e modos havia uma candura sedutora e um ar de afeição por mim, o que me tocou profundamente. Minha amada encantadora, fiel ao conselho de sua irmã, fora cortês e nada além. Em mim, o que ouvira refletiu em meu exterior dando-me serenidade, em lugar da costumeira vivacidade, apesar do desejo que sentia por ela naquele momento. Tratava de encarar, em certos momentos, o retrato de Madame Des Tianges e, em outros o de Ursule, que então embelezava os aposentos de tua esposa e de soslaio olhei para a amável irmã: notei, então, com satisfação, que ela mantinha seus belos olhos em mim. Desviei os meus e olhamos para outra coisa. Adelaide fora obrigada a deixar-nos por alguns instantes, a cuidar de outras coisas. Ao me ver só com ela, dominei a situação, o que tanto agrada às mulheres e o que vinha desejando havia mais de uma hora. Me lancei aos joelhos de Ursule, entrevi seus esforços para esconder sua agitação e sua angústia. Apesar disso, seus olhos eram ternos. Ela ordenou que eu me levantasse. Nem pensei em soltar suas mãos, que cobri de beijos. Assim que percebeu, ela se pôs furiosa, mas seu olhar era tão doce que reviveu mil vezes o pecado em nós. Entendes, meu amigo, o delicioso estado no qual me encontrava? Evidentemente, ser amado pela mais bela e virtuosa das mulheres; ver que seu coração e sua mente compartilhavam de minha felicidade e que sua resistência era apenas os esforços de sua virtude. Eh! É esse prazer que faz meu coração suspirar sem conhecer? Ursule é a primeira que mo faz provar. Serei então insensível a todos às outras, pois amar alguém de valor é a felicidade. O amor pode ser encontrado no rigor disciplinar de um amado mestre.

Madame Des Tianges retornou enquanto ainda me encontrava aos joelhos de sua irmã. Não mudei minha posição; renovei, diante dela à amável Ursule os juramentos de adoração eterna que acabara de fazer; e pressionei a bela Adelaide a falar em meu favor e atestar minha sinceridade. “Eu gostaria”, disse ela, tomando minhas duas mãos e forçando-me a segui-la a outro cômodo, “e, se acreditasse em meus pressentimentos, eu o faria. Porém, meu caro D’Alzan, temo por minha irmã. Seu caráter é de uma doce melancolia e, quando seu coração for tocado, ela amará demasiado. Não desejaria que ela conhecesse tão cedo tal paixão e se pusesse digna da compaixão de todas as mulheres caso tu não lha faças feliz. Pensa bem, querido, antes que afirmes teu amor por ela; pois ela acreditará em tuas palavras e, por toda tua

vida, tu serás culpado por tê-la enganado. Toma um tempo, assegura-te de teus sentimeos e conta com minha amizade".

Não havia mais nada a ser dito, meu amigo, havíamos feito o que deveríamos. Voltamos para onde Ursule estava e elas me dispensaram, lembrando-me que era o dia de escrever-te minha carta, acrescentando que eu seria esperado no começo da noite.

Obedeço, caro amigo: sê paciente: te apresentarei a um Regulamento, não como o da Abadia de *Thélème* (nota K)[184], mas um projeto sensato que reduziria os riscos da prostituição e, portanto, tornaria *possível* o uso de algo que jamais poderia ser deixado de lado.

Terceira Sequência

MEIOS PARA REDUZIR AS DESVANTAGENS DA PROSTITUIÇÃO: UTILIDADES QUE PODEM SER OBTIDAS EM CASAS DE PROSTITUIÇÃO BEM ADMINISTRADAS

Diz-se que em Roma as jovens públicas estavam sob a proteção do Estado (*). Sem buscar exemplos estrangeiros, entretanto, sabemos que o governo francês não elegeu esse objeto, antes tão vil, como o centro de sua atenção (nota L).

(*) Ver nota (A) (N. do E.).

Os próprios monarcas deram às raparigas, ou moças públicas, Cartas de Salvaguarda, em verdade, mas não para favorecer às infames, mas para que as leis impedissem que elas cometessem em seus lares uma parte dos horrores relatados nas Notas de minha última carta (*). Magistrados e moradores de *Narbonne, Toulouse, Beaucaire, Avignon, Troia* etc. puseram no rol de suas prerrogativas a faculdade de possuir uma *rua picante* ou *casas públicas de prostituição*, das quais eram os administradores. Um zelo equivocado pela religião foi a única causa da mudança que nos ocorreu, penso. Esses devotos de mente estreita são entusiastas que seguem, sem discrição, seus impulsos causados

(*) Ver Notas (C), (D), (E), (G) e (H) da segunda parte.

pela inspiração divina, falsamente imaginados, pois ao proscrever a devassidão, não mais haverá devassos. E, a partir daí, o que acontece? Destroem o remédio e o mal subsiste (*).

[184] De François Rabalais, *Gargantua e Pantaguel*. O capítulo I nas parte LII a LVIII, Rabelais faz a descrição da abadia de Thèléme, construída em torno de uma lei única: Faz o que queres (1805, Livro I, p.140).

(*) Ver nota (A) (N. do E.)

Sempre me pareceu que, ao situar as coisas na mesma medida e e dar a esse novo estabelecimento uma certa perfeição resultando em unidade para o Estado, testemunharíamos o desaparecimento de uma multidão desordeira; as vergonhosas doenças que há muito devastam a humanidade, especialmente na Europa, seriam extintas. E assim, que as mais doces e nobres tendências da natureza sejam menos degradadas.

Ó amor! Os tempos mudaram! Antigamente, os homens a ti erguiam templos, os incensos, os perfumes mais doces obscurecidos em seus altares pelos vapores em redemoinho. Hoje na lama, ignorada, desprezada, a *Lubricidade* brutal toma sua aljava, seu arco e suas flechas e quebra aqueles que apenas desejam ternura. Em teu trono, vemos a fria *insensibilidade* que os tolos tomam por *Virtude*. Qual mão amiga da humanidade te removerá da lama, ó Amor! Restaurará teu templo, teus altares, afastarás a filha das Fúrias, desmascararás a falsa *Virtude* e sentirá o mundo a verdade consoladora: *Mortais, o júbilo os espera no seio de vossas belas companhias. É o Amor, e apenas o Amor, que o oferece!*

PROJETO DE REGULAMENTO DAS JOVENS PÚBLICAS

Como consequência do estabelecimento dos *Partênions* (*)

Sob a proteção do Governo.

DAS CASAS E DAS JOVENS PÚBLICAS ATUAIS

Art. 1º. É aconselhável escolher uma ou mais casas, convincentes e não muito notórias, nas quais as moças públicas de qualquer idade seriam obrigadas a permanecer em trabalho, sob pena de castigo corporal. Uma multa pesada será aplicada àquelas que sigam recorrendo a tais atos, não importando suas pretensas alegações à guisa de escusa. Seu delator, quem seja, seria recompensado com a metade do valor da multa, que lhe seria entregue após a certeza da culpa.

Παρθενικός (parthénikos), *conclave virginus* ou *puellarum*. A palavra certamente parecerá mal aplicada, mas há que se concordar com o benefício: o grego *Πορνογνοσχειον* (pornognoschéion), o latim *Lupanar* e o francês *b...* acabariam por ferir orelhas delicadas[185].

DAS JOVENS EXCLUSIVAS

Art. 2º. Seriam separadas das jovens públicas usuais as moças de alta estirpepara um só homem; se crê necessário tolerá-las, já que o contrário atentaria contra a liberdade dos cidadãos.

[185] Restif utiliza *Παρθενικός* (parthénikos), *conclave virginus* ou *puellarum* como similar a "casa de donzelas". Já *Πορνογνοσχειον* (pornognoschéion), *Lupanar* e *b...* são termos pejorativos para Restif, ao designar "bordel" (tradução minha).

Contudo, o menor escândalo causado por tais moças será rigorosamente punido pelos homens. De uma forma geral, as jovens públicas serão levadas ao *Partênion*; e seriam obrigadas à maior decência em relação às demais mulheres, pois serão afastadas à primeira queixa apresentada contra elas.

DAS NOVAS CASAS

Art. 3º. Assim que for financeiramente possível, o estabelecimento construirá casas que lhe serão próprias, conforme os Artigos 10 e 14. Ali serão postos os novos sujeitos e o modo de vida será regulamentado, como se verá mais adiante.

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 4º. Cada *Partênion* será governado por um Conselho, composto por doze cidadãos de máxima probidade, eleitos pela Câmara dos Vereadores da cidade de Paris, do Capitólio, de outra grande cidade ou de qualquer outro lugar com características de município. O Conselho governará a organização da casa, as mulheres, de juventude desordeira, mas de quem reconhecemos a doçura e a capacidade, sem defeitos incompatíveis com sua posição. As mulheres receberão diariamente de sua Superiora as quantias necessárias para a manutenção das jovens e para reparos na estrutura. Farão, também, um relatório exato dos trabalhos.

DO EXERCÍCIO DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 5º. Cada Administrador terá um mandato de seis anos de modo que, após os primeiros seis anos, dois Administradores novos serão eleitos a cada ano. E, a cada ano, os dois mais antigos serão dispensados. Estes se reportarão ao Tribunal nomeado pelo Soberano após dois meses de sua retirada.

§1º Para que se evite o abuso que outros Administradores possam fazer da autoridade, cada Governadora terá uma lista das somas que vira serem postas no depósito naquele dia (*), o que nenhum Administrador poderá pedir para ver. Da mesma forma, a Superiora dará tais páginas todas as noites ao Oficial de Registro da Corte diante do qual o relatório deverá estar. Caso esse Oficial prevarique com o relatório, no receio de que vejam as páginas, ele será severamente punido.

(*) Veja a última disposição do Artigo 16.

§2º Nenhum administrador poderá entrar nas casas durante sua gestão, seja como Administrador ou como particular que demanda uma jovem, sob pena de desonra e de expulsão vergonhosa do Corpo de Administração.

§3º O imposto aos Administradores deve ser repassado aos seus concidadãos durante o tempo em que trabalharem.

DAS JOVENS RECEBIDAS

Art. 6º. As jovens que se apresentarem, após aberto o estabelecimento, terão de ser recebidas sem informação sobre sua família. Longe disso, sabê-lo será expressamente proibido pelos Administradores às Governadoras; e às moças, confiarem-no inclusive às suas companhias. No entanto haverá muito escrúpulo no exame de sua saúde. Não importa quais doenças elas tenham, não haverá razão para que sejam rejeitadas: serão tratadas e curadas. Caso a doença seja incurável, elas serão aceitas na categoria de *Aposentadas,* cujo destino é regido pelo artigo 41. Não serão aceitas jovens acima dos 25 anos.

DO PARTÊNION

Art. 7º. O *Partênion* será um reduto inviolável: os pais não poderão retirar dali as suas filhas ou mesmo falar com elas, se elas o recusarem e, caso invadissem a casa, sob o pretexto de reclamá-las, só serão libertados depois que a jovem os reconhecer.

DAS FALTAS

Art. 8º. As Governadoras não poderão infligir punições: terão apenas o direito de reportar em relatórios. Não poderão repreender fortemente, mas apenas exortar ao melhor comportamento. Quando uma moça causar alguma desordem, ou cometer alguma falta grave, ela deverá ser levada a um aposento ao lado daquele onde se reúnem os Administradores, previamente informados pelas Governadoras (que não acompanharão a moça ou tampouco acusá-la ali). Assim, o Conselho entrará na sala onde estará a parte faltosa, sozinha. Ela será ouvida e, se tornar o fato duvidoso, ela será devolvida como se estivesse totalmente justificada, protestado e aconselhado. Se a jovem estiver inteiramente em falta, é necessário sempre mostrar uma grande disposição à clemência – uma primeira e uma segunda vez contentar-se-á em anunciar a punição; e apenas assuntos absolutamente graves serão punidos (*).

(*) Temer-se-ia que tamanha indulgência terminasse em abuso, se o Regulamento assim não o previsse na sequência.

DOS CRIMES

Art. 9º. Se alguma moça for culpada de um grande crime, a ponto de destruir o fruto que levaria ao seio, ficará presa por um ano inteiro em uma prisão, mantida a pão e água, somente. Se um homem a tiver aconselhado ao aborto, ele será punido de acordo com as leis comuns.

DO ESTABELECIMENTO DOS PARTÊNIONS, DOS CÔMODOS DE TRABALHO E DO ACESSO ÀS JOVENS

Art. 10. As casas serão construídas em bairros pouco populosos ou desertos; e serão constituídas de um pátio e dois jardins. No pátio, não haverá travessas outras além daquelas para Governadoras e *filhos da casa*, conforme disposto no Artigo 38. Todos, indiscriminadamente, terão acesso ao pátio. Haverá duas sentinelas na entrada do primeiro Jardim, que proibirão a entrada a mulheres e crianças. Todos os homens, indiferente de sua condição, serão admitidos nesse Jardim. Haverá diferentes estradas mascaradas por árvores, bosques e treliças, de modo que ali se possa entrar, sem que se o veja, em lugares cujos *cômodos de trabalho* serão semelhantes a estes que nos são conhecidos. Dar-se-á um preço fixo por tarifa em um bilhete, que designará o corredor e o lado específico. O homem que o receber poderá escolher o lado do corredor, e o mesmo será marcado com o número do corredor seguido dos números 1 ou 2, como se verá no Artigo 17. A travessa das jovens será sempre no Jardim, ornamentada com coberturas, no primeiro jardim, para que elas possam ver sem serem vistas. Haverá outro portão pequeno, sempre aberto, ao lado desse primeiro jardim, colocado de tal forma que se entre ali secretamente. Ele será vigiado por uma Governadora e a entrada será permitida apenas a mulheres. Por aí entrarão as moças que desejarem se entregar no *Partênion*e serão recebidas a qualquer hora do dia ou da noite. O segundo Jardim será somente para o uso de jovens e Governadoras. O público e as crianças nascidas na casa, destinadas ao trabalho, nunca nele entrarão.

DA PRESENÇA NO CÔMODO DE TRABALHO

Art. 11. Será permitido o uso de máscara até a entrada do cômodo de trabalho. onde será preciso se revelar à Governadora responsável pela entrega de bilhetes. O uso de máscara será possível até a entrada do Corredor escolhido. A máscara deverá ser deixada com a Governanta que abrir a porta, bem como o bilhete de entrada.

DAS ESCOLHAS DO HOMEM

Art. 12. Uma vez no Corredor indicado no bilhete, uma Governanta o levará a um cubículo escuro e, abrindo uma pequena cortina, o homem poderá examinar todas as moças dos corredores 1 ou 2, reunidas na sala comunal. Ele informará a Governanta sobre sua escolha e ela conduzi-lo-á ao quarto da moça, para possuí-la.

DAS ESCOLHAS DA JOVEM

Art. 13. Quando uma jovem é escolhida e a Governanta a leva para o quarto que está habituada a ocupar, a jovem em questão desfrutará do mesmo privilégio que o homem que a escolheu, ou seja, o de examiná-lo através de um pequeno postigo à porta de cada sala. Caso a jovem se recuse a entrar no quarto, o homem será obrigado a fazer outra escolha, sem que a jovem seja obrigada a declarar o motivo de sua repugnância. Ela não voltará, entretanto, à sala comunal, para que não conte às companheiras o motivo de sua recusa.

§1º Um homem cuja velhice ou feiura seriam motivo de rejeição, dará um número de sua escolha à Governadora. A respeito das moças na sala comunal, por exemplo, se houver cem delas, ele dirá um número de um a cem. A Governadora entrará na sala, perguntará a cada garota qual número ela escolhe e aquela que tiver o número que o homem dera por escrito, irá encontrá-lo.

DA GUARDA

Art. 14. Ao lado do Cômodo de Trabalho estará a Guarda, que não terá a função de verificar bilhetes. Seu trabalho será o de manter a boa ordem no exterior da casa, fornecer sentinelas para os diferentes cargos e auxiliar as Governadoras que necessitem. Assim, haverá nessa Guarda uma sineta, com puxadores em todos os Cômodos de Trabalho, para que a Governadora possa chamar ajuda na eventualidade de algum distúrbio. Todo aquele que perturbar a tranquilidade da casa, independente de sua posição ou dignidade, inválidas em tais casas, serão castigados severamente.

DO DESARMAMENTO

Art. 15. A Governadora recolherá bengala, espada (L) e máscara. Os Cômodos de Trabalho terão pequenos armários em quantidade suficiente e cada nicho será numerado. Os homens receberão o mesmo número de seu nicho em uma placa de marfim para que recolham seus pertences.

DO BILHETE DE ENTRADA

Art. 16. Haverá diferentes bilhetes segundo o grau de beleza e juventude. As jovens serão alojadas em corredores, na seguinte ordem:

§1º O primeiro corredor, dividido, assim como os demais, em duas classes, será ocupado pelas mais antigas. Nele, a idade não excederá os *35 anos*. As mulheres *de 25 a 30 anos* ocuparão o segundo corredor. O terceiro corredor será ocupado pelas mulheres *de 20 a 25 anos*. O quarto corredor será o das jovens *de 18 a 20 anos*. O quinto corredor será o das *de 16 a 18 anos*. As jovens menores de 16 anos em condições para receber homens precocemente, *entre 14 e 16 anos*, ocuparão o sexto corredor. As jovens abaixo dessa idade, vindas por vontade própria ou deixadas por seus pais e que não tenham ainda sido defloradas, serão cuidadosamente criadas às custas da casa e serão tratadas como membros do *Partênion* à idade requerida e apenas se de sua escolha. Pelo contrário: se elas desejarem um ofício, serão ensinadas e estabelecidas como filhas da casa, conforme disposto no Artigo 38.

DA PUBLICIDADE DAS TARIFAS

Art. 17. As jovens de extrema beleza ocuparão o lado direito do corredor, marcado com o número 1. O lado esquerdo será marcado com o número 2.

§1º As tarifas estarão no guichê à porta de cada Cômodo de Trabalho, onde se lerão os preços:

TABELA

As meninas escolhidas entre as Aposentadas (a tratar pelo Artigo 33), *entre 40 e 45 anos*: 6 sous – 0 liv. 6 s.[186]

De 35 a 40 – 0 liv. 12 s.

[186] *Livre* (aqui traduzido como libra) e *sou* são duas moedas medievais da França. Cada *livre* valia 20 sous; e cada *sou* valia cerca de 12 *deners*. A medida do valor era dada pela presença de prata na moeda, medida em *libra troy* (imperial), conforme decisão de Carlos Magno, em 781 d.C. O nome *sol*, que é a forma anterior de *sou*, se origina do latim *solidus*, moeda utilizada por Constantino no Império (306-337 d.C) (SNODGRASS, Mary Ellen. *Coins and Currency: An Historical Encyclopedia.* Londres: McFarland, 2003).

Primeiro corredor:

- Nº 2: 18 sous 0 lib. 18 s.
- Nº 1: 1 libra e 4 sous 1 lib. 4 s.

Segundo corredor:

- Nº 2: 1 libra e 16 sous 1 lib. 16 s.
- Nº 1: 2 libra s e 8 sous 2 lib. 8 s.

Terceiro corredor:

- Nº 2: 3 libras 3lib.
- Nº 1: 3 libras e 12 sous 3 lib. 12 s.

Quarto corredor:

- Nº 2: 4 libras e 16 sous 4lib. 16 s.
- Nº 1: 6libras 6lib.

Quinto corredor:

- Nº 2: 12 libras 12 lib.
- Nº 1: 24 libras 24 lib.

Sexto corredor:

96 libras 96 lib.

Essa será a renda da casa. As Governadoras fiscalizarão alternadamente os Cômodos de Trabalho. Cada indivíduo, ao receber seu bilhete, pagará a quantia correspondente. A caixa coletora onde o dinheiro deve ser depositado será construída e protegida para que não possa ser violada. Só a Governante poderá, com o auxílio de uma vara presa à caixa, fazer a caixa deslizar pela abertura de um cofre, acessada pela ponta da vara. Os Administradores terão a chave do cofre. As Governadoras anotarão a féria num campo do relatório fornecido todas as manhãs pelo Oficial de Registro mencionado no Artigo 5º, enviando-o à noite.

SAVOIR;

Les Filles choiſies entre les *Surannées*; dont il ſera parlé dans l'article XXXIII, qui ſeront de *quarante* à *quarante-cinq ans*, ſix ſous, ci..... 0 liv. 6 ſ.

Celles de *trente-ſix* à *quarante*, douze ſous, ci... 0 12

Le premier Corridor :

N.° 2. dix-h it ſous, ci... 0 18
N.° 1. une liv. quatre ſ. ci 1 4

Le ſecond Corridor :

N.° 2. une liv. ſeize ſous, ci 1 16
N.° 1. deux liv. huit ſous, ci 2 8

Le troiſième :

N.° 2. trois livres, ci..... 3
N.° 1. trois livres douze, ci 3 12

Le quatrième :

N.° 2. quatre livres ſeize, ci 4 16
N.° 1. ſix livres, ci..... 6

Le cinquième :

N.° 2. douze livres, ci... 12
N.° 1. vingt-quatre liv. ci 24

Le ſixième :

quatre-vingts-ſeize livres, ci 96 livres.

Ce

Figura 8: Tabela de preços do Partênion, página 128 do original de 1769.

DOS AMANTES EXCLUSIVOS, DOS ALOJAMENTOS DAS JOVENS EXCLUSIVAS, DOS ACESSOS E DAS ESCOLHAS

Art. 18. Se um homem, após ver uma jovem, demonstra amá-la, e concorda em pagar diariamente o preço do bilhete, a jovem em questão fica desobrigada de estar na sala comunal e ninguém lhe poderá solicitar. No caso de a jovem estar no Sexto Corredor, o amante exclusivo, em vez de pagar a taxa, pagará não mais que 12 libras, seis libras por aquela que estiver no Quinto Corredor, até que sua idade traga uma diminuição no valor. Todos os outros corredores seguirão a regra geral.

§1º As *mulheres amantes em relacionamento, ou exclusivas,* serão alojadas em uma habitação separada. Seus quartos serão organizados de forma que a comunicação entre elas seja feita apenas por intermédio das Governadoras introdutoras assistentes, que são as únicas com as chaves. As jovens especiais poderão se ver e poderão também a liberdade de passar o tempo com as demais jovens quando estas últimas não estivessem na sala comunal.

§2º Haverá uma entrada especial para os amantes oficiais, que sempre serão introduzidos na casa por duas Governadoras.

§3º Cada homem que escolhe uma amante, depois de estar seguro do consentimento da mulher, será com ela apreendido pela Governadora Superiora. Será escrito na presença dele, em uma caderneta, a idade da jovem e seu nome *parthéniense*, assim como o número do aposento que ela deverá ocupar. O amante exclusivo receberá, em um pedaço de marfim, esse mesmo nome e o número do aposento. A caderneta, assinada pelo homem e pela Superiora, será mantido com as Governadoras introdutoras e por elas depositado em um armário com seu número. A caderneta não poderá ser vista, mesmo pelos Administradores, por solicitação do amante exclusivo.

§4º O amante oficial perderá a amante caso falhe em pagar e em frequentar durante oito dias.

§5º Em caso de ausência, a Superiora será advertida e a soma combinada será depositada em suas mãos, seja em dinheiro ou em garantias.

DOS CASAMENTOS PROIBIDOS

Art. 19. Um rapaz de família tomado de paixão violenta por uma jovem por ele deflorada e sua única companhia, não lhe poderá lhe ter como esposa nem mesmo com a autorização de seus pais ou de um tutor. Ele não poderá intimar os pais a aceitarem seu casamento antes da maioridade de 30 anos. Mas, conforme a lei de maioridade de 30 anos, um homem maior será ouvido caso o matrimônio em questão não lhe cause muito dano, o que será examinado escrupulosamente pelo Conselho Administrativo. O Conselho estará muito atento aos modos e

capacidade dos indivíduos de baixa origem com quem os membros (*) do *Partênion* concordam em se casar.

(*) Há uma grande diferença entre *membros* e *filhos* do *Partênion*. Os primeiros têm um papel inalienável. Ossegundos podem ter quaisquer qualidades e virtudes. Sabemos que a pior das origens não exclui mais do que amais ilustre não lhes oferece. Essas dificuldades não serão, consequentemente, pontuais para as jovens nascidasno *Partênion* e destinadas ao casamento, conforme o dispositivo do Artigo 38.

DA GRAVIDEZ DAS MULHERES PÚBLICAS

Art. 20. Ao primeiro sinal de gravidez, as jovens passarão a ocupar uma parte específica da casa e serão tratadas com cuidado especial. Após o parto, as crianças das moças que não têm um amante oficial serão colocadas em um berçário, mas suas mães tomarão todas as precauções para deles cuidar quando de seu retorno à casa, vendo-os uma vez por semana.

DAS AMANTES EXCLUSIVAS GRÁVIDAS

Art. 21. No caso das jovens na situação descrita no artigo anterior, se o pai da criança que ela carrega quiser cuidar, por conta própria, da jovem, ele terá permissão para fazê-lo. Poderá escolher quem ele desejar para o parto ou escolherá aqueles que estiverem a serviço da casa. Ele poderá levar o filho, deixá-lo aos cuidados da mãe ou levá-lo para ser criado secretamente sob outro nome; e em nenhum caso ele será obrigado a declarar seu destino. Ele será livre para fazê-lo herdeiro de sua fortuna, caso morra sem filhos legítimos ou não possa contrair matrimônio. Pode, igualmente, deixar tais coisas aos cuidados da casa, para ali ser criado. A criança receberia uma marca em parte não visível e pouco incômoda. A existência da marca seria registrada, bem como qualquer outra precaução de identidade, pelo pai, no ato do batismo. A casa fica, assim, obrigada a devolver a criança ao pai à primeira solicitação, sem qualquer despesa.

DAS SALAS COMUNAIS

Art. 22. Todas as jovens de um mesmo Corredor serão reunidas em duas salas, de portas nº 1 ou 2, oito horas por dia, a saber: das onze da manhã à uma da tarde; depois, das quatro às sete, depois, das oito e meia às onze e meia, que será a hora da ceia. Elas permanecerão ocupadas com leituras ou trabalhos. Cada lugar será marcado por uma flor diferente, que doarão seu nome à jovem que ali viver. Assim, as que vivem em lugares chamados *Rosa, Amaranto, Lírio do Vale, Narciso* etc., assim também se chamarão. Cada uma das jovens terá sempre o mesmo

lugar e o mesmo nome. Entre os horários de trabalho e fora de outros exercícios e durante o tempo que precede *as nove horas da manhã*, as jovens poderão tomar ar no jardim. Estão isentas dessa regra e de todas as outras que não tratam de disciplina, aquelas que têm um amante exclusivo e a quem podem dedicar seu tempo integral, às condições dos Artigos 15 e 24.

DOS EXERCÍCIOS E REFEIÇÕES

Art. 23. Os horários serão definidos para a higiene corporal e para as refeições. O horário de levantar-se é às nove horas da manhã, no máximo. A esse horário seguir-se-á o desjejum imediatamente. A mulher deverá cuidar de sua beleza até as onze horas. Se os cuidados corporais já foram tomados, esse período de tempo pode ser usado para divertimento próprio, como por exemplo visitar umas às outras, caminhar etc. O almoço é servido à uma hora. Das duas horas até as quatro, haverá dança e música. Das sete horas, uma refeição ligeira e uma aula de instrumentos até as oito e meia. Todas as jovens se recolherão à uma hora da madrugada e nenhuma está isenta dessa regra. As outras horas do dia serão usadas conforme o Artigo anterior.

§1º Durante a noite, as taxas serão dobradas nos cinco primeiros Corredores, não havendo nenhuma atividade no Sexto, a não ser para os amantes oficiais.

§2º Nenhuma penalidade será imposta àquelas que permanecerem em seus aposentos no momento das aulas. Não serão sequer repreendidas se suas ausências forem raras. Caso não seja esse o caso, as Governadoras lhes descreverão pacientemente o prejuízo que causam. Se isso não surtir efeito, elas devem notificar o Conselho Administrativo. As punições que podem ser impostas pelos Administradores serão postas de acordo com sua prudência e com o espírito de gentileza recomendado no Artigo 8º. No entanto, sentimos que, em um estabelecimento onde a punição é quase proibida, é necessário ter um substituto: as recompensas, distinções e lisonjas àquelas que tiverem maior progresso nas artes ensinadas, o que garante a eficácia do propósito do Artigo 40. A melhor maneira de evitar que as jovens sejam refratárias às atividades deste Artigo será fazer com que elas se divirtam com todos os exercícios, antes de fazê-las ocupações sérias. Poucas são as mulheres insensíveis ao prazer de se dar uma brincadeira, ou de desenvolver de forma vantajosa aquilo que já têm.

DOS PRIVILÉGIOS DOS AMANTES OFICIAIS

Art. 24. Um amante exclusivo que queira presentear sua amada com um tutor que lhe pudesse ensinar música, dança etc., a isentará de comparecer às aulas da casa. Isso também pode isentá-la de freqüentar o refeitório do Corredor se prover a despesa de sua mesa, para comer com ela

e passar com ela todo o tempo que achar conveniente. Da mesma forma, ocorre com aquelas que devem repousar durante a gravidez, sem outras condições a não ser as prescritas no Artigo 18 e no presente.

DO APROVEITAMENTO DO TEMPO NA SALA COMUNAL

Art. 25. Nas horas de lazer na sala comunal, as jovens receberão livros informativos e divertidos. Para as interessadas em algum ofício, será fornecido todo o material necessário. Não haverá na sala comunal jogos de azar, como cartas ou dados.

DA FREQUÊNCIA DE ENCONTROS DA JOVEM

Art. 26. A mesma jovem não pode ser solicitada por dois homens diferentes no mesmo dia. Porém, se o mesmo homem a solicitar duas vezes, a jovem poderá atendê-lo. Somente serão admitidos antes das nove horas da manhã os homens já conhecidos da jovem, tratando-a pelo nome.

DA FREQUÊNCIA DAS APOSENTADAS

Art. 27. Serão exceção ao Artigo anterior as jovens das três primeiras Classes que praticamente não possam mais conceber. Poderão visitá-las quantas vezes acharem adequado. Sua idade, experiência e o fogo das paixões já amortecido nelas faz presumir que elas não abusarão dessa prerrogativa.

DA INFIDELIDADE DAS AMANTES EXCLUSIVAS

Art. 28. No caso de uma jovem amada (*) por certo homem corresponder às suas atenções para envolvê-lo ou persuadi-lo a engravidá-la e o engana, dando-se a outro: ela não poderia haver logrado sucesso sem o auxílio de pelo menos duas Governadoras. Aquelas que

(*) Amantes exclusivas.

participaram do crime serão severamente punidas (*) e a jovem, separada da companhia das demais, condenada a trabalhos pesados e contínuos pelo resto de seus dias. Apenas o homem enganado poderá libertá-la desse triste estado.

DO COMPORTAMENTO À MESA E VESTUÁRIO

Art. 29. A mesa será servida sem luxo, mas com delicadeza; os trajes serão de bom gosto (nota

M). Cada mulher se apresentará da maneira que lhe for mais apropriada e mais agradável. Se um homem quiser dar à amante as roupas de sua escolha, custeando-as, poderá fazê-lo; e a amante vestirá aquilo que ele julgar apropriado, sem que o *Partênion* possa demandar nada além do preço normal que sempre é pago antecipadamente. No caso da morte da mulher sem deixar filhos, a casa irá reutilizar os bens deixados.

(*) Pena de morte.

§1º As Governadoras terão respeito, atenção e admiração pelas jovens e não permitirão jamais que elas percebam sua autoridade. As camas, os lençóis e tudo que será utilizado serão bem selecionados e estarão sempre limpos, apresentáveis e convenientes. As Governadoras selecionarão e recolherão a roupa a cada dois dias. Cada mulher, auxiliada por uma Visitadora (a ser mencionada no Artigo 34), deverá arrumar a própria cama assim que se levantar.
§2º O conteúdo deste Artigo será observado por jovens de todas as Classes, sem exceções de nenhuma natureza.

DA DESPESA COM VESTIMENTAS

Art. 30. Não haverá uniformidade nas vestimentas. Cada jovem se vestirá conforme o descrito no artigo anterior. Para evitar, no entanto, gastos excessivos, a quantia a ser gasta será fixa por jovem. Ela poderá gastar tal quantia em uma peça mais magnífica ou em muitas, mais modestas. As governadoras, para que as jovens façam sempre o mais apropriado, garantirão que elas tenham sempre roupas suficientes. À medida que as jovens deixem de usar certas peças, elas serão usadas para vestir as crianças nascidas na casa, destinadas ao matrimônio, ao ofício de suas mães ou a outros ofícios e as roupas serão refetas, sendo as mais magníficas destinadas às jovens das duas primeiras Classes.

DO HÁBITO DE BANHAR-SE

Art. 31. Haverá duchas quentes e frias na casa e cada jovem as usará uma vez a cada dois dias. No verão, usarão as duchas morna e fria. No inverno, apenas a morna. Todos os que trabalham serão submetidos aos banhos uma vez por semana no inverno e com maior frequência durante o verão (*).

(*) Espera-se que esse costume possa ser adotado por hospitais, especialmente naqueles próprios para crianças, como o *La PItié*, o *Correction de Bicêtre*, o *Les Enfans Bleus et Rouges* etc. O banho nessas casas evitaria as doenças de pele mais comuns, evitando que elas – caso não matem as crianças – as atormentem, retardem ou impeçam seu crescimento ou empobreçam seu temperamento etc. Quanto ao *Partênion*, os banhos mornos são absolutamente necessários para as jovens que não fazem muito exercício, substituindo-o e favorecendo uma transpiração adequada. Manterá a todos muito limpos e seu uso frequente diminuirá o odor desagradável sentido nos lugares de grande concentração de pessoas.

DA MAQUIAGEM

Art. 32. As jovens não deverão jamais apresentar algum odor, usar pó de arroz ou *rouge*, usar pomadas para amaciar a pele, pois é sabido que esses elementos dão à pele um brilho apenas fictício e arruínam a beleza natural. Serão sempre exceções a essa regra aquelas que têm um amante oficial e que têm a liberdade para lhe atender o gosto. Contudo, elas não estarão isentas da regra do banho e a Governadora certificar-se-á de que elas a sigam.

DAS APOSENTADAS

Art. 33. As quantias que as jovens transferirão diariamente ao Partênions, após debitadas as despesas diárias e necessárias, serão colocadas em uma poupança para que forme o fundo do dote das mocinhas nascidas na casa ou que lá tenham sido recebidas muito jovens. Também poderá ser usado para a manutenção das Aposentadas e outros.

§1º As aposentadas serão escolhidas, entre aquelas que atingiram a idade de 36 anos ou mais e que ainda guardem alguma beleza, um número de mulheres para compor as duas primeiras Classes entre elas, com valores de tarifa entre 6 e 12 sous, para que todas as classes do Estado encontrem noPartênionmoças a taxas roporcionais aos seus redimentos. Assim, não se deve jamais recorrer às infelizes que não possuem um saldo fixo (*), mas podem afrontar as leis e violar as regras de uma política exata com impunidade.

(*) Ver classe XII da nota (A).

§2º Para que as Aposentadas sejam menos relutantes em receber os homens que pertençam ao degrau mais baixo, três coisas deverão ser observadas: **a primeira**, fazer com que esses homens se banhem assim que entrarem, em um lugar em que ele o faça comodamente; **a segunda**, que esses homens permaneçam com a mulher por apenas meia hora; e **a terceira**, os homens que chegarem embriagados pelo vinho serão mantidos na casa até que sua intoxicação se dissipe; e

somente após a sobriedade será concedido a eles o que for solicitado – seja uma mulher, seja algum divertimento. Nesse último caso, o preço do bilhete não será cobrado.

DAS DOENÇAS VENÉREAS

DAS VISITADORAS

Art. 34. É necessário ter o maior cuidado para a preservação das jovens contra a doença horrível que torna esse estabelecimento tão desejável. Escolhe-se a mulher em quem a idade e o gosto pelo prazer desaparecem e que sempre procuração cumprir melhor seus deveres, assim como serão inteligentes por observar os homens que chegam. Elas não lhe permitirão a entrada ao seu Corredor antes de se assegurarem de que eles gozam de perfeita saúde. Essas mulheres visitarão as jovens todos os dias, mesmo ao se levantarem – este será o o **noviciato** das Governadoras. Aquelas que forem aprovadas por esse trabalho pelo Colegiado das Governadoras será por elas eleita para o preenchimento de posições vagas, se houver alguma.

DA GRANDE GOVERNADORA, OU GOVERNADORA SUPERIORA

Art. 35. Será nomeada anualmente pela Administração uma Governadora Superiora entre as Governadoras que se distingam em atenção e prudência. Ela não terá outra função a não ser: garantir que cada Governadora esteja adequada à função, receber os fundos para as despesas da casa, estar presente na abertura dos cofres de receita e entregar as Folhas a cada Governadora Recepcionista. Porém, o mais importante de seus deveres será observar como as Visitadoras desempenharão seu trabalho e com que cuidado tratarão as jovens que estiverem grávidas, ou nos casos do Artigo 37.

DAS MULTAS

Art. 36. Os homens afetados pelo mal exposto no Artigo 34, imprudentes o suficiente para se apresentarem, serão multados. Caso estes não tenham dinheiro, serão obrigados a deixar o equivalente em joias ou em notas promissórias ou títulos, para que sejam resgatados mediante pagamento da soma devida. Se o mal não estiver ainda aparente, presumir-se-á que o infectado tem boa fé: a multa será leve, como, por exemplo, o dobro do valor do bilhete.

DO TRATAMENTO MÉDICO DAS MULHERES

Art. 37. Se, apesar de todas as precauções, alguma jovem se sentir mal, ela será isolada a partir do primeiro sintoma e não sairá da Enfermaria senão após um perfeito e extensivo tratamento.

Sendo as jovens visitadas por aquelas que formarão o noviciato do Governo, será fácil saber de seu estado, pois elas serão examinadas ao saírem do banho. À menor indisposição por elas experimentada, toda a atenção será dada à investigação. Mas não lhe será administrado nenhum remédio, a não ser que seja de opinião do cirurgião experiente que trabalhará com a casa. Sendo experiente, ele não cumprirá seu dever apressadamente como nos hospitais; e seu esforço será recompensado com honorários adequados e pela distinção digna de um homem servidor do Estado. Sua admissão em qualquer outra parte da casa que não a Enfermaria, exceto em casos urgentes e imprevistos, será proibida da mesma forma que o é aos Administradores.

DAS CRIANÇAS NASCIDAS NA CASA

Art. 38. **MENINOS**

Para que o Estado possa encontrar no estabelecimento dos Partênions a anunciada utilidade, tratar-se-á de:

1. Impedir que as jovens, de todas as formas possíveis, tomem precauções anticoncepcionais.
2. Favorecer a população da casa de todas as formas, sobretudo na manutenção da retidão e, ouso dizer, do pudor, ao tratar da incontinência e da falta de castidade.
3. A casa cuidará das crianças a partir do momento de seu nascimento até o momento em que deixarem a casa.
4. Os que não forem reconhecidos por seus pais serão considerados filhos do Estado e, por tal razão, estarão destinados a servi-lo, pelo menos aqueles que tiverem costituição física para fazê-lo.
5. A primeira chamada será feita aos oito anos para todos os meninos. Os bem formados serão destinados à formação de tropas que se agruparão desde a infância. Unidos às crianças abandonadas, recorrentes em todos os hospitais do Reino, esse exército poderia substituir as Milícias camponesas[187].
6. Os jovens soldados serão ensinados a ler, a escrever, a aritmética, a geometria, as fortificações e o ofício da artilharia. Haverá, na condução de sua educação, os Mestres trazidos das Academias Reais, essas Organizações respeitáveis cujos membros, zelando pelo bem público, de bom grado realização tal trabalho como voluntários, e por nenhuma outra razão a

[187] As Milícias (Provinciais e Real), formadas pelas camadas campesinas mais pobres, pastores e trabalhadores urbanos por jornada. Em 1765, dois terços dos milicianos vinham do campo. O serviço militar era obrigatório a essas populações (ROUX, 1996, p. 473)(ROUX, Pascal. Le recrutement de la milice royale au XVIIIe siècle : l'exemple du bataillon d'Albi (1740-1771). In: *Annales du Midi : revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale*, Tome 108, n. 216, 1996. pp. 461-478. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/anami_0003-4398_1996_num_108_216_2540 Acesso em: 26/12/2018).

não ser a honra da qual se cobrirão.

7. Os Partenienses servirão por seis anos (dos 16 anos 22) no Corpo da Milícia. Aos 22 anos, uma segunda seleção entre todos os indivíduos valorosos dali formará um regimento de Granadeiros Reais que, posteriormente, será composto apenas por Partenienses. Permanecerão lá até os 28 anos, quando uma terceira convocação promoverá aqueles que são distintos por sua moral, inteligência e bravura. Estes formarão um Corpo chamado Companhia do Mérito (*). Depois de outros seis anos de serviço nessa Companhia, serão distribuídos aos demais Regimentos, para lecionar a Arte Militar aos soldados. Os mais belos entre eles poderiam ter destino mais nobre, ao lado da Pessoa sagrada do Monarca, substituir os Regimentos Estrangeiros[188]. Os que chegassem tão longe teriam a possibilidade de se casar, após obter a permissão de seu Comandante.

(*) É natural que o homem, como bastardo, não tendo forma melhor de servir ao Estado, se dedique ao seu Mestre. Para ele, o Mestre reunirá as qualidades que outros encontram em seus pais, em sua família e no Estado. Dessa forma, não haverá posto do qual esses homens não sejam dignos, nenhum empreendimento que a eles não possa ser confiado, sua fidelidade seria inabalável e sua coragem estaria acima de tudo.

§1º Como seriam poucos a obter tal cargo honroso – a qualidade de Mestre na Arte Militar ou a entrada na Companhia de Mérito, os demais Granadeiros se tornariam veteranos e recompensados de acordo com suas habilidades. Ao deixar o Regimento, eles estariam em posição de se casar e, para viver e criar suas famílias, haveria diferentes posições no funcionalismo do Reino que deveriam ser exercidas apenas por ex-soldados.

§2º Esses regimentos seriam compostos para guardar a cidade de Paris, os *Marechaussées*[189] etc. Aquele que carecer de inteligência, ou tiver alguma falta e permanecer retido no corpo de Milícia, lá permanecerá durante o tempo em que estiver apto para servir. Se houver demanda, poderão ser enviados para diferentes Corpos ou Regimentos nas províncias.

§3º Quanto aos meninos adoentados, malformados ou muito baixos, estes receberão ofícios proporcionais às suas forças, leves e simples. Serão alfaiates, sapateiros, tecelões de seda e linho

[188] Anterior à constituição da Legião Estrangeira por Luís Felipe (1831), a Franca tinha na composição de seu contingente militar 32 diferentes regimentos estrangeiros, oriundos da Alemanha, da Suíça, da Irlanda, da Itállia e da Escócia (MESSAGER, 2007, p. 10). (MESSAGER, Jean-Luc. *La Légion étrangère 175 ans d'histoire*. Paris: Hachette Livre, 2007).

[189] Os *Marechausées* eram responsáveis pelo policiamento e pela execução das leis em pequenos centros urbanos (BESSON, Jean; ROSIÈRE, Pierre. *Encyclopédie de la Gendarmerie Nationale*, vol. I. Paris: Éditions SPE Barthelemy, 2004).

para o uso do Partênion, que os venderá para seu lucro o excedente.

§4º Os mais robustos serão postos em ofícios manuais, como a jardinagem e outros serviços necessários ao interior. No entanto, não seriam forçados ao esforço físico os dotados de gênio. Tais disposições seriam favorecidas e seu progresso em tais coisas selaria sua sorte.

MENINAS

Haverá igualmente uma seleção entre as meninas à idade de dez anos. Serão separadas aquelas que são consideradas mal constituídas ou feias. Elas aprenderão outros ofícios e seu trabalho será para a casa, que fornecerá tudo aquilo que lhe for necessário. As que não apresentarem outros defeitos que a feiúra e dotadas de um temperamento saudável tornar-se-iam aquelas que fariam os vestidos e as modas que as jovens vestiriam. Elas aprenderiam a pentear e tudo o mais que seja necessário para a aparência. Cuidar-se-á para que sejam instruídas pelas professoras mais hábeis e que bom gosto e originalidade sejam reunidos nesses trabalhos, à medida que for conveniente. Nenhum estrangeiro, homem ou mulher, será empregado no Partênion, uma vez que a casa será de criançasem boas condições.

§1º As meninas nascidas na casa, de boa aparência, serão antes instruídas com cuidado: aprenderão diferentes artes, como o desenho, a pintura, a dança, a música, a moda e, sobretudo, a grande arte do embelezamento. Espera-se que elas mesmas decidam por uma ocupação. Não serão estimuladas a tomar a profissão de suas mães – pelo contrário, a educação correta à disposição tratará de inspirá-las ao afastamento. Aquelas que estiverem determinadas a viver no mundo receberão os empregos por elas procurados. Serão também destinadas ao matrimônio, com um dote de mil escudos[190], cuidando de apenas cedê-las àqueles a quem se destinam que deverão, por sua vez, ter bens iguais ao dote da jovem, ou um talento superior em sua profissão. Os rapazes filhos da casa que possam se casar serão preferidos em relação aos demais, a menos que a jovem já tenha feito sua escolha antes de eles serem apresentados; ou que o concorrente não seja para a jovem um benefício considerável demais para não ser escolhido (*).

§2º Trajes específicos não distinguirão os filhos da casa daqueles que poderiam, de qualquer maneira, estar a seu serviço.

[190] O *écu* (escudo) valia em torno de seis livres, valor estabilizado após 1726 (DE WAILLY, M. *Natalis. Mémoire sur les variations de La livre tournois depois Le règne de Saint Louis jusqu'a l'établissement de La monnaie décimale*. Paris: Imprimerie Impériale, 1857, p. 221-230).

(*) Será possível ainda selecionar, entre os Partenienses de ambos os sexos, aqueles que fossem mais belos e que mostrassem o espírito mais alegre, para se destinar ao teatro. Os Administradores, para conservar a moral, tomariam precauções que estarão dispostas em um Projeto que certo jovem se propõe a apresentar em breve e que será como uma continuação deste.

DA AUTORIDADE DO CONSELHO SOBRE AS CRIANÇAS DA CASA

Art. 39. O Conselho Administrativo terá autoridade sobre todos aqueles que vivam na casa, com exceção dos Soldados (enquanto estiverem no serviço). Isso garantirá que maridos não se desvirtuem e se fará notificar a todos os credores que o dote das Partenienses é inalienável. Se a esposa *falhasse* em seu dever o Conselho notificará sua resolução da todas as formas que julgar necessário, mesmo que o sedutor tenha que ser levado aos tribunais para que seja punido corporalmente segundo a exigência do caso, da gravidade e das circunstâncias do crime. O marido de uma conduta *absolutamente desordenada* será interditado. A Administração zelará pelos bens da jovem Parteniense se ela não estiver em condições de a eles administrar por si própria. O marido será punido severamente – se houve maus tratos, se a tiver desprezado ou se a tiver obrigado a sofrer indignidades por parte de uma rival etc.

DA ESCOLHA DAS GOVERNADORAS

Art. 40. A posição de Governadora será oferecida como uma recompensa por uma conduta racional, e será o esperado para aquelas que, não tendo jamais uma falta ou punição sequer, provaram ter o espírito e os talentos necessários. Para essa função, serão preferíveis, em condições ideais, as jovens exclusivas. Elas terão o direito de sair, nos dias em que os ofícios interiores permitirem, para trabalhos referentes à casa ou por algum outro motivo, sendo a Superiora advertida.

§1º Além da consideração de que gozam as Governadoras, haverá certo status associado à posição: elas poderão casar de acordo com sua própria vontade; seus filhos não reconhecidos pelos pais receberão um nome de família; e quando não tiverem filhos, elas poderão adotar aqueles ou aquelas que lhe agradem na casa, lhes unir e deixar-lhes bens em testamento ao atribuir-lhes seu nome de família. Os mesmos direitos estarão reservados aos Administradores.

DO DESTINO DAS APOSENTADAS

Art. 41. As Aposentadas que não puderem ser empregadas conforme o Artigo 33 e precedente, terão uma vida tranqüila pelo resto de seus dias em uma parte da casa que lhes seja destinada.

Elas serão estimuladas a se ocupar, sendo recompensadas aquelas que o fizerem. No entanto, ninguém lhes forçará.

§1º Se alguma delas se tiver beneficiado das atividades das jovens – por lhes ter ensinado dança, música ou habilidades com instrumentos musicais – serão formalmente empregadas pela casa. Essas mulheres desfrutarão de uma consideração proporcional ao mérito; e estarão em igual condição em relação às Governadoras – como elas, terão o privilégio de sair em certos horários.

DA CLAUSURA E DAS HERDEIRAS

Art. 42. As jovens, uma vez na casa, não poderão sair, a menos que sejam as exceções dos casos dos Artigos 19, 40, 41 ou 44. Caso se tornem herdeiras, podem ir administrar seus bens caso não queiram desfrutar de seus rendimentos permanecendo na casa. O Partênion não poderá receber nenhuma doação de bens dessas jovens, ou de nenhuma outra pessoa. As herdeiras que deixarem a casa permanecerão sempre sob a autoridade do Conselho Administrativo, que velará por elas e lhes permitirá a readmissão ao Partênion se sua conduta se tornar escandalosa e desregrada.

DAS JOVENS QUE DESEJAM MUDAR DE VIDA

Art. 43. Uma jovem que, após ser admitida na casa, seja elevada pelas atividades da casa e sinta o desejo de viver de forma honrosa, será encorajada pelo Conselho. A Administração oferecerá uma família adotiva ou a reconciliação com sua própria. Após a comprovação da sinceridade da resolução, será permitido que as jovens sejam nomeadas. Em uma palavra: todos os bons ofícios da razão e de humanidade serão empregados.

DO FECHAMENTO DO PARTÊNION

Art. 44. O Partênion não funcionará durante as principais festividades do ano. Nesses dias, haverá sempre um espetáculo nos teatros da capital, para onde irá um grupo de jovens. As conduções que as levarem serão completamente fechadas por uma cortina, evitando sua exposição.

DA COMUNIDADE ENTRE OS PARTÊNIONS

Art. 45. A Administração dos rendimentos dos Partênions do Reino será comum entre as casas. Poder-se-á fazer transferências de uma casa a outra sob a prudência dos Administradores, conforme seja necessário. A Administração de Paris terá uma inspeção geral e poderá, de acordo

com o caso e ocasião, exigir receber sujeitos de casas de outras cidades. Contudo são exceção à regra as jovens exclusivas, conforme Artigos 18, 24 e 29. Estas não serão trocadas jamais, a não ser no caso em que o amante exclusivo vá viver em outra cidade onde houver outro Partênion. No caso, elas para lá seguirão.

Tais serão, resumidamente, meu querido Des Tianges, as Regras de uma Instituição, necessária contra a ruína física e moral proporcionadas pela prostituição. Será, sem dúvida, um honra à sabedoria, à humanidade, essas regras que, se bem ordenadas, gerarão, em breve, frutos maiores e mais preciosos que aqueles antes imaginados. Bem o sabes que nada de ruim poderá vir de Deus ou dos Reis. Se um objeto tem utilidade, sua aparência lhe enobrece. Os cuidados mais abjetos não são os menos importantes: É com estrume e lama que se fecundam nos jardins e canteiros os belos tubérculos, os botões-de-ouro, uma rara tulipa. Não é Flora; é o adubo que lhes fornece a rica cor e os tesouros que admiramos.

Boa noite, meu bom amigo. O Regulamento me manteve ocupado; temo ter gasto o tempo que eu poderia ter passado com Ursule e com tua esposa.

Não, ainda não são sete horas, e não sou esperado antes das oito. Não me poupe das objeções ao que te envio – tu certamente me obrigarás a fazer algo que não havia previsto.

Com o amor que te dedico da mesma forma que dedicas a este aturdido porém constante

D'ALZAN

SÉTIMA CARTA: DE DES TIANGES A D'ALZAN
Poitiers, 1 de junho de 176...

Resposta

Terás meu abraço daqui a quinze dias, amável amigo. Desfrutarei da presença de minha adorada Adelaide e da tua. Verei tua felicidade e a de Ursule – sois os dois a quem mais amo, depois de Adelaide. Quanta felicidade, meu amigo, de ser o marido de uma mulher por quem se tem o amor mais terno, que ama mais do que é amada. Eis meus sentimentos por Madame Des Tianges. Ela representa para mim a mais charmosa esposa (e o será para sempre), o que Ursule é hoje para o apaixonado D'Alzan. Sim, meu amigo, seu amor por ela responde

às minhas mais caras expectativas. Espero que sejas a alegria dessa doce jovem, tão digna, tão bela que ela será para ti, tenha certeza, tão honesta, uma alma sensível, cortês, um incrível privilégio. Em uma palavra: todas as qualidades mais sólidas que se poderia desejar em uma companheira com poder sobre o coração do homem correto. Eu a conheço há tempos e por ela respondo. Jamais poderia gerar dúvidas sobre tua constância e tua sinceridade – tua mudança de conduta na associação com minha mulher após minha partida foi, espero, uma prova de minha estima e de minha confiança, mais do que vãs palavras. D'Alzan já é virtuoso, pois assim o deseja. Caro amigo, que doce intimidade temos! Eis o que sempre desejei. Por que esconder de ti? Meu caro, assim que me casei com Mademoiselle de Roselle, destinei a ti sua irmã. O amor e a amizade fecundaram ponto de vista antes que eu me atrevesse a deixá-lo para lá. Estais apaixonados, é amor à primeira vista! Eu aceito, ó céus!, um bom presságio que justifique a impaciência de estar no momento em que recebo meu irmão em meu melhor amigo.

Tentarei, de forma vã, expressar toda a satisfação que teus sentimentos me dão, a certeza de em breve ver Madame Des Tianges e o feliz sucesso do cuidado que tenho com minhas pupilas.O que quer que eu escreva à minha esposa, e mesmo à divina Ursule, anuncia antes meu retorno, se possível, pois a correspondência chega meia hora antes em tua área que em nossa. Venha para a minha casa assim que abrir minha carta.

Não esperarei chegar a Paris para falar de teu Regulamento; estou encantado para receber aqui as respostas que tu esperas sem dúvida dar às minhas objeções.

Li, meditei com a mais escrupulosa atenção cada um dos artigos e quase não encontrei inconvenientes. Sem falar do Projeto propriamente dito, passo às disposições do Regulamento. Seria a execução do *Artigo 1º* fácil? E por que o *Artigo 2º* tolera a existência dessas jovens de alto padrão e exclusivas? O *3º* necessita de algo útil à instituição, diferente, ali separada, mais segura e menos escandalosa. No entanto, construir um edifício exclusivamente para as devassas... Que cômodo! Não sei, seria decente que os *Échevins*[191] ou o os funcionários públicos municipais etc. sejam Administradores dessas casas, como desejado no *Artigo 4º*? As tais Governadoras serão realmente dignas de governar? Por que discorre o *5º* sobre a entrada dos Administradores na casa? Creio poder entrever a razão. Qual é o objetivo do *6º* e do *7º*? O *8º* me surpreende e não vejo ali fundamento, assim como no *9º*. Quanto ao *10*, eis o que sinto: é à virtude, e não à libertinagem, que tais facilidades se devem. Quanto ao *11*, idem. O *12* e o *13*: vejo um inconveniente a este segundo: o contrassenso de que, sendo a escolha longa, terminará no abuso que deseja evitar. O *14*, o *15* e o *16*: eu não tenho o que dizer dos dois

[191] Conselheiro municipal, vereador.

primeiros, mas o *16* me choca um pouco. Por que meninas tão jovens? O *17*: por que os Quinto e Sexto Corredores apresentam um valor tão elevado? O *18*: são as jovens que não mais serão públicas? O *19*: a despeito dessas cláusulas,esse Artigo poderia ocasionar ainda mais abusos. Trata dos insensatos que se casam com uma jovem pública, que se arrependerão em breve e que serão infelizes. O *20* e o *21*: tudo isso diminuirá as despesas da casa, mas essas crianças se tornam legatários significativos. Isso é ilegal. O *22* e o *23*: as jovens serão bem apessoadas, bem postas, de modos doces! O *24*: esses amantes exclusivos, de quem falas com frequência, tem excelentes privilégios! O *25*: sim, mas seria feito? O *26* e o *27*: parece bom à primeira vista, mas as pobres Aposentadas – como as carregas, senhor legislador! O *28*: oh, oh! Eis aí algum rigor! O *29*: tu te suavizas – não tenho dúvidas de que saíste da personagem. O *30*: tens certamente razão, mas vou passar esse artigo. Há economia e, sem ser mesquinho, eu gosto muito disso. O *31* e o *32*: ainda passo, mas tu contradizes fortemente sua utilidade. O *33*: o que esse Artigo demanda é totalmente necessário, mas justifica-me o porquê. O *34*, o *35*, o *36* e o *37*: uma multa! Será muito bem merecida; os litigantes a pagariam, o que não faz deles tão legítimos – longe disso. Não tenho o que dizer dos demais artigos, a não ser que são necessários. O *38*: ah, eis a política! Mas, os rendimentos do seu Partênion serão suficientes para emancipar tantas crianças? Casá-las? Subsidiar dotes às belas meninas? O *39*: está bom. O *40* e o *41*: repito, as mocinhas serão muito bem tratadas! O *42*: bom. O *43*: eis um excelente Artigo. O *44*: elas se beneficiarão desses dias de liberdade freqüentando o teatro. Creio, como desejas que eu compreenda, meu caro, que as habitantes de Londres fariam melhor ao freqüentar o *Drury Lane* aos domingos do que se encher de ponche e de um vinho maldito apreciado nas tavernas onde frequentemente as jovens inglesas perdem a razão e, consequentemente, sua inocência. O *45*: Paris será o centro, a residência-geral da ordem.

Esse exame é breve, mas poderia ter sido mais longo, se eu aqui houvesse dito tudo o que penso. Um detalhe mais profundo levará tempo do qual não poderei dispor agora – há de separar-me de minhas queridas. Envia-me, então, uma resposta às objeções que poderão melhorar cada Artigo, como as que eu te fiz, que se reduzem a quase nada. Em verdade, penso que, se jamais se pudesse querer regular tal desordem, não se poderia fazê-lo sem executar tuas idéias. Elas dminuiriam o mal e, por tal, fariam um bem.

Hoc sustinete, majus ne veniat malum.[192] (Fedro, Fábulas, 2)

[192] "Tolere este mal para que um mal pior não sobrevenha". Na verdade, a citação pertence ao livro I, 2.31.

D'Alzan! Ah, antes disso, por que os homens não são racionais? Eles buscam uma companhia correta, miram a felicidade e o amor – amando e sendo amado. Que triste a sorte que se experimenta nos braços de uma desconhecida, que não significa mais do que aquele momento, em que não se é odiado, detestado!... É como diz um Poeta:

Nitimur in vetitum, semper cupimusque negata;
Sic interdictis imminet aeger aquis.[193] (Ovídio. III Amores E.4, 17-18)

Sei bem que formar vínculos não é possível a todos. É o mais infeliz dos tempos, a vergonhosa Administração Pública. Meu amigo, sou feliz; tu o serás, ou já o é. As duas irmãs serão a felicidade de dois amigos, abençoado o Ser supremo, e merecemos a duradoura inocência de nossos prazeres, por uma vida pura e, sobretudo, a benevolência para com nossos semelhantes. É, sem dúvida, a verdadeira ação de graças ao pai dos humanos. Não, D'Alzan, não é difícil ser um homem de bem. É ingrato violarmos as leis da sociedade, nós, os favoritos! Cumprimos nossos deveres, trabalhamos para nosso sustento, somos os opositores da infelicidade, o modelo e o consolo dos outros homens. O auxílio que buscam, nós lhes damos. O exemplo de nossa virtude é o baluarte de nossa segurança. Que nos tornamos nós, se aqueles que não têm nada a perder aprendem com aqueles cujo destino invejam, a desrespeitar as Leis divinas e humanas!... Eu o saúdo, querido irmão. Lembranças minhas à tua Ursule, pois depois de sua irmã e de ti, mereço ser aquele a quem ela mais amará.

DES TIANGES

OITAVA CARTA: DE D'ALZAN A DES TIANGES
Paris, 6 de junho de 176...

Réplica

Meu bom Des Tianges! Não creio poder amar-te mais. Me chamas teu irmão, meu respeitável amigo, e me falas com uma cordialidade digna dos atributos que a mim atribuis. Tua amizade não lembra aquelas ligações antigas, aquelas a quem costumava prostituir tal nome sagrado. Ela esta em sua casa, um apoio sincero, suave e duradouro, que me enche de

[193] "Sempre nos lançamos ao vedado e desejamos aquilo que é negado; Assim se esconde o enfermo nas águas proibidas." Ovídio, Amores, 3.4.

reconhecimento e me convém muitíssimo: não há felicidade a não ser na virtude, a mesma virtude que te fizera amar-me. Aconselhar-me sabiamente, tolerar meus revides impertinentes e destinar-me a irmã da adorável Adelaide, ainda que eu fosse tão pouco digno!

Desde que te enviei a última carta, voei até tua casa para ter com Madame Des Tianges. Chego, me anuncio; ela lê duas palavras e dá um grito de alegria: -- "Eu o verei novamente, ela repetia, transbordante!, nos reuniremos daqui a pouco! Oh, não nos separaremos mais, ele me prometeu" – Ela reuniu todos na casa: teu velho lacaio, a boa Jeanneton, os auxiliares e até mesmo o pequeno negro. – Monsieur Des Tianges está para chegar, meus queridos, disse-lhes ela, ele não permanecerá mais do que quinze dias em Poitiers, vereis vosso melhor amigo " –. Não entendi o que eles responderam: todos falaram ao mesmo tempo, num ruído ensurdecedor, mas a alegria reluzente em seus rostos, teu velho lacaio, com lágrimas nos olhos, a correr aos teus aposentos para pô-lo arrumado. Jeanneton, vinte anos rejuvenescida, a obrigar a todos a dançar com ela.

A correspondência para tua esposa e para Ursule chegou nesse momento. Fez-se um profundo silêncio: Madame Des Tianges teve a bondade de ler em voz alta parte de uma carta e toda a casa testemunhou uma sensibilidade extrema na recordação de tua honra. Dispusemo-nos, Adelaide e eu, a dar a Ursule tua deliciosa epístola... Como escreves com doçura! Em verdade, sem o bem que dizes de mim à minha mestra, eu estaria agora tomado pelo ciúme, mas extremamente tomado. Depois de lida, relida, as duas irmãs se puseram a conversar em particular. Por alguns momentos. Ursule enrubesceu, Madame Des Tianges a acariciou, eu as observava com felicidade.

Sempre há reserva quanto a mim, meu bom amigo. A noite do feliz dia em que eu penetrar o segredo de Ursule, o segredo de um coração suave, surpreendentemente doce... Jantamos na casa do rico e espalhafatoso B**... algo que te causará revolta, tanto foi que me surpreendeu: em um grupo correto e muito bem selecionado de convidados, mal pude crer na presença da despudorada D**, inconveniente. Sabes como B** é magnífico: para tornar a noite uma completa delícia, havia proporcionado um soberbo baile que encerrasse as festas após as oito horas. Porém, o baile era um mistério. Nosso confrade tempera os prazeres que oferece como surpresa: cuidou para que houvesse mantos encapuzados para as damas – elas se enfeitaram, encantadas, todas portando diferentes disfarces. Nos provocavam, nos excitavam, alegravam os sentimentos e a ingenuidade e se escondiam quando encontravam nossos olhos, tentados a tomar seriamente uma brincadeira leve. D** me perturbou demais: fiz o que pude para evitá-la, pois ela não me deu o trabalho de adivinhar suas intenções. Eu estava inquieto, pois já havia perdido de vista minhas duas queridas companhias. Madame Des Tianges e sua

irmã, irreconhecíveis, estavam mascaradas como as outras. Tiveram a malícia de não se deixar descobrir enquanto eu as procurava, com inquietude. Elas se divertiam com meu embaraço e queriam certamente ver qual partido eu tomaria. Mas, à vista de minha agitação, elas perceberam que a dama mascarada que me seguia obstinadamente me impacientava ao tédio. Eu parecia frio aos prazeres que antes estavam tão ao meu gosto.

Adelaide veio ter comigo, esforçando-se para disfarçar a voz. Ao reconhecê-la, minha alegria transpareceu, natural e viva, ao ponto de comovê-la: ela me tomou pela mão e me conduziu a sua irmã. Então, dancei com minha querida Ursule. Ah, meu amigo! Que enxurrada de graças! Se eu não a adorasse ainda, a partir desse momento, ela teria ali conquistado meu coração. Nos retiramos, em seguida, distantes, quando a maldita D** meteu-se entre nós. Teve ela a audácia de falar aos cotovelos certas coisas que eram claras apenas para mim, mas que não deixaram de me causar certa inquietação. Felizmente, alguém a tirou para dançar e esse alguém (que não era outro senão B**) não a deixou mais. Assim, ficamos tranqüilos até as 5 horas, hora de separar-nos. Nosso anfitrião era só gentilezas com este teu amigo. Falamos sobre ti; ele sentia minha ternura. Parecia me ouvir com prazer. Adelaide de tempos em tempos apertava a mão de sua irmã – por um instante, acreditei ver os olhos de Ursule úmidos pelas lágrimas, o movimento de sua garganta sobressaía... Ao mesmo tempo, sua expressão era terna e eu sentia tudo o que dizia. Não pude evitar, deixei escapar... Sabes como eu costumava escarnecer do pobre amante chorão diante de nós. Pois bem, meu amigo, eu o imito, mas em mim a emoção é deliciosa. Adelaide sorria e eu compreendia os suspiros contidos de Ursule. Que noite incrível! Foi rápido, as horas era minutos e tive a satisfação de perceber que Madame Des Tianges e sua adorável irmã não me aborreciam. Adelaide, enquanto regressávamos, me garantia que sem mim não teria ido à casa de B**, já que tu não estavas lá. Ela me contou sobre certas convidadas criadoras de caso, em um tom persuasivo, que me garantiu que se divertira.

Vejo Ursule três vezes por semana e meu respeito, assim como meu amor, não cessa de aumentar. Quantos obstáculos teria euevitado, se o destino me houvesse aproximado antes de madame Des Tianges! Por exemplo, não teria tido essa mulher como minha acompanhante, ou essa infeliz intriga com D**. Não a teria revisto mulher após a primeira vez que Adelaide me conduzira ao convento de sua irmã. B** me disse esta manhã que ela está furiosa – dificilmente me envergonharia, não se deve ter cautela com essas indecentes que se lançam à cara dos homens e os deixam com o mesmo descaramento. No entanto, se Madame Des Tianges e minha Ursule viessem a conhecer essa aventura... Eu gostaria de preparar o golpe. Pois conheço D**: se ela descobrir que passo em tua casa as horas que a ela dava, ela contará as

histórias mais estúpidas, os discursos mais impertinentes... E como ela não tardará a tomar conhecimento da verdade depois de tê-la visto no baile... É uma mulher em desonra e me perde para Adelaide e Ursule. Uma prostituta ou uma dançarina da Ópera são menos perigosas que tais mulheres... Meu Deus! Se minha adorável mestra acreditar que estive com D**, depois de lhe ter jurado uma ternura fiel e sem limites! Meu caro Des Tianges, tal ideia me faz tremer, me faz sentir o preço de uma conduta inocente... Não poderias tu arranjar algo... Não, não, espera, ainda. Talvez nada do que temo aconteça. Temo que cometeríamos uma desagradável indiscrição. Jantamos hoje à noite na casa de meu tio e Madame Des Tianges deverá levar Ursule.

Li tuas objeções, meu amigo, e como desejas que te responda, eu o farei. Tu me dirás se minhas respostas foram satisfatórias. De qualquer forma, creio ser necessário prestar contas dos motivos para cada Artigo: será um meio de prevenir as objeções que outros não falhariam em fazer se o Projeto saísse de tuas mãos; e de explicar alguns Artigos que possam porventura supreender ou causar revolta.

Quarta Sequência

RESPOSTAS A OBJEÇÕES

QUE PODERÃO SURGIR AOS ARTIGOS DO REGULAMENTO

CASAS

Art. 1º. Será necessário, inicialmente, apontar certas casas que não teriam grandes despesas. Não teriam, primeiramente, todas as comodidades, mas esperar-se-ia que o Estado lhes desse fundospara isso. Nesse período, as jovens, reunidas de todas as partes, seriam recebidas. Ter-se-ia a vantagem de começar a nova casa pelas recebidas conforme o colocado no Artigo 6º do Regulamento: tais jovens não teriam nenhuma relação comercial com as infelizes, incorrigíveis e corruptas que estão há tempos apodrecendo na lama (*).

(*) Imagino que, em Paris, o interior habitável das *Novas Câmaras de Comércio*[194] poderia em princípio ser usado para tal fim, sem que seja perturbada a importância de tais edifícios para a utilidade pública. Haveria o dobro de portões a todas as ruas que ali terminem: durante o dia. Todos ficariam abertos, mas se fixaria o horário de fechamento de tais portões à noite, guardados por dentro por uma Governadora. À primeira entrada, haveria um guichê (como os que introduzem os homens ao alojamento dos Cômodos de Trabalho) entre duas barreiras. Ali serão liberados os bilhetes e, para todo o resto, será seguido o Regulamento, na medida do possível. Será necessário, também, que haja ali uma Guarda – o que se situa próximo ao Oratório poderia ser transferido para lá. [Seria uma boa forma de iniciar a Reforma, ao impedir que as prostitutas infectem todos as regiões da Capital. Em Londres, o mesmo se passa nas numerosas vielas e praças na região de *Covent Garden* ou de *Leicesterfield*.]

Os Partênions, além das vantagens já conhecidas, ainda teria o efeito dos Conservatórios italianos, que são as casas onde se recebem as mulheres e as jovens que a miséria poderia atrair à perdição: ver o último dispositivo do Artigo 16.

JOVENS PÚBLICAS ATUAIS

Uma multa de 500 livres será aplicada, ou mais pesada, de acordo com as possibilidades dos delinquentes que, desprezando a lei, alojarem as jovens públicas já existentes. Essa é a forma mais eficaz. Dever-se-á pagar a recompensa prescrita ao delator em sigilo.

EXCLUSIVAS

Artigo 2º. Não creio que seja possível, de forma alguma, proibir a existência das jovens amantes exclusivas, como é possível com as jovens públicas. Isso deve ser posto à apreciação da boa administração do Partênion, cuja ação precipitada deve ser vista como odiosa e pouco praticável, visto que um grande número de mulheres e jovens corretas, porém vivendo em dificuldades, seriam submetidas a uma inquisição injusta e dura. Tal é remediado indiretamente pelos Artigos 18, 24 e 29.

NOVAS CASAS

Artigo 3º. Quando se deseja reformar, devem-se empregar todos os meios para que a reforma seja constante e de fácil manutenção. A vergonha está no vício, não na precaução tomada contra

[194] *Halle aux Blés*. A Câmara de Comércio foi inaugurada em 1767, a partir da compra do Hotel de Soisson pela cidade de Paris, em 1755. A Halle ficava no centro de Paris, au lado da coluna Médici. Foi demolida em 1887 Dulaure, J.A.*Histoire physique, civile et morale de Paris, depuis les premiers temps historiques jusqu'a nos jours*. Paris: Libraire guillaume, 1824, p. 12-14).

ele.

ADMINISTRADORES E GOVERNADORAS

Artigo 4º. Estas ideias não são originais. Já foram feitas anteriormente em outras cidades do Reino. Sobre esse tema, rever a primeira nota (L). Quanto às Governadoras, é evidente, no que tange às funções de sua posição, que esse trabalho não poderá ser feito por outras, a não ser as que eu escolher.

EXERCÍCIO – DINHEIRO – RESERVA DOS ADMINISTRADORES – SEUS PRIVILÉGIOS

Artigo 5º. O cargo de Administrador será executado com ordem e decência. Serão escolhidos entre os cidadãos mais corretos e livres de qualquer censura pelo Conselho Administrativo aqueles que devem governar os Partênions, administrar seus rendimentos, inspirar nos libertinos um medo respeitoso fundamentado pela conduta sábia. A disposição do Artigo, que lhe proíbe a entrada na casa, apoiado pelos Artigos 18, 24, 28, 29 e os mesmos que fazem transparecer sua sabedoria: tais homens sérios não podem ser suspeitos de amar uma jovem parthéniense. A última disposição não exige muito aos Administradores. Seria tão útil a eles como seria um arcabuz às companhias pouco recomendáveis.

SUJEITOS ACEITOS – ANONIMATO

Artigo 6º. O que prescreve o início deste Artigo ali está por duas razões muito poderosas: a primeira, de afasta a tentação de infringir o Artigo 1º; a segunda, para que não seja divulgado o segredo das famílias. A última disposição que observa a idade é essencial à organização proposta. Não obstante, poderia haver exceções pela beleza e talentos.

ISOLAMENTO DO PARTÊNION

Artigo 7º. Esta disposição poderia causar revolta à primeira vista. No entanto, é necessário que seja seguida à risca, seja para fazer cessar aos pais a esperança de uma vingança inútil, assim como para evitar escândalos dos quais eles mesmos serão os primeiros a se arrepender, assegurando, assim, a tranqüilidade do Partênion. Os pais serão privados do direito natural sobre as filhas, como punição por não haver cuidado de sua educação de forma suficiente.

FALTAS

Artigo 8º. É absolutamente necessário usar de muita indulgência em um estabelecimento como tal. O rigor seria impraticável e a razão é clara: *tome o mal menor como um bem*, é o seu lema.O Projeto, por si só, não é um bem; nada mais é que um redutor extremo de uma mal enorme que

todavia não se percebe e não se pode imaginar.

CRIMES

Artigo 9º. A mesma razão guiou este artigo. Se alguém visse uma Parteniense na forca, que efeito não teria isso no objetivo proposto, a não ser o de atrair todos aqueles lançados à prostituição por uma infeliz sombra, e lhes fazer enxergar nas casas um destino mais leve e mais vantajoso do que a que elas poderiam lograr por si ou com a ajuda de suas infames *mamães*. O Governo é obrigado a tolerá-las, malgrado seus crimes. Não me venhas dizer que eu proponho um manual para o vício. Na verdade, a razão demonstra que o estabelecimento que proponho jamais tentará a uma jovem correta. Ela terá prevenção suficiente contra a infâmia gerada por nossos modos e pelo mais abjeto estado. Quanto a todas as demais, será melhor que venham ao Partênion que a outros lugares.

SITUAÇÃO DOS PARTÊNIONS – CÔMODOS DE TRABALHO –CHEGADA DAS JOVENS

Artigo 10. Vou me repetir: devemos atrair os homens ao nosso estabelecimento não para lhes inspirar o amor à perdição, mas para desestimular a busca por jovens que serão para eles um meio de contágio. Quantos, hoje, após ter perdido a saúde, não transmitem uma vergonhosa doença às esposas virtuosas e oferecem ao Estado fardos inúteis! Tenho motivos para acreditar que, pelo prescrito neste Artigo e nos seguintes, tudo passará sem confusão e, sobretudo, o escândalo não será público.

DA APRESENTAÇÃO NOS CÔMODOS DE TRABALHO

Artigo 11. Este tem o objetivo já posto de tornar o estabelecimento acessível para que homens não busquem em outras partes.

ESCOLHA DO HOMEM

Artigo 12. Escolhê-la-á entre um sem-número de belas jovens. A jovem escolhida, por sua vez, não deve sentir repugnância por aquele que lhe escolhe. Um método como esse afasta a prostituição daquilo que há de feroz, brutal e revoltante.

ESCOLHA DA JOVEM – COMO RESPONDER À REJEIÇÃO

Artigo 13. Não há nada mais justo. Fazer retornar à natureza, tanto quanto possível, algo que desce tão baixo. A escolha do homem fora livre, assim como a da jovem. Se o Projeto não tivesse como objetivo o amor físico, essas objeções seriam certamente inúteis. Jamais gostaria

de ver rebaixado o homem dessa forma: a distinção entre o físico e o moral não existirá jamais no homem pensante. Para esse homem, amar é gozar; e gozar é amar. Não se deve imaginar que a forma proposta, por ser contrária a uma rejeição geral, gera algumas grandes dificuldades. De resto tais casos serão raros e se poderá, com certas especificações, empregar totalmente o modelo proposto. Este Artigo tem o apoio do Artigo 7º, o qual lhe rende uma fácil execução. Uma jovem que reconhecer um de seus pais ou amigos da família, o confessará à Governadora, para que a mesma não lhe faça escolher um número.

GUARDA – ENTRADA SEM ARMAS

Artigos 14 e 15. Estes dois Artigos têm por objeto a manutenção da ordem e da tranqüilidade e para isso não há como exagerar. Representam uma sequência aos Artigos 10 e 11.

BILHETES

Artigo 16. Os detalhes deste Artigo são necessários para que todos estejam certos de situar no Partênion aquelas que assim o desejam. Eu reforçaria, mesmo, que não devem ser excluídos os homens de certa posição, desde que evitassem o escândalo. Quantos, imprudentemente presos a uma perfeição quimérica, não percebem que, tomados por uma paixão furiosa, abusam da confiança e do segredo que certas práticas exigem, as quais não tenho a intenção de questionar a utilidade por levar a vergonha e o desespero ao coração dos pais desafortunados (nota N)! e que, antes de seu final, este Artigo revele mais um bem proporcionado pelo estabelecimento: um número de jovens será preservado desse risco e incorporados à sociedade.

TARIFA – CAIXA DOS RENDIMENTOS

Artigo 17. É certo que as jovens que viverem regular e propriamente atrairão assim o tipo de homem a quem eu destino as Aposentadas, que as infelizes sujas, bêbadas, corruptas; com aquelas, eles ficam. Os impostos dos três primeiros Corredores são o preço mais comum que se exige das jovens mais bem-sucedidas entre as que constituirão o estabelecimento proposto (nota A ao final). O Quarto corredor não tem preço fixo muito elevado para que os indivíduos convenientes que desejam prazer e que muitas vezes pagam caro com sua saúde. Será necessário que ele seja mais alto no Quinto, para afastar a multidão. Quanto ao Sexto, será novamente prudente de colocar a taxa em 10 luíses que em 4. O restante do Artigo prescreve as precauções que se deve tomar para que não se desviem as somas colocadas nos cofres dos Cômodos, onde se devem inserir os bilhetes. O Artigo também mostra a pertinência do Artigo 5º, que institui a pena capital contra o Oficial que deixar ver a folha de receita. O objetivo dessas precauções tomadas quanto à forma de guardar o dinheiro na primeira caixa é prevenir quaisquer

dificuldades que poderão surgir entre homens e Governadoras, pois no caso de lhe tentarem enganar, a Governadora teria sempre diante dos olhos a féria e não a faria cair no cofre até que o bilhete tenha sido entregue e o homem, liberado. Se ela trocar a ordem, será repreendida pelo erro e responsabilizada pela féria.

AMANTES EXCLUSIVOS – ALOJAMENTO DAS EXCLUSIVAS – ADMISSÃO DOS AMANTES OFICIAIS – PARA ESCOLHER UMA MULHER – OMISSÃO DE PAGAMENTO – AUSÊNCIA

Artigo 18. Este pode parecer contrário ao objetivo do estabelecimento e concordaria que há certa razão de se pensar assim, se não fosse mais que provável a casa tenha sempre indivíduos suficientes. Se poderia mesmo observar que o que proponho neste Artigo como um meio de impedir a ruína de certas famílias. Quantos homens são fisgados por sereias que sentem alegria e honra ao enganá-los, ao despojá-los. Aqui, tal inconveniente não terá lugar. Um homem, além de estar certo da fidelidade de sua amante, poderá pagar pela única despesa que a casa exige. Essa despesa tende a diminuir, já que não pagará mais que 42 livres por semana após sua amante ultrapassar os 16 anos, 33 liv. 12 s. após os 18 anos, 25 liv. 4 s. após completar 20 anos, 16 liv. 16 s. por aquelas em torno dos 25 anos, 14 liv. àquelas já passadas dos 30 anos. Não haverá taxa superior, para que eles possam conservar suas amantes. É também para favorecer os amantes exclusivos que se reduz o preço para 12 livres por dia para as jovens do Sexto Corredor epara 6 livres para aquelas do Quinto. Essa forma é muito correta e deve ser encorajada. O que disser respeito às crianças da casaé importante tanto para a satisfação doe seus pais quanto para sua dispensa da casa. As cláusulas seguintes terão por objetivo a prevenção da desordem que resultaria na liberdade dos homens de passar de uma amante a outra, bem como de de assegurar a execução do Artigo 28.

CASAMENTOS PERMITIDOS E PROIBIDOS

Artigo 19. A instituição proposta não deve favorecer uniões desonestas. Por outro lado, seria injusto privar de liberdade de escolha aqueles que sejam donos de si. Creio, contudo, ser absolutamente necessário declarar pleno direito a todo casamento contratado por um homem de distinção garantida por sua herança ou por sua posição, com uma jovem do Partênion.Se ele tivesse conseguido, dando nomes falsos, obter a permissão do Conselho Administrativo, a jovem jamais o teria visto. O Artigo em questão mostra claramente a necessidade de não se confiar a Administração dos Partênions a não ser a cidadãos da maior correção, ou seja, que estejam unidos à boa moral, suficientemente iluminados, para que possam julgar esses casos importantes.

GRAVIDEZ DAS JOVENS NÃO EXCLUSIVAS

Artigo 20. A razão mais natural prescreve tal conduta. As crianças serão dadas aos seus pais, pois na execução de meu Projeto, os pais serão responsáveis por todas as despesas e deverão desfrutar de todas as vantagens.

GRAVIDEZ DAS JOVENS EXCLUSIVAS

Artigo 21. Não há nenhum inconveniente na concessão destas prerrogativas a padres sendo amantes exclusivos. Este Artigo tem outras disposições que não parecerão claras. Ser-me-á pedido para explicar o significado desses pais que não podem contrair matrimônio, deixando metade de sua propriedade? Respondo apenas: os abusos reinantes são infinitamente mais perigosos que aqueles que eu proporcionaria e não há nada que choque mais a natureza ou mesmo a razão e as Leis Ancestrais (*).

(*) O Concílio de Trento debate se os sacerdotes podem se casar. Foi decidido pelo negativo, por razões aparentemente boas; pois é apenas uma questão de disciplina. O Sínodo Sagrado assim o decidiu por motivos humanos, com o auxílio apenas de conhecimentos naturais. Como consequêcia, houve um engano – esse é o sentimento de todos os teólogos. Li em algum lugar que Erasmo, o famoso Erasmo, falando de eclesiásticos e monges de seu tempo que eram casados, em vez de tratar com decência uma questão moral tão importante, divertiu-se a gracejar como um estudante. *At ista omnis tragedia*, diz ele, *exit in catastrophen comicam. Ubi contigituxor occinitur: Valete e plaudite*[195].

Um homem cujas virtudes, conhecimentos e morais ninguém jamais contestará, o abade de Saint Pierre, fortemente comovido pelas exigências da Natureza, dedicou um dos dias da semana à sua disseminação. (Dict. De l'Encyclop., verbete População).

É compreensível que os padres em questão evitarão o escândalo, que deverá sempre ser evitado em um Estado bem regrado.

SALAS COMUNAIS – NÚMERO DE JOVENS – EXERCÍCIOS E REFEIÇÕES – NOITES – ENCORAJAMENTO

[195] *At ista omnis tragœdia exit in catastrophen comicam. Ubi contigit uxor, occinitur, valete e plaudite. Unde tanta carnis rebellio, in his, qui se jactant agi spiritu Christi [Então, certas tragédias expõem tremendas comédias. Onde há uma esposa graciosa,há privação e desaprovação, de onde a maior lascívia se rebela naquele que zomba do Espírito Santo.].* No trecho, a citação de Erasmo de Roterdã está levemente alterada. O trecho, amplamente discutido em doutrinas de teologia, refere-se ao estabelecimento da supressão do sacramento do matrimônio para sacerdotes. Lê-se "*Então, certas tragédias expõem tremendas comédias. Onde há uma esposa graciosa, háperdas e aplausos."*

Artigos 22 e 23. Estes dois Artigos determinam o emprego de todas as horas do dia. Uma instituição sem regras cai em uma espécie de anarquia que arruína a utilidade de quem propõe dela sair. Ensinar-se-á às jovens tudo aquilo que venha a lhes tornar mais desejáveis. Para que não haja escândalo, faço conhecer o motivo.

PRIVILÉGIOS DOS AMANTES EXCLUSIVOS

Artigo 24. Este tem a intenção, mais uma vez, de tranqüilizar a casa e de dar liberdade aos homens para que estes prefiram freqüentar o estabelecimento e evitem assumir uma amante fora da casa. [É bom observar que a liberdade da qual desfrutariam as jovens Acompanhantes em relação ao amante exclusivo e os mimos que possam receber fará com que queiram sê-lo.Essas razões lhes impedirão de recusar um homem que de outra forma não seria de seu agrado].

PASSATEMPOS NA SALA COMUNAL

Artigo 25. Da liberdade. É o bastante não poder sair da casa, sem que estejam presas no interior. Também, para lhes obrigar de uma maneira eficiente a desfrutar das diversões permitidas, suprimir-se-á tudo aquilo que lhe possa desviar a atenção. Não se obrigará a ler ou trabalhar, mas se dará a alternativa: ou o fazem, ou se aborrecem.

FREQUÊNCIA COM QUE UMA JOVEM PODE SER SOLICITADA – FREQUÊNCIA DAS APOSENTADAS

Artigo 26 e 27. Muitas razões determinaram a proposta do Artigo 26. As jovens que constituem seu objeto de desejo são o motivo do retorno, e é de se presumir que elas não estarão com eles em excesso. Elas são poucas, uma proporção guardada com relação aos homens que não poderão persuadi-las. Certos homens de longe possuem menos fantasias e ficam geralmente mais satisfeitos que outros homens de posições mais elevadas. As Aposentadas estariam em grande parte responsáveis pela casa caso fosse de outra forma. Mas sua existência depende das primeiras. Aquelas que ali estiveram, no mesmo dia, uma ou duas vezes, poderão solicitar o fim da jornada permanecendo na sala comunal. Serão cuidadas e a Governadora Superiora dará a mais escrupulosa atenção à saúde dessas mulheres.

INFIDELIDADES

Artigo 28. A severidade deste Artigo representará uma questão de castidade no próprio seio da prostituição. A impudicícia é o abuso do ato de gerar: nada mais contrário à propagação da espécie. É por isso que os antigos moralistas recomendavam a pureza – os homens mais

virtuosos eram castos, Não seria a continência absoluta criminosa? Bem, poder-se-ia responder que essa é uma perigosa prerrogativa e que o efeito produzido sobre outros é excelente. A completa abstinência das mulheres não é prejudicial, ou seja, se é intenção ver a questão individualmente em vez de compreender que a incontinência pública de homens e mulheres teria efeitos aterradores coletivos, inclusive sobre as preferências, então o amor seria uma causa sem efeito.Mas o efeito do amor é produto do homem.

COMPORTAMENTO À MESA E OUTROS ARRANJOS

Artigo 29. Tudo isto seria necessário e deveria ser feito à risca. O Conselho Administrativo não poderá abster-se.

CUIDADOS, CAMA E LAVANDERIA – GASTOS COM ROUPAS

Artigo 30. A soma foi fixada, para cada traje, pelo Estatuto da Receita e Despesa (*).

(*) Ver o Estatuto: Carta nº 11, §5º.

É natural que seja livre a cada jovem a escolha dos tecidos e da confecção, o que lhe parecer mais vantajoso. As jovens destinadas ao matrimônio, ou à profissão de suas mães, conforme o Artigo 38, poderão se vestir com os trajes daquelas que deixarem o Partênion. Os trajes serão muitíssimo limpos, tendo em vista que as Governadoras obrigarão as jovens a esse cuidado.

BANHOS

Artigo 31. Os banhos não são, após o uso prolongado das roupas, frequentes entre nós. É certo que um banho morno favorece a transpiração e a eliminação de uma série de impurezas que causam depósitos indesejáveis e doenças muitas vezes mortais, sobretudo às pessoas sedentárias. Outra vantagem do banho para as mulheres é a de clarear a tez daquelas demasiado morenas (*).

(*) “A sujeira da pele, retida nos poros ou em sua superfície é capaz de produzir diversas enfermidades como cravos, abscessos etc. A sarna e a descamação são, sobretudo, efeitos dessa sujeira. Deve-se corrigir esses males limpando a pele exatamente ao banho, com fricções e outras maneiras apropriadas para se remover a sujeira da superfície do corpo. Os habitantes de países quentes, por razão do calor do clima, se banham também muito

frequentemente, para se proteger de certas doenças, método, aliás, preservado dos antigos." *Encyclopédie*.[196]

MAQUIAGEM

Artigo 32. Cosméticos em geral trazem mais malefícios que benefícios, especialmente às mais jovens. Enrugam o rosto, apaga as cores naturais e acelera o ar de decrepitude. [O Artigo anterior aconselha algo fora do comum: a omissão do banho não é correta e o uso do blush é pernicioso. Trata-se de restaurar as boas práticas e suprimir as más.

APOSENTADAS

Artigo 33. Um grupo de infelizes moradoras das margens dos subúrbios chega todas as noites aos grandes centros para transmitir sua corrupção aos homens úteis e robustos; e sua pouca sorte os fez servos da humanidade. Não me poderia furtar de dizer, de uma outra perspectiva para a sociedade em geral: o autor mais esclarecido (1) que o preguiçoso Burguês, o cauteloso Mercador, o impertinente Escrivão, o inútil Criado de Quarto: são eles que constroem nossas casas, cultivam nossos jardins, carregam nossos fardos etc. Devemos, então, abandoná-los desumanamente com o risco de os expor a uma paixão que triunfa até mesmo sobre os mais sábios? O abuso que reina hoje é muito maior, sem dúvida, que aquele repreendido por Columela quando diz que se fará um grande mal ao se permitir aos trabalhadores que se ocupam de obras mais necessárias os meios e toda a facilidade para ver as jovens alegres (2).

(1) "O necessário é menos que útil: marcha em um passo lado a lado com o justo, o correto e o santo"
(2) Quippe plurimum affert mali, si operario meretricandi *potestas fiat*[197] Cotumela. Livro II, I.

Essa máxima da sabedoria e da razão não será deixada de lado; disso o regulamento se encarregará. Um homem trabalhador – ou usa saúde – não será exposto nem à perda de tempo, nem à perdição. Repito: não é a libertinagem a favorecida – eu me desprezaria por tal pensamento. Esse é o mal que desejo diminuir, a doença que quero erradicar.

[196] Volume IX, Parte II, p. 862.
[197] "É danosa ao trabalhador a oportunidade de passar tempo na devassidão". A citação foi retirada de *De Agricultura (De Re rustica)*, de Lúcio Júnio Moderato Columela (4 -70(?) d. C.) (Livro II, cap. I, p.18).

DOENÇAS VENÉREAS

VISITADORAS

Artigo 34. Eis o principal objetivo da instituição: não se permitirá que um homem escolha uma jovem sem que se tenha certeza de sua saúde.

GRANDE GOVERNADORA, OU GOVERNADORA SUPERIORA

Artigo 35. É natural que o primeiro dos deveres da Governadora Superiora seja o de velar pela observação exata do Artigo anterior e à execução dos dois posteriores.

PUNIÇÕES

Artigo 36. Crê-se que nenhum auxílio deva ser dado aos miseráveis que se acham contaminados com a peste venérea, pois são injustos o suficiente para passá-la a outros. Inimigos de si mesmos o bastante para não buscar a cura e agravar o mal.

TRATAMENTO DAS JOVENS

Artigo 37. O cuidado dedicado às moças enfermas é um seguimento necessário para a instituição e objeto mais digno da atenção da Governadora Superiora e daquelas que lhe são subordinadas: a Administração fará um orçamento exato dos tratamentos e remediará rapidamente os abusos e as negligências que ali se tiverem introduzido. É a forma de evitar a rotina e a carência na atenção. Quanto ao resto, todos os Artigos são tão relacionados que a inobservância de um deles traria de pronto a violação de todos os demais.

DESTINO DAS CRIANÇAS NASCIDAS NA CASA

MENINOS (*)

(*) *Garse*, antes honesto, hoje injurioso, e *Garson* derivam de *Gars* (jovem homem). Prova quedevemos escrever *Garson* (em vê de *Garçon*) – como é feito nesta obra[198].

Artigo 38. Os homens são a riqueza do Estado e é multiplicando-os que um Príncipe aumenta

[198] Restif de la Bretonne escreve a nota para justificar a grafia *garson* usada em *O pornógrafo*. O fato de a forma feminina *garse*, em voga no século XII não carregava sentido pejorativo. Já no século XVIII, a forma em voga é o derivado *garce*, que carrega tanto o sentido original quanto o sentido de prostituta. A forma masculina é realmente *gars,* ou *jovem homem.* Pode-se inferir que Restif procura dissociar garços de garce, para dissociar o sentido do homem honesto do contato com a prostituição em seu modo mais literal. Mais sobre o termo em*Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500)* http://micmap.org/dicfro/search/dictionnaire-godefroy/garce, Corpus consultado em 02/01/2019.

seu poder. Que felicidade para o campo, nos quais as Milícias proporcionam, a cada ano, um novo temor do alistamento pelo Governo (*)! A vantagem que resultaria ao Estado seria imensa: seriam milhares de homens que restariam à cultura da terra, pois a maioria daqueles que a deixam não retornam mais, mesmo depois de expirado seu período de serviço militar. Em vez disso, se tornam desocupados, vagabundos ou depravados. Outros, longe das Milícias, teriam arado ou plantariam as vinhas – mas se acostumam nas cidades, cuja moleza lhes enerva.

(*) Introduzida após uns anos, a finalidade seria trazer as crianças abandonadas aos lavradores para que fossemformados no trabalho e deixar o destino nas Milícias aos filhos da casa. Esse é um encaminhamento ao que éproposto aqui.

São ainda homens perdidos para o Estado.

É de se convir que aqueles que foramriam os Partênions do Reino não seriam suficientes para manter o objetivo. É aqui que são indicados meios, mas não leis, para agrupar os meninos abandonados que perecem nas imediações do *La Pitié*[199], ou em outro daqueles hospitais das províncias do Reino. Passam a juventude a cardar a lã – creio que então encontraremos o suficiente para que se possa operar o bem proposto. Esses rapazes serão excelentes soldados, pois, desde a infância, são criados na submissão e na dependência absoluta e cega de estranhos, já que não têm pais ou relações. Seu único pai é o Estado, a pátria, o Reino. Estarão ao seu serviço por todo o tempo, enquanto tiverem forças para tal. Os soldados veteranos serão empregados em ocasiões difíceis, onde a experiência e a intrepidez em face ao perigo são importantes. Poder-se-ia arguir que essas tropas seriam, por sua formação, difamadas por outros. Não é, entretanto, digno de Deus que se veja o estado militar da França e da Inglaterra em indisciplina, com insultos galhofeiros dirigidos à mais brava gente, fazendo de seu nascimento um crime do qual não são culpados.

MENINAS

A segunda disposição trata das meninas. Algumas serão desgraçadas por natureza e serão aproveitadas pela casa. Outras escolherão o caminho que desejarem. Poder-se-ia dizer que o dote que proponho às jovens é considerável. Respondo: as jovens realmente belas serão no máximo a décima parte desse grupo de crianças; e creio que um Partênion bem regulado e bem administrado poderá dispor dessa despesa – é o que me reservo a provar novamente (Carta XI). É possível objetar, ainda, que há custos demais na casa: as Aposentadas, as enfermas, o

[199] Hospital parisiense localizado no Quartier Saint-Victor.

peculiar entretenimento das jovens na casa etc. Tais apontamentos são justos, mas há um meio de auxiliar a casa, caso ela o necessite: O *Hospital de Salpêtrière*[200] torna-se quase inútil: poremos em outro lugar as tolas que possam estar ali e se transferirá ao nosso estabelecimento os rendimentos daquela casa. Vou além: ouso sustentar que os Hospitais não mais preenchem, de forma alguma, o propósito que outrora tiveram por determinação de seus Fundadores e não mais oferecem o alívio que se imagina que os pobres ali busquem. Metade do Reino não encontra nenhum alívio, e é até melhor. Se se vive no Hotel Dieu, então, na hora certa e em uma cidade como Paris deve haver um lugar onde um indigente possa morrer tal como viveu (*): no seio do horror, nos braços do desespero.

(*) Seria possível dizer: onde se morre rapidamente. Existe em certa casa (e em outra) uma atenção muito particular para que não se deixasse definhar os pacientes, sobretudo os velhos.

Oh, triste humanidade! Onde estão seus frutos e suas florestas!... Todos os hospitais são prejudiciais, mantêm a preguiça e finalmente enganam o infeliz que descansa imprudentemente nesses estabelecimentos, tendo sido imprudentes no curso de uma longa vida. Eles aguardam a chegada da paz e do repouso final, mas não encontram senão um inferno antecipado. Digo por tê-lo visto: a morte é o menor dos males para aqueles que se arrastam em nossos hospitais. Sua extinção e a aplicação de todos os seus rendimentos em uma casa para as mulheres grávidas, às crianças abandonadas e à nossa instituição poderiam destruir um mal ao operar um bem maior. O que seria desses miseráveis, cujos ganhos são tão pequenos que dificilmente lhes proporcionariam o pão de cada dia? Se aqui fosse o lugar, eu responderia: Des Tianges, os bens imensos que possuem esses *mãos-mortas*[201]– qual será o destino de suas riquezas? Sem dúvida, sustentar em uma luxuosa indolência nossos prelados e ociosos e moles, esses inúteis Cartuxos, o sensual Bernardino etc. Uma nuvem de gafanhotos paira sobre os pobres, devora-os e ainda há surpresa quando morrem de fome! Se for este o lugar, eu direi: nós, financistas, colocamos em nossos parques... Não me calo: apenas acrescento que no

[200] Salpêtrière, na Île-de-France, é o hospital-escola da Universidade Sorbonne. Em 1656, Louis XIV tornou a fábrica de pólvora que ocupava o prédio em um hospício feminino.

[201] Mãos-mortas (mainmorts) eram os membros da Igreja Católica protegidos pelo dispositivo de direito de propriedade concedido pelo monarca. Não era possível aos mãos-mortas alienar ou vender suas terras, salvo em caso especiais. Tais disposições são apresentadas no Edito de 2 de janeiro de 1692, Art. 8º a 15.
DENISART, Jean-Baptiste. *Collection de décisions nouvelles et de notions relatives à la jurisprudence présente, par M. J.-B. Denisart, procureur au Châtelet de Paris, 1761. Disponivel em:* http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k206722n; http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2067231;http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k206724d;http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k206725s;http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2067265,. Aceso em: 02/02/2019.

próximo inverno terei destruído minha plantação de ***, minha grande extensão de terra, que será feita estéril para a agricultura.

Quanto à forma de se vestir das pessoas da casa, creio não haver nada mais a dizer. É absolutamente decente. Os que disseram que diferentes momentos requerem diferentes vestimentas certamente não aprofundaram bem sua ideia. Essa distinção entre os homens é odiosa, sobretudo nos costumes. A diferença serve apenas para alimentar a vaidade impertinente de um número de homens, ao mesmo tempo em que cobriria em confusão (fora de lugar, certamente, mas não menos dolorosa) o Terceiro Estado, mil vezes mais numeroso que os outros dois juntos. Assim, o gosto de um homem será satisfeito à custa de outros 999. Nunca semelhante lei fora tão viável – talvez no Marrocos, ou ainda, no desgraçado império Inca, após ser injustamente conquistado pelos Europeus.

AUTORIDADE DO CONSELHO ADMINISTRATIVO SOBRE OS FILHOS DA CASA

Artigo 39. A disposição deste Artigo retém os Partenienses (*) firmes em seu seu dever.

(*) Partenienses seriam os filhos das jovens do Partênion. Havia, em Esparta, jovens que assim eram chamados. Eis sua história:

Os espartanos fizeram guerra contra os Messínios. Presumiam que a guerra seria longa; que o tempo de guerra que os manteria afastados de suas mulheres ao prejudicaria a República, fazendo-a perder novos cidadãos. Os jovens solteiros retornaram à Esparta; e lhes foi solicitado que se deitassem indiscriminadamente com todas as mulheres, sendo a missão tão bem executada que, vinte anos depois, a Lacedemônia se viu diante da necessidade de expulsar todos os filhos assim feitos. Eram numerosos e não possuíam nenhuma herança a reivindicar. Tornaram-se, então, um problema para a República. Chamavam-lhes Parthénienses, do grego *Παρθένο*[202] (virgem): conhecendo apenas suas mães, que os deram à luz sendo jovens sem homem.

É de se esperar que os sedutores sejam geralmente punidos. Em um país onde as Leis e a Religião defendem o divórcio, faz-se necessária uma cura extraordinária: não conheço ninguém mais criminoso e desprezível que uma mulher que trai seu marido – a não ser seu sedutor.

ESCOLHA DAS GOVERNADORAS – SEUS DIREITOS – MESTRAS DE EXERCÍCIOS

Artigo 40. A esperança de se tornar Governadora e os meios de se ensinar Artes às jovens

[202] *Παρθένο* – parthéno.

dependerão do gosto pelas atividades. Tais recursos talvez sejam menos eficazes para conter as jovens que as punições, mas isso não constitui inconveniência.

DESTINO DAS APOSENTADAS

Artigo 41. É importante não assustar as meninas com a perspectiva de um futuro penoso.

VESTIMENTAS – JOVENS HERDEIRAS

Artigo 42. As jovens, uma vez na casa, não deverão sair jamais. Então, não haverá mais jovens públicas nas ruas e, consequentemente, as mulheres corretas não serão jamais confundidas com elas ou insultadas e, como conseqüência, não buscarão vingança. O escândalo será evitado, pois as prostitutas não mais estarão à mostra. Outra vantagem é que os homens evitarão o crime, sem a isca das jovens que eles buscame que despertam desejos latentes. Não haverá mais inconvenientes a se temer com a supressão da prostituição. As depravadas não terão como se dedicar à sua tendência. Terão, nos Partênions, meios sempre prestativos. O Artigo excetua da regra estabelecida aquelas com casamento acertado e as que perderam os pais e, herdeiras de bens suficientes à sua manutenção, deverão administrá-los. Não há nada mais justo ou razoável.O poder que a casa ainda terá sobre elas será necessário para contê-las ou fazer cessar certos comportamentos que nossa instituição deve a todo custo prevenir.

JOVENS QUE DESEJAM MUDAR DE VIDA

Artigo 43. Este Artigo oferece como dado em que espírito os Administradores devem governar a casa e a necessidade de se dar certa posição aos cidadãos virtuosos. Em geral, o homem digno faz sempre o bem; o patife faz sempre o mal.

O PARTÊNION FECHADO

Artigo 44. De dois males, melhor evitar o pior deles. Não ouça os entusiastas: esses tipos falam demais, gritam alto e não pensam jamais. Em Londres, onde os salões não funcionam aos domingos, se embebedam, festejam e se vão a ver as jovens alegres. Seria de mais valia freqüentar os Teatros e ver uma peça de Shakespeare ou de Dryden. Seria mais correto, sem dúvida, assistir ao *Caton*, de Joseph Addison[203], do que gastar todo um dia na taverna ou de sair

[203] Peça de 1715, a tragédia trata da dualidade do homem, em essencial em sua dimensão política, com o conflito entre o republicanismo e o monarquismo. ADDISON, Joseph. *Cato: A Tragedy, and Selected Essays*. Indianápolis: Liberty Fund, 2004.

em busca de uma briga de punhos.

COMUNIDADE ENTRE TODOS OS PARTÊNIONS

Artigo 45. Uma casa da província com muitas jovens deverá enviar algumas à capital e, antes de tudo, sem que uma Administração particular lhe possa recusar. Poder-se-ia mesmo trocar algumas recebidas dessas casas por outras recebidas de outras casas ainda, para evitar que as jovens encontrem conhecidos seus e isso tornar-se-ia absolutamente necessário no caso da Província. A Capital, carente de jovens, obtê-las-á dos Partênions das Províncias tanto quanto for necessário. Deve, portanto, ter esse privilégio.

[Certo número de homens da Capital, mais malignos que as prostitutas, perderá, com a nova instituição, seu meio de subsistência. Tais infames são comumente os autores de diversos crimes secretos – passam a vida em uma vil ociosidade. Todos os seus talentos se reduzem ao insulto e à covardia, como os assassinos. Possuem um nome que não é senão uma vergonha: *Machærophorus* (*)[204] não significa nada a não ser o mesmo que *Gendarme*: mas a palavra, retirando-se as duas últimas sílabas, fora degradada pelo seu novo sentido].

(*) Eis a etimologia do horrendo termo Maqu...

O dicionário da Enciclopédia dá ao termo Put... uma origem italiana, fazendo-a derivar de *Putana*. É possível também afirmar que vem do espanhol *Puta*. Na verdade, nem uma, nem outra é sua origem: vem do francês *Pute*, que se pronuncia *pout* ou *peut*, *peute* em diversas províncias – expressão proveniente do latim *Putidus* (*puant, puante*).

Não sei se fiz entender meu objetivo ao propor os 45 Artigos do Regulamento que enviei, meu caro, e nada essencial foi esquecido. É dado apenas aos homens merecedores de distinção na manutenção de seus negócios o direito de se pronunciar a respeito de tão importante

204 O termo ao qual provavelmente se refira Restif de la Bretonne pode ser encontrado no *Dictionnaire Universel, contenant généralement les mots français, tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des arts, etc. With a preface by P. Bayle, Tome 2 .Maquereau: qui tient un lieu de prostitution; qui fait métier de débaucher les filles; qui fait les intrigues; les allées et venues nécessaires pour cela*. [Cavala: quem mantém um lugar de prostituição; quem faz a profissão de aliciar garotas; quem faz a intriga e as idas e vindas necessárias para tal]. FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire Universel, contenant généralement les mots français, tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des arts, etc. With a preface by P. Bayle, Tome 2.* Haia, Roterdã: Arnoud & Reinier, 1701, p. 835. O mesmo term, com escrita idêntica ao do texto, pode ser encontrado no *Dictionarium Latinohispanicum Et Vice Versa Hispanicolatinum: Ad Haec Dictionarium propriorum nominum ex probatißimis Graecae et Latinae linguae authoribus addita ad calcem neoterica locorum appellatione concinnatum, Volume 1,* de Enio Antonio de Nebrija (1553), com o sentido de "aquele que malha o ferro e porta a espada (*interpretatur ferens ensem; interpretatur faber gladiorü, quo nomine fuit pater Demosthenis*). Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=EfRZAAAAcAAJ&dq=Mach%C3%A6rophorus,&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s

objeto; e aguardarei sua decisão respeitosamente, caso o torne público. Tentei não perder de vista a sábia máxima: *Não será o poder das leis a regular – ou mesmo destruir – as paixões*. Verás, por ti mesmo, se tenho satisfeito a todas as objeções que alguém poderia razoavelmente fazer. Oh, já são 8 horas – tenho que ir à tua casa. Adeus!

Bom dia, meu bom amigo, pois vejo o mostrador apontar 3 horas da manhã. Trouxe tua esposa e sua irmã da casa de meu tio à uma hora. Nos divertimos um pouco, como bem o vês. Retorno a ti, contudo, para encerrar minha carta antes de me deitar.

Nunca uma festa barulhenta me satisfez tanto quanto aquela ceia, quieta e séria, com um velho respeitável e em uma família sensata. A alegria brilhava, sim, mas tanquilamentr. Meu tio estava charmosamente humorado – não sei se ele percebeu meu amor por Ursule. Pareceu-me que seu júbilo foi dobrado ao ver a bondade, a ânsia que eu mostrei a essa amada jovem. Ele lhe dirigia a palavra uma e outra vez e sempre lhe dizia coisas lisonjeiras. Não posso expressar o quanto essa observação me fez feliz; pois, meu caro, ainda que eu seja rico e senhor de mim mesmo, sinto que minha ternura por minha família aumentou com o amor a Ursule e me encanto em não desagradá-los. Amanhã vou abrir meu coração. Não vou esperar pelo seu retorno para lhe contar o resultado.

Abraço-te mil vezes, Des Tianges. Minha amizade por ti é tão profunda que não consigo crer ser a adorável, a terna Adelaide mais próxima a ti do que o teu,

D'ALZAN

NONA CARTA: OS MESMOS.

9 de junho de 176...

Ontem pela manhã retornei à casa de meu tio , a quem não havia encontrado na véspera. Depois que nos pusemos a par das novidades e falamos sobre outras coisas, passei a tratar daquilo que ali me lovara. Ele me preveniu: "Tendes 25 anos, sobrinho meu, mas vos digo: é tempo de escolher – em vossa idade, homens não são mais noviços, sabe-se um pouco do mundo e das armadilhas a serem evitadas, bem como quais virtudes são importantes. Não sois, espero, um idiota que se enfeitiça por belos olhos: vos creio demasiado razoável por não buscar vantagensno objeto de seu afeto" –. Esse preâmbulo me surpreendeu e lhe quis interromper o discurso, mas ele me sinalizou para que o escutasse até o fim. – "Quando se casa, o acordo é duradouro. Não é, exatamente, como essas pequenas aventuras que tendes ao lado de [e aqui ele me faz uma longa enumeração de minhas notórias amantes e, para meu grande espanto, termina a lista mencionando D**]. É preciso que um homem correto ame sua mulher,

e nenhuma além dela. Tenho algumas opiniões sobre vós, D'Alzan, mas gostaria, antes de qualquer coisa, ter a certeza de que tereis por ela os sentimentos que ela merece inspirar. Ela é bela, rica e acima de tudo virtuosa, modesta e racional. Conheci sua mãe; apaixonei-me por ela quando éramos jovens e livres, os dois. Mas, outro ganhou seu coração – ele soube agradá-la mais. Senti a mais viva dor, mas enfim, a culpa é somente minha. Desde então, renunciei a qualquer compromisso que não me provasse tão satisfatório quanto o fora com ela. Minha estima e meu respeito não diminuíram em nada, deixei inclusive de frequentar os espaços onde pudesse encontrá-la. Por fim, ela enviuvou; assim que o luto cessasse e suas lágrimas secassem, lhe ofereceria minha mão e lhe rogaria que me permitisse ser o pai de seus filhos. Porém, ela morreu há anos, me retirando a esperança.

"Julgais que foi um golpe terrível para mim. Ela deixou duas filhas ricas aos cuidados de um sábio tutor e, ao vê-as crescer, pensava em vós – com relação à mais velha, especialmente, que veio a desposar um de nossos confrades, como sabeis. No entanto, seu casamento foi realizado abruptamente, de modo que eu não soube se as coisas estavam demasiado avançadas. Graças aos céus, a mais jovem não é em nada inferior à mais velha, nem em mérito, nem em beleza e melhor fazê-lo no momento certo para não ter de prevenir uma segunda vez. Passei ontem o dia todo na casa de Monsieur Laurens, amigo meu e padrinho daquela moça mais velha e tutor das duas irmãs. Compartilhei com ele meus pensamentos e nos encontramos nos gramados do Convento onde está a jovem em questão.

"Monsieur Laurens explicou a ela o motivo de nossa visita e logo que disse vosso nome, a amável jovem enrubesceu prodigiosamente. Nesse momento, ela estava mais bela que um anjo e não pude deixar de dizer a mim mesmo, '*Aquele sem-vergonha do D'Alzan tem sorte!*'. A jovem senhorita não nos concedeu uma reposta positiva, mas (nota, meu caro) ela nos recomendou à sua querida irmã, à qual se referiu como aquela que cuida de tudo. Ao ver o ar de satisfação que tinha, percebemos que nossa proposta não a desagradou. Iremos hoje à casa da irmã..." – "Perdoe-me a interrupção, caro tio, mas a iniciativa é inútil. Me desespero ao admitir que nossos pontos de vista não estão em acordo: eu a amo; se a palavra é capaz de exprimir tudo o que essa jovem me inspira. Quase tudo o que vós dizeis é apropriado, mas não para ela. Repito, caro tio, ou ainda, meu pai, pois vos dignais a falar por mim depois de tanto tempo! Minha sentença é pesada: não sou capaz de provar minha deferência a vossas menores vontades. Mas não sejais definitivo, pois já amastes." – "Seria D**", redarguiu meu tio com humor, "quem vos faz falar tais coisas? Se eu acreditasse em tais palavras! Meu querido filho, penso que não podes amar aquela mulher desprezível sequer por oito dias, terias tamanha persistência..." – "Não me entendestes, senhor", a ele expliquei, "não tive mais relações com

D** de forma alguma, depois que conheci o tocante objeto que me encantou.". – "Nesse caso, tendes razão. O que eu possa dizer não comoverá Madame D**. Quanto àquela a quem vos entregais..." – "Meu tio, ela pode ser encantadora, mas contra ela estou prevenido, como já o disse" – "*Ela pode ser encantadora!* Sinceramente, D'Alzan, sois incompreensível! Sempre atrás das mulheres, das quais diz franca e diretamente "ruim com elas; pior sem elas". Como não serem enganadas, se sua vaidade as faz crédulas – eu próprio não me engano quando vejo? Por exemplo, outro dia estáveis comigo e com aquela jovem com quem vou falar. Eu jurava que a amáveis – inclusive falei dela à Madame Des Tianges..." – "Que me estais dizendo? *Mademe Des Tianges!* Aquela que me prometeis é *a irmã de Madame Des Tianges!*" – "Mas o que há pois de tão surpreendente? O que está acontecendo?" – Eu já estava de joelhos, meu bom amigo. "Ah, senhor!", gritei, "e a ela que amo!".

Imagine, meu amigo, as diferentes situações pelas quais passei – meus sustos, minhas apreensões e a alegria que senti ao mesmo tempo. A causa do mal-entendido é o nome Laurens, que meu tio deu ao teu pai, não é sabido por ninguém – tu não me disseste nada sobre isso. A satisfação de *Monsieur De Longepierre* seria também verdadeira e quase tão viva quanto a minha. Ele me fez mil gentilezas e pretende me deixar todos os seus bens com herança. Agora, me faz a gentileza mais considerável: fazer de Ursule sua filha. Nossa união trará de volta a felicidade da qual ele fora privado.

Combinamos de ir ver Madame Des Tianges para avisá-la da visita de Monsieur Longepierre. Fui para casa – era cedo demais – e lhe escrevo enquanto aguardo o momento de receber as boas notícias com minha melhor amiga. Eu acho que ela já sabe da abordagem de meu tio ao teu pai. Meu amigo, como o coração me bate forte! Aparentemente, vou informar à Madame Des Tianges que amo Ursule... Tenho medo... Oh, adorável acanhamento! Me prova, meu caro, que amo Mademoiselle De Roselle como ela deve ser amada. A hora não passa, meu mostrador está parado, parece... Te deixo.

Ah! Des Tianges! Des Tianges! Veja, o bilhete! E é de tua esposa!

BILHETE
DE MADAME DES TIANGES à D'ALZAN

Sois, para mim, um ser incompreensível. Fizestes um gesto brilhante junto a Ursule para vosso tio e para o pai de vosso amigo. Garantistes a mim mesma a ternura mais real por minha irmã e tudo isso ao mesmo tempo em que uma intriga criminosa e desonrosa vos conecta

*com... Deixai-me dizê-lo, senhor? Com D**, com uma mulher depravada e que causaria arrependimento em quem o duvidasse. Ah, D'Alzan! Adelaide não lhe teria acreditado duas-caras, meliante, sedutor. Ela jamais poderia supor o quão fraco, ligeiro e estragado sois. Ingrato! Era necessário escolher a irmã de Monsieur Des Tianges, de vosso amigo, como infeliz vítima de vossa hipocrisia? A pobre Ursule! Não mereceis as lágrimas que ela derrubará. Ouvi, vós que decepcioná-la-eis, que traireis minha confiança e minha amizade, a de meu marido, o que há de mais sagrado entre os homens, pois abusardes do amor. Não apareçais jamais diante de Ursule ou de mim – vos peço como uma graça. E, se ainda não for o suficiente... Eu a defenderei. – sempre.*

ADELAIDE DES TIANGES

Meu querido amigo! Morrerei antes de tua chegada! Ursule me achará falso, vil... Minha conduta passada não a tranquilizará... Des Tianges! Eu daria todo o meu sangue. Não obstante... oh! Tal ideia me mata... Um momento... Que Ursule me ouça por um momento... Escreve-lhes... Apressa-te para escrever e explicar... Sou inocente, tu o sabes, mas elas se recusarão a entender... Madame Des Tianges... ah! É a virtude, a amizade, aquilo que ela crê traídos, que me vai proibir a entrada... Ursule... Meu amigo, estou tomado, minha mão, todo o meu corpo, me subiu um tremor tão violento... Não posso mais escrever. Adeus, adeus, querido amigo.

D'ALZAN

DÉCIMA CARTA: DE MONSIEUR D'ALZAN DE LONGEPIERRE a DES TIANGES
Mesma data, à noite.

Escrevo apressadamente, Monsieur, muito triste e aflito. Vossa família e a minha cercaram a cama de Monsieur D'Alzan, vosso amigo, meu pobre sobrinho. Ele ficou muito mal esta manhã, às 10 horas. Conheceis essa impudente Madame D**. É ela, é esse o tipo da escuridão que o reduz ao estado em que ele está.

Menos de duas horas antes, eu havia saído. Havíamos concordado em vir até vossa casa. Não compreendo: estou atônito por não vos haver encontrado e mais ainda, pela fria acolhida de Madame Des Tianges, que, para mim, estava ciente de nossa conversa da manhã. Rogo-vos, após esses primeiros cumprimentos.

Vossa esposa me responde que não crê que Monsieur D'Alzan deva voltar àquela casa. Continuo confuso: peço à Madame Des Tianges que me conheça melhor. Ela me pede

para que a deixe e me envia a meu sobrinho que me explicará, acrescenta ela, muito melhor que ela jamais poderia fazer.Já incomodado por um acontecimento tão fora do comum, eu corro para a casa de seu amigo, e eu acho que ... Ai de mim! Eu não tive forças para pronunciar uma palavra sequer: o estado em que o vi me surpreendeu. Ele acaba de entrar: a porta de Madame Des Tianges lhe fora recusada. Sua perplexidade era nítida.

Ele sequer me reconheceu, não me via! Estava com muita febre, soluços, longos suspiros, essa foi a imagem que vi. Eu permaneci ali, a ajudá-lo em sua cama. Depois de alguns momentos, ele me reconheceu, me apertou a mão, mas sem nada dizer ainda. Vi em seus olhos que ele procurava algo. Olhei naquela direção e ali estava uma carta aberta em sua mesa, que parecia ser o seu foco. Peguei a carta, que explicou o que se passava. Perguntei, então, ao pobre enfermo se era aquilo o que o pusera em tão miserável estado. Ele me responder que sim. Assegurei, então, que poderia explicá-lo a Madame Des Tianges e sua irmã.A promessa causou nele alguma reação. Ele me disse, em uma voz fraca: “Ah! Depressa, meu querido tio, se ainda houver tempo, é absolutamente necessário que eu as veja e lhes fale. E que eu morra se não conseguir convencê-las de minha inocência”.

Sem demora, fui à vossa casa e surpreendi Madame Des Tianges: –“Salve meu sobrinho, Madame”, eu exclamei, “vosso bilhete o colocou em um estado que vos aterrorizará. Trazei Mademoiselle De Roselle convosco, ele deseja falar com ambas para destruir as calúnias que o prejudicam – ou para morrer. Eu respondo por sua inocência. Fostes enganada. Vinde! Eu vos imploro, pretendo esclarecer tudo isso”. Expressei-me com tamanha veemência que não reparei na impressão deixada por meu discurso em Madame Des Tianges – ela estava pálida e trêmula. – “Ah, senhor que está passando? Vamos, senhor, partamos imediatamente, para onde desejar. Partamos em vossa carruagem e apanharemos minha irmã no caminho”. No caminho, ela me fez inúmeras perguntas e eu a satisfiz como pude com respostas, tendo em vista o problema em que estava. Ela me contou sobre D** e me disse que essa mulher tinha vindo encontrá-la sozinha e, para provar o que dizia, mostrou os bilhetes escritos por meu sobrinho, as coisas que havia dito a ela, sendo o último bilhete, extremamente explícito, com data da véspera. Assegurei-lhe, então, que a data havia sido alterada, ou que talvez o bilhete houvesse sido adulterado. Também lhe disse que o que tinha acontecido entre D’Alzan e mim naquela mesma manhã.

A seguir, chegamos ao Convento de Mademoiselle De Roselle. Madame Des Tianges lhe contou o que passava em poucas palavras. Na minha própria infelicidade, senti um raio de alegria por saber que meu sobrinho não era um ingrato.

Assim que entramos na câmara de D’Alzan, ele pediu para que eu os deixasse sós.

Não posso me lembrar do que aconteceu sem que me venham lágrimas: meu sobrinho se justificou totalmente, enquanto a adorável esposa de Monsieur Des Tianges e a bela Ursule não se furtaram em consolá-lo. Como fico tocado quando me recordo! Se meu querido D'Alzan se recuperar (não se deve ocultar que os médicos não ousam afirmá-lo), digo, se ele se recuperar como espero pelos ternos e bondosos cuidados das duas irmãs, verá que o acidente é, de fato, uma felicidade. Desejava desculpar-se inteiramente, embora Mademoiselle De Roselle e Madame Des Tianges o tivessem proibido. Ainda assim, ele mostrou a carta que D** lhe escrevera em resposta ao seu bilhete, datado um mês antes de vossa partida para Poitiers.

Os servos de meu sobrinho avisaram a toda nossa família e todos correram a vê-lo. Não sei a razão, pois se todas as visitas que D'Alzan queria se resumiam a duas. As demais eram inconvenientes e me livrarei delas.

22 horas

Acabo de ver meu sobrinho. Todos se foram, menos aquelas que lhe dão vida. Quando já estavam longe, as convulsões que o haviam tomado pela manhã voltaram com força. As duas irmãs permaneceram sentadas em cada lado da cama; e a alegria que sua presença causava acalmouseus sentidos por demais agitados. Ele acaba de adormecer e os médicos cuidam dele. Ao primeiro prognóstico positivo, Madame Des Tianges tirou de seu dedo um anel de diamante, e o deu àquele que acabara de falar. Imagine o quanto tal ato me deu prazer. Será a primeira coisa que D'Alzan verá ao despertar. Estou tão satisfeito por ter algo bom para dizer, por fim. Seu perfeitamente, etc.

D'ALZAN DE LONGEPIERRE

DÉCIMA-PRIMEIRA CARTA: DE D'ALZAN a DES TIANGES

13 de junho.

Acabamos de receber tua carta, meu bom amigo. Tua esposa me dá permissão para escrever-te.. Isso te convencerá muito mais do que qualquer outra coisa – a eficiência de seus cuidados e dos cuidados de minha adorada esposa. Não, querido irmão, nada vai separar D'Alzan da Ursule que ele adora. Ontem pela manhã, fizemos o juramento sagrado que nos une por toda a eternidade.

Eu já estava muito melhor e poderíamos ter esperado por ti. Meu tio teus pais e os meus eram de igual opinião, mas Adelaide queria que a cerimônia ocorresse em meus aposentos. Quantas bênçãos! E como me é cara a mão que recebi! Por toda a minha vida vou

considerar Madame Des Tianges como a uma amiga inestimável, uma irmã querida, uma mãe adorada, uma divindade do lar.

E minha esposa? Ah, Des Tianges! Meu coração nada num mar de volúpia! Felicidade é estar ao lado dela, ao seu seio de alabastro que tu conservavas até minha chegada. Após nossa união, tudo melhorou. Ainda estou enfermo, mas me sinto melhor que nunca. Desejei com todo o ardor de que sou capaz, a mão de Mademoisele De Roselle em casamento e, depois que eu a obtive, sinto minha felicidade mais plenamente do que jamais desejei. Pois, meu bom amigo, eu não conhecia todo o mérito e todo o valor daquela a quem já idolatrava. Ó, mulheres! Sois encantadoras! Vós tendes, sem dúvida, o equilíbrio entre o divino e nós! Quem jamais foi amado por uma de vós, não viveu, apenas vegetou; e a vida, essa doce calor da vida, nunca foi sentido. Como há homens que temem a deliciosa união entre duas almas intimamente unidas na mesma afeição, nos mesmos bens, para os inocentes que lhes devem a existência! Em uma palavra: pelas leis mais sagradas da sociedade! Se for possível formar uma ideia sobre o que passa, do que sentimos, nós dois, caro Des Tianges, logo se renunciaria ao erro que lhes custaria a felicidade.

Esta carta não te encontrará em Poitiers. Eu a enderecei para o posto de Correspondência de Blois. Tua premente impaciência nos deu o maior prazer!

É evidente para tua esposa e para teu amigo que sabemos que não podes esperar mais um dia, nem um sequer, para ser informado de tudo o que se passou. Ela está exultante, querido Des Tianges: verás, à sua chegada, apenas os sinais da alegria mais intensa. Veja, sua esposa vem escrever...

DE MADAME DES TIANGES

Tu nunca foste tão desejado, meu adorado marido. Venha me libertar de todo o sofrimento que teu amigo me causou. Ele está feliz agora, mas se o tivesses visto... Ele é inocente como uma criança e eu lhe perdoo tudo. Eu não tinha como me consolar; minha irmã também se desesperou, ainda que o disfarçasse. Eles me causaram pena e amor, de todo o meu coração, como antes. Adeus, meu querido. Espero, com toda a força, beijá-lo em breve.

ADELAIDE DES TIANGES

DE MADAME D'ALZAN

Venho, caro irmão, para me justificar dos crimes dos quais minha irmã me acusa. Eu sou a responsável! Eu! Ela vos poderá contar! Pois bem, ela vos engana, creia-me. Não se magoa a quem se ama, penso eu, ou ainda, apesar de pensá-lo. Por essa razão, deve-se perdoá-

lo.Não posso suportar a ideia de haver causado um problema, por menor que tenha sido, à minha adorável irmã. Minha querida Adelaide me fez aquilo que não tive forças, quando o céu levou nossos pais. Tê-la aflito! Jamais, jamais eu o quereria! O que seria se eu vos dissesse... Ela me impede de escrever, não deseja que eu diga. Bem, me ponho em silêncio.

Estou muito feliz com alguém que amais: tem, por minha irmã e por mim, os sentimentos que eu sempre desejei e o dono de todo o meu coração, de toda minha ternura. Eis meu prêmio. Ninguém, além de minha irmã... Espera, ela não me olha mais: entenda que sou eu a consolá-la. Ela não poderia se perdoar... Ela está retornando... Agora posso retomar.

Ninguém, além de minha irmã, vos é tão sincera quanto esta vossa,

URSULE D'ALZAN

DE D'ALZAN

Elas tiraram-me a pena, meu caro; disputamos o prazer de falar contigo. Esta carta te deixará mais humorado, pois acabas de ver todos os personagens daquela que faz de ti o mais afortunado dos maridos. Para lhe provar que estou me comportando o melhor que posso, depois daquela violenta comoção, aproveito o tempo para finalizar o meu Projeto. Tu te divertirás ao verificar meus cálculos confortavelmente em tua cadeira. Também espero que possas encontrar o momento de estar conosco.

Quinta sequência

COMPENSAÇÃO

DO PRODUTO DE DIREFENTES CLASSES A PARTIR DAS COBRANÇAS DOS PERTÊNIONS

Parece muito provável que o número de moças tanto Públicas quanto Exclusivas chega, no Reino, a 30.000, estando 20.000 somente na capital e 10.000 nas Províncias. No entanto, não estabelecerei minha instituição com um número tão elevado. Suponho que haveria, na cidade de Paris, 12.000 jovens tanto públicas quanto exclusivas – um pouco mais da metade do restante do Reino. Apesar do bem-estar que o Estado há de proporcionar às Partenienses, não tenho dúvidas de que a defesa da existência da casa é a incapacidade das jovens em se livrar da degradação, funesta acompanhante da prostituição. Mas isso não reduziria o número de desafortunadas. Eu ainda deixaria mil, para colocar todas à menor taxa. Teremos, em toda a extensão do Reino, 17.000 jovens que poderão ser levadas aos Partênions.

Já foi provado pelas novas Pesquisas sobre a População de Monsieur Messence

(*)[205] que apenas 1/3 dos homens atingem os 45 anos de idade. Tal regra geral deve ser aplicada às jovens públicas: quando a escolha das Aposentadas for feita, conforme o Artigo 33, restarão no máximo mil jovens, em toda a extensão do reino, dependentes do estabelecimento. E teremos todos os dias uma renda que excederá sua despesa.

(*) Paris, Durand (sobrinho), Rua Saint-Jaques, 4.

TABELA

Aposentadas: 6 sous

500 (empregar 400) por dia: 120 livres

Aposentadas: 12 sous

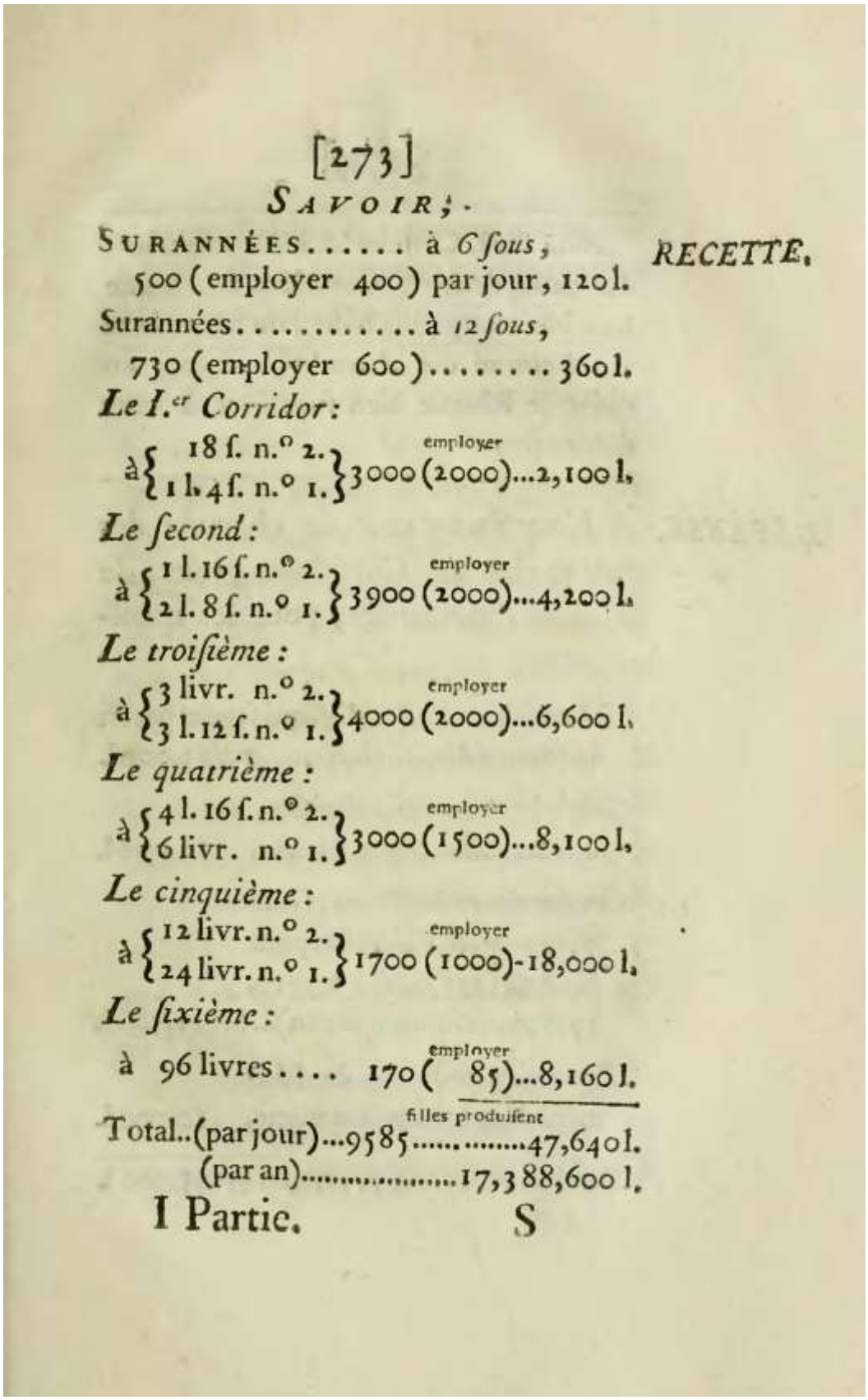
730 (empregar 600): 360 livres

Primeiro Corredor:

- 18 sous, nº 2

[205] O livro em questão é de Louis Messance, *Recherches sur la population des généralités d'Auvergne, de Lyon, de Rouen et de quelques provinces et villes du Royaume, avec des réfléxions sur la valeur du Bled tant en France qu'en Angleterre.* A edição é de Paris, 1766.

- 11.4s., nº 1	3.000 (2.000) = 2.100 l.	
Segundo Corredor:		
- 11.16s.nº 2		
- 21.8s. nº 1	3.900 (2.000) = 4.200 l.	
Terceiro Corredor:		
- 31. nº 2		
- 31.12s. nº 1	4.000 (2.000) = 6.600 l.	
Quarto Corredor:		
- 41.14s. nº 2		
- 61. nº 1	3.000 (1.500) = 8.100 l.	
Quinto corredor:		
- 121. nº 2		
- 14 l. nº 1	1.700 (1.000) = 18.000 l.	
Sexto Corredor:		
- 96 livres	170 (85) = 8160 l.	
Total (por dia):	9.585 jovens	47.640 l
Total (por ano)		17.388.600 l.



[273]

SAVOIR;

RECETTE.

SURANNÉES..... à *6 ſous*,
500 (employer 400) par jour, 120 l.

Surannées..... à *12 ſous*,
730 (employer 600)..... 360 l.

Le I.er Corridor:

à { 18 ſ. n.° 2. / 1 l. 4 ſ. n.° 1. } 3000 (employer 2000)...2,100 l.

Le ſecond:

à { 1 l. 16 ſ. n.° 2. / 2 l. 8 ſ. n.° 1. } 3900 (employer 2000)...4,200 l.

Le troiſième:

à { 3 livr. n.° 2. / 3 l. 12 ſ. n.° 1. } 4000 (employer 2000)...6,600 l.

Le quatrième:

à { 4 l. 16 ſ. n.° 2. / 6 livr. n.° 1. } 3000 (employer 1500)...8,100 l.

Le cinquième:

à { 12 livr. n.° 2. / 24 livr. n.° 1. } 1700 (employer 1000)-18,000 l.

Le ſixième:

à 96 livres.... 170 (employer 85)...8,160 l.

Total..(par jour)...9585 (filles produiſent).....47,640 l.
(par an).....17,388,600 l.

Figura 9: Receita estimada do Partênion, página 273 do original de 1769.

[274]

Nota Benè. Comme les *Filles entretenues* des deux derniers Corridors ſont à une taxe beaucoup plus baſſe, on ne parle ni des *Nuits* ni des *Amendes*, qui font un objet de Recette bien ſupérieur à cette diminution.

DÉPENSE. L'ENTRETIEN de chacune des filles, des ſix Corridors, pourra ſe monter, par année, pour les habillemens,

(*à Paris*) à.....500 liv. qui feront par an la ſomme de.....7,885,000 l.

Celui des *Surannées* choiſies, à.....300 liv..... 369,000 l.

La nourriture des Filles, Gouvernantes & Maîtreſſes pour les Arts (par jour) à 1 livre, 17,000 perſonnes (par an)... 6,241,500 l.

L'entretien ordinaire des Bâtimens dans tout le Royaume, 50,000 l.

Total..... 14,545,500 l.

Figura 10: Despesa estimada do Partênion, página 273 do original de 1769.

N.B.: Como as exclusivas dos dois últimos Corredores estão com uma taxa muito baixa, não se fala sequer de noites ou de multas, que representam objetos de receita bem superiores a esses.

A MANUTENÇÃO de cada uma das jovens dos seis Corredores poderá ser elevada ANUALMENTE.

Gastos com roupas em Paris:	500 l.
Por ano:	7.885.000 l.
Gastos com as Aposentadas selecionadas:	300 l.
Por ano:	369.000 l.
Provisão de Jovens, Governadoras e Mestras em Arte: 1 livre por dia	
Por ano (17.000 indivíduos):	6.241.500 l.
Manutenção comum aos edifícios em todo o Reino:	50.000 l.
Por ano:	14.545.500 l.

N.B. Nenhuma diminuição será feita para as Exclusivas que já serão vestidas e alimentadas etc. por seus amantes exclusivos.

As vestes e a alimentação de Trabalhadores e Trabalhadoras serão compensados com seu trabalho. É por tal razão que não é exato incluir sua produção no Artigo da Receita. Pela mesma razão, não mencionei a compra dos fios, sedas e lãs necessárias para a fabricação dos materiais e a confecção das roupas. Deve ser compensação suficiente para a diminuição considerável no custo das roupas,com a economia na confecção e na tecelagem.

É importante apontar que dentre 17.000 jovens deverão ser empregadas apenas 9.585, de modo que o Estabelecimento seja igualmente composto por jovens Públicas e Exclusivas. Haverá, assim, muito mais rendimentos do que esses que aponto e pode-se observar o total da receita sendo um terço mais baixo e que não comumente subirá de valor, enquanto aquele da manutenção comum é bem mais alto dentro de certas possibilidades nas casas mais populosas, onde a multidão de bocas necessariamente diminuirá a despesa de cada indivíduo.

Consequentemente, o estabelecimento deverá ter, ainda, após todas as despesas, uma receitamaior que a de 2.743.100 livres, a qual, espera-se, ultrapassaria a despesa, de acordo com minha hipótese.

Esta é a base que garantirá o abastecimento de remédios para as diversas doenças, o financiamentodas mensalidades da ama, o casamento das jovens nascidas na casa, quepuderem se casar e, finalmente, o cuidado das inúteis Aposentadas.

As 9.585 jovens poderão gerar, em um ano qualquer, 4.000 bebês, que viverão um ano (vê-se que essa é somente uma aproximação: pois de cada mil crianças que morrerão neste primeiro ano, muitas viverão apenas um dia, uma semana, um mês etc.), 3.000 viverão três anos (e ainda é bastante) e 2.000 que chegarão à adolescência. Por 6 livres por mês *per capita*, ao primeiro ano, os Partênions de todo o Reino gastarão 288.000 livres. No segundo ano, o custo será de mais da metade, ou cerca de 450.000 livres. Ao terceiro ano, de cerca de 576,000 livres. Ao final de oito anos, de cerca de 1.200.000 livres. O imposto sobre esse custo permanecerá, aproximadamente, em 1.500.000 livres, já que, conforme as crianças vão crescendo, elas deixarão de ser dependentes da casa, deiaxndo-a ou contribuindo com seu trabalho. Aqui se considera o pior, pois se supõe que nenhum pai seja encontrado para criar seu filho, Permaneceria, assim, a última hipótese: 1.243.100 livres para as Aposentadas e para os casamentos. Porém, está provado que o excedente da receita deve ser muito maior.

Resumamos: eis um meio praticamente infalível de aniquilar o fermento venéreo, de banir da Europa esse monstro originado em outro clima, de diminuir o escândalo da prostituição, de acabar com a indecência dos costumes e, indo ainda além, de fazer do Estado um berçário de sujeitos que não dependerão financeiramente dele, ao passo que terá sobre esses mesmos indivíduos um poder ilimitado com base na união de seus direitos paternos com os direitos soberanos.

Repito: o Projeto não seria executado sem alguns inconvenientes. A prostituição, abertamente tolerada, pareceria autorizada. Seria inconveniente? Caso seja, não é suficientemente compensado? Pois bem, ela proporcionará um bem efetivo; e o mal será, por assim dizer, especulação. Além disso, onde não há inconveniências? Que me mostrem uma empresa, uma lei – mesmo aquela do perdão dos pecados – assim tão sagrada, que coloca Sócrates acima de todos os homens. Leis cujo Deus nos dá modelos heroicos e respeitáveis (*). Que me mostrem uma, que não sejam as suas próprias e das quais não se possa sempre dizer:

Quam mala sunt vicina bonis! Errore sub illo pro vitio virtus crimina saepè tulit.[206]

[206] No texto de Ovídio, o trecho citado difere um poudo do apresentado por Restid de La Bretonne: *Et mala sunt vicina bonis; errore sub illo / Pro vitio virtus crimina saepe tulit.*
[Mal e bem, igualmente, caminham lado a lado. E, ao trocar um pelo outro, a virtude frequentemente é culpada pelo vício.] (Ovídio, *Remedia amoris*, linhas 323, 324 – tradução minha). A variação proposta por Restif de la Bretonne oferece um sentido levemente diverso: "Qual o mal que se torna bem! No erro, a virtude frequentemente é culpada pelo vício".

(*) Crates de Tebas, discípulo de Diógenes, o Cínico, deu um excelente exemplo de moderação que os cretenses em quase nada imitaram: um certo Nicodromo lhe dera um golpe tão violento que lhe inchou a face. Crates se limitou a escrever, em sua face, as palavras: ESTA É A MÃO DE NICODROMO (*Nicodromus fecit*), alusão ao costume dos pintores. Foi esse pobre Crates aquele a quem HIpárquia não se envergonhou de amar, depois de ele haver vendido seus bens e lançado o dinheiro da venda ao mar, gritando: *Eu sou livre!*[207]

Madame Des Tianges me chama a atenção. Meu caro, ela me diz que não devo passar um longo tempo a escrever; e minha amável esposa faz coro com sua irmã. Temo irritá-las: termino aqui minha carta.

***

Neste momento, é possível ouvir o som de uma cadeira no pátio. Madame Des Tianges abre uma janela: – Ei-lo, ah! Ei-lo!, grita. E sem outras palavras, se lança diante do esposo.

Monsieur Des Tianges, prevenido pela carta do tio de seu amigo, havia encontrado uma forma de antecipar seu retorno. É impossível descrever a alegria causada pela feliz chegada. E tudo foi ainda mais animado por haver sucedido à dor mais amarga. O amor, a amizade e o reconhecimento hospedarão Des Tianges. Ele encontra seu querido D'Alzan, tão feliz quanto ele próprio. Ele vê novamente seu amigo, porém, desta vez, seguindo o caminho da virtude, amando constantemente sua esposa, merecedor de sua felicidade.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

[207] A versão de Restif de la Bretonne não é a corroborada por Diógenes Laércio em *Vitae Philosophorum* (século III d.C., primeira metade, impreciso). Ali, a versão sobre a pobreza de Crates vem do fato de haver convertido suas posses em talentos e distribuído o dinheiro aos cidadãos de Tebas (p. 447). O mesmo se dá sobre o golpe de Nicodromo, o Harpista: após a briga, Nicodromo escreveu o texto em um pergaminho e o colou em sua testa (p. 449) LAERTIUS, Diógenes. *Vitae Philosophorum*. Disponível em: https://archive.org/details/VitaeClarorumPhilosophorumLivesOfEminentPhilosophersInModernLatin1853 Acesso em: 01/01/2019. Igualmente: MÉNAGE, Gil [1613-1692], *Historia mulierum philosopharum, scriptore Aegidio Menagio*, Henricum Wetstenium, Cynicae: Hipparchia. Amsterdam: Henricum Wetstenium, 1692, pp. 37-38.

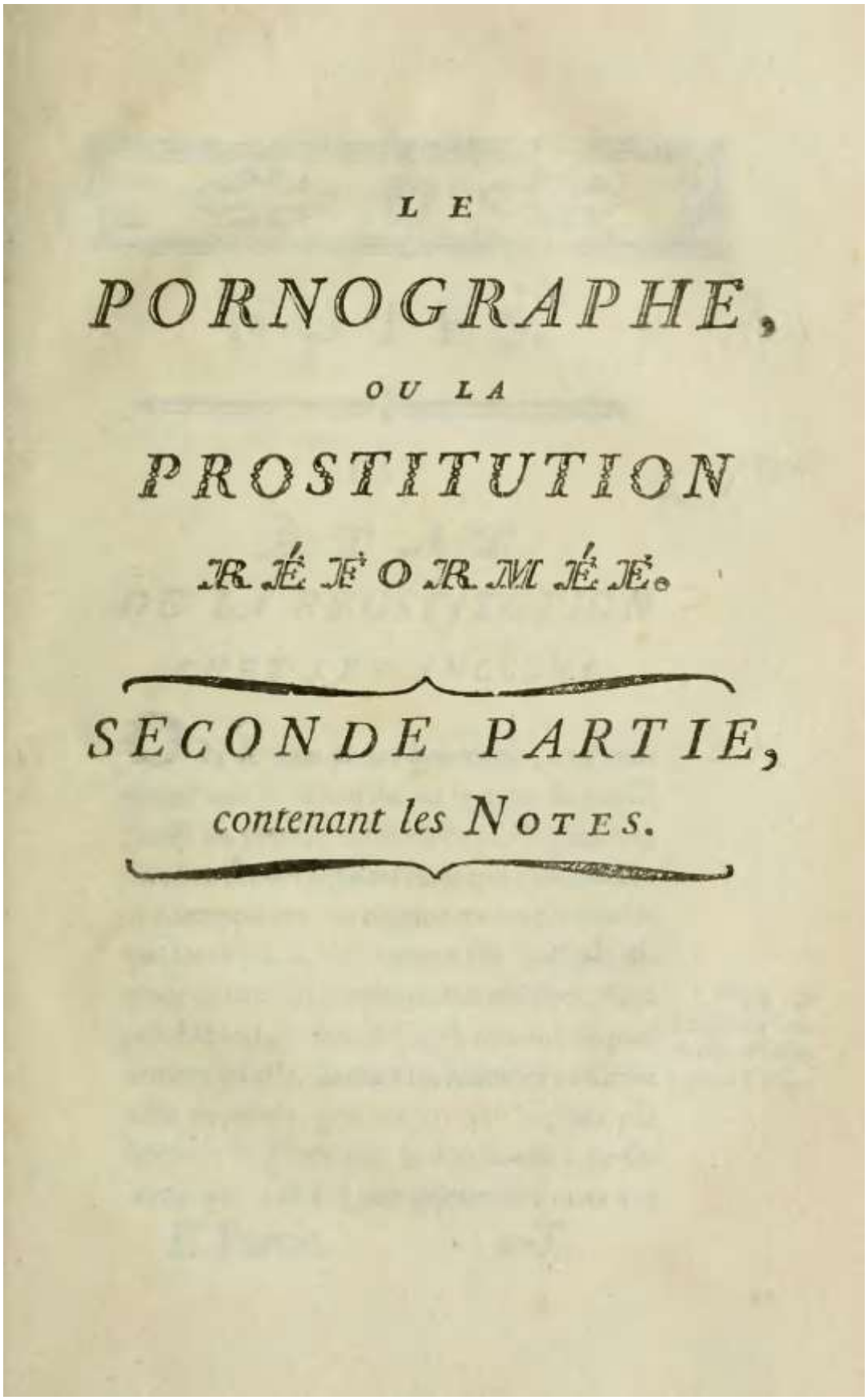


Figura 11: Folha de rosto da parte II da primeira edição de 1769.

O Pornógrafo, ou
A Reforma da Prostituição

Segunda Parte
Notas

Nota A

Estatuto da Prostituição entre os Antigos

Primeira Parte, p. 48

Não seria muito errado imaginar que a devassidão ou o gosto pelo prazer seriam as principais causas da prostituição. Esse estado, tão vil, infeliz e corrupto, tinha uma origem menos criminosa que seus efeitos. Não há falsa religião que não a tenha admitido em seu culto (*): jamais os homens foram depravados a ponto de acreditar que o crime poderia honrar a Divindade. A prostituição não fora, antes, um desvio dos costumes, mas uma *consagração* do primeiro instante de resistência da nova criatura à qual damos a vida. A *população* foi a segunda razão para antiga *prostituição* de meninas e mulheres. Isso foi pelo menos no caso dos Lacedemônios – e a seguir, o objetivo desta lei não publicada de *Júlio César*, que permitiria às mulheres *se entregar a quantos homens quisessem.* Porém, como prática devocional, a *prostituição* degenerou rapidamente. Eis o que aconteceu. Os Sacerdotes abusaram primeiro por luxúria. Vimos então o nascimento desses costumes infames, da prostituição para a manutenção de um templo ou para a formação de dote. Vimos homens se mutilando e, assim, se chocava com o objetivo da adoração primitiva: logo o sangue humano correu e a vida foi tirada dela. É assim que os dois extremos tocam: nossos monges foram estabelecidos para serem pobres, humildes, mortificados, castos.

(*) Veja Les *Religions Du Monde*[208], de Alexandre Ross.

A *prostituição* propriamente dita, que sucedeu à *prostituição religiosa*, deveria existir apenas nas nações mais avançadas, onde os dois sexos são quase igualmente livres, pois naqueles onde o sexo mais fraco é um escravo, o mais forte faz com que ele sirva a seus prazeres. Porém, não se pode dizer que uma mulher, coagida pela necessidade, se prostitui. Esta

---

[208] ROSS, Alexandre. *Les Religions Du Monde. Demonstration de toutes les Religions et heresies de l'Asie, Afrique, Amerique et de l'Europe.* Amsterdã: J. Schipper, 1666. A leitura é direcionada ao leitor cristão e apresenta , em diferentes continentes, a intenção de estabelecer uma progressão entre as diferentes religiões e suas práticas, do ponto de vista da constituição da pureza e da moralidade dos costumes de diferentes povos.

não é além da primeira causa e abarca somente uma única lei. O dinheiro não é o motivo que determina seu estado e, portanto, é menos vil. Ela pode ter um coração puro e manter uma alma casta. Não é senão disso consquência o fato de nunca ter havido muitas *prostitutas* nos países hoje conhecidos como *Turquia* ou *Pérsia*. Não vejo em nenhum lugar que ela tenha existido na *China*; e, se em alguns cantões das Índias as mulheres se prostituíam, era um ato de religião e não um comércio infame. Não é possível presumir que tenhamos visto com frequência *mulheres públicas* nos desertos da *Arábia*. É necessário o luxo, o supérfluo em uma nação, para encontrar um grande número dessas infelizes. Sei que nos países mais pobres ocorreu que mulheres livres, ou escravas fugitivas, se ofereceram a todos os homens que as desejaram. Na terra de *Canaã* elas se estabeleciam algumas vezes na via pública e outras vezes nos arredores das cidades. Elas mantinham certo pudor; muitas vezes se ocultavam para não serem reconhecidos em certas ocasiões. Passavam a noite deitadas aos pés daqueles que descansavam no campo durante as colheitas e ali permaneciam timidamente até serem notadas. A *Bíblia*, que nos oferece (e por ocasião de certos fatos importantes que ali são relatados) alguma luz sobre as *prostitutas* dos primeiros tempos, fornece-nos ainda os comportamentos daquelas que eram vistas em Jerusalém e em todo o país de *Israel*. sob os reis sucessores de *Davi*.

Parece que estas eram as mesmas mulheres que o faziam pelo temperamento: procuraram os homens mais vigorosos, que não as impediram de exigir um preço que muitas vezes era consideravelmente alto (isso prova que elas eram em pequeno número). *Não há prostituta,* diz Ezequiel, *que não exija seu pagamento*[209]. Os nomes que responderam, entre os árabes, aos de *Lais*, *Thais*, *Chioné*, *Frineia*, dos gregos; *Quartilla*, *Lesbia*, *Gallia* dos romanos, eram אחולח [*Aholah*], אחלבה [*Aholibah*][210]. Deve-se admitir que esses nomes são muito expressivos.

Quanto à prostituição de jovens madianitas no deserto, devemos encará-la apenas como uma prática experimental política, posta em uso por um povo que se sente demasiado débil, para suavizar os mais fortes. Assim, as nações miseráveis do Novo Mundo frequentemente ofereciam o desfrute de suas esposas e filhas para os europeus que tanto os amedrontaram em nossos dias. O triste lapão, envergonhado por sua pequenez, exorta o estrangeiro a quem recebe a procurar crianças de um tipo menos débil e menos imperfeito.

---

[209] Ezequiel, 16:33. No texto da versão Ferreira de Almeirda atualizada: "A todas as meretrizes se dá a sua paga, mas tu dás presentes a todos os teus amantes; e lhes dás peitas, para que venham a ti de todas as partes, pelas tuas prostituições".

[210] Nomes relacionados à natureza: são ervas utilizadas no embelezamento corporal e também na culinária.

Há, para os gregos antigos, quatro tipos de moças públicas a ser distinguidas das prostitutas comuns, alojadas em casas obscuras, que os homens iam ver em segredo. As meninas prostituídas pelos *Mastropos* ou *Lenone*[211], que as haviam comprado, das quais eram escravas, traficadas de seus aposentos e as alugavam ou vendiam para quem as queria. As sacerdotisas dedicaram-se ao culto a Vênus, que oferecia diariamente à deusa o sacrifício de seu pudor com o homem que as havia escolhido e por quem não lhes era permitido mostrar repugnância. Havia um desses templos de Vênus em Corinto. O quarto tipo, e sem dúvida o mais famoso, são as célebres cortesãs, as Delormes[212] de sua época, as Bacantes, as Dóricas, as Lais, as Frineias, todas igualmente conhecidas no universo de Alexandre. Não há menção às mulheres de Citera, agora Curgo, que se prostituíram com estranhos à beira-mar, perto do templo de Vênus, e que depois pagavam o preço de seus favores no altar dessa deusa; ou que eram entregues antes do casamento ao primeiro acompanhante, para acumular seu dote (Colombo ainda não havia descoberto o Haiti, felizmente para essas pobres virgens); nem as mulheres da Babilônia, que se entregaram uma vez na vida ao homem que as encontrou por vontade própria. Isso pertence à prostituição religiosa, era um costume autorizado pelas leis do Estado. Consecutivamente, eles se prostituíram para estrangeiros; por isso, as mulheres se sentavam perto do templo de *Nilitta*, ou Vênus, e se ofereceram. Ao vender seus favores, eles forneceram quantias consideráveis para a manutenção do culto à deusa.

Entre todos os povos antigos que dedicavam à divindade o que tinham de mais precioso o sacrifício da virgindade e o recato feminino fazem parte tanto do culto público quanto do secreto. Qual pode ter sido a santidade primitiva desses sacrifícios, ainda que abomináveis! Uma mulher, em homenagem ao pai da natureza, diante dele em seu templo, se força a dar a vida; sujeita a todas as dores da gravidez, todas as atenções da maternidade. Esse sacrifício, muito superior ao das *vestais* estéreis, mostra como os homens podem abusar do que há de melhor. Os homens, por outro lado, não contentes em compartilhar a ação das mulheres, aumentavam a extravagância a ponto de atingir de frente o propósito primeiro privando-se de

---

[211] As duas palavras, μαστροπός (feminino ou masculino) e *lenone*: cafetão, libertino, aquele que procura a libertinagem. A primeira se refere ao *pornoboskos*, ou o responsável pela zona de coércio sexual; a segunda, a alegoria do teatro romano da figura do *pornoboskos.* GLAZENBROOK, Allison; HENRY, Madeleine M. Greek *Prostitutes in the Ancient Mediterranean, 800 BCE–200 CE.* Madison: University of Wisconsin Press, 2011.

[212] Marion Delorme (1613-1650), cortesã, proprietária do salão elegante frequentado por filósofos, artistas e escritores na primeira metade do século XVIII. Delorne gerenciava o salão com Ninon de Lenclos, Sabatier, Jeanne duval e Alice Ozy. GRIFFIN, Susan. *The book of the courtesans: a catalogue of their virtues.* Londres: Crown, 2002.

sua virilidade, um sacrifício ultrajante desde a origem; um efeito deplorável das falsas ideias que estavam começando a se formar a partir da noção de divindade.

Entre os romanos, que haviam tomado sua religião dos Gregos, era bastante comum ver a modificação das práticas. A *prostituição* religiosa não ocorreu mais; o culto de *Falo* ou de *Príapo* tornou-se ridículo. Vive-se tão dificilmente, assim, entre os republicanos, como entra as prostitutas das duas primeiras espécies que distinguimos na Grécia. Entre eles, a coabitação legítima fora, havia muito tempo, separada da prostituição. Um homem encontrava em sua casa tudo que pudesse satisfazer a variedade de seus desejos. No entanto, os *Lupanários* eram lugares mais importantes que nossos lugares ruins. Vemos em Petrônio o amplo testemunho. Parece que eles se entregavam a todo tipo de devassidão, e que as meretrizes não eram tão cruéis quanto a maioria das *prostitutas* de hoje – um tipo de autômato que o dinheiro faz mover e que não age nem sente desde que ele não cesse de lhe bater nas vistas.

Sempre houve em Roma uma área para as moças públicas. Elas não se misturavam aos cidadãos. Nestes tempos infelizes, quando Calígula, Nero e Cômodo colocavam insolência no trono, onde as damas romanas não conheciam mais vergonha ou restrição, as prostitutas mantinham uma espécie de decência; é isso que comprova este epigrama de Marcial (1:34):

> Sempre pecas ao léu, Lésbia,
> E nada fazes para encobrir teus truques
> Veja como te deleitas mais com a audiência que com o proibido amante
> E como teus prazeres não te agradam se fogem ao conhecimento público
> Não é essa a conduta da prostituta – ela afastaria a testemunha
> Usando sua cortina, bem como o manto da escuridão
> E o bordel do Summoenium (1) seria revelado apenas pelas rachaduras
> Chioné poderia te ensinar sagacidade; te ensiná-las-ia o pudor
> E mesmo a mais imunda prostituta se oculta nas tumbas
> Te parece dura esta censura?
> Não te preocupes -- não te digo para que não te deites, Lésbia, mas para que não te mostres![213]

Nada igualava a higiene das cortesãs gregas e romanas. Elas davam à manutenção de seus corpos uma atenção digna da importância que os homens davam à sua beleza; empregaram todos os meios imagináveis para elevar a brancura da pele, preservar o brilho e o frescor de seus atrativos; Tais meios eram as pastas untuosas com as quais cobriam o rosto, as

---

[213] *Incustoditis et apertis, Lesbia, semper/ Liminibus peccas nec tua furta tegis,/ et plus spectator quam te delectat adulter/ nec sunt grata tibi gaudia si qualatent./ At meretrix abigit testem veloque seraque/ Raraque Submemmi fornice rima patet.*
A Chione saltem vel abIade disce pudorem:/ Abscondunt spurcas et monumenta lupas./ Numquid dura tibinimium censura videtur?/ deprendiueto te, Lesbia, non futui. MARCIAL, Marco Valério. *Epigrammata Martialis*, Livro I, XXXIV. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=bRYOAAAAYAAJ&dq=epigrammata+martialis+online&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s Acesso em: 25/11/2019.

mãos, a garganta, etc. durante a noite; os banhos, que então se tornaram de absoluta necessidade, os depilatórios, etc. Vimos pelas estátuas que permanecem da antiguidade que elas sequer preservaram esse véu que lhes oculta as vergonhas da natureza, talvez por causa do calor do clima, pela limpeza tão essencial ao sexo, ou, como queira, para a conveniência do prazer e a voluptuosidade da aparência.

(1) *Somênia*, como se diz do lugar sob os muros: situava-se, na Roma antiga, próximo à muralha, onde permaneciam as moças públicas.[214]

Essas garotas não se automatizaram como as dos dias atuais; não vemos em *Petrônio*, em *Marcial* ou nos outros autores que falam das prostitutas de seu tempo que estas teriam ficado estúpidas a ponto de se tornarem *insensíveis*. Ao contrário, esses autores as apresentam como mulheres a quem o costume do prazer teria feito necessária a presença de diversão. Nós descemos um pouco mais abaixo que o fizeram os Antigos. Há de se convir, sem grandes insistências, sem a minha insistência, que os excessos que as privam de sensibilidade pela frequente repetição devem ao mal haitiano esse grau de malignidade constante e inexistente em seu solo de origem.

Estatuto atual da Prostituição

Os costumes das nações modernas (2), cujas religiões que professam fizeram muito mais sérios e decentes do que os dos Antigos, também são muito contrários à *prostituição*. Longe de serem atos de adoração, nada é mais contrário à religião.

Para os homens que vivem em sociedade, há uma barreira mais poderosa que as leis: ***a opinião***. Não há Estado que não a respeite; da mesma forma, não há excesso do qual não sejamos capazes quando nossas obrigações nos são retiradas. As religiões atuais inspiraram apenas horror para as *moças públicas*. A religião as faz definhar, adoradoras pagãs. Pensava-se reconhecer neste julgamento a voz da divindade e a da razão, aplaudindo-as. Pobres mortais! Vós não ignorais que a infâmia de uma condição não é o que a torna menos frequente; e qual seria o efeito comum da degradação a ela atribuída?

(2) Ver Primeira Parte.

A experiência vai mostrar que o homem sempre se coloca sob a depravação do

[214] *Summoenium (Subm-), ii, subst. submoenia*, ou "sob as muralhas", local em Roma próximo às muralhas onde permaneciam os caráteres vis. Epigrammata Martialis, Livro I, XXXV. Idem.

Estado em que nasce sem considerar o desprezo destinado ao seu modo de vida, ele teria sido apenas metade mau.

Encontrais uma maneira de fazer canalhas. Uma filha de Citera, uma síria, sacerdotisa de Vênus, uma lapã – vive honestamente depois de se prostituir; uma menina francesa, uma menina inglesa, meninas do mundo são súditas perdidas, monstros que a terra deveria engolir. A razão da diferença entre elas? As primeiras não pensavam em se degradar enquanto as segundas resolveram entrar em um estado em que eles têm certeza de que não têm nada a esperar de seu sexo a não ser um abandono desdenhoso, e de toda a sociedade a não ser um rigoroso desprezo. E por se tornarem insensíveis, degradaram sua existência por meio de todos os vícios que degeneram a alma. Nada é mais fácil do que definhar, e nada é mais fatal em seus efeitos, não apenas para os indivíduos degradados, mas para toda a raça humana. Se há nisso alguma verdade em relação às *prostitutas*, o que se poderia dizer das profissões sutis, como o *teatro*, por exemplo? Mas falemos sobre isso em outro lugar.

Tal é a *prostituição* das nações modernas. É um estado vil, que se tornou nocivo à população a que deveria ter favorecido, destruidor dos bons costumes, perigoso para a saúde e para a própria vida ao lhe atacar a fonte, exercido por lobas esfaimadas para quem nada é sagrado, e que nos desgasta com todo o dano que as leis lhes causam. Eis os inconvenientes que **O PORNÓGRAFO** busca diminuir.

Vis, gastas, caçadas, muitas vezes desumanamente punidas, as *prostitutas* são mais numerosas do que nunca. Essa é uma triste verdade da qual não se pode duvidar. No entanto, quais foram as causas do renascimento da prostituição moderna, que a subjugação de quase todas as nações pelos bárbaros do norte havia feito desaparecer de uma forma geral? A extrema desigualdade que a adormecia era reproduzida nos nobres, em seus infames direitos de *culetage*, de *jambage*, de *prèlibation*[215], privando seus vassalos da primeira flor da honestidade moral.

Após ser poluída por seu mestre, uma jovem frequentemente se oferecia a outros. O progresso do vício é rápido. A prostituição reapareceu. Basta uma olhadela em todas as nações conhecidas – não há nenhuma que a prostituição não tenha contaminado e onde o mal do Haiti não a tenha seguido.

Moças públicas são mais raras nos principados asiáticos do que entre as nações cristãs pelas razões expostas acima. Encontramos algumas nas grandes cidades do Oriente, principalmente naquelas em que a existência de um porto marítimo as torna mais comerciais e mais frequentadas por estranhos. São elas algumas infelizes, filhas de gregos, degradadas pelos

[215] Novamente, o direito da primeira noite.

muçulmanos. Judeus, navegadores europeus e cristãos nacionais são os únicos que as visitam, razão pela qual as doenças venéreas causam muito pouco dano nos estados do Grande Senhor e de outros potentados da Ásia. Os muçulmanos não se prostituem, mas serão mais pudicos? Bem longe disso. Os turcos de fortuna limitada não podiam buscar uma prostituta cristã sem expor sua vida e a de sua moça pública e recorriam a soluções ainda mais vergonhosas.

Não tenho quase nada a dizer sobre a América. Ainda existe prostituição entre os nativos indomados como parte do culto aos deuses. As colônias têm os costumes das nações das quais dependem, pois os escravos fazem a vontade de seu senhor. As esposas dos selvagens livres seguem o instinto da natureza. A doença das Antilhas é endêmica em alguns cantões nesta parte do mundo; mas ela é de uma cura fácil. Entre peruanos, mexicanos e habitantes de ilhas civilizadas, a prostituição religiosa havia degenerado em depravação após descobrirem seu país. Ambos os sexos foram acusados de pederastia no Conselho da Espanha, e esse foi um dos motivos aparentes da ordem bárbara que foi dada para exterminá-los. Duvido, apesar dessas indicações, que as mulheres americanas engendrem uma profissão de prostituição: é quase certo que elas se ofereceriam a todos os homens apenas em determinadas ocasiões e que retomariam o modo de vida comum. Essa conduta ainda a realizada pelas mulheres da península da Califórnia na *Festa dos Peles-vermelhas*[216] e na colheita da *pitaia*[217].

É, portanto, na Europa que é preciso procurar ver a publicidade das mulheres, em toda a agitação e infâmia que devem acompanhar um Estado, reprovadas igualmente pela religião e pelas leis; junto aos distúrbios e perigos correspondentes.

Londres (*whore, bitch*: puta) seria a cidade da Europa que melhor existiria sem prostitutas públicas ou estatais. A moral de algumas mulheres é nada menos que severa; as tabernas, onde os dois sexos também podem se reunir sem escândalo, oferecem àqueles que desejam satisfazer uma inclinação muito interessada no prazer uma conveniência que em nenhum lugar é tão facilmente encontrada. Porém, apesar desse relaxamento da moral, o número de prostitutas não é não menor – sua insolência, que vai ao extremo, é ainda mais impressionante, pois as mulheres decentes são, nos três reinos, modestas e restritas, o que inspira respeito, ternura e nunca audácia. A divisão de classes, que pode ser encontrada abaixo no artigo de Paris, também pode ser usada para a compreensão da capital da Grã-Bretanha.

---

[216] Denominação genérica do nativo norte-americano. Um exemplo é o artigo do Conde de Saint-George com sua comunicação para a *Societé de Géographie de Genève*, no ano de 1914. SAINT-GEORGE, M. C. Les Indiens Peaux-Rouges de l'Amérique du Nord. In: *Revue Le Globe. Revue genevoise de géographie*, n. 53, p. 93-103. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/globe_0398-3412_1914_num_53_1_5331 Acesso em: 25/11/2019.

[217] Fruta escamosa, fruta-dragão.

Na *Alemanha* (*Woelffin, Hut, etc.*), as *meninas públicas* são toleradas nas grandes cidades e procuradas pelos tipos fracos assim que por eles são conhecidas. Podemos dizer que este país e a *Suíça* são, na Europa, aqueles que preservaram a maior inocência. Nenhum outro distúrbio substitui a *prostituição*. Não seria exatamente meritório, se tivessem grandes cidades, se houvesse entre essas pessoas imensas fortunas e muita desigualdade. Então, rapidamente haveria corrupção.

Há partes na França onde as maneiras são puras; e cidades na Alemanha, como Berlim, que estão superando Paris e Londres em suas perturbações.

A temperatura do clima é apenas uma frágil barreira, oposta à corrupção de alguns homens, a quem a influência dos prazeres está no entusiasmo e que não pode despertar seus sentidos anestesiados, pagando assim, a peso de ouro, o preço das infames conveniências. As doenças venéreas e suas curas eram quase desconhecidas na Alemanha antes das duas últimas guerras[218]. A Suíça seria somente uma espectadora desinteressada da praga geral, não fosse o fato de que alguns de seus filhos, visitantes das potências vizinhas, trouxessem o veneno para o peito de sua mãe. Sabe-se que há alguns anos o libertinismo se espalha e que os exemplos dos distúrbios mais vergonhosos se tornaram menos raros (a depravação segue o progresso das luzes).

É muito natural que o homem não se ilumine sem se corromper. Os órgãos se tornam mais delicados, a alma aperfeiçoada enxerga mais, tem desejos mais variados no novo estado e precisa de novos prazeres. Os prazeres da natureza são simplórios, é necessário complicá-los para dar-lhes tempero. Mas, fato é que tudo o que é acrescentado à natureza a retira de sua ordem de ordem e se torna criminoso.

Não há religião nem lei que possa mudar alguma coisa no marchar dos costumes. Como um rio inchado pelo degelo, eles derrubam diques indefesos, que servem apenas para dar mais fúria aos seus excessos. A barbárie e o excesso de razão em uma nação são armadilhas igualmente perigosas para a moral. E quando (nos casos de Berlim, Inglaterra, Itália e França) nos encontramos no segundo caso, devemos sofrer um pouco de perturbação. Eis uma necessidade infeliz, que pode ser comparada à reforma de um general para que este se torne mais hábil, uma necessidade que jamais pode desonrar um governo. Uma regra tão perfeita quanto impossível, em vista da moral atual, seria que os rapazes se casassem assim que fossem homens. Eu só vejo aldeias onde isso pode ser feito sem muita inconveniência. Não é fácil de se conceber todas as formas da depravação que a corrupção das grandes cidades apresenta aos

[218] Guerra da Sucessão Espanhola (1701-1714) e Guerra dos Sete Anos (1756-1763).

homens, privados como o são de todos os meios naturais para satisfazer as necessidades do caráter. È por isso que não temo propor que um *Partênion* poderia ser útil em todas as cidades onde há tropas, para a defesa do casamento, para que a disciplina militar, como é necessidade, deixe de ser um fardo aos soldados e não os exporia à corrupção pelas meretrizes, sendo uma ou duas suficientes para envenenar um regimento inteiro.

Poder-se-ia escolher, para as cidades de guerra, aquelas prostitutas alemãs tão altas e tão bem-feitas para tais coisas que nossos mais belos homens não viveriam em vão. Volto a falar sobre as pequenas cidades da Alemanha. Elas nos apresentam os mesmos casos de nossas cidades provinciais de segunda categoria, onde vemos apenas prostitutas de passagem e, na maioria das vezes, tão malditas como aquelas da *décima-segunda classe* da capital.

As *Cortesãs* (3) tinham um bairro na *Roma* cristã, como antigamente tinham a Somênia.

---

(3) Meretrice, Lupa, Putana, Bagascia.

Há entre elas algumas que demonstram grandes sentimentos, unidos a uma rara beleza. As que escolhem seu mundo apenas se entregam a pessoas honestas e procuram não receber vários homens, quando apenas um lhes basta para fornecer-lhes o sustento necessário. Como elas diferem muito das moças de entretenimento mantidas em Paris e em Londres, que são expostas como especiais e vão com quem querem ou quem lhes paga. Há, ainda, outros tipos em Nápoles, em Florença e nas principais cidades da Itália: elas são jovens púberes, que se colocam sob a direção de uma mulher idosa, conhecida dos *Monsignori*e pelos voluptuosos velhos senhores. A mulher as apresenta todas as noites ao velho rico, que as retorna depois de terem satisfeito suas fantasias mais extravagantes. Se o velho pervertido a paga ele próprio, a jovem se resigna a essas humilhantes gentilezas; mas se disso ele encarrega seu servo principal, este, ao cumprir sua missão, exige tanto da jovem quanto o exigira seu mestre
e, às vezes, mais. E logo que as atrações desses infelizes perdem seu primeiro frescor, elas não têm outro recurso senão se oferecer ao público.

Prostitutas espanholas (*puta, loba*) são, de todos os povos europeus, as que fazem o pior trabalho. A ferocidade natural de sua nação as expõe diariamente a mil fantasias brutais, mais degradantes do que em qualquer outro lugar. Seria perigoso citar exemplos de tais perversões, mas é certo que o infeliz habitante do México e das montanhas de *Potosi* se sentiriam vingados se vissem as irmãs e filhas de seus tiranos submetidas a tais caprichos. Não há, talvez, país em que a raça humana seja mais corrupta. As meninas abandonam a casa

paterna, onde conheceram apenas seus irmãos, deixando-os sujas para passarem aos braços de seus esposos (observe, no entanto, que a doçura natural da Casa de Bourbon começa a dar sabor à atrocidade de costumes imposta à nação pelos Pedros, por Felipes II, pelo duque de Alba etc.). A seguir, detalho, sob o artigo das prostitutas francesas, o desenvolvimento do conteúdo que abreviei ao falar de outras nações. Dividem-se em *doze diferentes classes*[219].

I. As jovens exclusivas, de rápida associação:

A primeira classe não pode ser completamente determinada estatisticamente. As jovens proporcionam prazeres que nem sempre são seguros. Lat: *concubina, amica.* Grego: *Omeunitis, eromen.*

II. As *moças públicas* que são cantoras de coros, bailarinas das óperas etc. Latim: *psaltria, saltatrix.* Grego: *psaltria, orchestria.*

Este é o tipo mais perigoso (não falo de atrizes famosas por respeitar a virtude de algumas delas). Eles arruínam marqueses, duques, lordes e até financiadores.

III. As *semiexclusivas* são meninas tiradas de uma mãe que, sendo também uma moça pública, é considerada muito bela por um homem que decide mantê-la para si. Latim: *Meretriccia.* Grego: *eutéles* (*ευτύλες)*[220]

Esta classe é para ser menos temida que as anteriores; mas é vil, indigno de um homem sensível. As semiexclusivas requerem apenas um proprietário burguês atraente.

Nota: Nossos divertidos livros estão cheios de histórias dos feitos e das consequências aos enganados pelas três primeiras categorias. Todos sabemos sobre as jovens do teatro, sobre as jovens inocentes que ali recebem abrigo, pequena ou grande. Acrescento, no entanto, que a sátira, por mais sangrenta que pareça, jamais alcançou a verdade; pelo menos de acordo com aquilo que já li, mas poupo-vos dos detalhes sobre essas moças em benefício de sua meia-honestidade. No entanto, será delas permitido dizer que é desagradável cuidar de uma garota degradada por milhares de outros e que, como no caso das escravas turcas e persas, não são fiéis enquanto aguardam a oportunidade para não o ser? Como alguém pode sair com ela, mostrar-se com ela em espetáculos, passeios, onde alguém é sempre identificado? Não seria natural ter má opinião sobre um homem que enfrenta todas essas coisas? Resta apenas dizer uma palavra a cada artigo, sobre a maneira como o infame comércio ocorre para enganar os

[219] Nota de tradução: os termos associados para cada uma das categorias listadas aqui estão intraduzidos. As imperfeições no uso de ambas as línguas – latim e grego – não permitiram uma tradução adequada. Portanto, optei por mantê-los conforme a grafia de Restif de la Bretonne.

[220] Alegre A referência está em Tucídides, a Guerra do Peloponeso (II-40). Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

homens felizes o suficiente para desconhecê-lo na experiência. Veremos que não podemos desfrutar de verdadeiros prazeres com as mulheres desgraçadas sobre as quais vou aqui falar. Não há maneira mais certa de inspirar nos dois sexos o horror justo à devassidão. O vício, por si só, é tão feio! E sempre assusta, assim que é apresentado sem os ornamentos que uma imaginação corrupta lhe pode emprestar.

IV. *As moças de certa forma virtuosas, que se prostituem apenas temporariamente, em épocas mortas para seus negócios, e com o único objetivo de atender às necessidades prementes.* Latim: *Mercenaria*. Grego: *aselge.*

As jovens aqui mencionadas aqui, às vezes se oferecem às classes mais baixas e não vêm de uma classe determinada (Isso seria perdoável: talvez o faríamos se estivéssemos em igual condição.).

Nota: Os libertinos se deleitam com as moças dessa classe quando conseguem descobri-las. E em que consiste esse prazer? é o triunfo sobre a jovem carente, que definha devorando suas lágrimas enquanto é acariciada por vossas mãos (e aqui estão as mais honestas), ou então sobre uma outra, sem-vergonha, reduzida ao máximo da humilhação apenas para ter seu pão, é verdade, mas sem sentir repugnância pelo prazer. E, além disso, grosseiras e sujas? Oh, a triste, a detestável volúpia!

V. *As Cortesãs, que se fazem a partir de seus conhecidos, a quem elas recebem e veem.* Latim: *Meretrix*. Grego: *Hetaira*.

Os libertinos de uma fortuna limitada são dois diferentes. Os libertinos de fortuna limitada fazem dois arranjos diferentes, aos quais essa classe de jovens se submete. Eu poderia citar alguns que deixariam contrariado o cidadão virtuoso: dizem que essas jovens trabalhadoras, ainda na casa paterna, tinham dois, três e até seis *amigos* a um preço modesto por semana.

Nota: Estas oferecem à libertinagem algo mais picante e menos tedioso: estão sempre limpas e até elegantes. Geralmente são chamadas sensíveis em termos de perversão: eles podem mexer com os sentidos, mas não com o coração, tampouco com a alma. Jamais chegaria tão longe o poder de seus atrativos. O que é o amor, reduzido à física dos sentidos? Infeliz maldito, sê honesto, deixa teu coração tender para um objeto estimado, e te julgarei por sua própria causa. Tu tremes! Tarde demais – o veneno de outro tomado ontem circula hoje em tuas veias, merecidamente!

VI. *As mulheres do mundo* que chegam saudáveis pelo mar e que, ao se mostrarem, não revelam seu estado. Latim: *Lupa*. Grego: *Licaina.*

Gostam particularmente desta classe os velhos sabiamente pervertidos.

VII. *As donzelas* com suas *mães*, que são reservadas para velhos ou outros que paguem. São, algumas vezes, levadas ao campo, para as propriedades de ricos pervertidos. Latim: *Juvene*. Grego: *hetairidion*. As "mães" – latim: *Loena*. Grego: *Mastropo.*

VIII. As *reincidentes*, passadas da medida. Estas, assim como as mães das senhoritas acima, têm mais de uma função. Ambos são perigosas armadilhas para aqueles a quem a discrição é obrigatória. Latim: *scortium*. Grego: *Porni*.

As mulheres dessa classe, geralmente na meia-idade, são um pouco mais razoáveis do que se verifica nas demais, isto é, demonstrem mais restrição em sua conduta, mantêm-se bem, têm um tipo de homem que as gerencia, a quem dão o nome de *amigo*, a quem as bocas infames julgam desejável profanar, como fazem há muito tempo com o nome *amante*.

IX. As *fumantes*. Essas jovens vivem como as da sétima classe, com suas mães, mas são a princípio visitadas e deles se livram sozinhas. Correm de lugares ruins para lugares ruins. Latim: *Scortillum*. Grego: *Pallákion*.

Essas pessoas infelizes levam uma vida assustadora e muito triste, sem muito lucro. Suas mães fazendo-as pagar suas pensões, suas roupas e roupas de cama a elas alugados, caros o suficiente para que não tenham mais nada, expondo sua saúde a essas infâmias muitas vezes as extorquem à guisa de pagamento e todo o excedente pertence a elas.

X. As *obscuras*. Vivem mal alojados em quartos mobiliados e sujeitos a muitas desvantagens, logo ao lado da dos postos policiais. Algumas ficam, certas vezes, nas casas das mamães das moças dessa classe. Não é muito seguro. Lat: *Palaestrice*. Grego: *Palaistrité*.

Não há provas de até que ponto a paixão nos leva a deixar, coragem esta a dos homens geralmente elevados, de seguir uma mulher miserável dos resíduos do povo para um casebre empoeirado onde não ousam se sentar. Imagina-se que elas existam para lhes satisfazer a brutalidade, um objeto imundo e o mais prejudicial. Todos delas se enojam e, se é possível para uma criatura dessa classe ser minimamente atraente, sua manutenção e seus modos logo destruiriam a ilusão. Oh, mortais, quereis ver a humanidade no último nível de degradação? Siga uma desses miseráveis em seu imundo pouso! Um homem que pensa nada terá a temer de suas paixões – ele sentirá apenas dor e pena, misturados à indignação.

XI. As rainhas[221]: elas se apresentam em jaquetas, ou em vestidos curtos, e geralmente são muito nojentas. As mulheres dessa classe ainda são mais audaciosas que as da décima

[221] Nota de tradução: fiz a opção de manter a definição de Restif de la Bretonne. O termo *gouine* se refere tanto às mulheres que preferem manter relações sexuais com mulheres quanto às práticas sexuais não-falocêntricas.De uma forma geral, se refere a qualquer indivíduo de orientação homoafetiva ou biafetiva, com o intuito de apresentar tal

classe. È assaz surpreendente que esses monstros algumas vezes vivem à custa dos homens. Latim. *Putida*, uma palavra que foi formada nas línguas modernas – Putana, Puta. Grego: *chamaitupe*. Esta palavra (*gouine*) vem da palavra inglesa *Queen* (rainha), nome que demos a elas por escárnio.

XII. E última classe: e por último. As mulheres-do-beco: são as infelizes que são encontradas ao longo das casas e nas ruas pouco frequentes, que abrigam habitações miseráveis nos subúrbios e por onde normalmente ninguém passa. Elas são muito perigosas para os homens marcados que ali param por aí e são infectados pelo veneno venéreo. Latim. *Prostíbulum* porque eles estavam nas ruas sujas e nos estábulos (*stabula*); e o estrume servia-lhes como poltronas, sofás, etc. Grego: *Ergazomené*.

Seria necessário que esses infelizes tivessem um nome ainda mais vil, feio e repugnante, crapuloso, mas eles atraem a atenção de uma multidão de pobres serralheiros, carpinteiros, *gendarmes*, pedreiros, operários, transportadores de água etc. que não são casados.

É necessário anexar na mesma tabela as últimas sete classes. Aquecido pelo temperamento, movido pela visão contínua de mulheres que o agradam, um homem sente o nascimento de desejos ansiosos, prementes e muitas vezes impetuosos. Apesar de si mesmo, a despeito de sua razão, a natureza procura ser satisfeita neste momento: ele vê uma prostituta, são as mesmas coisas que o encantaram: sua a imaginação pinta-lhe os prazeres da natureza que ele sente, se deixa levar, deseja compartilhá-los com aquela que o excita – e a aborda. Ele se aproxima dela, lar da infâmia quase sempre doce; ele a segue, cai na armadilha, até o dever de pagar. No entanto, se se farta demais, é pressionado. Assim que a prostituta recebe seu salário, ela só se preocupa com uma coisa: livrar-se do homem rapidamente. Se, às vezes, uma boca bastante bonita parece pedir um beijo, um mau hálito o remove imediatamente. Seu coração ainda está gelado, sua impaciência quando se sentem atormentadas, vem da Vênus de Paphos e de Citera. Mas ela concede o último favor, é então que o perigo se torna maior, e que a natureza indignada, mesmo em seu santuário, pune os criminosos da volúpia. Estas são as prostitutas francesas, e aqui está a cartilha sedutora que eles apresentam. Ainda assim, teríamos que pagar caro, sem termos experimentado o tipo de satisfação prometida, mas, em vez disso, quase sempre um gozo frio de consequências horríveis. Seremos punidos pelo prazer, pois é provado que os arrependimentos devem ser ainda mais amargos.

Voltaire fornece (4), enquanto brincava, um meio de erradicar os vírus, usando o

---

indivíduo de forma estereotípica como *elemento feminino*.

método em 1.200.000 de soldados que a Europa em paz possui. Seria menos difícil esforçar-se para fazer uma busca tão exata quanto severa de todas as prostitutas e forçá-las a se trancarem nos Partênions. Duas vantagens resultariam dessa reforma: *1.* O vírus desapareceria imperceptivelmente; *2.* A prostituição se tornaria cada vez mais rara a cada dia, portanto, poderia se extinguir no longo prazo.

Quando a doença venérea começou a se manifestar na Europa, era considerada uma espécie de praga O Edito de 6 de março de 1496 proíbe aos sifilíticos, sob pena de morte, qualquer comércio com pessoas saudáveis. Eles receberiam esmolas e seriam segregados como os leprosos.

---

(4) Ver a carta impressa nas notas do romance intitulado: *Le Pied de Fanchette,* 3ª parte, Ed. Humblot, rua Saint-Jacques, perto de Saint-Yves.

Nota B

Primeira Parte, p. 72

As mulheres, entre os antigos gregos e romanos, não viviam como as francesas ou as inglesas. É sabido que as leis impostas por Rômulo eram severas e, sem dúvida, reservou-se às duas nações mais ilustres e esclarecidas que já existiram a restauração dos direitos da metade mais bela do gênero humana há muito usurpados. Essas nações superaram a tão conhecida piedade dos romanos em relação às suas mães e esposas, pois tratavam-nas como iguais, em vez de com elas orar e a elas proteger. Essa conduta razoável aproxima os dois sexos, fortalecendo os laços que os unem, e parece banir os vícios vergonhosos que infectavam os gregos e os romanos, vícios de que seus próprios autores procuravam envergonhá-los. Quanto a isso, ver Marcial, Livro II, epigrama 51; Livro III 71, 73 e 75; Livro VI, 50; Livro VIII 45; Livro IX, 7; Livro XI, 25; e também Petrônio, Juvenal, Suetônio Tranquilo etc.

Somente mulheres honestas podem impedir uma série de distúrbios, inevitáveis em sua ausência. Tudo testemunha em seu favor, eles têm as graças mais provocantes do que a beleza, deixam de ser vaporosas e exigentes e se tornem sinceras, ternas, menos voláteis, mais sensíveis e submeterão tudo ao charme invencível das iscas naturais que mais nos cativam; e nós, com uma pronunciada felicidade, devemos a elas a honestidade de nossos costumes.

Nota C

Primeira parte, p. 83.

Entre vários exemplos a mim fornecidos por um jovem médico, escolherei apenas um, e omitirei os detalhes.

Um jovem que estava nesta cidade há alguns anos comigo caminhava. Atravessamos a ponte S.. juntos, quando passamos por uma bela jovem, acompanhada por um homem bem vestido, uma jovem na flor da idade. A beleza desta senhorita nos impressionou. À noite, nos encontramos olhando para um bordel. Meu amigo, que na época não era um modelo de sabedoria, teve uma entrevista com a cafetina. Depois de um tempo, ele veio se juntar a mim e me contou o que eu tinha sabido por mim mesmo: ele me disse que ela lhe arranjou uma daquelas aventuras, desconhecidas em qualquer outro lugar que não nas capitais. e que ele deveria ir à casa dela naquela noite. Fiz o que pude para dissuadi-lo e nele inspirar
o horror justo desses lugares infames. No entanto, vendo-o obstinado em sua resolução, deixei-o a tempo.

No meio da noite, me disseram que batiam em minha porta com golpes repetidos. Ordenei que a abrissem e me preparava para me vestir quando meu amigo imprudente se lançou à minha vista, mas muito diferente de seu estado costumeiro. Estava pálido, derrotado, abatido, mal conseguindo se sustentar, o que me assustou. Eu o recebi cordialmente e o fiz ir para a cama. Quando ele acordou, me contou sua aventura; e foi com a maior surpresa que ouvi de seus próprios lábios que ele havia passado a noite em certo lugar e com a mesma mulher que admirávamos na noite anterior!

O projeto que aqui aponto destruirá a maldita facilidade para encontrar as mulheres que se permitem satisfazê-los com vergonhoso desprezo.

Nota D

Primeira Parte, p. 84.

O jovem mencionado na nota anterior disse ao amigo que, certo dia, cerca das cinco horas à noite. Seguiu aleatoriamente uma velha até um local de devassidão. Ele não demorou a perceber que a jovem que lhe fora apresentada não era de um convento. Ele adotou maneiras diferentes ao conhecê-la. Sabendo disso, ele a viu um dia sair da casa dos pais às nove da manhã, um livro de orações debaixo do braço. Ele aperta o passo: ela rapidamente passa por uma igreja, toma uma pequena rua e desliza... para a casa da velha.

O jovem a viu várias vezes da mesma maneira. Mas ele não se alegra com sua sorte, conquanto a desejasse. Um dia ele passou como era seu costume na conhecida rua; e viu muitas carruagens à sua porta. Às dez horas, ela a viu sair elegantemente vestida, bela como um anjo, ostentando o símbolo da pureza. Ela jurava fidelidade eterna a um jovem amante, que parecia

embriagado de felicidade.

---

(5) Tu te dizes uma mulher formosa, Bassa, tu o dizes.
Aquelas que não o são geralmente o dizem[222].

Essa mentira não está mais na moda; nossas meninas nunca falam por si.

Nota E

Primeira Parte, p. 84.

Um homem foi apresentado a um local de devassidão por uma daquelas mulheres que colecionam transeuntes. Com sua chegada, começaram muitos problemas na casa, de modo que ele se viu impossibilitado de partir, pois cuidava para não se mostrar. Aquele que o havia ali trazido primieramente permaneceu ao seu lado. A seguir, retiraram-se para um armário, cuja porta levava a uma sala, onde vários libertinos estavam reunidos em torno de duas meninas muito jovens e bastante bonitas, a quem haviam posto nuas... Elas estavam amarradas... Uma precaução cruel sufocava suas súplicas (suprimo outras descrições mais revoltantes). Eles levaram a barbárie tão longe que, para que a cafetina ou a mulher que o fizera entrar não as ajudassem, elas foram amarradas aos pés da cama. O infeliz homem que procurava prazer nesta casa amaldiçoada estremeceu de horror ao ver mil coisas monstruosas e degradantes. Por fim, esse espetáculo cruel cessou. Mas antes de sair, esses infames tiveram a desumanidade de mergulhar um pouco suas espadas nas duas desgraçadas que estavam a seu dispor. Elas não podiam gritar, mas houve um gemido pesado, algo horrível. Lágrimas correram profusamente por suas faces e se misturaram com gotas de sangue.

Nota F

Primeira Parte, p. 85.

Alguém poderia bem argumentar sobre a faculdade de amar incessantemente, seja um objeto ou outro, particular à espécie humana. Para quem imagina o amor como um traje sempre pronto, não apenas para adocicar nossas dores como também o faz a amizade, mas para suspendê-las, para apagar sua impressão, para destruí-las inteiramente. O amor, digo, visto dessa forma,é sem dúvida o mais precioso dos dons da divindade e antídoto da razão previdente. O homem tem a infelicidade de saber que vai morrer; ele tem até o orgulho de acreditar que, de

---

[222] *Dicisformosam, dicis te, Bassa, puellam,/ Istudquae non est dicere. Bassa, solet.* (*Epigrammata Martialis*, Livro V, epigrama 46).

todos os seres vivos, ele é o único que conhece – e tanto melhor para os pobres animais, que não têm os mesmos meios com os quais se aturdir – portanto, ele tem duas necessidades: a de viver em sociedade, de modo que a visão de seus companheiros quase sempre o mantém longe do amor, de modo que o exemplo deles o incentive e o console; e a necessidade de um sentimento que traga embriaguez ao seu coração, ainda que o rebaixe. A intoxicação natural do amor, tanto e mais que a do vinho, como a da glória, que chega com furor, despreza a morte: o sentimento, leia-se aqui as paixões mais violentas e mais irracionais, são úteis e necessárias contra a nossa fraca razão. Oh, de que preservativos precisaríamos se, por exemplo, suas luzes nos fizessem ver o futuro! Seria necessário para o nosso corpo uma constituição mais forte; e que as plantas e outros alimentos destinados a manter a vida tivessem sucos mais poderosos. Seria necessário que todo o sistema da natureza mudasse, ou seja, que nosso globo não fosse mais como é, ou o que é ou onde é, e que fôssemos sobre-humanos. Caso contrário, o choque das paixões necessário para o equilíbrio das coisas nos destruiria os órgãos.

Nossa iluminação é efêmera!, diz o mais esclarecido dos homens, enquanto um camponês ignorante a crê a mais extensa possível. Este último está no lugar mais natural ao homem – abaixo da natureza –, e o primeiro está acima. O camponês é uma criança no fundo de um vale, que pensa ver todo o universo e que as colinas tocam as nuvens. Já o cientista é um homem feito, no cume dos Alpes, que descobre um horizonte imenso e se frustra com o fato de que a fraqueza de seus órgãos não lhe permite mais do que perceber o que ele gostaria de aprofundar.

Diz-se que o mais feliz dos dois é o camponês. Uma questão que se apresenta é saber se a maneira de viver nas nações civilizadas não compreende a faculdade de amar; se as leis do pudor, a graça que o adorno acrescenta à beleza das mulheres, a *suculência* da comida não é parte dessa faculdade? É como penso.

> "Um famoso filósofo de nossos dias examina, em sua *História Natural*, por que o amor é a felicidade de todos os seres e o infortúnio do homem[223]. Ele responde que não há nada bom na paixão, a não ser o físico; e que o aspecto moral, isto é, o sentimento que o acompanha, não vale a pena. Este filósofo não pretende afirmar que a moral nada acrescenta ao prazer físico (a experiência o contradiria), nem que a moral do amor seja ilusória – o que é verdade, porém isso jamais destruiria a vivacidade do prazer (e quantos prazeres têm um objeto real?). Ele quis dizer, sem dúvida, que é essa moral a causa de todos os males do amor; e quanto a isso não se é possível estar certo. Concluamos daí apenas que, se a iluminação superior à razão não nos promete uma condição melhor, teremos muito a reclamar da natureza, que, ao nos apresentar o mais

[223] O texto trata da temática do Histoire Naturelle, de Buffon. A menção é feita ao segundo volume, "Histoire naturelle de l'homme", p. 826. (LECLERC, Georges-Louis. *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi.* Paris: Imprimerie Royale, 1749).

> sedutor dos prazeres, parece nos distanciar de outros, cercado de rochas que nos colocam, por assim dizer, à beira de um precipício, entre a dor e a privação".

Examinamos a natureza e o amor; e nem o primeiro nem o segundo são culpados. Mais uma vez, é a desigualdade a causadora de todo o dano. Perfeitamente iguais entre si, os animais amam sem preferência; a juventude e a beleza da forma, nas mulheres, não acrescentam grau à ânsia dos homens. É certo, pelo conhecimento que temos dos costumes de certas tribos da América, que deve ter sido assim entre os primeiros humanos – todas as mulheres lhes pareciam boas e elas, por um sentimento peculiar ao seu sexo, sempre se defendiam um pouco para acabarem se submetendo ao seu conquistador. Tudo fica então limitado ao apetite dos sentidos e o homem, longe de ganhar algo, acabou perdendo dois terços de sua felicidade. Mas um sentimento mais doce, escondido em sua alma, buscava desenvolver-se; e a beleza deveria brotar nas criaturas devassas, que dificilmente encontram sua substância, que não existe, por exemplo, entre os californianos. Podem Vênus e as Graças acariciar um rosto abatido, olhos ardentes e ansiosos, uma tez ou pescoço cobertos de poeira, quebrados pelo sol e escamosos pela inclemência das estações? A beleza passaria a diferenciar as mulheres somente quando o gênero humana apresentasse o necessário; e assim nasce a preferência que só mais tarde receberia o nome de amor. Mas a escolha foi, por muito tempo, privilégio do homem. A mulher, tímida e feliz em ver naquele a quem foi dada seu defensor e seu apoio, não tinha outra alternativa a não ser cumprir seu dever. Espectadora tranquila da luta entre dois rivais orgulhosos, certa de conseguir um herói para marido, Dejanira teria gostado de Aqueloo como vencedor de Hércules[224].

As duas primeiras fontes da desigualdade entre homens foram religião e heroísmo, a deferência concedida aos primeiros sacerdotes como intérpretes dos deuses logo se tornou submissão aos heróis, vilões privados, ousados, injustos, que completaram a degradação do gênero humana. Extorquiam-nos, usando o medo, a mesma homenagem que a persuasão rendia aos ministros da divindade e aqueles que tentaram se defender foram reduzidos a escravos. Eis aqui o último grau de desigualdade, onde reina a comodidade, a desproporção de fortunas é imensa, a beleza brilha com o frescor da folga, com o brilho da satisfação e com o adorno. O escravo, que tem no melhor de seu ser um coração sensível, olha para cima as costas curvadas, enxuga o suor que repugna a testa e vê a filha de seu tirano; as flores da juventude embelezam seu rosto. Enquanto ele a admira, ela lança um olhar para ele, uma marca expressiva da simpatia

[224] Hércules derrota Aquelo (o deus-rio, que em batalhe se transforma em vários animais) na batalha pela posse de Dejanira. PSEUDOAPOLODORO 2:7:5 - 2:7:6. Disponívelo em: https://www.theoi.com/Text/Apollodorus2.html#7 Acesso em: 21/01/2020.

que ele lhe inspira. O escravo infeliz abaixa a vista. e retoma aos seus trabalhos, mas sua alma está ferida – ele é consumido por desejos inúteis. A filha do tirano fez-lhe mais mal do que o próprio tirano, e seu infortúnio está completo.

Podemos comparar, mais ou menos, as consequências da desigualdade, nas demais nos outros graus de riqueza. Contudo, o mal de repente se tornou extremo, quando as mulheres pensaram que podiam escolher seu mestre, num tempo em que a modéstia não lhes permitia elevar seus olhos. E o homem fora desgraçado por um espírito semelhante ao que o faz desejar riquezas, honras, todos aqueles bens cuja posse é invejada e a aquisição, difícil. Foi resultado do vício do amor e culpa da natureza? Não! Essa pretensa subordinação admirável de classes e fortunas, tão vangloriada por vis aduladores, é a fonte de toda a imoralidade que se vê na sociedade.

Ao terminar esta nota, retorno aos animais: é certo que eles não têm ideia da finitude? Não creio ser fácil determinar o alcance disso, mas o cuidado com a conservação da vida e a ideia de destruição são inseparáveis. Se os animais conhecem o perigo, se dele fogem, se o evitam com habilidade, então preveem a morte, ainda que de uma maneira instantânea e confusa. De onde viriam os mugidos do touro, quando suas narinas sentem o cheiro do sangue de um animal de sua espécie sendo devorado por bestas carnívoras? O que causaria ao porco esse pavor excessivo, ao se aproximar de algum réptil venenoso, ou ao ouvir os estrondos do trovão? Os caçadores conhecem as artimanhas que o medo da morte sugere à caça e já pude observar que o terror da ovelha na presença do lobo é tão grande que sua pupila se torna manchada e ela perde a visão por vários minutos. Os animais são menos estúpidos do que se acredita e são ainda mais infelizes.

Nota G

Primeira Parte, p. 85.

"Fui chamado", um jovem médico me disse há algum tempo, "em casa por uma jovem bastante bonita, a quem eu conhecia. Me disseram que ela estava perigosamente doente, presumi que sua indisposição era uma das consequências comuns de sua infeliz profissão. Encontrei-a em um estado assustador...

"Um homem, a quem ela acabara de provar os prazeres do amor, desejava forçá-la. Ela absolutamente recusou. Esse louco agarrou-lhe os mamilos com tanta força que ela desmaiou. Ele foi embora, deixando-a lá nesse estado.

"Eu a fiz despir-se, o mamilo estava quase amputado. O cirurgião desesperado pela cura, me concentro melhor em sua ferida e a jovem é completamente restaurada. O melhor da

história é que é que o acidente a assustou muito – tanto que ela concordou que eu a empregasse como aprendiz, coisa que ela sempre havia rejeitado sob muitos pretextos."

Ver Marcial, Epigrama 79 do livro II[225].

Nota H

Primeira Parte, p. 86.

"Um jovem muito amável e muito gentil, cujos pais eu conhecia muito bem (o jovem médico que me deu as características que eu já mencionei) fora forçada por eles a se casar com um homem que havia sido muitas vezes libertino. Ele era rico e a jovem não era feliz. Era, portanto, um triste exemplo de casamento que apenas o interesse havia promovido. Seu marido, não satisfeito por mergulhar na embriaguez, voltou a enfrentar seus problemas anteriores.

Um dia ela me chamou, achei que ela estava indisposta e para lá corri. Várias vezes durante nossa entrevista, eu a vi pronta para deixar as lágrimas correrem enquanto tentava contê-las. Além disso, ela se queixava apenas de gases, de ansiedade, de uma tristeza involuntária. Eu tomei todo o cuidado para acalmá-la, mas logo percebi que estava apenas aumentando sua dor.

"Como outras visitas me chamavam, eu estava prestes a deixá-la, quando ela me pediu, com mil explicações, para permanecer até a volta de seu marido. Fiquei tão surpreso com esse pedido quanto por sua dor. Conversamos pelo resto do dia, sem deixar escapar nada que me pudesse fazer compreender. Por fim, ouvimos o marido e sabíamos que ele não estava sozinho. 'Ah, maldito!', disse a jovem para mim. 'Ele realiza a ameaça que me havia feito. Senhor,', acrescentou, 'conheço vossa discrição e a honestidade de vossos sentimentos. Eu vos imploro para não sair daqui. Ao mesmo tempo, ela me mostrou um pequeno armário e me pediu para me esconder e, quando chegasse a hora de se recolher, acrescentou apressadamente, que minha ajuda seria necessária durante a noite. Prometi dar-lhe essa satisfação, sem saber ainda aonde tudo isso nos levaria.

"O marido trouxera como acompanhante uma mulher pequena a quem a maior impudência não impedia de ser gentil. Ele parecia surpreso ao ver-me, ainda assim, me fez grandes demonstrações de amizade e nos sentamos à mesa. Minha presença no jantar salvara a

---

[225] *Invitas tunc me, cum scis, Nasica, vocasse./ Excusatum habeas me rogo: ceno domi.* [Me convidas para jantar, Nasica, quando sabes que já convidei outros. Aceite minhas desculpas: hoje janto em casa]. *Epigrammata Martialis*, Livro II, LXXIX.

infeliz esposa de mil mortificações que ele havia prometido fazer com ela. Ele bebia pesadamente, e muitas vezes reclamou que eu não lhe dava razão. Quando percebi que era tarde, me despedi deles. A jovem senhora me seguiu. Abrimos a porta, mas, em vez de sair, entrei no armário, como havíamos combinado.

"Eu mal estava lá, e ouvi, com tanta surpresa quanto indignação, que ele ordenou à esposa que prestasse seus serviços mais baixos à miserável que viera afrontá-la. Disse a ela que a esposa seria testemunha dos prazeres que ele iria provar com sua desprezível rival. Aquela pobre mulher não obedeceu e não respondeu nada, mas quando seu indigno marido estava na cama, ela se lançou ao armário onde eu estava e passa a noite lá, apesar das ameaças e dos esforços do marido para arrombar a porta. Eu precisei de toda a minha força e toda minha habilidade para impedi-lo de ter sucesso. Ele, desanimado, volta para os braços daquela que ele trouxera. Após esse homem abominável se entregar a toda a sua brutalidade, adormeceu. Foi então que perguntei à jovem se tais cenas aconteciam com frequência e por que motivo ela nada dizia a seus pais. Eis sua resposta:

> *"Vês, senhor, que sou a mais infeliz das mulheres, mas não me sabe tudo o que tenho que sofrer. Meus pais, que deveriam que me consolar, me proteger, meus pais desnaturados, advertidos pelo meu marido, me rejeitam, me acusam de mentir. Eles se recusam a verificar, com seus próprios olhos, a verdade do que eu dizia sobre a conduta de meu marido, e passaram a me maltratar. Mas esse ainda não é o maior dos meus problemas. Acostumada a não ver que essas criaturas indignas, que são o tráfego da modéstia, era o que meu marido exigia de mim (6). Fui forçada a fugir ontem à noite, me esconder de sua raiva e me trancar neste armário. Ele saiu esta manhã, me dizendo em tom de zombaria que ele viu que eu precisava de lições, que ele me daria algumas para banir meus escrúpulos e, naquela mesma noite, outra mais complacente do que eu para todas as suas fantasias, ocuparia meu lugar e que eu deveria desejar respeitá-la como uma amante. Sem vós, senhor* – acrescentou ela – *não teria outro recurso a não ser tentar fugir de novo ou passear em uma aventura durante a noite. Se eu não quisesse ficar exposta a tudo o que me faz sofrer, um coração tão corrupto quanto o deste tirano, e a insolência da criatura indigna que vistes".*

"Fiquei emocionado com o destino de uma mulher tão virtuosa e gentil. Levei-a para a casa dos pais pela manhã, enquanto o marido ainda estava dormindo, e lhes pintei o destino terrível da filha nas cores mais brilhantes. a natureza despertou em seus corações. Eu sabia como convencê-los de que eram tocados pelas lágrimas de uma mulher infeliz que sempre os amara com ternura. Eles concordaram que ela deixaria o marido sem lampejos e, poucos dias depois, uma senhora de estado muito respeitável, aposentada em um convento, fez dela uma companheira que se tornava cada vez mais querida a cada dia".

---

(6) Um romano dizia à sua mulher:
Mulher, ou te acostumas aos meus modos ou vai-te embora.

Não sou Cúrio, nem Numa, nem Tato!
Me deleito por longas noites, mergulhado em baquetes, entre agradáveis vinhos,
E tu bebes tua água em grandes goles, irritantemente, na pressa de partir (7).
Tu aprecias a escuridão enquanto eu busco as luzes para testemunhar meus esportes
E deixar entrar um pouco de luz enquanto tento convencer-te.
Uma faixa de peito esconde continuamente teus encantos, em uníssono com sua túnica e sua discreta capa;
Mas nenhuma jovem estará nua o suficiente ali, para mim.
Fico encantado com beijos que imitam os de pombas amorosas;
Mas tu me ofereces os mesmos beijos que ofereces a tua avó pela manhã
E não gemes ou gritas para ajudar, não te sentes confortável.
Ou com os dedos - é como se conduzisses um velho ritual mecanicamente.
Os escravos frígios se masturbavam atrás da porta
Sempre que Heitor estava com a esposa cavalgando seu colo
E a casta Penélope sempre com a mão lá, tu sabes onde
Mesmo enquanto o famoso nativo de ithaca já roncava
Tu recusas teu traseiro, ainda que Crnélia não tivesse problemas em oferecê-lo a Craco
E Júlia a Pompeu; e Pórtia a Brutus.
E antes mesmo que o servo troiano assumisse o encaro de cumprir as tarefas prazerosa de seu mestre,
Juno servia como Jove a Ganimedes.
Se essa sobriedade te agradas tanto, então siga
Finja-te de Lucrécia o dia todo. Mas, à noite, eu quero Laís.
Marcial, Ep CIV, XI[226]

(7) Uma lei de Rômulo aplicava pena de morte contra mulheres às quais se creditava terem bebido vinho puro.

Essa imagem dupla da vida casta, inocente e frugal da Roma antiga e a conduta transbordante dos homens do século de Nero oferece um contraste admirável; mas, ao mesmo tempo, é, acredito, aquilo que a corrupção do coração humano poderia produzir de mais licencioso. No epigrama acima, vemos o abuso dos maiores nomes e a blasfêmia contra os deuses. Não, repito, ainda não retrocedemos (pelo menos abertamente) a esse grau de perversidade. Seria bom que as mulheres, apesar de muito bonitas nesses tempos remotos, não conhecessem a arte de agradar homens e de prender-se a eles, na mesma perfeição que os de nossos dias. Algumas delas sofriam de fortes paixões, mas o belo sexo em geral não tinha ainda esse charme inexprimível, que a liberdade lhes dava nas duas primeiras nações do universo.

No entanto, em outra ocasião, essa infeliz esposa consente com coisas odiosas, para não perder todos os seus direitos.

Sendo pego em flagrante sobre o jovem, mulher, tu me censuras com a voz severa e me dizes que também tens um cu.
Juno também o disse, muitas vezes, ao lascivo Tonante!

[226] *Uxor, vade foras aut moribus utere nostris:/ non sum ego nec Curius nec Numa nec Tatius/.me iucunda iuvant tractae per pocula noctes:/ tu properas pota surgere tristis aqua./ tu tenebris gaudes: me ludere teste lucerna / 5et iuvat admissa rumpere luce latus./ fascia te tunicaeque obscuraque pallia celant:/ at mihi nulla satis nuda puella iacet./ basia me capiunt blandas imitata columbas:/ tu mihi das aviae qualia mane soles./ nec motu dignaris opus nec voce iuvare/ nec digitis, tamquam tura merumque pares:/ masturbabantur Phrygii post ostia servi,/ Hectoreo quotiens sederat uxor equo,/ et quamvis Ithaco stertente pudica solebat / illic Penelope semper habere manum./ pedicare negas: dabat hoc Cornelia Graccho,/ Iulia Pompeio, Porcia, Brute, tibi;/ dulcia Dardanio nondum miscente ministro/ pocula Iuno fuit pro Ganymede Iovi./ si te delectat gravitas, Lucretia Toto/ sis licet usque die: Laida nocte volo.* (Livro XI, CIV)

> Aquele, entretanto, ainda se deita com o gigante Ganimedes
> Afastado o asco, o Tiríntio heroico arqueava Hilas
> E crees que Megara não tivesse nádegas?
> Dafne, fugidia, atormentava Febo com desejo
> Mas as chamas foram afastadas pelo comando do jovem de Ébalo.
> Embora Briseida muitas vezes se deitasse de bruços,
> Ficava mais próximo da Eácida o imberbe amigo.
> Cessa, portanto, de dar nomes masculinos às tuas partes
> E acredita, mulher, que tens duas bocetas.
> Idem, XLIII, XI[227]

E aqui estão os romanos novamente! Deve-se concordar, no entanto, que esses não são os de Cincinato, Régulo, Fabio e o primeiro Catão, mas pouco se modificou. No tempo anterior a Marcial, o ***Divino Augusto*** havia feito versos como nenhum outro.

Marcial, Montagne e Voltaire já apresentaram tais versos.

Marco Antônio escreveu para o mesmo Augusto, a quem Horácio diz:

> Que mudou sua visão? O fato de eu montar a rainha? Pois é minha mulher. Faz pouco tempo ou já faz nove anos? Pois tu montas apenas Drusila? Vá em frente, se enquanto lês esta carta ainda não tenhas montado Tertúlia ou Terentila, ou Rufila, ou Sálvia Titisênia – ou todas elas. Importa, realmente, onde ou em dentro de quem tens uma ereção?[228] Suetônio, *Da vita Caesarum*, Augustus, Caput LXIX.

Apresentei esses epígramas do poeta Marcial, e algumas outras passagens, para que não possam parar meus leitores. Abster-me-ia completamente se me parecesse necessário, como consolo mesmo para o nosso século, provar aos seus detratores que este é superior à Antiguidade também pela pureza das maneiras, mais do que por suas luzes. Todas as nossas vantagens sobre os Antigas se devem às mulheres. Seus gostos aparentemente frívolos, seus modos tão atraentes e variados que aumentam seu charme, prendem os homens a elas, preservam-nos dos erros grosseiros contra os quais a religião é muito fraca e que a filosofia nunca foi capaz de impedir.

Nota I

Primeira Parte, p. 93.

"Estávamos nos aproximando da capital", disse o mesmo jovem, "muito cansado e ainda mais entediado, da nossa estadia em um barco conhecido por sua lentidão, quando fomos

---

[227] *Deprensum in puero tetricis me vocibus, uxor, / Corripis et culum te quoque habere refers./ Dixit idem quotiens lascivo Iuno Tonanti!/ Ille tamen grandi cum Ganymede iacet./ Incurvabat Hylan posito Tirynthius arcu:/ Tu Megaran credis non habuisse natis?/ Torquebat Phoebum Daphne fugitiva: sed illas/ Oebalius flammas iussit abire puer./ Briseïs multum quamvis aversa iaceret,/ Aeacidae propior levis amicus erat. Parce tuis igitur dare mascula nomina rebus,/ Teque puta cunnos, uxor, habere duos.*

[228] *Quid te mutavit? Quod reginam ineo? Uxor mea est. Nunc coepi an abhinc annos novem? Tu deinde solam Drusillam inis? Ita valeas, uti tu, hanc epistulam cum leges, non inieris Tertullam aut Terentillam aut Rufillam aut Salviam Titiseniam aut omnes. An refert, ubi et in qua arrigas?*

recrutados por duas jovens bastante bonitas, a primeira parecia ter cerca de vinte e quatro e a segunda, dez a menos. Esta última parecia tão animada, tão ousada e, em uma palavra, tão bem feita que, apesar das maneiras de sua condutora, me inspirou a princípio certa desconfiança. Mas essas pequenas suspeitas logo foram destruídas: conversei com Mademoiselle Lebrun por um tempo (foi assim que a pequena Angelique nomeou sua amante), e tudo o que ela me disse foi tão sensato que senti muita estima por ela. Um jovem que conheci durante a viagem se apaixonou pela pequena e aguardou o momento favorável. Ele colheu a rosa, mas soube por ele mesmo, em seguida, que ela não ficou sem espinhos".

Nota K

Primeira Parte, p. 106.

A abadia de Thelema de Rabelais, que M. D. D. R[229] considera uma imitação de locais públicos de prostituição, estabelecidos anteriormente em diferentes cidades do Reino, não tem, em minha opinião, nenhuma relação com tais casas. Trata-se uma invenção bastante agradável deste autor para recompensar, de uma maneira digna, um certo monge do século XV ou XVI, o frei Jean de Entomûres.

Após a vitória, Gargantua recompensa todos os seus capitães, restando apenas o monge Jean, que não teve a menor participação no sucesso. O Príncipe ofereceu-lhe várias abadias ricas; mas o irmão as recusou, pois como monge ele não desejava ter cargo ou governo. "Como", disse ele, "Poderia eu governar outros, quando não posso governar a mim mesmo?"[230]. Ele pediu que, em consideração ao serviço que prestara e àqueles que quisessem retornar depois, fosse autorizado a fundar uma casa, à qual daria uma regra à sua imaginação. Seu pedido foi aprovado: de Gargantua, ele propôs ao irmão Jean um belo país nas margens do Loire, chamado Thelema, para construir uma abadia onde tudo o que seria praticado fosse o oposto perfeito do que é observado em outros mosteiros.

Essa casa não estaria cercada por muros, porque os mosteiros são murados; *e não sem causa*, diz o monge, *onde há paredes na frente e atrás, há fortes rumorejos, inveja e conspiração*. As mulheres não devem entrar nos conventos dos homens, e é costume se lavar os lugares onde elas teriam posto os pés, honestos ou não. Ao contrário, teremos os lugares pelos quais religiosos homens e mulheres passaram. Não haverá relógio, porque cada um deles

---

[229] A abreviação se refere a Monsieur Jean-François Dreux du Radier (1714-1780). A obra da qual Restif de la Bretonne extrai o trecho de La Motte-Messemé é o Tomo VI de *Bibliothèque Historique et Critique du Poitou*, *Histoire Literaire du Poitou*. Paris: Ganeau, 1754.

[230] *Pourrais-je gouverner autrui, alors que je ne saurais me gouverner moi-même?*

seguirá outra regra que não seja seu gosto e vontade nas coisas que deseja fazer; não havendo mais tempo perdido do que aquele em que as horas são contadas. É o maior devaneio do mundo, ser governado ao som de um sino, e não de acordo com o bom senso e a razão. Da mesma maneira, mete-se nos claustros os indivíduos incômodos ou desnecessários à Thelema, são recebidos apenas os jovens alertas e as jovens que terão todas as perfeições que os tornarem adoráveis. Nas casas comuns, há apenas homens ou mulheres; em Thelema, homens e mulheres sempre estarão juntos. Enquanto nas comuns o indivíduo esta para toda a vida preso à Ordem, em Thelema é possível ir embora assim que ficarmos entediados.

Votos de castidade, pobreza e de obediência mudam para algo aproximado, mas ao contrário. São obrigados a receber as meninas de dez a quinze; e meninos de doze a dezoito anos. Rabelais então fala das receitas da abadia; ele descreve o local e os suntuosos edifícios. A inscrição que será colocada no portal contém um capítulo inteiro em verso burlesco. O professor quer que a lei seja fundada lá, e o erro seria cuidadosamente evitado. Depois de falar sobre banhos, jardins, falcoaria, ele chega aos trajes: nada se iguala à sua magnificência, vista em todas as estações do ano, com brilho, prata, ouro, pérolas, lótus, diamantes, rubis etc.

No inverno, vestir-se-ão à moda francesa. Na primavera, à moda espanhola. No verão, ao estilo turco, exceto nos feriados e domingos, quando retomar-se-á às roupas francesas. São as mulheres que decidirão quais cores os homens deverão usar. Ao lado da casa haverá um grande edifício principal, onde serão alojados os trabalhadores que farão todas essas coisas bonitas. O uso do dia é regulado por estas palavras: **FAZ O QUE QUERES.** As pessoas bem-nascidas, desde que sejam livres, têm em si um *estímulo* que as leva às ações virtuosas. A atitude defensiva dá ao crime os encantos que ele não teria sem ela: todos, por emulação, o tinham visto, porque não podiam fazê-lo. Rabelais termina assim: Tão nobremente eles foram ensinados, que não havia diferenças entre eles, mas podiam ler, escrever, cantar, tocar e compor em vários instrumentos, falam cinco ou seis idiomas, todos de maneira muito singular (8), tanto em verso quanto em prosa (9). Nunca foram vistos tão valentes cavaleiros, tão nobres e dignos, tão hábeis (10), rápidos e animados tanto a pé quanto a cavalo, mais ágeis e rápidos no melhor manuseio de todo tipo de armas que existiam. Nunca foram vistas damas tão adequadas e belas, tão pequenas e delicadas, menos perversas e mais diligentes e instruídas (11) com a agula e as mãos mão e com a agulha em toda ação feminina (12), honesta e livre (13). Por esse motivo, quando chegou o tempo em que qualquer homem da referida abadia, a pedido de seus pais, ou, por alguma outra causa, tinha vontade de desistir (14), ele carregava consigo uma das damas, a saber, aquela a quem ele tinha antes escolhido para sua amante; e se casavam em seguida. E caso tivessem anteriormente vivido em Thelema em devoção e amizade, eles continuaram a

aumentá-los para uma altura muito maior em seu estado de matrimônio; e nutrir esse amor mútuo até o último dia de sua vida, no mesmo vigor e fervor que no dia de seu casamento.

Thelema me parece mais a corte do amor do que um lugar de depravação.

---

(8) Ou seja, em verso.
(9) Em prosa.
(10) Adroitness.
(11) Habitantes.
(12) De mulher.
(13) Nobre.
(14) Saída.

É sabido que as pinturas cínicas não não custaram nada no tempo de Rabelais, e homens honestos não tiveram dificuldades para se divertir com as obras deste escritor livre. Dizem que o cardeal Richelieu recebeu muito mal um estudioso, porque ele não havia lido o livro: portanto, não é por contenção que Rabelais termina sua descrição de maneira tão modesta; mas é porque ele completou tudo o que desejava pintar.

Pode-se juntar ao projeto ideal de Rabelais o estabelecimento mais possível das *Pretty Girls* de A Família Virtuosa.

Nota L

Primeira Parte, p. 107.

As prostitutas profanas (15), cuja religião não era mais seu motivo, formavam um estado separado, em todos os povos onde era encontrada. Quase sempre eram designados lugares separados, onde poderiam realizar, com menos escândalo, seu comércio infame. As mulheres públicas fixaram a atenção do governo por um longo tempo, mesmo na França: sempre havia um certo número delas nas cidades, seguindo a corte e o exército, sob o nome de cortesãs ou atrizes.

---

(15) Na Roma Antiga, o nome de toda cortesã era escrito na porta de seu quarto e visto em devassidão; Daí vem Juvenal falando de Messalina, que pegou emprestado o da famosa Lisisca, disse agradavelmente: *Titulum mentita Lisiscae.* Lê-se por extenso o nome da cortesã e o preço de seus serviços. Vemos na história de Apolônio de Tiro um deles, bastante agradável,

Quicumque Tarsam defloraverit.
Mediam t!bram dabit.
Postea populo patobit.

Ad singu!os solides[231]

[Ele chamou o responsável pelas mulheres e ordenou que ele vestisse Tharsia com as roupas mais esplêndidas e proclamasse pela cidade o preço de sua desonra]

Os Atos de Governo de Carlos V, em 1389, e de Carlos VII em 1424, para que reinasse a boa ordem nos locais de prostituição, são relatados por Lafaille em sua História de Toulouse. Este autor diz que houve anteriormente, nesta cidade e em várias outras, um local de depravação que não era apenas tolerado, mas autorizado até pelos magistrados, que obtinham dele uma renda anual. O ano de 1424, no qual surge essa casa insultuosa chamada Casa Verde, e que, pela desordem provocada pelos jovens depravados, a cidade foi privada dessa renda, os conselheiros municipais escrevem ao rei Carlos VII, pedindo para que a Casa fosse colocada sob sua responsabilidade, proteção que o rei lhes concedeu. Tal requerimento pareceria singular hoje, eles comunicavam ao rei que malfeitores sem nenhum temor a Deus faziam questão de quebrar as janelas da casa. *Non verentes Deum*[232].

No Ato dos Costumes de Narbonne, diz-se que o *cônsul e os habitantes tinham a administração de toda a polícia e o direito de ter na jurisdição do viscondado UMA RUA QUENTE, ou seja, um local de prostituição.*

Jeanne I, rainha de Nápoles e condessa de Provence, no Estatuto do Espaço Público de Prostituição de Avignon, dá a qualidade da abadessa à cafetina das meninas prostitutas desta cidade.

Reproduzo a seguir o regulamento completo.

Antigo Estatuto do Espaço Público de Prostituição de Avignon

I. No ano de mil trezentos e quarenta e sete[233], aos oito dias de agosto, nossa boa Rainha JEANNE permitiu o lugar público de prostituição em Avignon e ela proíbe todas as

---

[231] Quicumque Tharsiam violaverit, mediam libram dabit; postea ad. singulos solidos parebit populo. Gesta Romanorum. Disponível em: (https://www.slu.edu/colleges/AS/languages/classical/latin/tchmat/readers/gr/gr1.html Acesso em: 30/12/2019.

[232] Em nome de Deus.

[233] *L'an mil tres cent quarante et set, au hueit du mois d'avous nostro bono reino Jano a permés lou Bourdeou dins Avignon ; Et vol que toudos las fremos dehauchados non se tingon dlns la Cioutat; mai que sian fermados dins lou Bourdeou, et que per estre couneigudos, que porton uno agullietto rougeou sus l'espallou de la man escairo, etc.* No original.

mulheres de se prostituírem na cidade, ordenando que sejam encerradas no local destinado a isso e que, para que sejam notórias, ostentem um cordão vermelho no ombro esquerdo.

II. Se alguma garota que já cometeu um erro quiser continuar se prostituindo, o encarregado das chaves ou o capitão dos sargentos, depois de pegá-la pelo braço, a conduzi-la-á pela cidade ao som do tambor e com o cordão vermelho no ombro e colocá-la-á no estabelecimento com as outras; proibindo-a de sair da cidade, sob pena de chicotadas privadas da primeira vez; chicotadas em público; e banimento,caso a moça retorna.

III. Nossa boa rainha ordena que a casa da devassidão seja estabelecida nas ruas de Pont-Troué, perto do convento agostiniano, até a Porta Peire (DE PIERRE); e que, do mesmo lado, haja uma porta através da qual todas as pessoas possam entrar, mas que será trancada com a chave para impedir que as mulheres sejam vistas sem a permissão da abadessa ou do oficial de justiça, eleitos anualmente pelos cônsules. O oficial de justiça manterá a chave e alertará os jovens para não causar problemas e não maltratar ou amendrontar as mulheres alegres. Caso contrário, se houver alguma reclamação, eles só poderão ser levados para a prisão pelos sargentos.

IV. A rainha deseja que todos os sábados todas as cortesãs sejam visitadas pelo oficial de justiça e um cirurgião nomeado pelos cônsules. Se houver alguém que contraiu algumas dores, ela deve ser separada das outras, e que permaneçam separadas, para que não possam se oferecere para evitar os danos que essas jovens possam causar.

V. Se alguma das garotas engravidar, o oficial de justiça tomará providências para que a criança não se machuque, e ela informará o fato aos cônsules e eles providenciarão o melhor para a criança.

VI. Será absolutamente proibida pelo oficial a entrada de homens na casa na Sexta-Feira Santa, nem no Sábado de Aleluia, nem no abençoado dia de Páscoa; e isso sob pena de chicotadas.

VII. A rainha proíbe as mulheres alegres ter discussões ou demonstrações de ciúme entre elas. Também não podem roubar ou lutar. Ordena, pelo contrário, que morem juntas como irmãs. No caso de disputas, o oficial de justiça as ouvirá, e as partes deverão seguir o que o oficial terá decidido.

VIII. No caso de roubo ou furto, o oficial tentará resolver amigavelmente os pequenos furtos. Se a parte culpada recusa devolver o objeto furtado, ela será chicoteada em um

cômodo por um sargento. Se ela é uma criminosa recorrente no mesmo crime, o carrasco da cidade será o responsável pelo chicoteamento.

IX. Que o oficial não permita a qualquer judeu a entrada na casa. Se houver conhecimento de algum judeu que tenta entrar em segredo ou por simpatias a ele concedidas por alguma cortesã, que o mesmo seja colocado na prisão, para ser chicoteado em todas as esquinas da cidade.

Os habitantes de Beaucaire, no Languedoc, haviam estabelecido um caminho em que as prostitutas locais e aquelas que quisessem ir à feira da Madeleine poderiam percorrer em público nas vésperas desta famosa feira. E quem tiver corrido mais e atingido o objetivo em primeiro lugar, recebia como prêmio um pacote de cordões de ombro vermelhos. Daí vem a expressão proverbial de que uma mulher encurta o cordão, para significar que ela prostitui seu corpo para um qualquer. Também era costume na Itália fazer correr as prostitutas, e oferecer-lhes um prêmio. Lemos que o famoso Castruccio de Castracani, general de Lucca, após a batalha de Seravale, na qual ele conquistou os florentinos, deu festas brilhantes sob os olhos de seus inimigos; e, a fim de demonstrar seu desprezo por eles, ele brincava com as prostitutas nuas, para que os vencidos pudessem vê-las do alto de seus muros. O prêmio era um um pedaço de brocado ou veludo e outros tecidos preciosos que foram ganhos na corrida.

As mulheres públicas acompanharam as tropas. Brantôme diz que, depois do exército do duque de Alba, que Felipe Il enviou a Flandres contra os rebeldes que haviam-se reunido sob o nome de Mendigos (*Gueux*)[234], vinham quatrocentas cortesãs a cavalo, lindas e corajosas como princesas; e oitocentas a pé, igualmente belas. La Motte-Messemé fala das cortesãs que seguiam este exército, em mais detalhes do que o fez Brantôme. O que ele diz é ainda mais curioso, uma vez que se relaciona com a disposição de muitos dos artigos do regulamento proposto, que querem a devassidão com decência e que tiram dela o que há de contrário à natureza, deixando a liberdade de escolha, tanto para a garota pública quanto para o homem que a deseja. Reproduzo esses versos, embora eles já estejam nesta Coleção tão sábia quanto agradável de M. D. D. R, para que não tenhamos que procurar em outro lugar.

> Duas mocinhas atrevidas,
> Trezentos cavalos, no mínimo
> Sobre os quais andavam mulheres de prazer,
> Para servir ao primeiro que quisesse,
> Desde que, entenda-se bem, lhes agradasse...

[234] Guerra dos Oitenta Anos – conflito entre Holanda e Espanha. Guerra da Independência Holandesa (1568-1648) que teve início com a insurreição de 17 províncias e seu fim com a Paz de Munster (1648), que instituía o reconhecimento da República Holandesa. Esta já havia sido reconhecida pela Espanha em 1609; porém, com o início da Guerra dos Trinta Anos, as hostillidades entre as partes recomeçaram. A Paz de Munster é parte da Paz de Westfália. GLETE, John. *War and the State in Early Modern Europe. Spain, the Dutch Republic and Sweden as Fiscal-Military States, 1500–1660*. Londres: Routledge, 2002.

Eu as achei tão maravilhosas que, para vê-los passar, parei por um longo tempo
Considerando seu porte, sua graça e suas roupas;
Enriquecido com cores, sob muitos trabalhos de ourives;
Havia entre elas algumas lindíssimas...
Mas mais do que a brancura, a escuridão as acompanha.
Suas montarias eram as melhores da Bretanha.
Um tinha um cavalo e o outro foi lentamente a uma mula.
Os arreios, no entanto, da cobertura de arrasto
Sob seus pés o veludo brilhante,
Cinco ou seis ornamentos costurados ao redor.
As damas o queriam todas as noites,
Ele tinha as que desejava o dia todo,
Mas com certo respeito cerimonial...
O magistrado se juntava a eles
E agora essas mulheres tinham seu bairro noturno.
As damas os queriam todas as noites –
ele manteve aquelas que queriam o dia todo,
No canto do marechal de campo (16), pelas mãos do contramestre,
E ninguém lhes ousaria fazer alguma insolência.
No entanto, o duque (17) se cansou de tal esquema.
Deu-lhes a chance de fazer o máximo
Para desagradá-los. Eu mesmo ouvi
Eu mesmo os ouvi gritando, com meus próprios ouvidos,
E Deus sabe se isso de fato os desagrada!
Pois entre elas não havia quem ousasse
Recusar o soldado que lhe quisesse
Ou fornecer seu quarto por cinco sóis a noite.
E dessa forma, foram expulsas do exército,
O que seria fácil para eles, como se diz.
E foi assim que se passou tudo
O mesmo que em outros tempos havia feito a Corínthia.
Por tê-lo feito, o duque era estimado
Por alguns; por outros, blasfemado
E aqueles que admiravam sua prudência
Alegavam que seria uma grande ofensa
Desagradável a Deus, ter incessante
Acesso de vício, abruptamente
Trazido ao fim por um enorme escândalo,
Das pessoas que melhor vivem em ruína total,
Cada um de acordo com sua paixão;
Pois aqueles de opinião contrária
Não desejando questionar a ordem,
Dizia que o soldado se daria licença
De forçar, a partir de agora onde passasse,
Aquilas que deixaram de seu prazer costumeiro,
E que lhe foi permitido por tanto tempo como um mal necessário...
Mas, pelo que se diz, o duque não retirou seu édito de forma alguma.

Honastes loisirs de La Motte-Messené, Livro I, final[235].

(16) Comissário-Geral.

(17) De Alba.

[235] LA MOTTE-MESSEMÉ, François. *Les Sept libres des honnestes loisirs.* Paris: Marc Orry, 1587.

Só se pode desaprovar o expediente do duque de Alba. O abuso que existia antes era incomparavelmente menor do que o que ele causou, mas o que se poderia esperar de um homem maculado por execuções sangrentas em todos os dias de seu governo na Holanda? A prostituição militar foi degradada e tornou-se ainda mais perigosa.

O prisioneiro de Pantagruel, em Rabelais, após a enumeração hiperbólica das forças inimigas, acrescenta: *150 mil P ... (aqui, para mim, Panurgo) das quais nenhuma é amazona. São elas de Lyon, de Paris, de Tour, de Angers, de Poitou, da Normandia, da Alemanha, de todos os países e idiomas que há.*

Jean de Troies, autor da *Crônica Escandalosa*, diz que em 14 de agosto de 1465 chegaram a Paris duzentos arqueiros a cavalo, seguidos de oito devassas e de um Monge Negro[236], seu confessor. Um excelente grupo, além do belo ofício – confessor das devassas!

Nota L (bis)

Primeira Parte, p. 125.

O legislador de uma cidade na Itália, famosa por sua suavidade (é Sibari[237]) proibiu a entrada com armas em punho na cidade sob qualquer pretexto, sendo seu uso adequado apenas para duelos de morte, a menor disputa entre burgueses. Charondas (era como se chamava o legislador) selou sua lei com seu sangue. Pois, certa vez, quando voltava do campo, onde se encontrara na necessidade de se armar (já que o mesmo estava infestado de bandidos) ouviu muito barulho na praça. Pensando que se tratava de uma agitação popular, ele se dirigiu para lá, sem prestar atenção no fato de estar empunhando uma espada. Ao chegar lá, ele reconheceu que estava errado e que a assembleia havia sido compreensiva. Ele estava prestes a se retirar quando alguém que o odiava lhe denunciou, dizendo que ele próprio estava violando a lei que havia estabelecido. Estais certo, ele respondeu a este homem com calma, e vereis o quanto eu a creio necessária. E, sacando a arma fatal, ele a mergulha no próprio peito. Esse legislador considerava sua lei tão importante que sequer considerou que deveria ser perdoado por tê-la violado por desatenção. Mas sei que é possível dizer que o exemplo de um sibarita não é adequado nem apresenta autoridade para nós; os cidadãos de Esparta, os de Atenas e de Roma não parecerão fracos. Os maiores guerreiros de todos os homens, os mais esclarecidos e os vencedores de nosso hemisfério, não carregavam armas em suas cidades (18) e em tempos de

[236] Ordem dos Beneditinos.

[237] Província de Cosenza, Calábria.

paz. *Cedant arma togae*[238], dizia Horácio[239], dos bárbaros do norte, Hunos, Godos, Visigodos, Francos, Vândalos, Borgonheses, Normandos e Sarracenos, quando desmembraram o Império Romano, devastando-o. Esses povos conheciam apenas uma virtude: era a força do Direito Civil; era o Direito de Conquista: era necessário desarmarem nossos ancestrais e depois reduzi-los ao cativeiro. Eles tinham o ferro na mão, sempre pronto para matar seus escravos se pensassem em virar o jugo. Portanto, essa é a origem desse galante método de carregar uma arma assassina ao seu lado, geralmente um adorno fatal. É um costume dos Godos, que um pouco enobreceu os tempos das Cruzadas ou da Cavalaria; e esse uso gótico ainda persiste! Veja como somos ridículos! Ridículos e bárbaros! O porte de armas causa no Reino a morte imprevista de vários indivíduos de todos os estados e, consequentemente,

(18) Eles tinham seus punhais; porém, seu uso se tornou geral em Roma somente na época das Proscrições[240].

o infortúnio de várias famílias; ainda causa a perda dos melhores soldados e o medo de avançar e que essas perdas chegassem a duzentos homens por ano. Mas, eram somente cinquenta? A conservação de cinquenta indivíduos urge suprimir, efetivamente e geralmente, algo que nos é desnecessário!

Nota M

Primeira Parte, p. 143.

É certo que o adorno é, para as mulheres, metade do seu valor. Tudo o que pode embelezar é feito por eles, é o bem deles; nunca teremos razão em dizer que eles vão longe demais desse lado: suas graças naturais ou artificiais aumentam nossa felicidade e a soma de prazeres. Tire a maioria de seus penteados elegantes, seus espartilhos, seu lindo sapato... E o que restará? Não, o cidadão honesto não é um inimigo desse tipo de luxo, que tem por objetivo apenas tornar o belo sexo mais encantador, mais aprumado para apresentar essa doce alegria a

[238] *Cedant arma togae; concedat laures laudi.* Submetam-se as armas à toga. A frase é a recomendação de Cícero para a subordinação das forças armadas ao aparato civil e, juntos, logrem a glória. CÍCERO, *De Consulato Suo.* Livro III, Fragmento VI.

[239] Cícero.

[240] As proscrições ocorreram durante o período de Lúcio Cornélio Sula Félix, *dictator legibus faciendis et reipublicae constituendae causa* (81 a.C.-78 a.C). Plutarco denuncia a extrema violência causada pela militarização de Roma e o endurecimento das punições aos crimes e a disseminação das armas entre a população, e não apenas para os contingentes militares PLUTARCO, *Life of Sulla*. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Sulla*.html Acesso em: 31/12/2019.

nossos corações, esse prazer legítimo que surge de um interesse terno, de um sentimento tão delicioso quanto inexprimível.

Que uma pequena República, como disse um sábio, faça leis exageradas, se isso impedir seus cidadãos de usar materiais estrangeiros excessivamente caros ou de se opor ao estabelecimento de manufaturas que empregariam indivíduos para um trabalho mais útil. Mas uma grande monarquia, onde as fortunas são necessariamente de desigualdade enorme, precisa de luxo. A França não tem o melhor solo de todo o universo; no entanto, é o país mais bonito do mundo; e o que lhe dá essa vantagem é o luxo, que traz os bens ricos de volta às mãos do artista e do artesão. Tudo o que é necessário evitar é que o luxo das cidades proporcione o despovoamento do campo, para evitar minar todo o edifício pelas fundações. No entanto, se houver uma proporção justa, está tudo bem. Além disso, existem mil coisas de bom gosto, que custam muito menos trabalho, menos tempo e menos dinheiro do que essa magnificência sombria, embaraçosa e suntuosa de nossos ancestrais. O homem, sem dúvida, é o primeiro e mais bonito de todos os animais. Repito, contudo, que sem adorno o homem diferiria, é minha opinião, de forma muito pequena, da mais feia criatura. Isso já é sabido e não me detém. Considero, portanto, tudo o que contribui para as comodidades da espécie humana como algo louvável e que deve ser incentivado.

Quando encontro um homem ou mulher feia, que se esforçou ao máximo para disfarçar os caprichos injustos de natureza ou a devastação dos anos com penteados e adereços, sinto em meu coração uma obrigação sincera: acho que fazem muito bem em esconder sob uma bela máscara uma figura que me entristeceria. Sinto prazer e luxúria quando vejo esse sexo encantador, do qual dependem nossos prazeres e nossa felicidade, atribuem às flores da juventude um conjunto de bom gosto, que duplicam seu brilho. É preciso estar de mau humor para invejar a humanidade com tanta diversão inocente.

Sabemos por experiência própria que o homem choraminga em qualquer idade. Um grito de dor indica que ele conheceu a fraqueza e os inúmeros perigos que acompanham sua infância, alguns vindos de preceptores cruéis e outros tiranos. Atormentam-no como fúrias até os vinte anos nessa idade perigosa na qual paixões cravam milhares de precipícios sob seus passos, ainda incertos e inseguros. Se ele logra escapar, sua virtude começa a brilhar e a inveja se põe a difamá-lo, a segui-lo até a velhice e acaba, como começou, a fazer-lhe pena. Ah! Digne-se, injusto censor, a deixar para ele seus brinquedos e suas bonecas, tantos quantos o divertirão. Ele ainda tem tempo suficiente para sentir sua desgraça!

Nota N

Primeira Parte, p. 207.

Um homem honesto das províncias tinha uma filha, cujo rosto bonito e disposição feliz o faziam esperar consolo na velhice. Os amigos que ele tinha na capital o fizeram entender que a jovem receberia uma educação muito mais adequada e vantajosa em uma pensão que eles conheciam e pela qual eles respondiam. Esse pai, que buscava apenas a vantagem de sua única filha, confiou-a a eles. Lucile, a amável, entrou na pensão? A casa era bem regrada, os jovens estavam sempre sob os olhos de uma governanta tão esclarecida e cuidadosa que ninguém saía, exceto com os pais ou alguém enviado de sua parte e conhecido. Quem não teria acreditado que a jovem Lucile estaria em segurança? Devoção, uma piedade incompreendida, a fez perder-se. Um padre altamente estimado era o diretor da casa. Ele era um homem de cerca de quarenta anos, com um semblante aberto e bastante bonito. Até agora, sua conduta fora irrepreensível, ou pelo menos nenhum de seus problemas havia emergido.

A jovem provincial tinha um belo rosto e, sobretudo, belos olhos – homens que querem manter a razão nunca devem encarar os olhos. Vinte anos de experiência não impediram que o indigno Ministro de altares, ao ver Lucile, a desejasse e assumisse o propósito de triunfar sobre sua inocência. Possuí-la, foi o efeito da primeira das conversas que tivera com ela, chamada confissão. Ele, portanto, aproveitou a confiança da jovem que lhe abriu o coração e de sua gratidão por ele ter sido responsável pela casa em que ela estava. Infelizmente, nada foi mais fácil porque, depois de lhe ter tomado o espírito (e talvez o coração), ele pediu que lhe fosse permitido vir encontrá-lo lá duas vezes por semana. Como a casa e a igreja fossem vizinhas, Lucile ia sozinha – ele teve a presença de espírito de convencê-la a ir a sua casa para receber conselhos mais complexos. Mas ele a fez entender que essas visitas tinham que ser secretas, para não despertar ciúmes em seus companheiros.

Envaidecida pela preferência, a jovem estava nadando de alegria. Ela tinha apenas dezesseis anos, muito inocente nessa idade do que uma menina de doze anos na capital. Ela foi vítima por um longo tempo das liberdades culpáveis antes de entender qualquer coisa. Finalmente, encorajado pelo sucesso, o infame padre a desonrou. Lucile não entendeu a princípio quais deveriam ser as consequências do ataque ao seu abominável sedutor, mas quando finalmente compreendeu, ela desejou a morte. Ela era a vítima, mas não a cúmplice do monstro e descobriu, sem cerimônia, toda a sua ousadia. Dois amigos de seu pai que estavam em Paris, e com quem Lucile, nas primeiras crises de desespero, foi ter, resolveram esfaquear o canalha: propósito foi conhecido e eles foram impedidos de vingar um crime abominável com uma ação injusta, proibida por lei. A infeliz jovem, depois de lamentar seu infortúnio, da maneira mais tocante, foi se calar em um retiro.

Seu pai, aquele velho que só tinha esperanças nela, de quem estava escondida a desgraça de sua querida garota, surpreso com a decisão que ela tomara de renunciar ao mundo, deixou sua província para ir vê-la, fazê-la mudar de resolução e levá-la com ele. Ele chega e pede. Lucile aparece com os olhos molhados de lágrimas, colados ao chão, o pai a beija: *Minha querida filha!,* ele exclama, *Tu me vês vê e choras!* - Lucile tinha uma carta pronta; ela dá ao pai e o velho lê. Ele se torna pálido, seus joelhos estão escorregam, ele está caindo... Ele soubera, era a morte.

Alguns dias depois, ele foi colocado no caixão. Lucile, informada desse acidente fatal, pede para sair e quer, diz ela, beijar o pai mais uma vez, mesmo depois de tê-lo perdido. Essa satisfação lhe foi concedida com lágrimas, seus choros. Ela chega correndo sobre o cadáver sem vida: Ó vós, a quem amei com tanta ternura, e a quem esfaqueei, exclamai, pai, recebei-me em vosso seio. Ela havia tomado veneno, ou sua dor era forte o suficiente. Inclinou-se sobre o corpo do pai e ficou lá por um tempo. Finalmente, tentaram tirá-la de lá; ela não respirava. Malditas leis! O único culpado ainda está feliz!

FIM

Bibliografia

1. Restif de la Bretonne e Marquês de Sade

RESTIF DE LA BRETONNE, N. E. *Le Pornographe, ou, Idées d'un honnête-homme sur un projet de règlement pour les protistuées, propre à prévenir les malheurs qu'occassionne le publicisme des femmes: avec des notes historiques et justificatives*. Londres: Jean Nourse, Lib., 1769.

_____. *Ingénue Saxancour, ou La Femme Séparée.* Paris: Bibliothèque des Curieux, 1922.

_____. *La famílle vertueuse.* Paris: Veuve Duchesne,1767.

_____. *La Mimographe*. Amsterdã: Changuion, 1770.

_____. *L'Année des ddames nationales.* Genebra: n/i,, 1791.

_____. *La vie de mon père. Tomes I-II.* Paris: Veuve Duchesne, 1779.

_____. *L'Educographe: Le nouvel Émile, ou l'éducation pratique.* Genebra: J. P. Costard, 1770.

_____. *Le paysan perverti, ou Les dangers de la ville.* Haia: n/i., 1776.

_____. *Le pied de Fanchette, ou L`Orpheline française : Histoire intéressante et morale.* Haia: Grosse & Pinet, 1769.

_____. *Le Thesmographe*. Haia: Gosse-Junior & Changuion, 1789.

_____. *Les contemporaines, ou Avantures des plus jolies femmes de l'âge présent.* Paris: Veuve Duchesne, 1781.

_____. *Les Gynographes*. Haia: Grosse & Pinet, 1777.

_____. *Les nuits de Paris, ou Le spectateur-nocturne.* Londres, 1788.

_____. *Les Posthumes, ou letres reçues près la mort du Mari par sa vemve, qui le croit à Florence.* Tomes I-IV. Paris: Duchêne, 1802.

_____. *Les Provinciales, ou Histoire des filles et femmes des provinces de France, dont les aventures sont propres à fournir des sujets dramatiques de tous les genres* Paris, J. B. Garnery, 1796.

_____. *Monsieur Nicolas, ou Le coeur humain devoilé. Tomes I-XIV.* Paris: Isidore Liseux, 1883.

_____. *Mes inscripcions: journal intime de Restif de la Bretonne.* Paris: Librairie Pologne, 1889.

SADE, D. A. F. (Marquês). *A filosofia na alcova ou Os preceptores imorais*. Tradução de Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2008b.

_____. *La philosophie dans le boudoir*. Paris: Gallimard, 1976.

_____. *Justine, ou os infortúnios da virtude*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008a.

_____. Justine, ou *Les malheurs de la vertu,* Paris: Gallimard, 1976.

2. Estudo crítico

ADDISON, Joseph. *Cato: A Tragedy, and Selected Essays*. Indianápolis: Liberty Fund, 2004.

APOLODORO. *Contra Neera [Demóstenes]*. Tradução de Glória Onelley. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Disponível em: https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf#page141 Acesso em: 27/01/2020.

BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas.* Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

_____. *Lumières de l'Utopie* Paris: Payot, 1971.

_____. *Lumières, utopies, révolutions: espérance de la démocratie.* Genebra: Droz, 1989.

_____. Utopia. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 5 (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BALZAC, Honoré de. *Les Jounalistes*. Paris: Éditions du Boucher, 2002.

BANGERT, William V., S. J. *HIstória da Companhia de Jesus.* São Paulo: Loyola, 1985.

BARR, Philippe. *Restif de la Bretonne spectateur nocturne: une esthétique de la pauvreté*. Amsterdã: Rodopi, 2012.

_____. Restif de la Bretonne, spectateur nocturne. In: *Études Retiviennes,* n. 41. Paris: Société Restif de la Bretonne, 2009.

BATAILLON, Marcel (Org.) *Aspects du Libertinisme au XVIe siècle.* Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1974.

BEHRISCH, Lars. Statistics and Politics in the 18th Century. In: *Historical Social Research/ Historische Sozialforschung.* 2016. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/46869 Acesso em: 25/12/2019.

BENSIMON, Nella Bianchi Bensimon. Jacques Vintimille, 1548, *Le Prince, de Nicolas Machiavel citoyen et secretaire de Florence traduict en françoys.* Trad. Jacques de Vintimille. Disponível em: https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00703204 Acesso em: 21/12/2019.

BERRIEL, Carlos Eduardo O. Campanella: a consciência possível da contrarreforma. Considerações sobre o "Appendice della politica detta La Città del Sole di fra' Tommaso Campanella — Dialogo poetico" (1602). in: *Revista Morus. Utopia, Reforma e Contrarreforma.* Vol. 5, 2008.

BESSON, Jean; ROSIÈRE, Pierre, *Encyclopédie de la Gendarmerie Nationale*, vol. I. Paris: Éditions SPE Barthelemy, 2004.

BIETENHOLTZ, Peter G.; DEUTSCHER, Thomas B. *Contemporaries of Erasmus: a biographic register of The reform and Reformation.* Volumes 1-3. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

BLANCHOT, Maurice. *Sade et Restif de la Bretonne.* Paris: Éditions Complexes, 1986.

BLOOM, Rori. Rewriting the Family Romance: Prostitution and Revolution in Restif de la Bretonne's Le Palais Royal. In: *Studies in Eighteenth-Century Culture,* 43, 2014. P. 153-168.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento.* São Paulo: EDUSP, 2013.

BRADATAN, C. On the very notion of utopia. *Revista Morus. Utopia e Renascimento*, n. 6, 2009, p. 158-166.

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. *Dicionário de Política.* Vol. I. Brasília: Editora UnB, 1998.

BOYD, William. *The educational theory of Jean-Jacques Rousseau.* Nova York: Longmans, 1911.

BOYVE, J.-F. *Definitions ou explications des termes du droit, consacres a la pratique judiciaire du Pais de Vaud.* Lausanne: Jean-Pierre Heubach, 1766.

BULA PAPAL UNIGENITUS (1713) Reg. Vaticano n. 192, f. Irv e Reg. Vaticano n. 272, f. 16v-18v. Archivio Segreto Vaticano. Roma, 2019. Cortesia do Arquivo do Vaticano.

_____. Encíclica Papal *Unigenitus*, 1713, Papa Clemente XI. Disponível em: http:// www.papalencyclicals.net/clem11/c11unige.htm Acesso em: 22/04/2019.

CAMPBELL, Peter; MCPHEE, Peter. Rethinking the origins of the French Revolution. In: *A Companion to the French Revolution.* Nova York: Peter McPhee, Ed., 2013, p. 1–23.

CARRAUD, Vincent. *O Jansenismo.* Disponível em: http://www.melancholia.fr/biblio/?Le-jansenisme.html Acesso em: 13/03/2019.

CATÃO, Marco Pórcio. *De Agri Cultura.* Texto completo multilíngue disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cato/De_Agricultura/A*.html Acesso em: 25/04/2019.

CAVAILLÉ, J. P. Libertine and Libertinism: Polemic Uses of the Terms in Sixteenth and Seventeenth-Century English and Scottish Literature. *Journal for Early Modern Cultural Studies*, 12, n. 2. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2012, p.12-36.

CENTRE NATIONAL DE RESOURCES TEXTUELLES ET LEXICALLES. Disponível em: https://www.cnrtl.fr/etymologie/parangon Acesso em: 19/04/2019.

CHARBIT, Yves; VIRMANI, Arundhati (2002) *The Political Failure of an Economic Theory: Physiocracy.* Population, Vol. 57, n. 6. Paris: INED, 2002, p. 855–883.

CHILDS, John. *The Nine Years' War and the British Army, 1688-1697.* Manchester: Manchester University Prés, 1991.

CHAUI, Marilena. Notas sobre a utopia. *Ciência e Cultura*, São Paulo, vol. 60, n. spe. 1, julho 2008. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003&lng=en&nrm=iso Acesso em: 23/01/2020.

CHOUDHURY, Mita. Women, gender, and the image of the Eighteenth-Century aristocracy; KAISER, Thomas E. Nobles into aristocrats, or How an Order became a conspiracy. In: SMITH, Jay M. *The French nobility in the Eighteenth century: reassessments and new approaches.* Filadélfia: Penn State University Press, 2006.

CHORIER, Nicolas. *La academia de las damas, llamada "Sátira sotádica de Luisa Sigea sobre los arcanos del amor y de Venus" (1917).* Disponível em: http://bibliotecadigital.jcyl.es/i18n/consulta/registro.cmd?id=14903 Acesso em: 12/07/2018.

_____.*Aloisiæ Sigeæ Toletanæ satyra Sotadica de Arcanis Amoris et Veneris. Aloisa Hispanice scripsit, Latinitate donavit Joannes Meursius.* (1885). Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k202714z/f2.item Acesso em: 12/07/2018.

CLAEYS, Gregory. *Utopia*: a história de uma ideia. Trad. Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

COLUMELA, Lucio. *De Agricultura (De Re rustica)*, Livro II, cap. I. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=pMvsv31rgy4C&printsec=frontcover&dq=columela&h%20l%20=%20p%20t%20%20BR&ei=PyBpTvvAK6LH0AHFoaXOBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&redir_esc=y%20#v=onepage&q&f=false Acesso em: 22/12/2019.

CONNER, Susan P. The Pox in Eighteenth-Century France. In: MERIANS, Linda Evi (Org.). *The Secret Malady: Venereal Disease in Eighteenth-Century Britain and France.* Lexington: University Press of Kentucky, 1996.

CORPUS OF MODERN GREEK. Disponível em: http://web-corpora.net/GreekCorpus/search/ Acesso em: 12/12/2019,

COWARD, David. The Sublimations of a Fetishist: Restif de la Bretonne. *Eighteenth-Century Life*, 9, n. 3. Durham: Duke University Press, 1985, p. 98-108.

_____. *L`Utopisme de Restif.* Coloque Internacional dês Lumières, Lilly, 1973.

DAIRE, Eugène; DISSARD, Hyppolyte. *OEuvres de Turgot (Réimpr. de l'éd. 1844) nouvelle édition classée par ordre de matières, avec les notes de Dupont de Nemours ; augmentée de lettres inédites, des questions sur le commerce, et d'observations et de notes nouvelles par MM. Eugène Daire et Hippolyte Dussard ; et précédée d'une notice sur la vie et les ouvrages de Turgot par M. Eugène Daire. Publication* : O. Zeller (Osnabrück), p. 302-316. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57291/ Acesso em: 02/01/2020.

DARNTON, Robert. *Revolução impressa: a Imprensa na França.* São paulo: EDUSP, 1996.

DAVIS, Nancy. The Doctrine of Double Effect: Problems of Interpretation. In: *Pacific Philosophical Quarterly*, 65: 107–23; Nova York: Woodward, 1984, p. 119–142.

DE LA COUR, C.-H. M. *Dissertation sur les causes et las degrés de la décadence des loix de Lycurgue.* Lyon: Durand et Vallat-la-Chapelle, 1767.

DELCOURT, T., PARINET, E. (Org.) *La Bibliothèque Bleue et les littératures de colportage.* Paris/Troyes: Ecole des Chartes/La maison du Boulanger, 2000.

DENISART, Jean-Baptiste. *Collection de décisions nouvelles et de notions relatives à la jurisprudence présente, par M. J.-B. Denisart, procureur au Châtelet de Paris, 1761.* Disponivel em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k206722n Acesso em: 02/02/2019.

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DES ARTS, MÉTIERS ET PROFESSIONS. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5725179h/f2.image.r=Six-Corps Acesso em: 02/01/2020.

DULAURE, J. A. *Histoire de Paris et de ses monuments.* Paris: Ferne, Jouvet et Lte., 1846.

_____. *Histoire physique, civile et morale de Paris, depuis les premiers temps historiques jusqu'a nos jours*. Paris: Libraire Guillaume, 1824, p. 12-14.

EDWARDS, Henry S. *Old and new Paris: its history, its people , and its places (Volume I-II).* Londres: Cassel and Company, 1893.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* São Paulo: Zahar, 1990.

ELLIS, Havelock. *Studies in the Psychology of Sex.* Auckland: The Floating Press, 2011.

ELTIS, Walter. A. François Quesnay: a reinterpretation 2. The theory of economic growth. In: *Oxford Economic Papers*, vol. 27, n. 3. Oxford: Oxford University Press, 1975, p. 326- 371.

ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Versão para e-book disponível em: http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socialismoutopico.pdf Acesso em: 19/04/2019.

ERAISSE, Geneviève. Droit de cuissage et devoir de l'historien*: Clio. Femmes, Genre, Histoire,* no 3, 1er avril. Paris: Éditions Belin, 1996.

FEDRO, *Fabularum. Juxta exemplar a Petro Burmanno editam 1727*. Edimburgo: Crawford, Gordon, Brown, and Wright, 1755.

FERRONE, Vincenzo, The Enlightenment. In: *History of an Idea.* Cambridge: Princeton University Press, 2015.

FORREST, Henry J. *A dream of Reform.* Londres: John Chapman, 1848.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *O Iluminismo e os Reis Filósofos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, poder-saber. Ditos eescritos IV.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003,

_____. *Madness and Civilization*. New York: Vintage Books. 1988, p. 39; 53.

FIRPO, L. *Para uma definição de utopia.* Discurso de encerramento do Primo Convegno Internazionale di Studi Sulle Utopie, ocorrido em Reggio Calábria, em maio de 1983, organizado pela Università degli Studi di Reggio Calábria em colaboração com a *Society for Utopian Studies* (USA e Canadá). Tradução: Carlos Ediardo Ornelas Berriel. *Revista Morus. Utopia e Renascimento*, n. 2, Dossiê: Utopia como gênero literário, 2009, p. 228-237.

FREDERICO II. *Anti-Machiavel, ou Essai de Critique sur le Prince de Machiavel, publié par Mr. de Voltaire.* Copenhague: Jacques Preiss, 1740, p. 167.

FREUD. Sigmund. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910). São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. *O romance familiar. (1908-1909)* Disponível em: http://lacan.orgfree.com/freud/textosf/romances-familiares.pdf Acesso em: 11/04/2019.

GAGE, Matilda J. *Women, Church, and State.* 1893. Disponível em: https://www.gutenberg.org/files/45580/45580-8.txt Acesso em: 20/01/2019.

GAY, José Contreras. Las milicias en el Antíguo Regimen. Modelos características generals y significado histórico. *Chronica Nova*, n. 20. Granada: Universidad de Granada, 1992, p. 75-103.

GENEALOGIA DA FAMÍLIA RÉTIF. Disponível em:: https://gw.geneanet.org/pierfit?lang=en&pz=marie&nz=cocu&ocz=1&p=edme&n=retif&oc1 Acesso em 13/05/2019.

GORZ, André. *Adeus ao proletariado:* para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

_____. *O socialismo difícil.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968**.**

_____. O *imaterial: conhecimento, valor e capital.* São Paulo: Annablume, 2005.

_____. Reform and Revolution. In: *The Socialist Register.* Vol. 5, 1968, p. 111-145.

_____. *Réforme et Révolution.* Paris: Éditions du Seuil, 1969.

GOSZTOLA, Anne. *Mémoire : La prostitution et la police des moeurs au Mans au XVII-Ième siècle. Histoire mode*. 2014. Disponível em: https://web.archive.org/web/20141129171830/http://www.iquesta.com/MemoiresTheses/Histoire-Arts/TelechargerMemoire-la-prostitution-et-la-police-des-moeurs-au-mans-au-xviiieme-siecle-139.html Acesso em: 17/02/2019.

GRÜNPECK, Joseph. *Tractatus de pestilentiali scorra siue mala de Franzos, originem remediaque continens.* Colônia: Kaspar Hochfeder, 1496.

GUNN, Fenja. *The artificial face.* London: Trinity Press, 1973.

GUYOT, Yves. *Quesnay et la physiocratie*. Paris: Guillaume, 1896.

HARPER, K. N.; OCAMPO, P. S.; STEINER, B. M.; et al. On the origin of the treponematoses: a phylogenetic approach. *PLoS Neglected Tropical Diseases*, n. 2. Londres: Public Library of Sciences, 2008.

HAYTON, Darin, "Joseph Grünpeck's Astrological Explanation of the French Disease," in *Responding to Sexual Disease in Early Modern Europe*. Toronto: Kevin Siena, 2005, p. 241-274.

HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848.* Rio de Janeiro: Paz e Ter-ra, 2007.

HUISMAN, Frank; WARNER, John H. Locativo. *Medical history: the stories and their meanings.* Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2004.

HURLEY, D. *Online Encyclopedia of Roman Emperors*. Livia (Wife of Augustus). http:// www.roman-emperors.org/livia.htme Acesso em: 17/07/2018.

HUSSON, François. *Artisans français : étude historique - Les charpentiers,* Paris, Marchal & Billard, 1903.

IM HOF, Ulrich. *The enlightenment: Maringá of Europe.* Hoboken (New Jersey): Wiley, 1995.

INGLEHEART, Jennifer; RADICE, Katherine (Org.). *Ovid: Amores III, a Selection: 2, 4, 5, 14*. Londres: Bloomsbury Academic, 2011, p. 47.

JACOB, Paul Lacroix. Bibliographie et iconographie de tous les Ouvrages de Restif de la Bretonne. Paris: Fontaine, 1875.

JANAUSCHEK, Leopold. *Originam cisterciensium. Tomás 1.* Ridgewood (New Jersey): Gregg, 1964.

JANSÊNIO, Cornélio. *Augustinus, seu doctrina S. Augustini de humana natura sanitate, agritunide, medicina aduersus Pelagianos et Massilienses. Tomi I-II.* Leuven: Rothomagi, 1640-1642.

KUNTZ, Rolf (Org.). *Quesnay: economia.* São Paulo: Ática, 1984.

LAFARGE, Catherine. *Notes de lecture* (1979). Disponível em: https://www.persee.fr/doc/dhs_0070-6760_1979_num_11_1_1258_t1_0512_0000_2 Acesso em: 16/08/2018,

LANSELLE, Robert. *Rétif de la Bretonne, ou la folie sous presse. (S')écrire, (s')inscrire, (s')imprimer.* 2006. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-essaim-2006-1-page-65.htm Acesso em: 25/02/2019.

LE BORGNE, Françoise; TESTUD, Pierre. *De la sature à la juvénale.* (2018). Disponível em: https://www.fabula.org/actualites/de-la-satire-la-juvenale-formes-et-enjeux-de-l-indignation-chezretif-de-la-bretonne_88124.php Acesso em: 23/11/2019.

LE ROY LADURIE, Emmanuel Le Roy. Ethnographie Rurale Du XVIIIe. *Ethnologie Française*, vol. 2, no. 3/4, 1972, pp. 215–252. Disponível em: www.jstor.org/stable/40988201 Acesso em: 28/02/2019.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones.* Oxford: Clarendon Press. 1940.

LLORCA, Bernardino, S. J.; VILLOSLADA, R. Garcia, S. J.; MONTALBÁN, F. S., S. J. *Historia de la Iglesia Católica em sus cuatro grandes edades: Antígua, Media, Nueva y Moderna.* Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1960.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Le prince de Machiavel. Traduction nouvelle, Augmentée de plusieurs autres Traitez du même Auteur, qui jusques icy n'ont pas été traduits*. Amsterdã: Henry Desbordes, 1696, p. 213.

MARCUSE, H. *O fim da Utopia*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MARTIN, François Olivier, *L'organisation corporative de la France d'Ancien Régime,* Paris, Sirey, 1938.

MARTIN, Morag. *Selling Beauty: Cosmetics, Commerce, and French Society, 1750-1830.* Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009.

MARTIN-DOISY, Felix. *Dictionnaire d`économie charitable, ou Exposé historique, théorique et pratique de l`assistance religieuse, publique et privée, ancienne et moderne.* Paris: Bibliothèque Universelle du Clergé, M. Abbé Migne, 1853.

MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte.* São Paulo: Martim Claret, 2011.

_____. *O manifesto comunista.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MAZZUOLI, Valério de Oliveira. *Curso de Direito Internacional Público.* São Paulo: RT, 2010.

McINTYRE, Alison. Doing Away with Double Effect. In: *Ethics*, 111(2). Chicago: Univer-sity of Chicago Press, 2001, p. 219–255.

MELO, V. D. S., DONATO, M. R. A. O pensamento iluminista e o desencantamento do mundo: a modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. *Revista Crítica Histórica Ano II,* n. 4, dezembro de 2011.

MESSAGER, Jean-Luc. *La Légion étrangère, 175 ans d'histoire.* Paris: Hachette Livre, 2007.

MINARD, Philippe, *Typographes des Lumières : suivi des "Anecdotes typographiques" de Nicolas Contat (1762).* Champ Vallon: Epoques, 1989.

MIRABEAU, Honoré G. R. *Observations d'un voyageur angulais sur la Madison de force appelée Bicêtre.* Londres: Wentworth Press, [1788] 2019.

MOREAU, Jean-Paul. Questions agricoles en Basse-Bourgogne au XVIIIe siècle. In: *Annales de Géographie*, t. 59, n°317, 1950. pp. 346-353. Disponível em: www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1950_num_59_317_13114 Acesso em: 12/01/2019.

MORELLY, Etienne-Gabriel. *Naufrage des Isles Flottantes, ouLa Basiliade du célèbre Pilpai/ code de la Nature.* Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Code_de_la_Natu-re Acesso em: 21/01/2020.

MORUS, Thomas. Utopia (2004 {1516]). Disponível em: http://funag.gov.br/biblioteca/download/260-Utopia.pdf Acesso em: 23/01/2020.

MYLNE, Vivienne. *The Eighteenth-Century French novel: techniques of ilusion.* Cam-bridge: Cambridge University Press, 1965.

NEW CATHOLIC ENCYCLOPEDIA *Volume 4 (Com-Dyr).* Washington: Catholic University of America, 2002, p. 880-884.

NOUVEL, Pierre. La vallée de la Cure à l'époque gallo-romaine : Découvertes anciennes et apports des prospections aériennes et terrestres 1991-2008, *Bulletin de la Société d'Etu-des d'Avallon*, 84, 148ème année, 2008 (2009), p. 14-43.

PALEONTOLOGY DATABASE (2018). Disponível em: https://doi.org/10.15468/zzoyxi Acesso em: 19/12/2019.

PASCAL, Blaise. *As provinciais.* São Paulo: Flocalia, 2016.

_____. *Pensamentos.* São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PAZZINATO, A. L.; SENISE, M. H. V. *História moderna e contemporânea.* São Paulo: Ática, 1992.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Texto em latim. Disponível em: http://www.intratext.com/IXT/LAT0052/_P3I.HTM Acesso em: 17/07/2018.

PEUCHET, Jacques. *Vocabulaire des Termes de Commerce – Banque, Manufactures, Navigation Marchande.* Paris: Testu, 1801.

PIOZZI, Patricia. *Arquitetos da ordem anárquica.* São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

PINON, Pierre. *Paris, biographie d'une capitale*. Paris: Éditions Hazan, 1999.

PLATÃO. *O banquete*. http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000048.pdf Acesso em 19/12/2019.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas (1470).* Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/home.html Acesso em: 31/12/2019.

POHL, Nicole. Enlightenment Utopias. In: *Utopian Studies*. Vol. 11, n. 2. Filadélfia: Penn State University Press, 2000.

POIRIER, Jean-Pierre. *Lavoisier: chemist, biologist, economist.* Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1988.

POWELL M.; COOK, D. *The myth of syphilis: the natural history of treponematosis in North America.* Gainesville: University Press of Florida, 2005.

PRECIADO, P. B. *El burdel de Estado: Sexo, Biopolítica y Deuda en la construcción utópica de Europa a partir de Restif de la Bretonne. (2014)* Videoconferência disponivel em: http://paroledequeer.blogspot.com.br/2015/03/paul-b-preciado-el-burdel-de-estado.html Acesso em: 08/08/2017.

_____. *Restif de la Bretonne's State Brothel: Sperm, Sovereignty, and Debt in the Eighte-enth-Century Utopian Construction of Europe.* Disponível em: https:// www.documenta14.de/en/south/45_restif_de_la_bretonne_s_state_brothel_sperm_sovereignty_and_debt_in_the_eighteenth_century_utopian_construction_of_europe Acesso em: 17/02/2019.

PRÉVOST, A. A utopia: o gênero literário. Tradução: Ana Cláudia Romano Ribeiro. *Revista Morus. Utopia e Renascimento*, 10, 2015 p. 439-447.

QUANTIN, Maximilien. *Statistique de la populationdans le département de l'Yonneavant 1790.* Auxerre: G. Ruille, 1889. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k67239g/texteBrut Acesso em 25/02/2019.

QUESNAY, François; MIRABEAU, Victor R. M. *De. Philosophie Rurale, ou Économie générale et politique de l'agriculture, réduite a l'ordre immuable des Loix physiques et morales, qui assurent la prospérité des Empires.* Amsterdam, Les Libraires Associés, 1763.

_____. *Physiocratie. Ou constitution Naturelle du Gouvernment.* Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626896m/f9.image Acesso em: 25/05/2019.

QUÉTEL, Claude. *The history of syphilis*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1990.

_____. Syphilis et politiques de santé à l'époque moderne. In: *Histoire*, *économie* et *so-ciété*, 3e année, n. 4. Paris: Santé, médecine et politiques de santé, 1984, p. 543-556.

RACINE, Jean. Abrégé de l`histoire de Port-Royale. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Galli-marg, 1966.

RIBEIRO, Ana Cláudia R. O sentido do gênero literário utópico no século de l'Isle des Hermaphrodites. In: *Revista Morus*. *Dossiê: Utopia como gênero literário.* Vol. 2, 2005, p. 209-225.

ROCHE, Daniel. *France in the Enlightenment.* Cambridge: Harvard University Press, 1998.

_____. *O Povo de Paris: Ensaio Sobre a Cultura Popular no Século XVIII.* São Paulo: EdUSP, 2004.

ROULEAU, Bernard. *Paris: Histoire d'un espace*, Paris: Éditions du Seuil, 1997.

ROUSSEAU, J.-J. *Discurso Sobre a Origem e a Desigualdade entre os Homens (1775)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

_____. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. São Paulo: Nova Cultural, 1999,

_____. *Les rêveries du promeneur solitaire.* Paris: Gallimand, 1959.

ROUX, Pascal. Le recrutement de la milice royale au XVIIIe siècle : l'exemple du bataillon d'Albi (1740-1771). In: *Annales du Midi : revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale,* Tome 108, N° 216, 1996. p. 461-478. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/anami_0003-4398_1996_num_108_216_2540 Acesso em: 26/12/2018.

SAINT-ARMAND, Imbert de. *The cour of Louis XV.* Nova York: Charles Scribner's Sons, 1900.

SAINT-ILDEPHONT, F. *Le Médecin dê Soi-même, ou Méthode simple et aisée pour guérir les Maladies Vénériennes. Avec la recette d'un chocolat aphrodisiaque aussi utile qu'agréable.* Paris: Michel Lambert, 1775.

SANGER, William. *The History of Prostitution.* New York: Harper & Brothers, 1972.

SARMANT, Thierry. *Histoire de Paris: Politique, urbanisme, civilisation*. Paris: Editions Jean-Paul Gisserot, 2012.

SCOTT, Hamish. *The Birth of a Great Power System,* 1740-1815. Londres: Routledge. 2015.

SÉE, Henri. *Economic and Social Conditions in France During the Eighteenth Century (1929)*. Kitchenette, Ontário: Batoche Books, 2004.

SHAKESPEARE, W. *O estupro de Lucrécia (Completo)*. Disponível em: https://shakespearebrasileiro.org/pt/o-estupro-de-lucrecia-completo/ Acesso em: 31/12/2019.

SPENGLER, Joseph J. *French Predecessors of Malthus: a study in Eighteenth-Century wage and populacional theory.* Londres: Routledge, 2006.

SOCIÉTÉ RESTIF DE LA BRETONNE. Disponível em: http://retifdelabretonne.net/ Acesso em: 10/04/2019.

STEINER, Phillippe Physiocracy and French Pre-Classical Political Economy, Chapter 5. In: BIDDLE, J. E.; DAVIS, J. B.; & SAMUELS, W. J.: *A Companion to the History of Economic Thought*. Londres: Wiley-Blackwell Publishing, 2003.

STEINTRAGER, J. A. What happened to the porn in pornography? Retif, regulating prostitution, and the history of dirty books. In: *Symposium: A Quarterly Journal in Modern Literatures.* Heldref, 2006. p. 189-204.

STROUP, Alice. French utopian thought: the culture of criticism. In: RUBIN, David L.; STROUP, Alice (Org.) *Studies in early modern France.* Vol. 5, Utopia 2. Charlottesville: Rookwood, 1998, p. 1-84.

TAVENEAUX, René. *La vie quotidienne des jansenistes aux XVIIe et XVIIIe siècles.* Paris: Hachette, 1985.

TESTUD, Pierre, *Je suis né auteur pour ainsi dire, Rétif de la Bretonne, 1734-1806,* Auxerre, Bibliothèque Municipale d'Auxerre, 2006.

_____. *Rétif de la Bretonne et la création litéraire.* Paris, Genebra: Droz, 1977.

_____. *Rétif de laBretonne: Le pied de Fanchette, Le paysan perverti, Les contemporaines du commun (choix). Edition établi.* Paris: Robert Laffont, 2002.

TOMLINSON, Richard S. Pornography and Propaganda: Personal Libel and Revolution *English Romanticism Review*, 1, no. 2 181-196.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *The Old Regime and the Frech Revolution (1824).* Nova York: doubleday, 1955.

TOULALAN, Sarah; FISHER, Kate. *The Routledge History of Sex and the Body: 1500 to the Present*. Nova York: Routledge, 2013.

TROUSSON, Raymond. Romance e Libertinagem no Século XVIII na França. In: *Libertinos Libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Utopia e Utopismo. *Revista Morus. Utopia e Renascimento*, n. 2, Dossiê: Utopia como gênero literário, 2009, p. 123-135.

_____. *Voyages ai pays de nulle part.* Bruxelas: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1999.

ULSENIUS, Thodericus. *Walicinium in Epidemicam Scabiem, quae passim toto orbe grassatur (1496).* Göttingen: Verlag der Dieterich schen Buchhandlung. 1850.

WAGSTAFF, Peter. *Memory and Desire: Rétif de la Bretonne, autobiography and utopia*. Amsterdã: Rodopi, 1996.

WAILLY, M. *Natalis. Mémoire sur les variations de La livre tournois depois Le règne de Saint Louis jusqu'a l'établissement de La monnaie décimale*. Paris: Imprimerie Impériale, 1857, p. 221-230.

WALTER, Richard, (M. A.) *A voyage round the world, in the years MDCCXL, I, II, III, IV. Londres: John and Paul Knapton, Publishers, 1748*.

WASSON, Donald L. *Pertinax. Ancient Rome Encyclopedia.* Disponível em: https://www.ancient.eu/Pertinax/ Acesso em: 04/03/2019.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WEBER, Max in: COHN, Gabriel (Org.) Max Weber. *Ensaios de Sociologia. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais.* São Paulo: Ática, 1982. p. 79–127.

WYNGAARD, A. S. *Bad Books: Rétif de la Bretonne, Sexuality, and Pornography.* Newark: University of Delaware Press, 2013.

_____. Libertine Spaces: Anonymous Crowds, Secret Chambers, and Urban Corruption in Rétif de la Bretonne. *Eighteenth-Century Life*, 22, n. 2, maio de 1998.

3. Tradução e notas

ADDISON, Joseph. *Cato: A Tragedy, and Selected Essays*. Indianápolis: Liberty Fund, 2004.

ALBOU, Philippe. La variole avant Jenner (XVIIe-XVIIIe siècles). In: *Histoire des Sciences Médicales*, T. XXIX, n. 3. Reims: Éd. De médecine pratique. Colombes: Société française d'histoire de la médecine, 1995.

ANSON, George, Esq.; WALTER, Richard, (M. A.) *A voyage round the world, in the years MDCCXL, I, II, III, IV.* Londres: John and Paul Knapton, Publishers, 1748.

BERRIEL, Carlos Eduardo O. Campanella: a consciência possível da Contrarreforma. Considerações sobre o "Appendice della politica detta La Città del Sole di fra' Tommaso Campanella – Dialogopoetico" (1602). In: *Morus – Utopia e Renascimento. Dossiê Utopia, Reforma e Contrarreforma,* v. 5, 2008.

BESSON, Jean; ROSIÈRE, Pierre. *Encyclopédie de la Gendarmerie Nationale, vol. I.* Paris: Éditions SPE Barthelemy, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Versão Fereira de Almeida Atualizada. Ezequiel, 16:33. Disponível em: https://bibliaportugues.com/ezekiel/16-33.htm Acesso em: 11/10/2019.

BIBLIOTHÈQUE HISTORIQUE ET CRITIQUE DU POITOU. *Histoire Literaire du Poitou*. Paris: Ganeau, 1754.

BOREAU, Alain. *Le Droit de cuissage. Histoire de la fabrication d'un mythe (XIIIe-XXe siècle).* Paris: Albin Michel, 1995.

BRANDÃO, José Luís; DE OLIVEIRA, Francisco (Orgs.). *História de Roma Antiga, volume I: das origens à morte de César.* Coimbra: Impressa da Universidade de Coimbra. 2015.

BOUTIN-ARNAUD, Marie-Noëlle; TASMADJIAN, Ssandrine. *Le vêtement.* Paris: Éditions Nathan Scolaire, 2009.

CÍCERO, Marco Túlio, *De Consulato Suo.* Livro III, Fragmento VI. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=lSONAgAAQBAJ&pg=PT12443&lpg=PT12443&dq=CICERO+DE+CONSULATU+SUO+COMPLETE&source=bl&ots=3WinziHQ8x&sig=ACfU3U3kIaiP427p7POQ9uPg7OjqOlyLRQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwj39oe-mcjnAhVsIbkGHcTnCdAQ6AEwDHoECAcQAQ#v=onepage&q=CICERO%20DE%20CONSULATU%20SUO%20COMPLETE&f=false Acesso em: 15/01/2020.

COLUMELA, Lúcio Júlio Moderato. De Agricultura (De Re rustica), Livro II, I. In: NISARD, M. *Les agronomes latins: Caton, Varron, Columelle, Palladius.* Paris: Durochet, Chevalier, 1851.

DÍCTIS CRETENSE. Efeméride da Guerra de Troia. São Paulo. Edições 70, 2016.

DE LA COUR, Malthon. *Dissertation sur les causes et las degrés de la décadence des loix de Lycurgue*. Paris: Durand, 1767.

DE LAS CASAS, Bartholomé. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Alicante: Editorial Universidad de Antioquia, 2006.

DE WAILLY, Natalis. *Mémoire sur les variations de la livre tournois depuis le regne de Saint Louis*. Paris: Imprimérie Impériale, 1857.

DENISART, Jean-Baptiste. *Collection de décisions nouvelles et de notions relatives à la jurisprudence présente, par M. J.-B. Denisart, procureur au Châtelet de Paris, 1761*. Disponivel em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k206722n Acesso em: 02/02/2019.

DICTIONNAIRE DU MOYEN FRANÇAIS (1330-1500). Disponível em: http://micmap.org/dicfro/search/dictionnaire-godefroy/garce Corpus consultado em 02/01/2019.

DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond. *L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une Société de Gens de lettres.* 1751-1772. Disponível em: https://encyclopedie.uchicago.edu/ Acesso em: 28/03/2018.

DUFOUR, Pedro. *História da Prostituição em todos os Povos do Mundo desde a mais remota Antiguidade até aos nossos dias.* Lisboa: Lisboa Empreza Litteraria Luso-Brazileira, 1885.

DULAURE, J. A. *Histoire de Paris et de ses monuments.* Paris: Ferne, Jouvet et Lte., 1846.

_____. *Histoire physique, civile et morale de Paris, depuis les premiers temps historiques jusqu'a nos jours.* Paris: Libraire Guillaume, 1824.

ERASMO DE ROTERDÃ. *Epistola ad Frates.* Leuven: Rutgeri Rescije, 1544.

FEDRO. *Fabularum.* Nápoles: Stamperia Simoniana, 1765.

FORAMITI, Francesco. *Storia della legislazione.* Veneza: Gondoliere, 1841.

FRAISSE, Geneviève. Droit de cuissage et devoir de l'historien: Clio. In: *Femmes, Genre, Histoire*, n. 3. Paris: Éditions Belin, 1996.

FRICK, Melchior. *Tractatus Medicus de Virtute Venenorum medica*. Jena: Selbstverl, 1701.

FURETIÈRE, *Antoine. Dictionnaire Universel, contenant généralement les mots français, tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des arts, etc. With a preface by P. Bayle,* Haia, Roterdã: Arnoud & Reinier, 1701,

GESTA ROMANORUM. Disponível em: (https://www.slu.edu/colleges/AS/languages/classical/latin/tchmat/readers/gr/gr1.html Acesso em: 30/12/2019.

GIORDANI, Mario Curtis. *História de Roma: a Antiguidade Clássica. Volume II.* Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

GLAZENBROOK, Allison; HENRY, Madeleine M. Greek *Prostitutes in the Ancient Mediterranean, 800 BCE–200 CE.* Madison: University of Wisconsin Press, 2011.

GLETE, John. *War and the State in Early Modern Europe. Spain, the Dutch Republic and Sweden as Fiscal-Military States, 1500–1660*. Londres: Routledge, 2002.

GRIFFIN, Susan. *The book of the courtesans: a catalogue of their virtues.* Londres: Crown, 2002.

HACQUARD, Georges. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana.* Lisboa: ASA, 1996.

HERTZBERG, Ewald Friedrich von. *Sur la population des états en général, et sur celle de états prussiens en particulier.* Disponível em: https://reader.digitalesammlungen.de/de/fs1/object/display/bsb10769345_00036.html Acesso em: 04/07/2019.

HIGGS, Henry (Org.). *Bibliography of Economics.* Cambridge: Cambridge University Press, 1935.

HURLEY, David. *Online Encyclopedia of Roman Emperors. [Livia (Wife of Augustus)].* http://www.roman-emperors.org/livia.htme Acesso em: 17/07/2018.

HYDE, Melissa. *Making up the Rococo: François Boucher and his critics.* Los Angeles: Getty Publications, 2006.

JAMIN, Nicolas. *Pensées théologiques relatives aux erreurs du temps.* Paris: Jean-François Bastien, 1777.

LAÉRCIO, Diógenes. *Vitae Philosophorum.* Disponível em: https://archive.org/details/VitaeClarorumPhilosophorumLivesOfEminentPhilosophersInModernLatin1853 Acesso em: 01/01/2019.

LA MOTTE-MESSEMÉ, François. *Les Sept libres des honnestes loisirs.* Paris: Marc Orry, 1587.

LECLERC, Georges-Louis. *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi.* Paris: Imprimerie Royale, 1749.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MARCIAL, Marco Valério. *Epigrammata Martialis*. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=bRYOAAAAYAAJ&dq=epigrammata+martialis+online&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s Acesso em: 25/11/2019.

_____. Marco Valério. *Epigrammata.* Londres: Tonzon and Watts, 1716.

MARTINO, Mathias. *Lexicon philologicum precipuè etymologicum et sacrum*. Frankfurt: Goetzenii, 1655.

MÉNAGE, Gil [1613-1692]. *Historia mulierum philosopharum, scriptore Aegidio Menagio, Henricum Wetstenium, Cynicae: Hipparchia.* Amsterdam: Henricum Wetstenium, 1692.

MESSAGER, Jean-Luc. *La Légion étrangère : 175 ans d'histoire.* Paris: Hachette Livre, 2007.

MESSANCE, Louis. *Recherches sur la population des généralités d'Auvergne, de Lyon, de Rouen et de quelques provinces et villes du Royaume, avec des réfléxions sur la valeur du Bled tant en France qu'en Angleterre.* Paris, Durand, 1766.

MONTESQUIEU, Charles-Louis de Secondat (Barão). *The spirit of laws.* Glasgow: Debin Biben, 1793.

MONTOPOLITANO, Sabino. *Onomasticum romanum felice felicio.* Roma: Francisci Corbelletti, 1558.

MORERI, Louis. *Le grand dictionnaire historique de l'histoire sacrée et profaine.* Paris: P. Bune, L. R. Wetstein, 1760.

N/A. *Mémoire cliniquessur les maladies vénériennes.* Utrecht: B. Wild, 1780.

N/A. *The art of beauty, or a companion for the toilet (writtten by a late eminent English physician at the Russian court).* Londres: J. Williams Publishers, 1760.

NEBRIJA, Enio Antonio de. *Dictionarium Latinohispanicum Et Vice Versa Hispanicolatinum: Ad Haec Dictionarium propriorum nominum ex probatißimis Graecae et Latinae linguae authoribus addita ad calcem neoterica locorum appellatione concinnatum, Volume 1.* Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=EfRZAAAAcAAJ&dq=Mach%C3%A6rophorus,&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s

ODOLANT-DESNOS, J. *Mythologie pitoresue ou l'histoire méthodique universelle.* Paris: Lavigne, 1838.

OVÍDIO. *Amores, Ars amatoria, Remedia amoris.* Disponível em: https://www.poetryintranslation.com/klineaslovepoems.php Acesso em: 04/07/2019.

PATRICK, Mary Mills. *Sexto Empírico e o ceticismo grego.* Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

PETRÔNIO. *Satyricon liber.* Edição em latim disponível em: https://www.thelatinlibrary.com/petronius1.html Acesso em: 17/07/2018.

PÍNDARO. *Odes to Which Is Prefixed a Dissertation on the Olympic Games.* Tradução do grego de G. West, R. B. Greene e H. J. Pye. Menphis: General Books LLC

PLUTARCO. *Vidas paralelas. Tomos 1-VII.* Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action&co_autor=174 Acesso em: 17/07/2018.

RABELAIS, François. *Gargantua.* Lyon: Edition Garnier, sans date, fin XIXe siècle.

ROUX, Pascal. Le recrutement de la milice royale au XVIIIe siècle : l'exemple du bataillon d'Albi (1740-1771). In: *Annales du Midi : revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale, Tome 108*, n. 216, 1996. p. 461-478. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/anami_0003-4398_1996_num_108_216_2540 Acesso em: 26/12/2018.

SAINT-PIERRE, Charles-Irénée Castel de (Abade). *Projet de Paix Perpetuelle.* Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k105087z Acesso em: 08/07/2019.

SILVA, Gelbart Souza. *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis: estudo e tradução.* Dissertação (mestrado), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita filho (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto: Unesp, 2019.

SNODGRASS, Mary Ellen. *Coins and Currency: An Historical Encyclopedia.* Londres: McFarland, 2003.

STEINTRAGER, J. A. What happened to the porn in pornography? Retif, regulating prostitution, and the history of dirty books. In: *Symposium: A Quarterly Journal in Modern Literatures.* Heldref, 2006. p. 189-204.

PLUTARCO, *Life of Sulla.* Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Sulla*.html Acesso em: 31/12/2019.

PSEUDOAPOLODORO. *Biblioteca.* 2:7:5-2:7:6. (séc I-II d.C). Disponível em: https://www.theoi.com/Text/Apollodorus2.html#7 Acesso em: 21/01/2020.

ROSS, Alexandre. *Les Religions Du Monde. Demonstration de toutes les Religions et heresies de l'Asie, Afrique, Amerique et de l''Europe.* Amsterdã: J. Schipper, 1666.

SAINT-GEORGE, M. C. Les Indiens Peaux-Rouges de l'Amérique du Nord. In: *Revue Le Globe. Revue genevoise de géographie*, n. 53, p. 93-103. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/globe_0398-3412_1914_num_53_1_5331 Acesso em: 25/11/2019.

TUCÍDIDES. *A Guerra do Peloponeso (II-40).* Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. *Dictionnaire Philosophique.* Mazères: Le Chasseur Abstrait, 2005.

WEBSTER'S COLLEGE DICTIONARY. Cambridge: Kernerman Webster dictionaries Ltd., 2010.

XENOFONTE. *Oeconomicus*. Londres: Macmillan and Co., 1895.

4. Imagens

BOUCHER, François. *La toilette de Venus* (1751). Disponível em: https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/435739 Acesso em: 22/01/2020.

FRAGONARD, Jean-Honoré de. *L'escarpoulette* (1766). Disponível em: https://www.wikiart.org/pt/jean-honore-fragonard/o-balanco-1767 Acesso em: 22/01/2020.

GRÜNPECK, Joseph. *Tractatus de pestilentiali scorra siue mala de Franzos, originem remediaque continens.* Colônia: Kaspar Hochfeder, 1496.

QUESNAY, François. *Physiocratie. Ou constitution Naturelle du Gouvernment.* Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626896m/f9.image Acesso em: 25/05/2019.

DÜRER, Albrecht (?) (1484). In: ULSENIUS, Thodericus. *Walicinium in Epidemicam Scabiem, quae passim toto orbe grassatur (1496).* Göttingen: Verlag der Dieterich schen Buchhandlung. 1850.

HALLE AUX BLÉS (1767). Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Halle_aux_bl%C3%A9s_(Paris) Acesso em: 22/01/2020.